



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO CEDETEG
SETOR DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS E AMBIENTAIS – SEAA/G
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – PPGG**



SERGIO RICARDO AURÉLIO PINTO

**UM “ACONCHEGO” PARA CHAMAR DE SEU:
CONFLITOS IDENTITÁRIOS ENTRE BRASILEIROS E BRASIGUAIOS NO
BAIRRO JARDIM SANTA FELICIDADE, CASCAVEL - PR**

**GUARAPUAVA, 2016.
SERGIO RICARDO AURÉLIO PINTO**

**UM “ACONCHEGO” PARA CHAMAR DE SEU:
CONFLITOS IDENTITÁRIOS ENTRE BRASILEIROS E BRASIGUAIOS NO
BAIRRO JARDIM SANTA FELICIDADE, CASCAVEL - PR**

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual do Centro-Oeste, como parte dos requisitos para a obtenção do título de mestre em Geografia. (Área de Concentração: Dinâmica dos Espaços Rurais e Urbanos).

Orientadora: Profa. Dra. Karla Rosário Brumes

GUARAPUAVA/PR, 2016.

TERMO DE APROVAÇÃO
SERGIO RICARDO AURÉLIO PINTO

UM “ACONCHEGO” PARA CHAMAR DE SEU:
CONFLITOS IDENTITÁRIOS ENTRE BRASILEIROS E BRASIGUAIOS NO
BAIRRO JARDIM SANTA FELICIDADE, CASCAVEL - PR

Dissertação aprovada em ___/___/___/ como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Geografia, Área de Concentração: Dinâmica da Paisagem e dos Espaços Rurais e Urbanos, da Universidade Estadual do Centro-Oeste, pela seguinte banca examinadora:

Profa. Dra. Karla Rosário Brumes

Universidade Estadual do Centro-Oeste - UNICENTRO
Presidente/Orientadora

Profa. Dra. Elisa Pinheiro de Freitas

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - UFMS
Membro

Profa. Dra. Márcia da Silva

Universidade Estadual do Centro-Oeste - UNICENTRO
Membro

Sergio Ricardo Aurélio Pinto

GUARAPUAVA, 2016.

DEDICATÓRIA

A minha família que tanto me apoiou.

“Se você é capaz de tremer de indignação a cada vez que se comete uma injustiça no mundo, então somos companheiros, que é mais importante”,
(CHE GUEVARA).

AGRADECIMENTOS

A Deus por tudo que me concede, principalmente por renovar minhas forças nas horas de aflição, angústia, fraqueza, dúvida e desânimo. Em todos estes momentos de infortúnios Deus se revelou complacente, me concedendo tranquilidade, força, certeza e disposição: *“Porque o Senhor jamais abandona quem Vos procura”* (SALMOS 9: 11b).

A minha mãe Lourdes, que mesmo sem muito compreender a importância de realizar este mestrado, desde o final de minha graduação em 2001, sempre me encorajou a continuar a estudar. A meu pai João que não mediu esforços em ajudar-me financeiramente durante este período e que, da mesma forma que minha mãe, me fortaleceu e me motivou a continuar a estudar. A minha irmã Antônia que, mesmo enfrentando as surpresas ruins da vida, constantemente me dava suporte e ânimo. A meu cunhado Saulo e sobrinhos Nathália e João Pedro, por torcerem e fazerem parte desta conquista. Sinto-me honrado por Deus por me permitir que eu compartilhe a minha trajetória de vida ao lado destas pessoas singulares. As minhas melhores qualidades e a sensibilidade que possuo em desejar um mundo humanamente mais justo, eu devo a tudo o que estes contribuíram historicamente para a construção da minha personalidade.

Aos membros das famílias Chastalo, Carmo Santos, Guaita, Mendes e Zdebski tudo que tem feito por mim. De forma especial agradeço ao Paulo Guaita e família por terem me ajudado.

Aos meus amigos, Alexandra, Aparecida, Bia, Carla, Denise, Eder, Elaine, Ivan, Janaina, Joelma, Josi, Lidiane, Linda, Liz, Luciane, Luciene, Magda, Márcia, Manu, Mel, Noelia, Rodrigo, Sandro, Silvia, Simone, Solange, Vânia, Zuny e família, os considero como sendo meus presentes de Deus. As palavras de coragem, a ajuda necessária, ao abraço confortante e a presença na hora certa. Agradeço-lhes por tudo!

Aos companheiros da turma, em especial Bruno, Laiane, Michael, Polly e Vanessa, ao programa de Pós- Graduação de História e aos integrantes do Grupo de Pesquisa Redes de Poder, Migrações e Dinâmicas Territoriais (GEPES) por sempre terem estendido a mão quando precisei.

À comunidade escolar do Colégio Jardim Santa Felicidade e aos moradores do Bairro Jardim Santa Felicidade, em especial às famílias Anacleto Mendonza, Anacleto do Nascimento, Oliveira Silva, Perrut, Carmo Santos, Pereira, Peres Batista, Borges dos Santos Silveira, Souto, Carvalho Zulian e Mendes.

Aos professores Cecília Hauresko, Elisa Pinheiro de Freitas, Luiz Gilberto Bertotti, Márcia da Silva, Pierre Alves Costa, Rosemeri Moreira e Sergio Fajardo por dedicarem-se a oferecer a preciosidade do saber, joia lapidada, compartilhada em minha formação.

Ao meu companheiro Rodrigo pela presença constante.

Agradeço em especial àquela que na paciência me ensinou: Professora Karla Rosário Brumes. Sou grato por corrigir meus erros e direcionar-me ao tino. Pelos conselhos e verdades que me instigaram a deslanchar.

“Eu, o Senhor, te Deus, eu te seguro pela mão, e te digo: ‘Não temas, eu venho em teu auxílio’” (ISAÍAS 41: 13).

SUMÁRIO

Introdução	15
1. Procedimentos teóricos metodológicos	21
2. Abordagem teórica sobre imigração de retorno	33
2.1. Imigração internacional: principais contextos	33
2.2. Imigração de retorno: teorias e tipologias	39
2.2.1. Tipologias da imigração de retorno	49
2.3. Mas afinal de contas, o que é ser um imigrante?	54
3. Território, identidade e territorialidade	59
3.1. Território e territorialidade: uma análise na perspectiva da sua dimensão simbólico-cultural	60
3.1.1. Os elementos formadores da territorialidade	75
3.2. Elementos formadores da identidade	82
3.2.1. Fundamentos da identidade na perspectiva psico-histórico-sociocultural	83
3.2.2. Fundamentos da identidade sociocultural, identidade legitimadora e de resistência: subordinação	90
3.3. A construção da territorialidade mediante o processo migratório	100
3.3.1. Entre perdas e reconstruções: as mediações territoriais e identitárias diante das migrações	105
4. Os brasiguaios: a gênese e a imigração de retorno	114
4.1. Brasiguaios: degradados da terra	116
4.1.1. Da terra para...e agora José? José, para onde? Paraguai	120
4.1.2. A identificação de um grupo frente aos interesses políticos e econômicos: o brasiguai	125
4.2. Os elementos socioculturais internalizados na identidade do brasiguai	139
4.3. A guerra do Paraguai e sua a constituição de uma “brasilidade”	146
4.4. Os brasiguaios e o retorno ao Brasil: expectativas e conflitos	154

5. Brasiguaios e o retorno para o Brasil: a dura realidade	162
5.1. Caracterização da área: bairro jardim santa felicidade	163
5.2. As implicações do movimento imigratório de retorno na territorialidade e na identidade dos brasiguaios, frente à brasilidade	169
5.2.1. Emigração e suas implicações sobre os degradados da terra	172
5.2.2. A imigração de retorno e suas implicações sobre aqueles que desejam o "aconchego" e o conforto da alma	188
Considerações finais	218
Referências bibliográficas	223
Apêndices	237

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Elementos constituintes na identidade nacional brasileira através da pintura da Batalha do Combate Naval de Riachuelo de Victor Meirelles	150
Figura 2 - Bairro Jardim Santa Felicidade em 1975	163
Figura 3 - Bairro Jardim Santa Felicidade: Áreas de vulnerabilidade socioambiental	167
Figura 4 - Brasiguaios que residem no BJSF e no Paraguai	203

LISTA DE FLUXOGRAMAS, TABELAS E QUADROS

Fluxograma 1 - Definição da pesquisa, objetos e metodologia **Erro! Indicador não definido.**

Tabela 1 - Elementos componentes do território 61

Tabela 2 - Os loteamentos do Bairro Jardim Santa Felicidade 164

Quadro 1 - Produção agrícola por modalidade de trabalhadores da terra no Brasil 178

Quadro 2 - Elementos simbólico-socioculturais 183

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Emigração do Brasil para o Paraguai: 1975-2015	172
Gráfico 2 - Fatores de emigração para o Paraguai	176
Gráfico 3 – Modalidades de trabalho dos brasiguaios residentes no BJSF antes da emigração para o PY	178
Gráfico 4 - Número de membros por famílias emigradas ao Paraguai	180
Gráfico 5 - Número de famílias que permanecem no Brasil	182
Gráfico 6 - Os problemas sofridos no campo pelos brasiguaios no PY	186
Gráfico 7 - Movimento imigratório de retorno dos brasiguaios para o BJSF: 1975-2015	190
Gráfico 8 - Justificativas da migração de retorno	192
Gráfico 9 - Aspectos socioeconômicos dos brasiguaios no Paraguai	194
Gráfico 10 - Aspectos socioeconômicos dos brasiguaios no BJSF	195
Gráfico 11 - Gastos financeiros no Brasil	197
Gráfico 12 – Renda dos brasiguaios no BJSF	198
Gráfico 13 - Tempo de permanência no Paraguai	201
Gráfico 14 - Uniões familiares entre brasileiros e paraguaios	203
Gráfico 15 - Familiares que permanecem no Paraguai	204
Gráfico 16 - Frequência de viagem ao Paraguai para visitas de familiares e amigos	206
Gráfico 17 - Lugares que mais ocorrem manifestações de aversões pelos brasiguaios no BJSF	209

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Delimitação da área de estudo: Bairro Jardim Santa Felicidade, Cascavel-PR	17
Mapa 2 - Emigração para o Paraguai: a origem	174
Mapa 3 - Origem dos emigrantes brasiguaios no Oeste do Paraná	179
Mapa 4 - Imigração de retorno do Paraguai para cascavel	208

RESUMO

Esta dissertação discute as implicações do processo imigratório de retorno dos brasiguaios nas dinâmicas socioculturais, responsáveis pela construção da identidade e da territorialidade destes sujeitos no Bairro Jardim Santa Felicidade, Cascavel-PR. Tomando esta base como recorte espacial da pesquisa, a escala temporal (1975-2015) foi determinada a partir do período migratório identificado nas 66 famílias brasiguaias, residentes neste bairro. A partir desses dados temos como o objetivo principal analisar a gênese dos conflitos identitários sofridos por estes sujeitos em seu retorno do Paraguai para este bairro. Analisamos a hipótese de que os conflitos identitários sofridos pelos brasiguaios não esteja relacionada só no processo de territorialização e de negociação dos elementos simbólico-socioculturais, evento considerado processual no âmbito daqueles que experimentam o processo migratório. Por isso, nos objetivos específicos, averiguarmos as implicações desse processo na territorialização e da identidade, em conjunção aos processos multidimensionais-escalar-temporal. Nossos referenciais teóricos e os procedimentos metodológicos estão envoltos da justificativa de analisarmos a gênese do sentimento de superioridade do brasileiro em relação ao Paraguai e, assim, àqueles que lá vivem, ou viveram, bem como, entendemos de que modo os brasileiros realizam ações de subalternização, de dominação e de legitimação a esses sujeitos, impedindo-os de materializarem sua territorialidade e demonstrarem suas referências identitárias. Para isto, realizamos trabalhos de campos de análises socioespaciais, nos quais coletamos dados primários e secundários, adquiridas através das aplicações de questionários/entrevistas. Além disso, realizamos análises iconográficas das pinturas romancistas a fim de se verificar os elementos necessários para a pesquisa. Através das entrevistas e dos questionários percebemos que a imigração de retorno desses sujeitos trouxe-lhes implicações, como construção de redes sociais entre diferentes sujeitos e territorialidades. Outra implicação é a junção do modo de vida diferente daquele que levaram consigo na emigração daquela que assimilaram em suas experiências vividas na realidade histórico-geográfica do Paraguai e que trazem consigo em seu retorno. Ou seja, a identidade brasiguai é resultado dessa miscelânea. Compreendemos que os processos responsáveis pelo surgimento desse grupo, estão relacionados às políticas bilaterais entre Brasil e Paraguai em um plano de modernização capitalista agrário de ambos os países, que os fizeram emigrar para o Paraguai e, agora, os forçam a retornar. No entanto, em seu retorno, sofrem manifestações de aversão pela sua procedência: o Paraguai. Os conflitos que os brasiguaios sofrem, não são apenas aqueles resultantes do que o processo migratório traz em sua natureza, ou seja, estão relacionados ao sentimento de superioridade presente na legitimação da identidade nacional, a "brasilidade". Mesmo diante de atitudes de legitimação e subalternização, os mesmos se fortalecem através das redes sociais em um processo multidimensional-escalar e temporal, reconstruindo sua territorialidade, mesmo que imaterial, mantendo sua identidade por meio da resistência àqueles que tentam subalternizá-los. É mediante a estes processos que os brasiguaios se opõem à "morte matada" e refugiam-se nos sentimentos de pertencimento que os elementos simbólicos socioculturais lhes proporcionam: o "conforto da alma" e um "aconchego" para chamar de seu.

Palavras chaves: brasiguaios, identidade e territorialidade.

ABSTRACT

This thesis discusses the implications of the immigration process of return of “brasiguaios” (term used to define those who are related to Brazil and Paraguay simultaneously) on sociocultural dynamics, responsible for their identity construction and territoriality in the Neighborhood of Jardim Santa Felicidade, Cascavel-PR. Taking this base as spatial area of research, the timescale (1975-2015) was determined since the migratory period identified in the 66 “brasiguaias” families, who live in this neighborhood. Considering these data the base about “brasiguaios”, the main target is analyzing the the genesis of identity conflicts suffered by them in their return from Paraguay to this neighborhood. We have analyzed the hypothesis that identity conflicts suffered by brasiguaios are not related only in the process of territorial and trading of symbolic and sociocultural elements, considered procedural event in the context of those who experience the migration process. Therefore, in the specific objectives, we ascertain the implications thist process in the territorial and identity process, in conjunction with multidimensional scaling-temporal processes. Our theoretical framework and methodological procedures are enveloped of the justification of reviewing the genesis of the Brazilian sense of superiority in relation to Paraguay, and thus those who live there, or lived, as well as understand how the Brazilian perform actions of subordination, domination and legitimation to these subjects, preventing them from materializing its territory and show their identity references. To do this, we perform works of socio-spatial analysis fields in which we collect primary and secondary data obtained from applications questionnaires/interviews. We also perform analysis of iconographic paintings novelists in order to verify the elements needed for research. Through interviews and questionnaires we realized that the return migration of these subjects brought them implications, such as building social networks between different subjects and territoriality. Another implication is the linking of different life modes, one that led him into the migration and who have assimilated into their experiences in historical and geographical reality of Paraguay that they bring in their return. That is, the “brasiguaias” identity is result of miscellaneous. We understand the processes responsible for the emergence of this group are related to bilateral policies between Brazil and Paraguay in an agrarian capitalist modernization in both countries that, what the does emigrate to Paraguay and, now, the force return. However, if they were experiencing situations of violent agribusiness invested in Paraguay, mainly practiced by the "Brazilians in Paraguay," now, on his return, suffer the manifestations of aversion for its origin: Paraguay. Conflicts that “brasiguaios” suffer, aren’t only those resulting from what the migration process brings in its nature, that is, they are related of the sense of superiority gift in the legitimacy of national identity, the "Brazilianness". Even before attitudes, legitimacy and subordination, they are strengthened through social in the multi-dimensional time-scale, re-building their territoriality, even immaterial, maintaining their identity through resistance against those who try to subaltern them. It is through these processes that brasiguaios oppose to the "Killed death" and take refuge in feelings of belonging that sociocultural symbolic elements provide them: the "comfort of the soul" and "warmth" to call your own.

Keywords: brasiguaios, identity and territoriality.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa iniciou-se com a minha experiência de docência em Geografia no Colégio Jardim Santa Felicidade¹, no Bairro Jardim Santa Felicidade, na área urbana de Cascavel-PR, cujo espaço escolar, possibilitou que me familiarizasse com os brasiguaios.

Anteriormente a este momento, meus conhecimentos a respeito deste grupo se limitavam às reflexões do meu tempo como acadêmico (1997-2001) na Universidade Estadual Paulista (UNESP) em Presidente Prudente-SP, na qual me trouxe as primeiras percepções sobre estes em relação à sua origem camponesa.

Neste ínterim, me transferi para Cascavel em 2002, onde pude entrar em contato com jovens brasiguaios que estudavam em um colégio rural² deste mesmo município, porém sem nenhuma reflexão a respeito. Aquele contato apenas me fez perceber a presença de um grupo, que antes se limitava a minha formação acadêmica. Foi através do meu apossamento como professor no Colégio Jardim Santa Felicidade que pude ter maior aproximação sobre este grupo. Esta experiência possibilitou-me algumas instigações que me motivaram a realizar as primeiras viagens ao Paraguai, na tentativa de encontrar as comunidades de brasileiros residindo naquele país.

Tais viagens contribuíram para conhecer, entre outras coisas, um pouco da realidade destes sujeitos no Paraguai. Desde então, comecei a interessar-me em compreender sobre algo tão diferente do contexto de minha origem interiorana paulista, onde não se ouve e nem se vê a presença destes imigrantes no contexto social.

As histórias de vida dos meus alunos de origem brasiguai, bem como, as suas experiências e referenciais identitárias, despertavam ainda mais o desejo de conhecê-los de forma mais aprofundada. A partir do primeiro contato com estes sujeitos, observei que os mesmos manifestavam dificuldades semelhantes entre eles no contexto escolar, como o baixo aproveitamento e rendimento escolar, faltas excessivas, desistência e, principalmente, de socialização. Verifiquei, ainda, que tais casos não eram percebidos pela equipe escolar como consequência de apatia e não como sendo resultados do medo,

¹ A partir deste momento ao fazermos menção ao Colégio de Jardim Santa Felicidade, algumas vezes nos referiremos a CJSF. O mesmo se trata ao relacionarmos ao nome do bairro onde o mesmo se localiza, isto é: O Bairro Jardim Santa Felicidade, como BJSF.

² Colégio de Juvinópolis, localizado no distrito rural de Cascavel, lugar onde lecionei entre 2002 a início 2003.

da insegurança, do desinteresse promovidos pelos conflitos estabelecidos pela relação legitimadora e de subalternização dos grupos de brasileiros e, por isso, eram tratados como sendo corriqueiros e semelhantes ao cotidiano escolar.

Estas constatações motivaram-me a desvendar quais eram as justificativas da existência dos problemas enfrentados por estes sujeitos, possibilitando identificar um caso que se destacava pelo agravamento de estigmatização entre os demais, cuja motivação era por pertencer ao grupo de brasiguaios, isto é, daqueles imigrantes que retornavam do Paraguai³.

Das percepções obtidas nas viagens que fiz sozinho ao país vizinho, o meu maior contato foi propiciado pela oportunidade de ter participado do “Projeto de Intercâmbio Cultural entre Docentes e Discentes do Brasil e do Paraguai” entre os anos de 2007 a 2012⁴, no qual me permitiu ampliar estas compreensões por meio das metodologias que este projeto possuía como os debates e viagens de intercâmbio cultural para várias cidades do Paraguai. Além disso, devido ao posicionamento de um grupo de professores, o Colégio Jardim Santa Felicidade passou a fazer parte deste projeto em 2009, no qual, firmaram-se ações pedagógicas no Projeto Político Pedagógico (P. P. P.), entre as quais, amostras culturais de alunos estrangeiros provindos do Paraguai, como também, a abertura de salas de Centro de Línguas Estrangeiras Modernas (CELEM) no ensino de espanhol, cujas ações contribuíram na valorização e na inclusão destes sujeitos no espaço escolar.

Estas instigações incitaram-me a querer aprofundar os conflitos identitários dos brasiguaios no âmbito do programa de mestrado pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), e que, agora, já com a contribuição da orientação deste programa, se tornou possível analisar outros elementos correlacionados, antes despercebidos, como as imigrações de retorno, territorialidade e identidade.

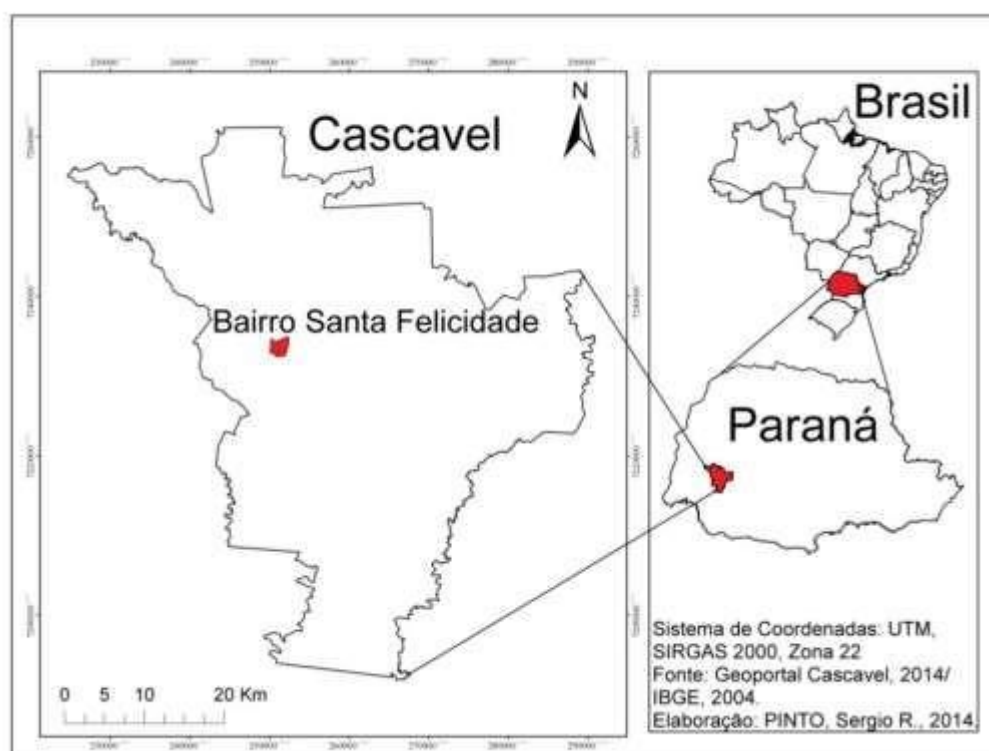
Nesse sentido, delimitou-se como fonte de coleta do *corpus* a área em que se localiza o Bairro Jardim Santa Felicidade e como escala temporal o período de 1975-2015, mapa 1. Este bairro constitui-se como uma fonte propícia para uma investigação acerca das implicações da imigração de retorno dos brasiguaios em sua

³ A partir dessas observações, buscou-se compreender as trajetórias e histórias de vidas destes sujeitos, bem como, entender os problemas que estes enfrentavam, resultando nos trabalhos: *"Estudo de Caso Nancy: entre sua estigmatização e a construção da identidade territorial e cultural"*. Trabalho apresentado no IX - SEU - Seminário de Extensão da UNIOESTE, 2009; *"Território e identidade: o caso de Nancy."* Apresentado no XIV Encontro Paranaense de Estudantes de Geografia, 2009 e o *Estudo de Caso Nancy*. Trabalho publicado no II Seminário Nacional em Estudos da Linguagem em 2010, intitulado como *"Estigmatização e construção de identidades territorial e cultural – Caso Nancy"*.

⁴ Promovido pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Cascavel, coordenado pela Profa. Ms. Rejane Hauch Pinto Tristoni.

territorialidade e identidade. Tomando por base essas noções mais gerais acerca dos brasiguaios, põe-se como objetivo principal para esta pesquisa analisar a origem dos conflitos identitários no retorno dos brasiguaios no Bairro Jardim Santa Felicidade, mapa 1.

**MAPA 1 - DELIMITAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO:
BAIRRO JARDIM SANTA FELICIDADE, CASCAVEL-PR**



Ainda nos nossos objetos específicos, entendemos que o processo migratório traz implicações no processo da territorialização e da identidade, condicionando processos multidimensionais-escalar-temporal. Aventa-se ainda a hipótese de que os conflitos identitários sofridos pelos brasiguaios não esteja só na negociação dos elementos simbólico-socioculturais, algo que é natural no âmbito daqueles que experimentam o processo migratório. Nossa problemática se constrói em averiguar qual é a gênese do sentimento de superioridade do brasileiro em relação ao Paraguai e, assim, àqueles que lá vivem, ou viveram.

Como consequência das investigações que realizamos em torno da seleção do tema, da nossa sistematização da problemática, da determinação do nosso recorte espaço-

temporal da pesquisa, seguida das delimitações bibliográfico-metodológicas, organizamos a segmentação do *corpus* deste trabalho em 5 capítulos.

No *capítulo 1*, apresentamos a delimitação do tema, os elementos que constituem o objeto de trabalho e sua problemática, a escala espaço-temporal da investigação e, ainda, os instrumentos teórico-metodológicos utilizados na execução desta pesquisa.

Iniciamos o *capítulo 2* contextualizando o processo migratório, através de uma breve reflexão sobre a imigração internacional. Assim apresentamos: o comportamento migratório entendido por elementos e dimensões que interferem e colaboram para a decisão dos sujeitos migrarem; a decisão de migrar relacionada à necessidades econômicas, promovidas por interesses políticos dos Estados e influência de amigos e familiares; a migração como um processo coletivo que produz uma estrutura de rede social a qual conecta diferentes realidades e sujeitos; aspectos socioculturais que implicam em novas experiências vividas, percebidas e a ressignificação identitária. Também apresentamos as implicações do processo imigratório nas dinâmicas socioculturais destes sujeitos e, para isso, contextualizaremos as múltiplas dimensões presentes nas suas redes sociais que estes estabelecem entre que permaneceram no Paraguai e os que vivem no BJSF.

Ainda nesse capítulo apresentamos as principais teorias e tipologias da imigração de retorno, como a dos "transmigrantes", que mostra como os sujeitos acumulam experiências de migrações; a construção de redes sociais entre os diferentes sujeitos (os que emigraram e não emigraram, os que retornaram e os que não retornaram, familiares amigos, etc.) e as realidades histórico-geográficas (a sociedade de origem, a sociedade de destino); os aspectos socioculturais e político-econômicos bem como as novas experiências vividas, experiências psicossociais e elementos simbólico-socioculturais assimilados por estes imigrantes na sociedade que os recebeu e, que estão imbricadas no âmago dos mesmos e, por isso, implicarão singularidades no processo de reterritorialização e na reorganização identitária dos mesmos.

O *capítulo 3* aborda os conceitos território, territorialidade e identidade. A partir da abordagem de Raffestin (1993) entendemos que o território pode ser cristalizado a partir de outras dimensões diferentes da dominação política, ou seja, concebido a partir da dominação ou apropriação de outras dimensões presentes nas relações sociais (seja político, econômico ou cultural). Assim, apresentamos um processo de desterritorialização concebido através de dimensões e de dominâncias presentes nas relações sociais, ou seja, território e territorialidade reconstruídos a partir da dominância da dominação, algo mais material e concreto e, também, pela dominância da apropriação,

algo mais imaterial, simbólico e representativo. Vemos nesta perspectiva a (re)construção da territorialidade da identidade como produtos da dialética, intrínseca as relações sociais e ao processo histórico em que estas são apropriadas e materializadas em uma dimensão de significado, do sentido, da representação e de pertencimento.

Com a ajuda das inserções de Haesbaert (1997a; 2014) apresentamos os imigrantes e outros sujeitos se apropriando da territorialidade na dimensão mais simbólica do sentimento de pertencimento, que estes se apropriam, mesmo que de forma imaterial, e procuram nela estabelecer suas representações simbólico-socioculturais e, assim, fazendo dela, sua referência identitária. Resumindo: tanto a territorialidade, quanto a identidade, são resultados dos valores simbólicos construídos pelas relações sociais e, portanto, as representações simbólico-socioculturais da identidade destes sujeitos, estão imbricadas em sua territorialidade, podendo, então, compreendê-la como identidade territorial ou identidade sociocultural.

No *capítulo 4*, contextualizamos os brasiguaios. Para isso consideramos a base histórica destes sujeitos, buscando evidenciar a gênese do seu surgimento quanto grupo e classe social. São considerados os elementos que envolvem a identidade destes sujeitos imbricados ao seu período que antecede sua emigração ao Paraguai. Assim apresentamos: uma emigração para o Paraguai consolidada aos mesmos atores sociais, porém em outra escala espacial e temporal; o retorno do Paraguai para o Brasil iniciado no final da década na metade da década de 1970; a origem camponesa dos brasiguaios, um dos elementos que configuram o preconceito sofrido por estes sujeitos; os fatores políticos e econômicos que idealizaram políticas de modernização da economia adotadas pelo Estado e que resultaram em sérios problemas socioeconômicos diretamente à população camponesa e nas imagens depreciativas que repercutem preconceitos e estigmas sociais àqueles que possuem seu modo de vida e suas representações identitárias no trabalho da terra.

No *capítulo 5*, dados os elementos teóricos e a contextualização do que constituem nossa problemática, apresentamos as descrições da área de estudo e do objeto de trabalho, cujo elemento é o principal da pesquisa, ou seja: o brasiguai. São trazidos de modo geral a forma como os brasileiros reconhecem os brasiguaios, portadores de representações identitárias inferiores às suas e, por isso, passam a lhes subalternizar como estratégia de dominação socioterritorial. Buscamos também demonstrar mesmo

que os brasiguaios sejam expostos a processos de dominação pelos brasileiros, ainda assim, procuram reforçar seus elementos simbólico-socioculturais através das redes sociais que construíram e, mesmo que em pequenos grupos, de convívio social entre amigos ou familiar, usam desta estratégia a forma de se apropriar imaterialmente da territorialidade e resistirem aos processos de dominação naquilo que lhes podem "confortar" e dar o "aconchego" historicamente negada, ou seja, nas suas representações socioculturais.

Ao final, consideramos que os conflitos identitários sofridos pelos brasiguaios em seu retorno são acrescidos de manifestações de violências pelos brasileiros, por sentirem-se sendo superiores àqueles que um dia já foram brasileiros, mas que agora, são compreendidos como "incivilizados", "bárbaros", "inferiores" e outras qualificações idealizadas na "brasilidade". Destarte, esta investigação poderá contribuir para o aprofundamento dos estudos sobre os conflitos identitários e do processo de territorialização frente às possíveis implicações que o processo migratório pode lhes inferir.

1. PROCEDIMENTOS TEÓRICOS METODOLÓGICOS

No presente texto será apresentado o percurso que nos conduziu a analisar o tema *Um “aconchego” para chamar de seu: conflitos identitários entre brasileiros e brasiguaios no bairro Jardim Santa Felicidade, Cascavel - PR.*

Os procedimentos que aqui trazemos são orientados no sentido da comprovação da hipótese de que a identidade nacional do brasileiro tem implicado conflitos na construção da identidade dos brasiguaios em seu movimento migratório de retorno do Paraguai.

Como proposta inicial desta pesquisa, analisaríamos os conflitos identitários sofridos pelos brasiguaios no interior do CJSF, porém, percebemos que os fatores que os determinam, são externos a ele e, por isso, passamos também a investigá-los. Desta forma, compreendemos o colégio como sendo a base de onde estes conflitos se refletem e, logo, nosso recorte espacial para o levantamento e análise de dados.

Quanto ao nosso recorte temporal, levamos em conta os dados que alcançamos com o grupo de sujeitos moradores do BJSF e, que, portanto, nos determinou compreendê-los a partir do seu processo migratório de 1975 a 2010, bem como, no retorno dos mesmos entre 1995 a 2015⁵.

O trabalho tem como proposta, trazer uma reflexão a respeito dos conceitos de migração de retorno, territorialidade e identidade correlacionados a nossa problemática, ou seja, os conflitos identitários sofridos pelos brasiguaios e seu retorno e, deste modo, contribuir para futuras pesquisas a este respeito. Para isto, aplicamos questionários a esses sujeitos, a fim de coletarmos e de compreendermos as situações de homogeneização ou subalternização sofridas por estes (brasiguaios) e praticadas pelo grupo majoritário: os brasileiros.

Em detrimento das observações realizadas partimos do pressuposto de que os brasiguaios (grupo minoritário e recém-chegados) são expostos a situações de legitimação do grupo majoritário e já estabelecidos (os brasileiros). Entendemos que neste processo de retorno, estes sujeitos necessitam reconstruir sua identidade mediante

⁵ Este recorte temporal não inclui os brasiguaios que retornaram do Paraguai para o BJSF a partir de janeiro de 2016. No dia 24 de janeiro de 2016, um dos entrevistados me ligou informando que estaria retornando para o Paraguai. Fui até ele, o qual me concedeu mais última entrevista, para que eu pudesse entender os motivos da decisão e o que esperava acontecer no Paraguai.

as manifestações de repulsas provocadas pelo grupo majoritário. Logo, por este ângulo, procuramos limitar nossa problemática a fim de compreender, como objetivo central, a gênese dos conflitos identitários sofridos pelos brasiguaios, que para nós está nos elementos da representação da identidade nacional construídas recomendada pelo Império no final do século XIX, utilizando-se como tema a Guerra do Paraguai (1864-1870).

Esta hipótese é baseada pelos elementos de superioridade do Brasil e da sua identidade nacional (a “brasilidade”), presentes nas representações artísticas e literárias, as quais foram recomendadas pelo Império. Estas representações ainda compõem o imaginário do brasileiro em relação àqueles que foram inferiorizados, ou seja, os paraguaios. Deste modo a "brasilidade" foi legitimada a partir dos interesses do Império, conferindo-lhe elementos de sentimentos de superioridade em relação à identidade "guarani", ou "paraguaia". Acreditamos, então, que as manifestações de repulsas do brasileiro em relação ao brasiguai sejam pelo fato dele ter como último país residente o Paraguai. Estes elementos ainda estão presentes no nosso modo de pensar e agir (preconceitos, estigmas e *bullying*) a respeito do país vizinho e tudo que de lá provém.

Outro aspecto importante, que ponderamos na nossa hipótese desta aversão ao brasiguai é por seu pertencimento a uma categoria de trabalho da terra, rechaçado pelo país que em resultado do modelo capitalista de modernização da economia, lhe expropriou a partir da década de 1950 da sua condição de vida e da sua representação identitária: os camponeses. Atualmente, desde 1970, o avanço do modelo agroexportador no Paraguai vem novamente expropriando-os (entre outros fatores) e, assim, promovido o retorno destes do Paraguai ao Brasil, onde se frustram pelo não acolhimento daquele que um dia já foi "aconchego" de seus antepassados, ou deles mesmos.

É através deste contexto em que as relações sociais dos brasiguaios esforçam-se em apropriarem, mesmo que de forma imaterial, da sua territorialidade e, do mesmo modo, resistirem, enquanto grupo identitário, por meio de suas representações identitária. Entendemos que esta territorialidade seja imaterial, porque as representações socioculturais e identitárias destes sujeitos são impedidas de se manifestarem, limitando às relações sociais entre seus familiares e amigos brasiguaios. Ou seja, os brasileiros, grupo majoritário e já estabelecido, impedem que os brasiguaios materializem suas representações por meio de um processo de legitimação e de dominação.

No entanto, isso não significa que os brasiguaios permaneçam submissos. Na verdade, entendemos que ao reviverem suas representações socioculturais em seus

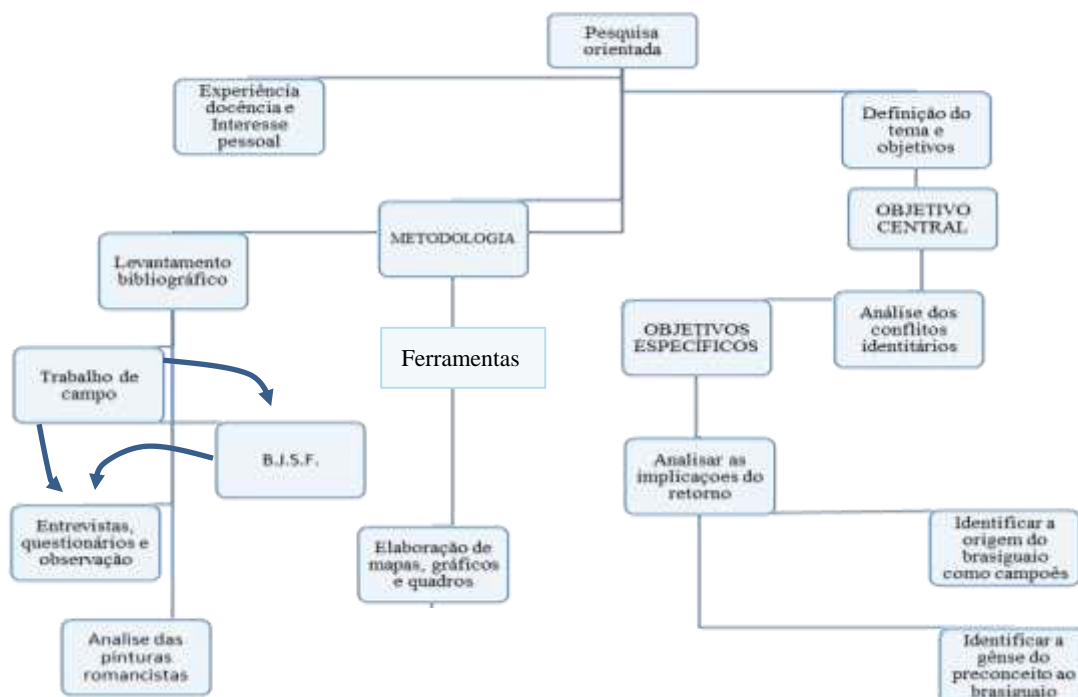
núcleos familiares, com seus amigos da mesma origem, se posicionam politicamente em uma atitude de resistência a estes processos.

Ao delinear a estruturação metodológica, procuramos realizá-la conforme nossa problemática, apresentada anteriormente e, nela, a nossa delimitação conceitual (imigração de retorno, territorialidade e identidade). Após um caminho de estudos a respeito da perspectiva teórica a ser seguida, com o auxílio das orientações da banca de qualificação⁶, pudemos definir nossa perspectiva integracionista de aportes teórico-metodológicos, os quais nos possibilitou interpretar nossa problemática através da multidimensionalidade/multiescalar/multitemporalidade em que os imigrantes brasiguaios estão envolvidos em seu retorno, que entendemos não ser realizado apenas na materialidade dos bens e dos membros que imigraram, mas também, pelos aspectos socioculturais que trazem consigo e, ainda, pela conexão que estes possuem com os não imigrados (brasiguaios, paraguaios residentes no Paraguai), gerando implicações em sua territorialidade (imaterial) e na negociação identitária.

Foi a partir desta estruturação (da delimitação dos conceitos e da problemática do trabalho) que delimitamos nossas estratégias metodológicas que procuramos apresentar mais adiante. No fluxograma 1, são apresentadas as etapas traçadas, para esta investigação, desde a escolha de seu tema à sua metodologia, bem como os demais procedimentos realizados no decorrer desta pesquisa.

FLUXOGRAMA 1: DEFINIÇÃO DA PESQUISA, OBJETIVOS E METODOLOGIA

⁶ Realizada no dia 12 de agosto de 2015, na UNICENTRO, composta pelas professoras Dras. Márcia da Silva e Cecília Hauresko.



Organização: Pinto (2015).

Compreendido nossa problemática e nosso objetivo, estabelecemos os procedimentos que nos permitiram verificá-los. Para alcançar os objetivos propostos foram realizados: a) levantamentos bibliográficos a respeito da discussão da nossa problemática e conceitual (imigração de retorno, territorialidade e identidade, bem como, de outros elementos neles envolvidos); b) trabalhos de campo, para a coleta de dados primários e secundários, como informações adquiridas em repartições públicas e na aplicação de questionários/entrevistas; c) análise iconográfica das pinturas romancistas; d) construção de recursos metodológicos, como mapas, quadros e gráficos a fim de contribuir na interpretação das informações e completar a organização da dissertação.

Nesse sentido, passou-se ao levantamento bibliográfico sobre nossa discussão conceitual. No debate teórico sobre imigração de retorno, há a correlação com a formação de redes sociais, processo esse que entendemos ser resultante do movimento migratório e das conexões em que os imigrantes estabelecem entre diferentes dimensões de escala, tempo e relações. Esta mesma compreensão percebemos fazer parte da construção da territorialidade. Percebemos este conceito intrínseco ao território, por isso, o apresentamos (território) nas nossas discussões.

Quanto à identidade, apresentamos o processo natural, historicamente construído através das relações socioculturais e a comparamos com a identidade legitimadora, na qual trazemos como exemplo a identidade nacional brasileira (a "*brasilidade*"). Para

entendermos as manifestações conflitantes entre os brasileiros com os brasiguaios, (resultado da "*brasilidade*"), inserimos elementos sobre preconceito, estigmas e *bullying*.

Outro conceito que trouxemos, sem nos aprofundarmos, foi o conceito de camponês, para justificarmos a origem dos brasiguaios, algo que também é motivo da aversão dos brasileiros pelos brasiguaios. Além disso, os conceitos de fronteira, poder, cultura, modernização da economia e capitalismo também são apresentados, pois não vemos como contextualizar a origem e as relações responsáveis pelo surgimento dos brasiguaios sem mencioná-los, por isso, eles apenas aparecem no trabalho, porque estão correlacionados aos nossos conceitos mestres, portanto, as pequenas inserções que ocorrem deles, procuramos apresentá-los em nota de rodapé, observando algumas considerações a respeito.

Após definido o referencial teórico, procedeu-se à elaboração e aplicação das entrevistas e questionários, seleção de informantes para que fossem aplicados os questionários e entrevistas no trabalho de campo. Partindo da decisão de focar questionários, cuja temática fosse relacionada aos conflitos identitários sofridos pelos brasiguaios em seu retorno ao Brasil, realizamos 35 entrevistas, aplicamos três questionários a 66 imigrantes representantes das famílias dos brasiguaios totalizando 198 amostragens⁷.

Para isto, realizamos 37 trabalhos de campo no BJSF e nos loteamentos que o constitui. Além destes, também fizeram parte do roteiro de trabalho de campo o CJSF e repartições públicas municipais, como a Secretaria da Ação Social, Museu de Imagem e Som e Secretaria de Planejamento (SEPLAN)⁸.

⁷ Todas as entrevistas foram gravadas. Optamos em não anexar as transcrições no *corpus* deste trabalho, pela dimensão que estas ocupariam, portanto, apenas utilizaremos falas representativas dos entrevistados, conforme a relevância do contexto do que estaremos apresentando na dissertação. Das 35 entrevistas realizadas, somente 14 foram utilizadas, por isso, no apêndice inserimos estes 14 entrevistados. Preferimos organizá-las em diferentes grupos, que explicaremos ainda nesta seção. Como se trata de diferentes sujeitos os associaremos com as nomenclaturas que aqui definimos aos grupos, aos quais estes representam ou, então, pelo uso de pseudônimos, respeitando, assim, o pedido de anonimato dos mesmos. Os roteiros das entrevistas dos diferentes grupos, a lista dos entrevistados e os questionários podem ser encontrados nos apêndices.

⁸ Trabalho de campo realizado no dia 13/04/2015, no qual visitamos a SEPLAN, cujo objetivo foi pesquisarmos sobre a origem do BJSF e de seus loteamentos. Visitamos também a Secretaria da Assistência Social para investigarmos sobre o plano de ação para o acolhimento dos estrangeiros haitianos e brasiguaios mencionados pela palestrante na Universidade Nacional de Brasília em 13/11/2015. No entanto, não existe este programa, como também não há informações sobre os brasiguaios. Também foi neste dia que fomos ao Museu de Imagem e Som a fim de realizarmos pesquisa sobre a origem do BJSF e

Tais procedimentos puderam oferecer dados quantitativos e qualitativos sobre a pesquisa, nos auxiliando a compreender os fatos que caracterizam os brasiguaios em seu processo de apropriação e da reconstrução da identidade.

Por meio dos elementos quantitativos é possível colher informações que comprovem a quantidade de ocorrências e de fatos que procuramos estabelecer. Entre tantos elementos, por exemplo, a motivação para sua emigração ao Paraguai; o modo em que viveram e se apropriaram daquele país; a motivação do seu retorno; a sua procedência; as características das relações sociais que estes possuíam; os elementos simbólicos socioculturais apropriados em sua identidade social (de brasiguai); o modo em que estes são recebidos no Brasil; os aspectos socioculturais em que estes tem se inserido, etc.

Estes dados coletados através do trabalho empírico nos permitem avaliá-los, oferecendo-nos, portanto, recursos para realizarmos considerações e conclusões sobre nossas hipóteses. Esses dados foram obtidos a partir da aplicação de entrevistas semiestruturadas, cujos roteiros procuramos organizar conforme os grupos de entrevistados (moradores do bairro [brasileiros residentes do bairro e brasiguaios residentes no bairro], estudantes [brasileiros e brasiguaios], profissionais da educação [professores e pedagogo], outros [brasiguaios ex-moradores do BJSF]).

Para Treviños (1987) o roteiro de questionamentos de uma entrevista semiestruturada deve ser organizado para poder alcançar os objetivos que procuram se alcançar. O autor explica que o roteiro de questões deve ser condizente a hipótese levantada ao tema da pesquisa e, assim, obter dados satisfatórios em resolver tal hipótese. O autor ainda pondera que a entrevista semiestruturada se baseia no diálogo entre o aplicador e o seu informante e, diante disso, o modo em que ocorre esta modulação de entrevista, permite que o entrevistador possa realizar outras questões que venha a surgir durante a aplicação. Para ele o roteiro de perguntas deve garantir a comunicação objetiva e dinâmica do informante com seu entrevistador, de modo em que este se sinta seguro em respondê-las, portanto, o roteiro deve ser claro e conciso ao que se busca alcançar com aquele informante.

Deste modo, nos trabalhos de campos que realizamos⁹, procuramos aplicar as entrevistas e os questionários com os diferentes sujeitos inerentes a nossa pesquisa. Por

coletarmos imagens que pudessem auxiliar no trabalho. O roteiro dos trabalhos de campos realizados se encontra no apêndice 2.

⁹ Mesmo que não fosse parte da nossa delimitação espacial para a realização dos trabalhos de campos, além dos realizados no BJSF também foram feitos em 12 viagens (algumas destas por motivos pessoais) ao Paraguai, nas cidades de Hernandarias, Caacupé, Coronel Olivedo, Asunción, Luque, Piribebuy, San

isso, concordamos com Silva *et al* (2008) que na elaboração de um trabalho de campo, o mesmo deve ser realizado conforme estudos e objetivos a serem cumpridos, portanto, antes da sua realização, o roteiro deve ser preestabelecido, contendo ensaios, estratégias, previsões de intervenções e objetivos para que esse tenha os resultados esperados. Ao que nos interessa, vemos nestes autores que o trabalho de campo é um importante instrumento de análise socioespacial, pois possibilita a observação dos elementos socioculturais, econômicos e político. Os autores observam que é importante fazer a correlação destas dimensões, pois contribui para diferentes resultados.

Através desta perspectiva, nas 37 vezes que saímos a campo para obtermos informações através das entrevistas¹⁰ e dos questionários, também podemos fazer algumas interpretações daquilo que observávamos e, por isso, como sugere Silva *et al.* (2008), além dos roteiros de entrevistas também fizemos uso de anotações das observações do campo.

Neste entendimento, preferimos dividir nossos entrevistados em grupos (moradores do bairro [brasileiros residentes do bairro e brasiguaios residentes no bairro], estudantes [brasileiros e brasiguaios], profissionais da educação [professores e pedagogo], outros [brasiguaios ex-moradores do BJSF]), conforme os objetivos que procurávamos alcançar. Ao total foram 35 entrevistas para os diferentes grupos desta pesquisa. Esta divisão nos foi necessário para facilitar-nos na obtenção dos dados e, assim, na compreensão dos mesmos. Justificamos que o agrupamento destes sujeitos em um mesmo roteiro de entrevistas não seria coerente, pois entre eles há diferentes posicionamentos e referências identitárias diante de nossa problemática. Deste modo, organizamos tais sujeitos em grupos condizentes a um roteiro de entrevistas pré-elaborado conforme os objetivos que pretendíamos discernir.

Assim, dividimos os sujeitos da seguinte forma:

Bernadino, Areguá, Campo 9, nas quais pode-se fazer observações, seguidas de anotações sobre elementos que envolvem a pesquisa, como a observação da estrutura camponesa brasiguaiá e paraguaia, os aspectos socioculturais que os brasiguaios mostram ter assimilado, a presença de brasiguaios nas manifestações sociais de movimentos que lutam pela reforma agrária, coleta de depoimentos através de entrevistas semiestruturadas com brasiguaios para compreender suas impressões do país, de si mesmo como brasiguaió e, principalmente, porque pensam no retorno. Estas entrevistas não aparecerão no trabalho, porque tratamos dos brasiguaios em seu retorno, no entanto, estas apreensões nos ajudaram a compreender algumas considerações do retorno dos brasiguaios.

¹⁰ O roteiro das entrevistas dos nossos diferentes sujeitos (fontes orais) se encontra no apêndice 4. Da mesma forma a lista destes entrevistados também estará no apêndice 6, lembrando que apenas vamos inserir aqueles que utilizamos em nosso trabalho e, para evitar uma maior extensão não incluiremos a reprodução escrita destas entrevistas, somente utilizaremos "falas expressivas" ao contexto da pesquisa.

1) **Estudantes**¹¹: a) grupo 1: formado por educandos de origem brasiguaiia; b) grupo 2, formado por educandos de origem brasileira. Em ambos os grupos entrevistamos seis estudantes, sendo dois de cada período, ou seja, dois do período diurno, noturno e vespertino. Os educandos do diurno estudam nas séries do Ensino Médio e possuem entre 15 a 23 anos, três do sexo masculino e três do sexo feminino. Os estudantes do período vespertino são das séries do Ensino Fundamental, no qual optamos a partir do sétimo ano, entre a faixa etária de 13 a 15 anos e, da mesma forma, são três do sexo masculino e três do sexo feminino. O objetivo foi compreender como os diferentes grupos se reconhecem e também identificar elementos que nos auxiliassem na identificação de ações de repulsão por ambos os lados e, ao mesmo tempo, como é o processo de convivência e superação destes conflitos. No caso do grupo de brasileiros, buscamos identificar quais são suas opiniões a respeito do Paraguai e do brasiguaiio, já em relação ao grupo de brasiguaiios verificamos como estes se identificam em relação ao Brasil e ao Paraguai e como percebem o tratamento dos brasileiros por eles no interior e fora da escola;

2) **Profissionais da educação**¹²: a) grupo de professores: foram entrevistados quatro professores, os quais trabalham, ou já trabalharam nos três períodos da escola; b) grupo de pedagogos e orientadores: foram entrevistados dois destes profissionais. O objetivo foi entender como estes profissionais reconhecem os brasiguaiios no cotidiano escolar e, ainda, verificarmos os procedimentos tomados nos casos de manifestações de aversão pelos brasiguaiios;

3) **Moradores do bairro**¹³: a) grupo de brasileiros; b) grupo de brasiguaiios. Em cada grupo, foram entrevistados oito moradores, sendo que no grupo de brasileiros, há dois com maior tempo de residência. O objetivo destas entrevistas foi observar como os diferentes sujeitos se reconhecem. O propósito de entrevistarmos os sujeitos brasileiros é para evidenciar se realmente existem elementos que mostrem sentimentos de aversão ao brasiguaiio e ao Paraguai, bem como, as justificativas destas. Procuramos analisar como estes sujeitos reconhecem e como estabelecem ou admitem manter relações sociais com os brasiguaiios. Também procuramos identificar os

¹¹ Durante o trabalho, os apresentaremos como "estudante brasileiro" para designá-lo como sendo pertencente a este grupo de análise e o mesmo para o uso de "estudante brasiguaiio". Apenas mudaremos a numeração do entrevistado no uso de suas falas, como forma de diferenciá-los, como por exemplo, "estudante brasileiro 1", "estudante brasileiro 2"; "estudante brasiguaiio 1", "estudante brasiguaiio 2".

¹² Da mesma forma que no grupo de estudantes, diferenciaremos nossos entrevistados deste grupo como "profissional da educação 1".

¹³ Diferenciaremos os moradores, como "morador brasileiro 1" dos demais membros de seu grupo e o mesmo faremos com o grupo de "morador brasiguaiio", diferenciando por uma numeração, "morador brasiguaiio 1" e assim por diante.

elementos que evidenciem atitudes de legitimação, homogeneização, subalternização, dominação em relação aos brasiguaios, bem como, as justificativas destas atitudes, verificando se estes são oriundos dos elementos da "brasilidade", ou seja, se há referências identitárias de superioridade em relação ao Paraguai e como estes as externalizam. Além disso, as entrevistas nos possibilitam identificar atitudes de aversão que venham a se manifestar em formas de preconceito, *bullying*, estigmas sociais e violência contra os brasiguaios.

Quanto ao grupo dos brasiguaios, o objetivo foi ouvir as narrativas de suas histórias de vidas, identificando os motivos da sua emigração para o Paraguai; como foram suas experiências naquele país; os motivos que os fizeram retornar; como tem sido sua permanência no Brasil e quais são suas expectativas. Procuramos entender os aspectos das relações sociais vividas no Paraguai e no BJSF, identificando as dimensões que estruturam as redes sociais existentes entre as diferentes territorialidades (onde viviam e onde ainda possuem familiares no Paraguai e o BJSF). Analisar o processo de des-re-territorialização dos mesmos na dupla expropriação (expropriação do campo no Brasil e a expropriação do campo no Paraguai) em conjunção com o processo migratório (emigração/imigração de retorno). Outro objetivo que procuramos alcançar nas entrevistas foi identificar se ocorrem ações de homogeneização, dominação, subalternização por parte dos brasileiros em relação aos brasiguaios no BJSF e como estes respondem a estes enfrentamentos de manifestações de aversão (preconceito, discriminação, estigmatização social, *bullying* e violência) e, ainda, se estes percebem a origem destas práticas e que consequências isto promove a eles. As entrevistas também nos permitiram investigar como estes tem se territorializado e negociado as relações identitárias com os já estabelecidos, por meio das suas representações simbólico-socioculturais (em suas relações sociais, nas suas representações identitárias e na suas territorializações) verificando, assim, os elementos formadores da sua territorialização imaterial;

4) Outros¹⁴: foram entrevistados dois brasiguaios, um ex-morador do bairro, hoje assentado no pré-assentamento "São João", localizado a cinco quilômetros do distrito rural São João do Oeste, Cascavel. Já o outro, imigrou do Paraguai para um assentamento e hoje mora no BJSF. O objetivo foi entender as justificativas que os

¹⁴ Neste grupo procuraremos designá-los com pseudônimos.

fizeram ter este deslocamento do Paraguai procurando pelos assentamentos rurais e quais são suas perspectivas para o futuro.

Em relação aos questionários¹⁵, da mesma forma que organizamos as entrevistas em grupos de sujeitos, ordenando os objetivos que pretendíamos alcançar, assim também o fizemos com os 198 questionários aplicados para um grupo de 66 brasiguaios, cujos questionários foram divididos em três blocos diferentes e aplicados para os mesmos grupos de brasiguaios moradores do BJSF. Estes questionários se diferem em relação ao objetivo que pretendíamos alcançar, sendo: a) O primeiro¹⁶ para obter informações sobre seu modo de vida, suas características socioculturais e sua origem social (categoria de trabalho - se trabalhador da terra) destes sujeitos no Brasil. Também procuramos entender a emigração e suas implicações, como os motivos que os elevaram a emigrar para o Paraguai, se houve fragmentação familiar em terem deixado membros residindo no Brasil, se houve processo de formação de redes sociais, como esta se caracterizava e o que isso promoveu na construção da identidade social dos brasiguaios; b) O segundo¹⁷ buscou-se obter informações sobre o processo de inserção no Paraguai, suas dificuldades de adaptação ao mesmo, bem como, o processo de superação destas dificuldades.

Também verificamos como estes inseriram-se e assimilaram as características socioculturais e o modo de vida paraguaio, como também, seus enfrentamentos político-sociais no espaço rural, suas relações sociais com os já estabelecidos e com outros brasileiros na mesma condição, como também, a sua visão sobre os "brasileiros no Paraguai". Tais reflexões nos ajudariam compreender as implicações dos mesmos na construção da identidade dos brasiguaios; c) No terceiro¹⁸ questionário, limitou-se a obter informações a respeito dos fatores que determinaram o retorno ao Brasil, em que condições e situações se estruturam as redes sociais entre aqueles que permaneceram no Paraguai com os que residem no BJSF e, ainda, perceber de que modo se mantém as relações com o Paraguai e as implicações sobre a identidade e a territorialidade dos brasiguaios no BJSF. Além disso, verificarmos quais elementos socioculturais do modo de vida assimilado no Paraguai estão presentes na identidade social destes sujeitos, de que modo estes são percebidos por eles mesmos e pelos já estabelecidos no BJSF e de

¹⁵ Eles também foram organizados para alcançar os mesmos objetivos que apresentamos nas entrevistas. Os questionários estão no apêndice 3.

¹⁶ Questionário para análise do processo migratório das famílias dos brasiguaios: "Indo para o Paraguai".

¹⁷ Questionário para análise do processo migratório das famílias dos brasiguaios: "Morando no Paraguai".

¹⁸ Questionário para análise do processo migratório das famílias dos brasiguaios: "Retornando para o Brasil".

que forma estes se comportam mediante ao processo de homogeneização ou subalternização praticado por aqueles já estabelecidos e majoritários no BJSF.

Outro recurso metodológico utilizado foi identificarmos nos questionários aplicados, a origem camponesa dos brasiguaios e, além disso, também realizamos análises¹⁹ das pinturas romancistas de Pedro Américo como na "*Batalha de Campo Grande*" e a "*Batalha do Avahy*"; de Victor Meirelles na "*Batalha do Combate Naval de Riachuelo*" e de Manuel de Juan Blanes na tela "*La Paraguaya*", nas quais todas retratam a Guerra do Paraguai²⁰.

O objetivo de trazer estas pinturas de Victor Meirelles e Pedro Américo é de averiguar os elementos simbólicos de sentimentos de superioridades ao Brasil e em prejuízo ao Paraguai, cujas obras, com exceção da tela "*La Paraguaya*", foram encomendadas pelo governo imperial, a fim de idealizar a identidade nacional brasileira. Esse elemento da pesquisa é componente da nossa problemática, que nos faz compreender a gênese da existência do preconceito brasileiro em relação ao Paraguai, aos seus elementos socioculturais e ao seu povo (paraguaio/guarani e brasiguai).

Já a pintura do uruguaio Manuel de Juan Blanes, nos revela outra perspectiva do que foi a Guerra do Paraguai, diferente do modo em que nos é evidenciada pelas telas dos brasileiros, por isso, ela se faz importante, a fim de que possamos compreender em que propósito foram criadas e quais são suas implicações na identidade brasileira e, deste modo, nas relações conflitantes de brasileiros com os paraguaios e, sobretudo, com o nosso principal objeto de estudo: os brasiguaios.

Além destas representações simbólicas de superioridade presentes nas pinturas, elas também estão em outras materializações, como em monumentos, no próprio calendário civil, em obras literárias, nos nomes de espaços públicos e outros recursos utilizados pelo Estado a fim de conceber os valores (de superioridade) da identidade nacional: a "brasilidade".

¹⁹ Estas análises foram realizadas a partir de revisões bibliográficas, de autores que fizeram estas investigações e, que neste trabalho, procurei organizá-las e sintetizá-las. Entre estes autores estão: Coelho (2007), Alambert (1999), Machado (2007), Silva (2009), Christo (2009), Centeno *et al.* (2011), Vas (2011), Araújo (2012), Vianna *et al.* (2012), Schwarcz (2013), Arantes (2013) e Zdebski (2014). As pinturas não são apenas ilustrativas, elas evidenciam a estratégia do Império em tentar consolidar sua permanência no governo do Brasil, idealizando sua superioridade em relação ao Paraguai. Estes elementos estão presentes na identidade nacional do brasileiro e, assim, se manifestam nas relações sociais.

²⁰ Optamos em trazer as imagens destas pinturas no apêndice 1, assim como o fragmento literário de Machado de Assis.

Portanto, é através desta estruturação metodológico-conceitual, em conjunção destas estratégias que nos faz alcançar nossos objetivos e, assim, refletirmos a nossa problemática, que organizamos a compartimentação do *corpus* desta dissertação, bem como, realizarmos as nossas análises e considerações finais.

2. ABORDAGEM TEÓRICA SOBRE IMIGRAÇÃO DE RETORNO

Na discussão teórica sobre o processo migratório, da qual a imigração de retorno faz parte, procurar-se-á apresentá-lo não apenas pelo aspecto econômico, mas, também, por outras dimensões, como as perspectivas social e cultural, cujos aspectos implicam o nosso principal objeto de estudo, isto é, os conflitos identitários sofridos pelos brasiguaios.

Com o apoio de Sayad (1998, 2000), Fazito (2005; 2008; 2010), Cassarino (2004; 2013), Durand (2006), Abud *et al* (2008), Goettert (2008; 2009), Siqueira (2009), Siqueira *et al.* (2011), Melo (2014), Botega *et al* (2015) contextualizaremos as principais teorias e tipologias da imigração de retorno, como um aporte para entendermos o imigrante a partir, não apenas daquilo que ele traz consigo, ou seja, percebê-lo além do pertences e conquistas ou de suas frustrações econômicas. Logo, através destes autores poderemos considerar que o processo de imigração de retorno também é acompanhado por experiências psicossociais e socioculturais, assimiladas pelos imigrantes na sociedade que os recebeu e, que estarão imbricadas no âmago dos mesmos.

2.1. Imigração internacional: principais contextos

Ao buscarmos compreender os elementos que envolvem os conflitos identitários sofridos pelos brasiguaios no CJSF, nos empenharemos assim fazê-lo através da imigração de retorno destes sujeitos, os quais são motivados a migrar e, assim, formar sua territorialidade e reconstruir sua identidade, através de dimensões, econômicas, sociais e culturais.

No compromisso em tentar nortear um debate sobre a arqueologia das migrações, Fazito (2005) o faz a partir do comportamento social do migrante, o qual está relacionado à própria história da humanidade. O conhecimento construído e acumulado ao longo do tempo sobre este debate não se resume em compreender os diversos temas associados à migração, tais como causalidades, motivações, dimensões analíticas dos fluxos e mecanismos de sustentação, ou a respeito dos impactos sequenciais sobre as estruturas demográficas e sociais, ao tipo da natureza que o envolve, ou razões de natureza demográfica, sociológica, econômica e outras. O autor entende que o consenso

sobre as questões que envolvem os sistemas de migração, sejam eles emigrar, imigrar e retornar, o movimento migratório em si, são fenômenos conectados relacionados ao tempo e ao espaço e, mesmo com todos os avanços teórico-metodológicos sobre este tema, ainda não é possível realizar teorias ou modelos satisfatórios²¹.

Segundo Fazito (2005), o ato de migrar, muitas vezes, está relacionado às ações políticas dos Estados, tanto no lugar de origem quanto no lugar de destino, bem como, às sujeições estruturais que os migrantes estão expostos. Em seu entendimento, para poder compreender e interpretar qualquer movimento migratório, o autor aponta que é necessário particularizar as características das relações dos diferentes sujeitos e atores sociais envolvidos, pois, desta forma, é possível identificar a estrutura social que se forma neste sistema de migração. Esta estrutura social, de forma dinâmica, pode constringer ou facilitar a ação dos sujeitos, bem como, a própria trajetória de migração.

Em uma visão clássica, a migração é explicada a partir de uma compreensão naturalista, como condição e hábito natural do homem e, assim, é tão remota quanto à própria história do surgimento do homem. Na verdade, a migração é um fenômeno observado em todas as espécies de animais e, que tem como característica comum, a necessidade de sobrevivência, ou seja, pela busca de recursos vitais.

Em uma visão mais crítica²², Fazito (2005) aborda as migrações a partir do surgimento da sociedade capitalista, dos arranjos políticos e econômicos que passaram ser observados como campos de forças sociais, como lógicas de práticas, como principais mecanismos de orientação de fluxos de migração humana no tempo e no espaço. A fim de atender as exigências reprodutivas do capital, muitos fluxos migratórios foram promovidos, facilitados e ocasionados devido aos avanços de uma ampla aparelhagem em meios de transporte, que tinham como intuito a expansão deste sistema produtivo.

Para Ito (2007), os deslocamentos populacionais, envolvendo diferentes países, "[...] acelerou com o advento do capitalismo [...]" e, que na busca de sua compreensão, a "[...] complexidade que envolve o tema de migrações internacionais é comum que as análises tomem por base os componentes econômicos, políticos, sociológicos e demográficos" (ITO, 2007, p. 11).

²¹ Por isso, não procuraremos nos aprofundar em maiores análises sobre as teorias migratórias; no entanto, entendemos que se fazem necessários alguns apontamentos sobre a imigração internacional, ao considerarmos o retorno dos brasiguaios do Paraguai. Apenas faremos uma exposição sobre a imigração internacional, a fim de compreender o retorno destes sujeitos.

²² Para Fazito (2005; 2008) a partir das décadas de 1970-80 a abordagem sistêmica se caracteriza pela análise processual, histórica, social e relacional, no qual os mecanismos de operação de um sistema migratório são compreendidos por sua interdependência e concomitância, seja em relação a sua origem, trajeto e o destino das pessoas envolvidas.

No entendimento de Sayad (2000) a migração sempre se justifica pelo paradigma de um padrão. A gênese desta padronização dos fluxos emigratórios/imigratórios está relacionada à relação desigual das forças que determinam o fenômeno migratório, isto é, por uma relação mantida na dualidade de emigração e imigração. O autor leva a entender que mesmo havendo outros motivos que influenciam na decisão de migrar, a dominação desta relação dual está no mercado de trabalho: "[...] da emigração (emigração a partir dos países "pobres" em trabalho assalariado) e da imigração (imigração para países "pobres" em mão-de-obra e, portanto, relativamente "ricos" em empregos)" (SAYAD, 2000, p.8).

Assim, na medida de sua extensão no tempo e através do espaço, e além mesmo da extrema diversidade de situações às quais esta extensão o expõe, o fenômeno migratório, ao longo de toda a sua história - que se confunde com a própria história de nosso sistema econômico e sua realização - inscreve-se numa mesma lógica, governada, desde seus primórdios até seu estágio atual, tanto pelos determinantes econômicos, (isto é, pelos imperativos próprios à nossa economia), como também pelas categorias de nosso entendimento político que é, inclusive, um entendimento indistintamente social, econômico, cultural, moral, político (no caso específico, entendimento nacional, e mesmo nacionalista) e mental (SAYAD, 2000, p. 9).

Para Sayad (2000) e Fazito (2008) o processo de migração é essencialmente coletivo e envolve uma rede social que se forma a partir da conexão de diferentes realidades, sujeitos, aspectos socioculturais que, de modo geral, todo imigrante apresenta uma coerência de situações e experiências de vida, que são percebidas e dotadas de significantes.

Sobre a influência de outros fatores que determinam o ato de migrar, Abud *et al.* (2008, p. 2), nos mostra, que, os fatores econômicos são fatores decisivos no ato de migrar, no entanto, "[...] nos movimentos migratórios, não se pode negligenciar a existência de outros fatores que estão para além desses elementos meramente econômicos". Para estes autores, um fator decisivo nas migrações são as redes sociais²³ em que o migrante se conecta, através de relações processuais, na qual ele mesmo "[...] constrói e reconstrói tanto no seu lugar de partida como no seu lugar de chegada. São as relações sociais estabelecidas por meio das redes sociais, e vice-versa,

²³ Não pretendemos nos aprofundar neste conceito, mas a título de informação procuraremos trazer apenas algumas considerações a respeito desta discussão.

que em muito contribuem para os estímulos de migrar dos sujeitos (ABUD *et al.*, 2008, p. 2-3).

Assim como Ito (2007) e Abud *et al* (2008), Fazito (2005) também compreende que as migrações internacionais têm maior justificativa nas:

[...] motivações individuais e utilitárias para o deslocamento têm muito mais impacto sobre o agregado das práticas contemporâneas, inseridas no contexto das sociedades capitalistas industrializadas, do que na maior parte da história humana anterior ao século XVIII; também é possível que as estruturas populacionais e sociais inscritas e vinculadas no campo econômico se mostrem mais pertinentes aos deslocamentos contemporâneos ocidentais do que o foram em outros momentos e localidades. Parece correto dizer que as motivações individuais (de fundo psicológico) não se sucedem no vácuo social. Em outras palavras, mesmo que as motivações individuais sejam determinantes para o comportamento migratório, como de fato o são na maioria das vezes, não se pode perder de vista o campo de forças e relações em que tal vetor se inscreve e no qual adquire sua forma e sentido objetivo (FAZITO, 2005 p. 23-24).

Em outro estudo, Botega *et al* (2015) explica que os eventos que envolvem migrações internacionais são heterogêneos, principalmente a partir do contexto atual do processo de expansão do capitalismo global, que, em cujo processo, muitos fluxos migratórios são traídos pelo processo da divisão internacional do trabalho, em lugares que oferecem supostamente maiores possibilidades de trabalho, renda e, assim, melhoramento da qualidade de vida. Na concepção de Botega *et al* (2015), muitos países receptores têm realizado mudanças em suas políticas de Estado, quanto aos fluxos de imigrantes que entram, realizando medidas restritivas e, além disso, as migrações internacionais também estão relacionadas a outras preocupações, como surgimentos de comunidades transnacionais.

Neste contexto, os sistemas de migrações internacionais podem ser compreendidos através do deslocamento de fluxos populacionais transfronteiriços, isto é, aqueles que atravessam as fronteiras dos Estados-nacionais. Sobre isso, Fazito (2005) nos permite compreender, que as migrações através das fronteiras nacionais envolvem outras dimensões, não apenas político-econômicas, mas também outros processos, como conflitos civis, questões ambientais, catástrofes situações pessoais, epidemias, fomes, questões culturais, ou da comunidade de origem e outros.

Nesta mesma compreensão, vemos em Sayad (2000) que a migração em si é um fenômeno, no qual o tempo e o espaço, por ora se afastam, e por ora se unem aos processos pelos quais os migrantes venham a viver, provar, experimentar e, assim,

reconhecer-se na condição de (e)imigrante, ou em seu sentimento de legitimidade, onde quer que esteja.

Marandola Junior e Dal Gallo (2010) trazem uma importante consideração a respeito da migração e do migrante. Em suas exposições, a fixação do migrante no local de destino dependerá de fatores que condicionem seu envolvimento com o novo lugar. Os autores justificam que para que o migrante alcance uma sensação de acolhimento, de bem-estar, o seu sentimento de incerteza e de instabilidade deve ser superado e, então, dependerá das "[...] restrições ou condições em termos de identificação sociocultural e socioespacial [...] alguns fatores encorajam/incentivam este envolvimento, outros repelem qualquer tentativa ou interesse de fazê-lo [...]" (MARANDOLA JUNIOR e DAL GALLO, 2010, p. 411).

Os imigrantes serão encorajados a fixarem-se no lugar, conforme a sua sensação de serem aceitos, de se sentirem pertencentes, de perceberem as características sociais e culturais semelhantes aos do seu lugar de origem, portanto, "[...] a identificação com o lugar é crucial [...]" (MARANDOLA JUNIOR e DAL GALLO, 2010, p. 411).

De modo geral, então, conforme as observações de Sayad (2000) sobre a noção de retorno e de compreensão como sujeitos, temos:

A ideia de retorno está intrinsecamente circunscrita à denominação e à a ideia mesma de emigração e imigração. Não existe imigração em um lugar sem que tenha havido emigração a partir de um outro lugar; não existe presença em qualquer lugar que não tenha contrapartida de uma ausência alhures. É a própria condição do humano, é a sua finitude que está em causa: não se pode estar presente simultaneamente em dois lugares diferentes, mas se pode ir de um lugar ao outro, o espaço se deixa percorrer e permite, assim, uma multipresença sucessiva no tempo. O passado, que é o "ter-estado", não pode jamais tornar-se novamente presente e voltar estar-no-presente, a irreversibilidade do tempo não o permite. A própria denominação de imigrante remete implicitamente à de emigrante, que é o seu corolário. Há circunstâncias, inclusive, em que ela é percebida como um chamado do imigrante para suas origens e, por isso, como a denúncia de sua presença enquanto imigrante (SAYAD, 2000, p. 11).

Em Botega *et al* (2015), Fazito (2005) e em Sayad (1998), é possível verificarmos que o atual comportamento migratório possui diversos elementos e dimensões responsáveis para o ator de migrar. Para estes autores, a decisão de migrar, muitas vezes, está associada a uma engrenagem que impulsiona o deslocamento de pessoas para outras

sociedades receptoras, como necessidades econômicas, influências de amigos e familiares e até por forças promovidas pelos Estados.

A partir das afirmações de Sayad (1998), podemos concluir que, geralmente, as migrações correspondem a anseios não só daqueles que emigram, mas também daqueles que pertencem às suas comunidades de origem (família, amigos), pois estes também costumam ter expectativas naquele que emigrou. Outra reflexão que o autor traz, é que no contexto das migrações, de forma similar, os já estabelecidos são envolvidos em novas relações sociais com a presença dos imigrantes. Em outras palavras, podemos considerar que a migração gera, tanto para a sociedade de origem, como para a sociedade de destino, novas relações sociais, que envolvem dimensões políticas, econômicas e culturais.

Ao voltar sua atenção para o Brasil, Sayad (2000) adverte que, aqui, o fenômeno migratório deve ser tratado em um cuidado minucioso, pois se trata de histórias migratórias com especificidades sociológicas e demográficas únicas, ressaltando que "[...] nenhuma migração se assemelha a outra" (SAYAD, 2000, p. 10). Sendo assim, o autor inclui outros determinantes no fenômeno migratório brasileiro, seja no âmbito interno, quanto externo e, portanto, que devem ser considerados. Além do econômico, ele identifica os aspectos políticos, sociais, culturais, territoriais e naturais. É nesse sentido que procuramos compreender a dinâmica migratória dos brasiguaios, não em sua emigração²⁴, mas em seu retorno ao país.

Sayad (1998) aponta que as histórias e experiências dos que partiram, mesmo que na maioria das vezes sejam forçadas, funciona como um impulso a outros acompanharem em novas jornadas de migração; portanto, as estruturas que garantem a permanência destes fluxos migratórios, devem ser compreendidas dentro de um contexto particular, o qual exige um cuidado minucioso para ser explicado.

A respeito das redes sociais, sobre uma perspectiva sistêmica, Fazito (2005; 2008) considera que elas realizam importante função nos deslocamentos de constantes fluxos de migrantes para os mesmos lugares onde já há sujeitos da mesma sociedade de origem, bem como, para seu retorno. O autor ainda considera o sistema migratório internacional através da formação e operação de uma variável agregação no sistema de rede pelas interações de sujeitos, capital social, e culturas e diferentes lugares.

²⁴ Entendemos que a motivação da emigração ao Paraguai tem origem política e econômica entre os dois países. Já seu retorno, embora também tenha elementos econômicos, acreditamos que se trata de aspectos sociais.

Assim como para Abud *et al* (2008), Fazito (2005; 2008), Sayad (1998, 2000) as redes sociais, formadas por parentescos e amigos, são elementos fundamentais para o apoio a quem chega, como na colaboração de informações e de apoio, filiações, bem como, no sentimento de confiança, segurança, de adaptação, de acolhimento, de pactos e de troca de elementos simbólico-socioculturais que auxiliam a formação de grupos identitários que incluem aqueles que resolvem migrar.

Fazito (2005) explica que as redes sociais são interações dinâmicas entre diferentes lugares e pessoas, que formam estruturas sociais aos migrantes, que venham motivar novos fluxos migratórios, mas, o mais importante, formar estruturas coletivas em constante reorganização. E, de acordo com Fazito (2008), o sistema de migração internacional brasileiro deve ser considerado:

[...] como uma rede integrada de unidade espaciais de origem e destino que se ligam por rotas diversas em um tempo determinado. Deve-se compreender que as trocas migratórias fazem parte de um processo histórico-social complexo e abrangente. As migrações constituem processo social e histórico e, portanto, as causas e consequências dos deslocamentos só podem ser adequadamente compreendidas quando analisados em uma perspectiva integrada e processual (FAZITO, 2008, p. 151).

Nesse sentido, procuraremos aqui sistematizar as principais teorias de migração internacional com o objetivo de compreendermos o fenômeno que nossos sujeitos estão envolvidos: a imigração de retorno.

2.2. Imigração de retorno: teorias e tipologias

O debate que aqui trazemos a respeito sobre a imigração de retorno se faz necessário para compreendermos a trajetória e os aspectos socioculturais que envolvem os brasiguaios. Em um primeiro momento, definimos estes imigrantes brasiguaios apenas pela origem camponesa e pela miscigenação entre brasileiros com paraguaios. Mesmo que em alguns casos não houve esta miscigenação, esses sofreram um sincretismo cultural, o que garante serem considerados como brasiguaios.

No entanto, ao examinarmos mais atentamente, veremos que sua gênese não é apenas brasileira. Há uma história presente nesses sujeitos, que precisamos reconhecer

para melhor compreendê-los para, assim, concluir que se trata de um sujeito historicamente “transmigrante”²⁵.

Como imigrantes, quem de fato são estes sujeitos? Para Sayad (1998), a imigração é um fator social e que deve ser estudada na dinâmica diacrônica, isto é, na perspectiva histórica e nas análises do funcionamento das estruturas presentes na sociedade que os expulsam e que os atraem. Para ele, em muitos casos a necessidade de emigrar ocorre pela perspectiva de trabalho, na expectativa de melhorar a qualidade de vida da família e, destinando-se atrás deste sonho, ou o imigrante retorna definitivamente a sua origem ou se materializa no lugar que escolheu para emigrar.

Nesta primeira reflexão, pensamos que este tenha sido o caso da motivação da emigração de brasileiros para o Paraguai, o mesmo motivo pelo qual a maioria de seus antepassados experimentou quando se destinaram para o Brasil. Quanto ao seu retorno, requer uma maior atenção, pois compreendemos que não seja este o motivo principal. Assim como a maioria dos brasileiros, estes eram descendentes de várias nacionalidades, na grande maioria, europeia que saíram do "velho mundo" em direção ao "novo mundo" ainda no século XIX.

Através das análises realizadas por Ianni (1972), Cenni (1975) e Hall (1987) sobre as correntes imigratórias entre o final do século XIX e início do século XX para o Brasil, este movimento imigratório transcontinental, está associado ao processo de expansão capitalista que provocaram grandes transformações na Europa.

Em Cenni (1975) e Hall (1987), percebemos que além do processo de modernização da economia na Europa, que gerava desemprego, havia outros mecanismos responsáveis por esses fluxos imigratórios, como as crises políticas que alguns países enfrentavam e os conflitos mundiais. Estes fatos geravam situação de instabilidade político-econômica, crises sociais e sentimento de insegurança para população.

Ianni (1972), Cenni (1975) e Hall (1987) nos ajudam compreender, que ao mesmo tempo em que estes imigrantes se deslocavam de seu lugar de origem, por ser uma área de retração, os mesmos eram motivados para uma área de atração, que naquele momento, toda América recebia contingentes de imigrantes, principalmente o Brasil.

Cenni (1975) e Hall (1987) destacam que muitas empresas especializadas de imigração surgiram para "apoiarem" esses imigrantes e, que na verdade, com parcerias de diferentes Estados, como o caso do Brasil e Itália, atraíam imigrantes, considerados como sendo ferramentas de trabalho, para se deslocarem até as áreas agrícolas,

²⁵ Antes de apresentarmos a imigração de retorno e o conceito de transmigrante, traçaremos uma linha do tempo destes imigrantes para melhor compreendermos sua trajetória migratória.

substituírem os ex-escravos, branquearem a população e modernizarem o país. Estes autores ainda revelam que muitos imigrantes encontravam uma realidade diferente daquelas que lhes prometeram, tendo uma situação de vida precária, submetidos à exploração do trabalho e à violência.

Este é outro aspecto importante da nossa pesquisa, isto é, que a origem dos brasiguaios, em sua grande maioria, está relacionada à sua categoria de social de trabalho: camponesa. Como vemos em Ianni (1972), Cenni (1975) e Hall (1987), esses imigrantes já possuíam origem camponesa nos seus países de origem e, aqui no Brasil, também foram inseridos dentro do contexto do trabalho agrícola²⁶.

A partir da entrada desses imigrantes, eles foram inseridos no trabalho agrícola, que permitiu o desenvolvimento do capitalismo agrário do país, impulsionaram novas fronteiras agrícolas em todo território nacional. Através desses autores conseguimos entender que esses imigrantes estiveram sujeitos a inúmeros processos, como de serem motivados a deslocarem-se no interior do país, a fim de ocupá-las, torná-las produtivas no trabalho agrícola, seja no Sudeste, no centro oeste ou no sul do país.

São muitos os trabalhos que poderíamos trazer ao debate para contextualizar historicamente os processos sociais em que promoveram contínuos deslocamentos destes imigrantes. Especificamente ao sudoeste do Mato Grosso do Sul e do oeste do Paraná, onde ocorreram processos de desapropriação camponesa, que os forçaram a migrar para diferentes espaços do país e para além da fronteira com o Paraguai e, que devido a processos atuais que este país tem experimentado, muitos têm retornado ao Brasil.

Mediante estas exposições sobre a trajetória destes imigrantes e a partir do que Siqueira (2009) nos desvela, entendemos que esses sujeitos se caracterizam como transmigrantes, isto é, indivíduos que acumulam histórias de imigrações. Quanto à imigração de retorno, consideramos que este processo migratório internacional esteja relacionado a uma perspectiva sistêmica a partir da construção de redes sociais. Entendemos que aqueles brasileiros que migraram para o Paraguai na primeira metade do século XX, ao realizarem a emigração para aquele país, deixaram em seus lugares de origem e em outros lugares, suas lembranças, histórias de vida, amigos e familiares. Unido a isso, os migrantes levaram consigo suas origens identitárias.

²⁶ Segundo, Ferrari (2007; 2009), Fabrini (2012a; 2012b; 2014) e Moraes e Vieira (2015) os brasiguaios são reconhecidos como pequenos e médios produtores agrícolas, sobre produção agrícola familiar para a subsistência, ou como trabalhadores da terra.

Em Sayad (1998) o autor expõe sobre a presença de argelianos na França, onde sofrem inúmeras ações de discriminação, exclusão, adaptação, dificuldades financeiras e, mesmo não desejando, acabam servindo de exemplo para aqueles que ficaram no lugar de origem a imitarem na decisão de emigrar.

Botega *et al* (2015), em suas pesquisas, consideraram a imigração de retorno como uma tomada de atitude integrante ao processo migratório, ou seja, o retorno faz parte desde o início do momento de saída e, quem em ambos os momentos, seja na emigração ou na imigração de retorno há um conjunto de fatores que justificam as decisões. Para estes autores, o retorno deve ser compreendido dentro suas especificidades e complexidades, mas que de maneira geral, pode ser explicado como um fluxo de migrantes que regressam à sua sociedade de origem ou de trânsito, isto é, um lugar que ficará por um período até encontrarem onde realmente irão fixar-se.

É importante destacarmos que mediante a complexidade dos imigrantes brasiguaios que retornam, é difícil inseri-los em uma única teoria migratória, pois estes estão envolvidos em vários processos e elementos sociais.

Nos aprofundamentos realizados por Durand (2006) sobre o movimento migratório internacional, ressaltam-se críticas ao debate teórico mundial que, segundo o autor, há mais de um século o fenômeno do retorno tem sido pouco considerado. Deste modo, no esforço de analisar as teorias migratórias, Durand propõe que:

A decisão de regresso, para retornar à terra, é uma resolução semelhante à que ocorre no momento do jogo. Pode-se dizer que o processo migratório reinicia em sentido inverso e, portanto, mais uma vez entra em uma fase de tomada de decisão. Além disso, o fenômeno de retorno está relacionado com o que acontece com os migrantes durante a sua estadia e as mudanças que ocorrem no contexto internacional dos países de origem e de destino. Daí algumas das explicações que foram dadas para esclarecer as causas e permanência de fluxo também pode explicar, em sentido inverso, por que alguns migrantes tornam determinantes regressar. No entanto, você não pode fazer uma transposição mecânica das teorias sem sentido inverso, o retorno tem características específicas que exigem repensar teoricamente o fenômeno (DURAND, 2006, p. 168).

Para este autor, refletir o retorno no movimento corolário exige repensar o fenômeno através das perspectivas migratórias internacionais, buscando investigar todos os elementos que envolvem o processo migratório, ou seja, analisar as expectativas tomadas por aqueles que se decidiram emigrar, bem como, as condições e a realidade destes sujeitos no período que permaneceram na sociedade de destino e, ainda, as justificativas que os fazem decidir em retornarem às suas origens.

Sayad (1998; 2000) considera que o retorno faz parte do processo de emigração. Para este autor, na decisão de todo emigrante está o desejo de um dia retornar a seu lugar de origem:

O retorno é naturalmente o desejo e o sonho de todos os imigrantes, é como recuperar a visão, a luz que falta ao cego, mas, como cego, eles sabem que esta é uma operação impossível. Só lhe resta, então, refugiarem-se numa intranquila nostalgia ou saudade da terra (SAYAD, 2000, p. 11).

Ou seja, muitos dos que emigram, não conseguem retornar e, então, resta-lhes viver o exílio no que sempre lhe será estranho, onde o refúgio são as próprias lembranças e saudades de sua terra natal. Para Sayad (1998; 2000) aqueles que emigraram para outro lugar, desafiaram-se em enfrentar uma realidade totalmente diferente de sua sociedade de origem e, na maioria das vezes, a hostilidade, o preconceito, o abandono, as dificuldades sociais que estes enfrentam alimenta o desejo de refugiarem-se nas lembranças nostálgicas de sua sociedade de origem. O maior desejo de todo imigrante é o retorno às suas origens e, este anseio de retornar é constante, mas as dificuldades de assim fazê-lo os mantêm unidos em comunidades, onde os laços de solidariedade criam redes antagônicas de sofrimento e esperança.

Na concepção neoclássica, Cassarino (2004; 2013) afirma que o movimento de migração de retorno sempre está associado a uma experiência de fracasso em relação aos seus propósitos almejados na sociedade de destino, principalmente, os aspectos econômicos. Há aqueles imigrantes que permanecem nos países que os acolheram e, diferente dos que retornam, estes referem permanecer por terem obtido triunfos, portanto, o retornado é sinônimo de fracasso. O retornado não utiliza as habilidades e conhecimentos específicos adquiridos no exterior, pois não são refletam as necessidades e técnicas de trabalho do lugar de origem.

Nesta mesma reflexão, Botega *et al* (2005) observam que na concepção neoclássica o retorno da sociedade de destino, está associado aos resultados maus sucedidos, ou que os planos almejados não foram alcançados. Uma das críticas lançadas por estes autores à esta teoria "[...] é que ela desconsidera um fator importante na tomada

*de decisão de retornar*²⁷: o acúmulo de informação e a situação atual do migrante, que é muito diferente da inicial" (BOTEGA *et al*, 2005, p. 5).

Durand (2006) também assegura que a teoria neoclássica considera uma pequena dimensão da percepção, sem aprofundar em outras questões essenciais para se compreender o retorno. Durand aponta que para a teoria neoclássica o migrante decide retornar a partir de uma tomada de decisão racional, refletindo apenas os custos e benefícios materiais da sua permanência no lugar onde estão. Para ele esta é a mesma percepção que o migrante realizou em decidir emigrar, em cujo momento, acreditou-se que o lugar de destino lhe traria bons êxitos, portanto, equivocada, pois quando este decide em retornar considera outras variantes importantes, como suas experiências pessoais neste lugar que lhe é estranho e diferente.

Ao argumentar sobre as experiências pessoais, Durand (2006) e Botega *et al* (2005) nos fazem perceber que a teoria clássica não leva em conta o custo psicológico dos imigrantes na sociedade de destino. A este respeito, vemos em Sayad (1998; 2000) que os imigrantes estão expostos a fortes desgastes psicológicos ao se depararem com o estranhamento, a violência, o preconceito, a indiferença, as dificuldades de convívio social com os autóctones do lugar, o sentimento da ausência das relações de confiança, o sentimento de nostalgia pelo seu lugar de origem²⁸.

Sobre este aspecto das experiências pessoais daqueles que se desafiam em estar em um lugar que não é o seu de origem, Goettert (2008), ao analisar a migração dos gaúchos para Mato Grosso, também destaca que o sofrimento faz parte do processo de migração daqueles que enfrentam o desafio de viver em um espaço diferente do seu.

Segundo este autor:

Se a decisão de partir do lugar onde se encontravam as principais referências da vida foi difícil, uma decisão para o retorno tende a ser ainda mais dolorosa. Não pelas relações que terão de ser rompidas no lugar onde se está, mas porque a reconstrução das relações no lugar novo/velho se fazem com a carga do passado - das relações do passado - e com o peso da migração que se mostrou incapaz para a permanência no lugar escolhido (GOETTERT, 2008, p. 136137).

Em outro momento, este mesmo autor nos incita a pensar a decisão do retorno a partir das expectativas e experiências dos sujeitos. Para ele portam múltiplas dimensões

²⁷ Grifo nosso. Entre as críticas realizadas por Botega *et al* (2005) a esta teoria é que ela negligencia aspectos da decisão do próprio migrante, ou seja, as informações e a situação do momento e que este decide retornar, não são as mesmas do momento em que emigraram, portanto, não podem ser consideradas de maneira igual como esta teoria realiza.

²⁸ Através de Elias (2000), Hall (2006; 2011), Cunha (2007) vemos que muitas destas experiências se resultam de processos identitários conflitantes.

sobrepostas, isto é, o tempo e o espaço, histórias vividas, experiências adquiridas, emoções experimentadas, lugares vivenciados são inerentes ao processo migratório. O tempo e o espaço são produções e experiências humanas, segundo Goetttert (2009):

A migração não se processa entre o momento da partida e o momento de chegada: a migração abarca um conjunto de experiências e de relações (também do trabalho e do capital, sem dúvida) que, mais que se perderem no caminho, acumulam-se, alojam-se e participam incessantemente das subjetividade migrantes, na qual a metáfora de "olhar sem rumo" é preciosa: nem para o passado, nem para o presente e nem para o futuro, nem para o lugar deixado e nem para o lugar chegado: o embaralhamento dos tempos e dos espaços, no extremo, parecem levar, mesmo que escondida e camufladamente, a estados que se aproximariam, em sentido conotativo, à esquizofrenia, paranóia e loucura (GOETTERT, 2009, p. 60).

A partir destas inserções vemos que não podemos compreender o movimento migratório, o sujeito e decisão de migrar como um ato simples, no qual o retorno é percebido apenas pelo fracasso de suas expectativas e frustrações, portanto, acreditamos que teoria clássica não é suficiente para reconhecermos o processo de retorno daqueles que usam como fator de decisão, não apenas uma análise compensatória material, mas também, psicossocial.

Já a respeito da teoria da nova economia da migração, Cassarino (2004; 2013) entende que o apego a família, aos amigos e ao seu lugar de origem são fatores determinantes para a decisão do retorno, cuja determinação já era parte de projeto planejado de emigração, à vista disso, o retorno é compreendido como uma decisão racional premeditada destes sujeitos.

Para Botega *et al* (2015), o processo emigratório se limita a racionalidade a um projeto elaborado para se alcançar resultados compensatórios materiais-econômicos seguidos do retorno ao lugar de origem, então, o retorno é planejado desde o início, porém, somente cogitado com o propósito atingido.

Estes autores mostram que, nesta teoria, a migração é planejada, não apenas pelo emigrante, mas também por toda sua família que conta com sua ajuda financeira e o aguarda com a expectativa do sucesso garantido, tanto no aspecto econômico do que este conquistou, mas também do possível aprimoramento profissional e habilidades que possa ter alcançado na sociedade de destino.

Nas críticas lançadas por estes autores a esta teoria, vemos que ela não se preocupa em refletir os aspectos sociais, econômicos e políticos do país de origem, nem nos fatores sociais que estes imigrantes possam experimentar no país que os acolhem.

Destarte, esta concepção teórica não é suficiente para observarmos o retorno dos nossos sujeitos investigados, pois o retorno não é somente pelo aspecto isolado do sucesso encontrado e nem no projeto da unidade familiar para estes, isto porque, os imigrantes brasiguaios em retorno são, na grande maioria, toda família.

Cassarino (2004; 2013) também nos apresenta o viés estruturalista, no qual o retorno é concebido também pelo apego aos familiares, amigos e a um sentimento de nostalgia ao lugar de origem, porém, aqui, a decisão não depende de ter alcançado sucesso e, seu retorno não é acompanhado de nenhuma transformação social. Quanto às habilidades adquiridas no país em que estes estavam, também não são aproveitadas devido as características estruturais de trabalho no país de origem serem diferentes.

Botega *et al* (2015) nos mostra, que, nesta concepção, a decisão de retornar é reduzida à individualidade experimentada de cada migrante. Nesta perspectiva, a estadia do migrante no país que o hospedou é marcada pelo seu isolamento social, até mesmo, sem receber informações com seu país de origem. As dificuldades encontradas não lhe permitem condições de realizar transferência material/financeira ao país de origem e, por isso, as expectativas de ascendência social ou de efeitos multiplicadores não são correspondidas atingidas.

Observando tais afirmativas, concluímos que esta teoria também não se enquadra ao nosso objeto de estudos, pois o retorno dos imigrantes brasiguaios não apresenta uma homogeneidade nos aspectos financeiros que estes possam ter alcançado. Se existe uma parcela que retornam desprovidos de qualquer garantia financeira, há uma margem considerável que contradiz a esta realidade.

Ainda na compreensão de Cassarino (2004; 2013), a teoria da transnacionalidade nos faz perceber que o migrante possui um comportamento dinâmico em relação ao próprio processo de migração e de fixação. Para ele, nem sempre o retorno é definido e permanente, isto é, estes sujeitos permanecem constantemente migrando entre o lugar de origem e o lugar de destino. Isso ocorre devido à percepção que o migrante possui a respeito das possibilidades que lhes podem ser favoráveis, isto é, o movimento é mantido pela busca de recursos financeiros. Uma vez retornado, quando este não encontra esta garantia em seu país de origem, decide novamente migrar para o país que o hospedou.

Para este autor, nesta perspectiva este grupo específico de migrantes possuem estratégias específicas que determinam sua migração, no entanto, sempre mantendo o

vínculo com os seus que permaneceram no lugar de origem é o motivo que o faz sempre retornar.

Botega *et al* (2015) não apresentam o retorno como algo definido e unilateral, nem como movimento inverso da emigração. Nesta vertente, o retorno é compreendido por um processo multidimensional, que se justifica pelas diferentes escalas entre a sociedade de origem com a sociedade de destino, formando, assim, uma dicotomia binária entre estas escalas.

A imigração e o retorno são observados em uma trajetória sistêmica, com múltiplas relações transnacionais, sejam elas de ordem econômica, social ou cultural. Há, portanto, uma dinâmica presente na circulação e nas relações destes sujeitos. Nesta complexidade, o imigrante é compreendido mediante a sua capacidade de formar "[...] redes, atividades, estilos de vida e ideologias [...]" (BOTEGA *et al*, 2015, p. 7).

Tais inserções nos permitem dizer que esta teoria não se enquadra aos brasiguaios, pois compreende o retorno como uma diáspora e como um plano de ascendência socioeconômica semelhante a todos.

Ao se dirigir a teoria das redes sociais, Cassarino (2004; 2013) explica que o movimento migratório estabelece conexões entre os diferentes sujeitos envolvidos no processo migratório: os que migram, os familiares e amigos no país de origem e os amigos e contatos no lugar de destino²⁹.

Na teoria transfronteiriça a migração só ocorre mediante ao caráter financeiro, enquanto na teoria de redes sociais há a ideia de existência de uma rede social mais ampla, formada e mantida pelas relações sociais, econômicas, culturais e de apoio aos migrantes, na qual o migrante reúne constantemente informações adquiridas em ambos os lugares, que lhes serve para decidir retornar e, assim, nem sempre são aspectos financeiros.

Ainda neste autor, as oportunidades sociais, econômicas se completam com as conexões que este sujeito estabelece com os seus entes e amigos no lugar de origem e, na maioria das vezes, este aproveita todas as experiências, habilidades, conhecimentos,

²⁹ É o que entendemos a respeito dos brasileiros que emigraram para o Paraguai, deixando familiares e amigos no país de origem. O mesmo volta a ocorrer quando estes (agora, brasiguaios) retornam para o BJSF, porém mantendo relações sociais com os seus familiares e amigos que permanecem residindo no Paraguai, formando assim, redes sociais entre eles.

competências adquiridas na sociedade de destino e, assim, em muitos casos os auxiliam a ter um retorno bem-sucedido.

Botega *et al* (2015) defende que nesta perspectiva os que retornam são compreendidos como atores sociais e seus proventos econômicos alcançados no lugar de destino, lhes servem como garantia de seu retorno, mas também, como possibilidade de empreendimentos que beneficiam todos os familiares.

Sayad (1998; 2000) mostra que os que emigram deixam para trás familiares e amigos. Ao mesmo tempo, estes só se desafiaram em emigrar porque acreditavam que a presença de conterrâneos na sociedade de destino os ajudaria no acolhimento e em outras garantias. Neste sentido, os imigrantes tornam-se referências para a saída de outros emigrantes e, mais uma vez, isto continuará ocorrendo pelo laço que os prendem em uma rede social.

Da mesma forma que Sayad, Fazito (2005; 2008; 2010) nos mostra que o retorno e as redes sociais são atrelados ao fenômeno migratório. Para estes autores as redes sociais são formadas pela conexão de pessoas e diferentes lugares são os elos responsáveis para a fluidez dos sistemas migratórios. Tanto para Sayad (1998; 2000), quanto para Fazito (2005; 2008; 2010) as redes sociais formam uma estrutura condicionante permanente da emigração-imigração e de retorno. Na verdade, o retorno nem sempre ocorre para seu lugar de origem. Muitas vezes os imigrantes optam em retornarem para lugares onde tenham pessoas de confiança que lhes servirão de acolhimento, amparo, apoio, referência e auxílio para adaptar-se e uma nova etapa do processo migratório e, assim, não necessariamente seja seu lugar de origem.

As redes sociais, portanto, são formadas por aqueles que já emigraram e na sociedade de destino, servem como apoio aos novos fluxos de emigração. Os imigrantes, mesmo sem querer, em uma ambiguidade de sentimentos, atraem outros para sua sina. Ao mesmo tempo, elas servem como referência de uma opção para aqueles que decidem retornar.

Na concepção de Botega *et al* (2005), a rede social que estes migrantes constroem formam estruturas com diferentes sujeitos e lugares, cujas relações lhes permitem manter um constante movimento de emigrar e retornar. Logo, estas redes sociais permitem que os imigrantes sejam atores sociais em ambos os lugares, envolvendo-se em diversas relações que lhes favorecem em orientações, suportes, apoios, oportunidades, estratégias, gerenciamentos e, assim, o fortalecimento e expansão de novos fluxos migratórios com outros que decidem migrar entre a sociedade de origem para a sociedade de destino e vice-versa.

2.2.1. Tipologias da imigração de retorno

A fim de compreendermos o tipo de retorno em que os brasiguaios estão inseridos, faremos neste momento uma sucinta exposição sobre este tema. De maneira geral, esta classificação é definida a partir da circunstância e motivação que envolve a decisão do migrante regressar ao seu país de origem.

Em Cassarino (2004; 2013) o retorno está relacionado ao propósito que o fez emigrar, nas intenções daquilo que planejou alcançar e o que realmente conseguiu atingir, fazer como forma de segurança e disposição ou não para mobilizar transformações de suas expectativas. Esse autor apresenta as tipologias para explicar o retorno e de migrante retornado, enquanto Durand (2006) o faz em seis classificações e, baseando-se na realidade brasileira e Siqueira (2009) apresenta através de cinco categorias. Em todas estas classificações, o princípio da formulação destas categorias foi o mesmo, ou seja, levaram-se em consideração as circunstâncias, disposições e mobilizações de capital social que determinaram o tipo de retorno e de migrante.

Começamos por Cassarino (2004; 2013), cujo autor realiza a classificação de três categorias, que se diferenciam pela organização e mobilização de recursos que os migrantes adquiriram no exterior, ou seja, o *preparedness*: 1. Retornados com alto nível de preparo; 2. Retornados com baixo nível de preparo; 3. Sem nível de preparo.

Cassarino (2013) procura descrever o perfil dos retornados nestas três categorias citadas acima, analisando os tipos de retornados e as condições de pré-retorno. Além disso, o mesmo procura entender a respeito das condições de pós-retorno. Sendo que nas condições de pré-retorno, foram considerados o status, as motivações, a mobilização de recursos e o tempo de permanência, já nas condições de pós-retorno, levam-se em conta o processo de reintegração e a mobilização de recursos. Nas condições de pós-retorno, observou-se o processo de reintegração e a mobilização de recursos.

No primeiro grupo, intitulado como os retornados com alto nível de *preparedness*, Cassarino (2013) os considerou em: tipos de retornados, como sendo os trabalhadores migrantes, refugiados, migrantes altamente qualificados, estudantes e solicitantes de asilo.

Nas condições de pré-retorno, procurou identificar as justificativas dos *status* destes migrantes, no qual verificou-se aqueles que conseguiram obter status de residente

e aqueles que puderam possuir imóveis no país de destino. Já nas motivações, diferenciou os migrantes em aqueles que conseguiram os objetivos atingidos através da migração; aqueles que alcançaram mudanças positivas no mercado de trabalho e na administração familiar; aqueles que conseguiram melhorias e novas oportunidades econômicas e políticas para toda família; aqueles que foram induzidos pelo país de origem a retornarem através de incentivos.

Na mobilização de recursos, podem-se reconhecer algumas motivações, como garantia de economias que facilitaram a querer migrar, grupos de amigos solidários, contatos de apoio, conhecimentos e habilidades específicas que ajudaram a empregar e a posse de formação superior.

No tempo de permanência, notou-se um intervalo de tempo entre quatro a quinze anos. Quanto às condições de pós-retorno, o autor verificou no processo de reintegração aqueles que redescobriram as reais características do país de origem, onde procuram adaptar-se nos processos de negociação e distinção da reconstrução da identidade. Na mobilização dos recursos, pode-se distinguir aqueles que usaram seus recursos para investimentos no lugar de origem, antes mesmo de retornarem e aqueles que usam as redes transfronteiriças para disponibilizar adicionais recursos e informações.

No segundo grupo, definido como baixo nível de *preparedness*, nos tipos de retornados, Cassarino (2013) os percebe como sendo também os trabalhadores migrantes, refugiados de curto prazo de permanência, migrantes altamente qualificados e estudantes.

Nas condições de pré-retorno, o autor constatou nenhum tipo de *status* para estes migrantes, ou seja, nenhum conseguiu obter status de residente e imóvel no país de destino. Já nas motivações, fatos e imprevistos no ambiente familiar ou no lugar de origem, os obrigaram a mudar de planos, interrompendo a sua permanência no exterior, além disso, notou-se também que nenhum dos objetivos planejados na emigração foram alcançados, por isso, todos denotam sentimentos de frustrações e decepções.

Na mobilização de recursos, apurou-se que os migrantes tiveram poucas conquistas de economias. No tempo de permanência, notou-se um intervalo de tempo menor, entre seis meses a três anos. Quanto às condições de pós-retorno, Cassarino (2013) averiguou que no processo de reintegração a condição de frustração e de decepção que estes migrantes possuem é recompensando com maior apoio moral, financeiro dos familiares para seu retorno e para seu restabelecimento no lugar de origem. Na mobilização dos recursos, observa-se que o pouco recurso financeiro alcançado é disposto como forma de sua reintegração no lugar de origem.

No terceiro grupo, balizado como sem *preparedness*, nos tipos de retornados, Cassarino (2013) identificou apenas dois grupos, aqueles que solicitam asilo e são rejeitados e os migrantes irregulares. Nas condições de pré-retorno, o autor também constatou que nenhum destes conseguiram assegurar nenhum tipo de status. Nas motivações, são fatores mais sérios, como deportação, expulsão, rejeição da continuidade do visto de permanência no lugar de destino. Já na mobilização de recursos, detectou-se inexistência de qualquer recurso. Sobre o tempo de permanência, o período médio é seis meses, raramente ultrapassa este marco. Quanto às condições de pós-retorno, o processo de reintegração as difíceis condições da realidade do lugar de origem os obrigam a planejar a uma nova tentativa de emigração. Sobre a mobilização dos recursos, constata a inexistência de nenhum recurso.

Durand (2006) realiza seis classificações, nas quais procurou verificá-las como um processo social e com dados etnográficos: 1. O retorno voluntário do migrante estabelecido; 2. O retorno do migrante temporal; 3. O retorno transgeracional; 4. O retorno forçado; 5. O retorno do fracassado; 6. O retorno programado.

Na primeira classificação Durand (2006) afirma que o retorno voluntário do migrante estabelecido, retrata aquele migrante que emigrou em busca de trabalho e melhores oportunidades socioeconômicas para seu retorno e tendo vivido várias décadas no estrangeiro, conseguiu regularizar sua documentação com dupla nacionalidade. Este migrante só retorna mediante a sua própria vontade, um ato voluntário e em uma atitude amadurecida, ou seja, planejada. Em todos os casos o retorno é motivado, principalmente, por razões afetivas e econômicas.

Para este autor, o retornado não é o mesmo que emigrou, isto porque, ele regressa com novas referências de atitudes, de mudanças e de restabelecimentos. Muitos destes retornados conseguiram obter direitos sociais no país onde estavam, possuem maiores reservas econômicas e decidem retornar em momentos em que há melhores oportunidades econômicas no país de origem. Na concepção de Durand (2006), os exilados e refugiados políticos também se enquadram neste grupo, pois no exílio conseguem se restabelecer economicamente e decidem retornar quando o lugar de origem consegue redemocratizar e de terem seu retorno garantido.

No segundo grupo, o retorno do migrante temporal, Durant (2006) associa aos trabalhadores temporais, que a migração foi efetivada mediante a uma periodicidade

controlada a partir da fonte empregatícia e, que ao findar suas atividades, devem retornar aos seus lugares de origem. Para ele, este grupo específico de migrantes é estimulado por interesses econômicos com apoio políticos dos países envolvidos e, que em alguns raros casos, alguns destes migrantes de temporais, passam a ser permanentes. Este processo é determinado principalmente por mudanças nas legislações que permitem o seu prolongamento de estadia e até de permanência, conseguindo adquirir status de residência e outros bens. No entanto, sempre objetivam retornar que, passa a ser, então, uma opção de interesse pessoal, que se justifica pelas relações afetivas familiares nos países de origem.

Na terceira categoria, Durand (2006), o retorno transgeracional se aplica a um fenômeno migratório que se estende há várias gerações da mesma família, ou seja, um movimento migratório que permanece presente nas famílias, correspondendo aos laços sanguíneos, culturais como forma de garantia de direito do retorno e da naturalização destes sujeitos é previsto até a terceira geração de seus antepassados, com demandas sociais previstas e garantidas a estes sujeitos. Outro grupo que se enquadra neste caso são os afrodescendentes de escravos, que migram dos países americanos, onde foram escravizados e sofreram discriminação e racismo, para os países de origem de seus antepassados.

Quanto ao quarto grupo, retorno forçado, se enquadra aquele processo migratório, no qual os sujeitos se encontram em razões forçados a retornar a seu lugar de origem. Entre as justificativas deste retorno, podem estar motivações econômicas, políticas e raciais. Estão inclusos neste grupo, os emigrantes e refugiados, que em acordos bilaterais, são deportados sem nenhum direito por ambos os países envolvidos. Muitos países de destino de emigrantes têm endurecido suas leis antimigratórias, construídos políticas mais restritas a presença de imigrantes e fortalecido suas barreiras entre países fronteiriços.

A quinta classificação de Durand (2006), definida como retorno do fracassado, se aplica aqueles casos em que os migrantes se veem forçados a retornar a seus lugares de origem por não terem alcançado seus projetos iniciais no momento da emigração, ou seja, aqueles que não conseguiram realizar suas expectativas. Durand ressalta que muitos migrantes acabam enfrentando situações inesperadas, como o desemprego, as dificuldades econômicas, as dificuldades de adaptação são situações de experiências negativas para permanecer no país que lhe são estranhos. No entanto, o fator mais decisivo para a decisão de retornarem para o lugar de origem, está relacionado a situações de preconceito e discriminação sofridas.

Na última categoria de Durand (2006), o retorno programado, considera aquele movimento programado, de caráter oficial adotado pela ação política de um Estado.

Para completar as tipologias de retorno, vemos no trabalho de Siqueira (2009) a imigração de retorno dos brasileiros que viviam nos Estados Unidos. A autora mostra os sonhos, encantamentos e o fascínio destes sujeitos pelo "sonho americano" e pelo desejo de buscarem "melhores" oportunidades de vida e renda. Siqueira revela, ao mesmo tempo, as conquistas de alguns e os dramas e as frustrações de outros que decidem retornarem para o Brasil e, a partir disso, reflete a tipologia destes imigrantes retornados em cinco grupos, que neste momento, trazemos: 1. Retorno temporário; 2. Retorno continuado; 3. O transmigrante; 4. Os retornados da crise.

Ao descrever o retorno temporário, refere-se àqueles que emigraram para uma sociedade de destino, adaptaram-se ao país, conseguiram obter algum tipo de segurança e, por isso, o definem como seu lugar de moradia. Seu retorno ao país de origem se dá apenas em ocasiões esporádicas, sem durar muito tempo e regressando ao país que agora vivem.

Já no retorno continuado, Siqueira (2009) apresenta aqueles sujeitos que retornaram do lugar de destino, mas, uma vez em seu país de origem, não conseguem reinserir na sociedade. Suas expectativas de trabalho e de possibilidades no lugar de origem são frustradas e, como encontram dificuldades de readaptarem-se, decidem em reemigrar para o exterior.

Quanto ao transmigrante, ou imigrantes em trânsito, Siqueira (2009) se trata de sujeitos que muitas vezes possuem a dupla cidadania, facilitando seu constante movimento migratório entre a sociedade de origem e a sociedade de destino. Conseguem meios de se estabelecerem em ambos os lugares, podendo, assim, fazer um processo migratório contínuo entre o lugar de origem e o lugar de destino. Este movimento migratório contínuo é possível, graças à sua reinserção, readaptação e ao sucesso que consegue atingir, seja na sociedade destino, como na sociedade de origem. Estes migrantes são atores sociais em ambos os países.

Na última classificação, Siqueira (2009) procura refletir sobre os retornados da crise. A partir da contextualização da crise econômica em meados de 2007, conforme a autora, muitos imigrantes, que viviam nos países de economia central, como os Estados Unidos, observando as dificuldades e a inviabilidade que estes países passam a oferecer,

enfrentando experiências negativas de perdas materiais, de sentimentos de frustrações, de desilusões, decidem retornarem para a sociedade de origem onde possuem um sentimento de segurança através das relações familiares e de amigos. A autora observa, que nem sempre este retorno é permanente, pois muitos não encontram a mesma realidade que deixou quando emigrou e a falta de oportunidades para trabalharem lhes convence a reemigrar.

Botega *et al.* (2015) apresenta todas as perspectivas que aqui debatemos, mas seu maior objetivo é de mostrar que o desafio atual no contexto das migrações é superar a concepção reducionista economicista e instrumentalista, pois há que se considerarem outros aspectos que promovem os movimentos populacionais. Para estes autores, diante da globalização:

[...] as relações entre a origem e destino se tornam mais próximas e, cada vez mais, estabelecem-se relações transnacionais, nas quais os migrantes mantêm-se conectados aos locais de origem e de destino. É necessário perceber o retorno dentro desse dinamismo e considerar a circularidade na migração e as possibilidades de re-migração para outros locais (BOTEGA *et al.*, 2015, p. 38).

Botega *et al.* (2015) nos mostra que o processo migratório deve ser investigado por outras forças operantes, que repercutem e motivam a migração em todo seu processo, seja na emigração, na imigração e no retorno destes sujeitos.

Para eles, não só a estrutura econômica e política são fatores condicionantes àqueles que decidem atravessar as fronteiras entre os países, mas, também, devem se perceber os fatores psicossociais e culturais de ambos os lugares, seja do lugar de origem e o lugar de destino. Estes fatores são fundamentais para se entender não só a migração e os lugares que são afetados por ela, mas também o migrante que retorna, pois, todos estes elementos passam a constituir dimensões da sua personalidade.

2.3. Mas afinal de contas, o que é ser um imigrante?

Para compreendermos o sujeito brasileiro até aqui, apresentamos de forma mais teórica os conceitos de imigração e imigração de retorno. Contudo, também se faz necessário refletir outro elemento que constitui o processo da migração, isto é, o próprio migrante.

A partir do que temos debatido, somos levados a refletir a respeito do objeto principal deste trabalho que o imigrante que retorna para o país que um dia já foi de seus antepassados.

Ao analisarmos a obra de Sayad (1998), interagimos em histórias de vidas trazidas pelo autor. São biografias de imigrantes argelianos que vivem na França, país que dominou a Argélia no passado e, que entre tantas coisas, mas negativas do que positivas, deixou suas cicatrizes de estagnação econômica, problemas políticos e, por consequência, graves problemas sociais a esse país. Os elementos culturais impostos como instrumento de dominação francês aos argelianos, se sincretizaram a variação cultural já existente entre tantos povos da Argélia. Mas o idioma francês é o principal elo que une países tão antagônicos ambiental, política, econômica, cultural e socialmente.

Nestas biografias relatadas por Sayad (1998), observamos o esforço de trazer em reflexão aquilo que os dados de ambos os países omitem, não possuem, ou até forjam. São histórias de vidas reveladoras que nos seduzidos pela riqueza dos elementos relacionados à História e a Geografia desses países, mas principalmente, informações sobre o processo migratório, o imigrante argeliano e o significado do retorno.

Sayad (1998) atinge seu objetivo, eternizando falas de familiares que permaneceram na Argélia e de imigrantes argelianos presentes na França em busca de utopias como trabalho, melhor oportunidade de renda, melhores condições de vida para os seus familiares e o faz com extrema sensibilidade, acompanhada de detalhes e de criatividade denunciadora, que prende o leitor ao contexto do imigrante. Sayad (1998) nos consegue envolver com fascínio ao universo que compõe o imigrante.

Nas suas exposições percebemos que, como no caso dos argelianos, a maioria dos imigrantes vivem as múltiplas dimensões do tempo, escala e, sobretudo, de sentimentos. Sayad (1998) nos apresenta o imigrante como um personagem em busca de trabalho e que vê na sua força e disposição a única certeza de fazer feliz quem ama: a família. É pelo amor da família que o imigrante vive em sobreposição de dimensões, do tempo e da escala.

O imigrante é, então, aquele sujeito nostálgico, que alimenta suas referências dramáticas pela essência de seu âmagô, ou seja, mesmo vivendo em outro lugar, faz de si um portador de miscelâneas. Em outras palavras, o imigrante mescla seu mundo real, o espaço vivido, a escala e o tempo presente, com os pensamentos e lembranças que se remetem a outra dimensão do tempo e do espaço, o próprio passado, alimentando o sentimento na sua terra de origem, na saudade dos amigos e da família, no desejo do sabor dos alimentos de sua terra, das músicas, das festas.

Na verdade, então, o sujeito imigrante não é separado de seu corolário, isto é, o ser emigrante. Sayad (1998) ao tratar das experiências daqueles que já estão a mais tempo na sociedade de destino, com os recém-chegados, é o cuidado do acolhimento, de solidariedade, mas ao mesmo tempo, de reprovação por não desejarem aquilo que eles enfrentarão, isto é, a rejeição.

Designados a funções subalternas e desqualificadas, são reconhecidos pela sociedade receptora à sua função social, como por exemplo, por aquele que apenas varre o lixo, portanto, "lixo". Portanto, há uma condição subjetiva e simbólica na imagem do imigrante, mesmo que este se esforce em camuflar para si mesmo, ou, então, de omiti-la para os seus.

O lugar onde moram e a categoria de trabalho que ocupam lhe conferem seu status social e, assim, são compreendidos, definidos e tolerados. Se sua ocupação pode ser substituída e por ora aceita e por ora descartável e rejeitado. Então, conforme este autor, na figura da linguagem e na simbologia do poder, o imigrante é compreendido por uma visão daquele que o domina. Essa simbologia se traduz no real, através da sua representação e materialização social. Ou seja, ele é apenas um trabalhador que mora e vive naquele lugar (SAYAD, 1998, p. 107).

Por isso, quando chegam outras levadas de imigrantes conterrâneos, os já presentes na sociedade de destino, aqueles que já estão a mais tempo no lugar dos recém-chegados, lhes recebem com dualidades de sentimentos e de comportamentos, ou seja, acolhem, mas os reprovam. Já quando se comunicam com os seus na sociedade de origem, ou quando podem realizar uma viagem para visitar seus familiares, sufocam e omitem as histórias de preconceito, de rejeição de humilhação para transpirar amor aos seus. É neste único momento em que podem fazer aquilo que eles próprios renunciam por privarem-se, como cortar o cabelo, comprar uma roupa nova, perfume e levar presentes àqueles que os esperam com histórias de orgulho e vitórias. Sem perceber forjam realidades para esconder a dor e, assim, estimulam outros a seguirem o mesmo caminho da emigração.

Além de Sayad, também podemos alcançar em outros autores, histórias de vidas daqueles imigrantes que acumulam experiências ao serem reconhecidos como sendo estranhos, diferentes e de serem tratados com indiferenças, desprezo, humilhação, rejeitados, muitas vezes em guetos, ou em lugares onde a dor, o sofrimento, a pobreza, a violência, a poluição, a morte e o abandono são aspectos da realidade.

Wacquant (2004) traz reflexões de vários casos no mundo de conflitos de identidade pela manipulação da memória por atores diferentes, ou de grupos identitários que utilizavam a memória para resistir à dominação, como os indígenas nos Estados

Unidos. Zen (2014) a abordar a presença conflitante dos lituanos na Argentina. Hahn (2011) faz o mesmo ao trazer à reflexão as experiências dos judeus em Portugal. Cunha (2007) revela os conflitos identitários que grupos minoritários de estrangeiros sofrem nos Estados Unidos, onde suas memórias e identidades culturais são negadas e inferiorizadas, como os casos das comunidades judaicas, latinos americanos e outras minorias.

Stevens (2007) mostra como que os problemas de alteridades podem prejudicar os imigrantes a assimilar uma nova cultura. Hasse (2007) entende que nas comunidades de imigrantes, ao sofrerem preconceitos, esses indivíduos procuram mecanismos de solidariedade entre os mesmos para se fortalecerem, realizando grupos de tradições e de demonstrações culturalistas de seus lugares de origem. Meneses (2007) se concentra nos focos de conflitos, mostrando as tensões, repressões, perseguições, intolerâncias que os imigrantes enfrentam na Irlanda.

O que percebemos então que emigrante/imigrante são os personagens, sujeitos e testemunhas do processo migratório. Na verdade, o que temos de fato através destas inserções é a evidência de há apenas um elemento que os define: o desejo de retornar.

Destarte, compreendemos que a imigração não deve ser entendida, apenas pelo deslocamento de pessoas pela dimensão política e econômica, pois, como se trata de sujeitos ativos e não apenas passivos, como Santos (2000) nos remete, a imigração é realizada, também, e não menos importante, pela dimensão sociocultural, na qual os sujeitos estão envolvidos a um novo território, novas experiências, a uma nova cultura, novas trocas simbólicas socioculturais, novas tramas sociais e, portanto, um processo de reconstrução da identidade.

Condizente com essas reflexões que aqui fizemos, pensamos nas implicações que esses sujeitos estarão expostos ao encontrar uma realidade diferente da que deixou quando emigrou. Pensamos nas implicações que o retorno vai gerar na sua busca do "aconchego", a territorialidade entendida no desejo que o imigrante deseja apropriar-se, depois de experiências difíceis em um país que não é o seu, onde resistir era a condição para viver na nostalgia. Mesmo diante da dificuldade em ser aceito em um país que não o reconhece como seu, este assimilou suas experiências vividas e, agora, retornando traz consigo novos elementos simbólicos socioculturais.

É neste sentido que buscaremos refletir no próximo capítulo os processos e implicações que os imigrantes estão sujeitos em sua territorialização e na reconstrução da

sua identidade. Em seguida analisaremos o porquê de o brasileiro camponês emigrar para o Paraguai e quais foram as experiências que este teve para que, no seu retorno, o definisse como sendo "brasiguai". Novas experiências de dificuldade em ser aceito, novas tramas da vida, novas experiências vividas, redimensionadas, apropriadas, resinificadas e o desejo de ter um "aconchego" (HAESBAERT, 1997a) para chamar de seu, o retorno lhe traz conflitos não esperados, é na aproximação com suas representações socioculturais que ele encontra o "conforto da alma" (KUPER, 2002).

3. TERRITÓRIO, IDENTIDADE E TERRITORIALIDADE

Neste capítulo, procuraremos realizar um debate conceitual a respeito da territorialidade e da identidade. Sabendo que no interior do pensamento geográfico há uma vasta polissemia conceitual, nos limitaremos em fazer uma breve inserção sobre o território³⁰ para, então, abordarmos sobre a territorialidade e a identidade. A longa trajetória de debates teórico-metodológicos em torno de várias correntes epistemológicas sobre o território traz, na discussão deste conceito, um grande desafio que não pretendemos discorrer neste trabalho.

Apenas realizaremos algumas considerações sobre o território, como meio de alcançarmos e debatermos a nossa delimitação conceitual sobre a territorialidade na perspectiva integracionista, focando a dimensão simbólico-cultural, que também é reconhecida como sociocultural, ou, ainda, como culturalista por Haesbaert (1995; 1997a; 2001; 2002; 2003; 2004a; 2004b; 2005; 2006; 2007; 2008; 2010; 2014 e Saquet (2004a; 2005; 2007a; 2013; 2015). Deste modo, mesmo que não tenhamos o propósito de discorrê-lo de forma aprofundada, se faz necessário inserirmos o território e seu processo de reconstrução, bem como, as diferentes relações de poder, pois estão imbricadas na territorialidade. Além disso, ao ponderarmos a territorialidade na dimensão culturalista, também nos abarcam a uma discussão sobre a construção da identidade e, assim, conseqüentemente, os elementos que a envolvem, ou seja, os aspectos psíquico-socioculturais.

Em primeiro momento, no primeiro subitem, procuraremos inserir um sucinto debate sobre o conceito de território, nos esforçando em reconhecê-lo além da dimensão político-jurídica do Estado e do aspecto econômico, para adentrarmos na perspectiva simbólico-cultural da territorialidade, cuja discussão (sobre a territorialidade) faremos em outro desdobramento.

No segundo seguimento, traremos três desdobramentos para refletirmos em primeiro instante as implicações das migrações sobre o processo de (re)construção da

³⁰ Concordamos como ponto de partida a definição que Souza (1995; 2013) nos traz sobre o território, retratando-o como sendo um espaço delimitado e definido por diferentes relações de poder. Lembrando que o autor nos previne de que esta primeira aproximação e, apesar de que seja correta, é ainda insuficiente para compreendê-lo.

territorialidade, seguido das implicações do processo migratório sobre a (re)organização identitária e, finalmente, trazermos considerações sobre o processo da construção da identidade, que assim como a territorialidade, também é entendido como um produto histórico das relações socioculturais.

3.1. Território e territorialidade: uma análise da dimensão simbólico-cultural

Como já dito, embora não tenhamos o objetivo de realizar um debate conceitual sobre o território, iniciamos nossa exposição sobre a sua genealogia através de dois geógrafos brasileiros, Souza (1995; 2015) com o "*boden*" e Haesbaert (1997a; 2004a; 2004b; 2007; 2010; 2014) com o "*territorium*".

Nos trabalhos de Souza, (1995; 2015) vemos que o autor ao analisar a raiz de "*boden*", observou que a mesma se remete à ideologia alemã, do Estado-Nação, do espaço vital. Nesta ideologia estão presentes elementos que correspondem aos interesses do Estado moderno, em delimitar e controlar suas fronteiras, expandir o território, formar e legitimar uma identidade nacional.

Em vários trabalhos realizados por Haesbaert, como em "Des-territorialidade e identidade: a rede "gaúcha" no nordeste", (1997a); "Des-caminhos e perspectivas do território" (2004a); "Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade", (2004b); "Território e multiterritorialidade: um debate", (2007); "O mito da desterritorialização-do fim dos territórios à multiterritorialidade", (2010); "Viver no limite: Território e multi/territorialidade em tempos de insegurança e contenção", (2014) vemos que o autor procura iniciar sua discussão introduzindo a origem latina da palavra território, "*territorium*". Nesta preliminar de Haesbaert, ajudando-nos a perceber que no cerne da constituição de "*territorium*", há os radicais "*terra*" e "*terro-territor*" que nos remete às relações de poder, dominação, disputa, conflito, apropriação³¹ e identificação por um determinado grupo em um espaço ocupado.

No empenho de tentarmos trazer os principais elementos, que também são conceitos relacionados ao território, procuramos, neste momento, organizá-los, tabela 1.

³¹ Por meio de Berger e Luckmann (1985) compreendemos que na gênese de apropriação, está o princípio da internalização, da (re)significação e da representação de atributos de valores e de sentimentos, este princípio é a base para toda questão subjetiva de "ter para si", "acolhimento".

TABELA 1- ELEMENTOS COMPONENTES DO TERRITÓRIO

Redes	Através de uma perspectiva sistêmica e reticular, as redes são constituídas a partir de elementos e processos que se conectam em "nós" pela apropriação do espaço. A conexão destes "nós" formam uma "malha" espacial, que mantém um movimento dos elementos que lhe configuram, definindo assim, uma rede que forma uma territorialidade. Estes elementos e processos variam conforme a gênese de seus atores, ou seja, se são políticos, econômicos, sociais, ou culturais e, além disso, há todos são correlacionados uns aos outros. Estes processos cristalizam-se e definem a rede que se forma, por exemplo, uma rede sociocultural, formada a partir da migração de um determinado grupo. Conforme a cristalização destes processos, dos "nós", das "malhas" e, assim, das redes, formam-se distintas escalas espaciais definidas em uma hierarquia. A hierarquia destas redes é definida pelo grau da relação de poder e da capacidade das conexões que se estabelecem com os diferentes "nós", (lugares/pessoas/atores político-econômicos socioculturais) distantes espacialmente, mas unidos na "malha" mantida pelo grau das relações de poder. Estas relações de poder variam conforme os processos, as dimensões, os atores e, assim, dinamicamente mantém e determinam a conexão, fluidez, a circulação, a comunicação, a dominação das diferentes escalas, seja local, regional, nacional ou global. A partir desta dinâmica, teremos diferentes formas de territorialidades. No aspecto da nossa pesquisa, que está envolvida dentro do contexto dos processos migratórios, estes sujeitos formam uma "malha" de conexões, multiescalar, multitemporal e multidimensional, pois as redes que são por eles formadas, unem sujeitos no lugar de origem e no lugar de destino, bem como, os aspectos políticos, econômicos, sociais e culturais entre ambas as sociedades, formando, através de uma superposição de aspectos (i)materiais e (sub)objetivos, territorialidades e identidades;
Movimento	Conforme os interesses e as ações de diferentes atores (políticos, econômicos, sociais, culturais) formam a estrutura, a composição e a organização, isto é, a tessitura do território. Estas características das redes estabelecidas nestas tessituras territoriais definem a sua capacidade, processualidade e dinâmica. Sua dinâmica depende da forma que este território foi composto, estruturalizado, organizado e, acima de tudo, controlado. São estes elementos que determinarão a capacidade de movimento, determinando se fluxo ou se fixo e opaco ou luminoso. Na verdade, está dinâmica é definida não só pelo controle, mas também pelo interesse dos autores (sejam eles quais forem) que formam a tessitura territorial, por exemplo, a ação de um determinado grupo de empresários que usufruem de poder, que determinam a tessitura do território, definindo, assim, sua dinâmica de estrutura e de movimento;
Densidade	A quantidade de elementos do núcleo formador do território determinará sua densidade, rugosidade, disposição e dinâmica;
Função	O território é dinâmico e, por isso, ocorrem mudanças do seu uso, seu interesse e seu campo de poder, tanto na proporção da sua escala espacial, como no espaço temporal. Por exemplo, um mesmo território, que muda sua função, conforme a sua utilização por grupos de sujeitos diferentes, que determinam o interesse, a função pelo campo de poder que estes possuem durante um determinado espaço de tempo ou espacial;
Constituição	A sua constituição pode ser materializada espacialmente, em um espaço ocupado, ou que se define pelo seu campo de ação/domínio, superando qualquer dimensão, ou limite ou fronteira de um território físico. Podendo ser físico ou abstrato, (i)material, simbólico-cultural. Por exemplo, a existência de um determinado território, controlado por um grupo sociocultural, ou econômico;
Fronteiras e limites	Assim como o território, as fronteiras e os limites podem ser físicos ou abstratos, (i)materiais. Em ambos os casos, podem não ser permanentes e capazes de avançar (territorializar) ou recuar (desterritorializar) e, ainda, pela resistência e luta, a reconstroem (re-territorializa) mediante a dinâmica das relações de poder e do seu núcleo formador, ou seja, jurídico-político, político-econômico, socioculturais ou socioambientais. Neste sentido, os territórios podem variar de configuração, conforme a cristalização dos atores e das relações que os formam.

Fonte: Raffestin (1993), Haesbaert (1995, 1997a; 1997b; 1999a; 1999b; 2002; 2003; 2004a; 2004b; 2005; 2007; 2008; 2010; 2013; 2015), Santos (1996; 2000), Martins (1997), Santos e Silveira (2001), Bonnemaïson (2002), Saquet (2004a; 2005; 2007a; 2009; 2013; 2015), Gomes (2005), Corrêa (2005b; 2012), Souza (1995; 2013; 2015), Haesbaert e Limonad (2007), Saquet e Briskievicz (2009), e Haesbaert e Mondardo (2010).

Organização: Pinto (2015).

Saquet (2007a, p. 31) nos esclarece que para Ratzel, a definição de território era uma derivação das associações dos elementos das ciências naturais, como o homem, a

natureza, o solo e nos elementos ideológicos do poder político-jurídico do Estado, como o próprio Estado, sociedade e território. Também em Souza (1995) identificamos que no entendimento ratzeliano, a natureza do território era do Estado-Nação formada através da história, tradição e da sua ideologia de dominação.

Segundo Saquet (2007a), Ratzel até se esforçou em fundamentar suas análises além da geopolítica e dos aportes naturalistas, tentando envolver elementos da cultura, no entanto, não conseguiu fazê-lo devido à escolha de seu aporte teórico metodológico, justificando que possuía um "[...] caráter institucional burguês, não consegue abarcar coerentemente [...] ao tratar território" (SAQUET, 2007a, p. 31).

Ainda nas observações de Souza (1995), vemos que na geografia positivista, o território, assim como, a identidade, ambos eram imutáveis, cuja visão estava associada ao Estado-nacional, o qual detinha o controle e o poder sobre o território, a identidade e o povo, portanto, imutáveis.

Raffestin (1993) nos torna possível compreender o território e, assim, a territorialidade, além da visão clássica positivista, que os teorizam na constituição do Estado- Nação, pois para ele, o poder não se limita apenas a materialidade do Estado, mas também, pela imaterialidade de outras relações e ações, como as investidas, interesses, iniciativas de diferentes grupos sociais. Portanto, as relações sociais também são importantes mecanismos de apropriação, formação, dominação, controle, uso e poder de distintas territorialidades.

Portanto, o que estamos querendo mostrar é que o território só existe e se (re)constrói, mediante aos mecanismos de apropriação, dominação e disputas em um campo de relações de poder, que vão além da dimensão do poder político-jurídico do Estado, ou das atuações de atores econômicos.

Separamos duas elocuições neste momento de Raffestin (1993), para melhor alcançarmos o território em sua acepção "o território, nesta perspectiva, é um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por consequência, revela relações marcadas pelo poder. O espaço é a "prisão original", o território é a prisão, que os homens constroem para si" (RAFFESTIN, 1993, p. 142-143). Assim tem-se o espaço é o:

"Local" de possibilidades, é a realidade material preexistente a qualquer conhecimento e a qualquer prática dos quais será o objeto a partir do momento em que um ator manifeste a intenção de dele se apoderar. Evidentemente, o território se apóia no espaço, mas não é o espaço. É uma produção a partir do espaço. Ora, a produção, por causa de todas as relações que envolve, se inscreve num campo de poder (RAFFESTIN, 1993, p. 144).

Em Raffestin (1993) temos duas questões importantes sobre a ação da apropriação do espaço (territorializar), que ela pode ocorrer de forma concreta ou abstrata. O autor faz uma inserção essencial sobre o território, ao afirmar que a base para compreensão deste conceito é a relação do homem com espaço. Esta relação é "[...] conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o autor "territorializa" o espaço" (RAFFESTIN, 1993, p. 143).

Nesta mesma compreensão, a de que o espaço antecede o território, Santos (1996) complementa seu debate, que mais tarde aprofunda outras discussões, como em Santos (2000) e em Santos e Oliveira (2001)³². Em seu trabalho "*A natureza do espaço*" (1996), o autor insere ao campo da dominação do espaço e, assim, da construção do território a presença dos objetos (Funcionais para seu uso e estruturais por suas estratégias) os quais são planejados, produzidos, articulados e controlados pelo campo de interesses de quem os produz.

Deste modo o espaço e, assim, o território é resultado de um conjunto de ações que vão além dos interesses do Estado, ou seja, ele também é materializado pelas ações de atores econômicos, cujo objetivo é ampliar a reprodução do capital. Em Santos e Oliveira (2001), "*O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*", verificamos que o território é resultante da acumulação de fragmentos do passado, cuja historicidade revela a sua evolução social. Para eles, cada etapa do passado está cristalizada no território e, por isso, ele se apresenta como um produto histórico-social e funcional. Suas feições indicam os interesses de quem os produziu, logo, é considerado como sendo "utilizado", um "território vivo", no qual entende-se que a sua "historicidade deriva da conjunção entre as características da materialidade territorial e as características das ações" (SANTOS e SILVEIRA, 2001, p. 248).

Esta compreensão é apresentada a partir de uma análise do território brasileiro, Santos e Silveira (2001) e, entre tantas as singularidades sobre este conceito, os autores nos ajuda a compreender as transformações que o mesmo pode ocorrer no transcorrer do tempo e das ações de diversos atores sociais que o constrói, conforme os seus interesses

³² Sabemos que há outras obras, nas quais o autor realiza um debate sobre estes temas, mas acreditamos que, através destas, conseguimos elementar o enfoque.

em cada momento do tempo. Todas as características que o território brasileiro possui são heranças de cada época distinta do passado e, de maneira especial, eles nos mostram as atuais mudanças territoriais. Essas mudanças ocorrem mediante ao avanço de novas ações, novos atores, novas dinâmicas, novas técnicas e de novas formas de dominação, que, em expansão, agravam as disparidades socioeconômicas já presentes no território.

Conforme estes autores as transformações territoriais são resultantes do controle de políticas neoliberais contemporâneas, ou seja, o território e as distintas territorialidades são produtos da dominação do espaço, resultados da dinâmica social dialética, construído historicamente à lógica demográfica, sociocultural, sobretudo, pelos interesses de atores político-econômicos.

Voltamos na afirmativa de Raffestin (1993) quando ele assegura que "ao se apropriar do espaço, concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator territorializa o espaço" (RAFFESTIN, 1993, p. 143). Neste apontamento "o ator territorializa", justapõe o território como resultado de uma ação, de um campo de poder, deste ator, que territorializa e, aqui está à parte essencial do que estamos tratando. Nesta máxima de Raffestin (1993) está explícito a existência de uma ação de apropriação ou dominação do espaço, definindo-o em território e, quando este, amplia esta ação (seu campo de poder), estendendo sua abrangência de relação, ou da sua interferência e influência, ou do controle e de apropriação, este vem a se territorializar e formar novas territorialidades. Esta ação forma o princípio da apropriação e dominação, seja ela pela dimensão material, objetiva, concreta ou imaterial, subjetiva, abstrata, enfim, são estas ações e dimensões que legitimam, formando distintas territorialidades.

Para Raffestin (1993) os elementos que caracterizam as "malhas" e, assim, as redes, são constituídos de práticas de diferentes sujeitos, atores ou grupos que, por meio de suas relações sociais constituem os aspectos da dominação ou da apropriação (político, econômico e cultural), os quais se cristalizam, formando as territorialidades.

Do mesmo modo que é para Raffestin (1993), também Haesbaert (1995, 1997a, 1999a, 2014) e Saquet (2004a, 2007a) compreendem que a (re)construção dos territórios, parte do princípio da apropriação (i)material do espaço, a qual ocorre através das relações presentes nas redes, por isso, toda territorialidade depende da dinâmica dessas relações, determinadas pelas práticas socioespaciais de seus diferentes atores. Estes são capazes de interferir, modificar e (re)construir o território por meio da sociedade (sujeitos, atores e grupos sociais), do espaço (que é base para a apropriação e (re)construção de toda territorialidade) e do tempo (dinâmico, processual e fluído).

Para compreendermos melhor o território através da perspectiva simbólico-cultural, procuraremos ponderar através de Haesbaert (1995; 1997a; 2005) outras nuances do território, cujo autor nos apresenta em três dimensões:

Jurídica-política: o território é considerado como um [...] espaço delimitado e controlado sobre o qual exerce um determinado poder, especialmente o de caráter estatal; **Horizonte econômico:** o território pode ser compreendido através de sua materialidade concreta [...] como um produto espacial de controle entre classes sociais [...]; **território priorizado**³³ [...] **sua dimensão simbólica e mais subjetiva, o território é visto fundamentalmente como um produto da apropriação feita através do imaginário e/ou da identidade social sobre o espaço [...]** (HAESBAERT, 1997a, p. 39, grifos nossos).

Como já temos debatido a respeito da dimensão jurídico-política e do horizonte econômico, a primeira se trata do território pelo aspecto da apropriação, uso, controle e do poder político exercido pelo Estado. Já o segundo, se cristaliza através da apropriação, do uso, do controle e do campo de poder estabelecido por diferentes atores econômicos e sociais, como empresas, instituições, corporações, companhias, ou seja, pelo empreendimento e pela ótica capitalista. Enfim, na dimensão histórico-culturalista, considera a territorialidade a partir da apropriação, do uso, do controle e do campo do poder estabelecido por meio de modos de vidas de diferentes grupos identitários.

Na abordagem territorial de Haesbaert (1997a), ao reconhecermos a territorialidade como um espaço ocupado, produzido e controlado por um campo de ação, observamos nela uma dimensão simbólica, que neste caso, como o autor nos mostra, deve:

[...] ser visto na perspectiva não apenas de um domínio ou controle político estruturado, mas também de uma apropriação que incorpora uma dimensão simbólica, identitária e, porque não dizer, dependendo do grupo ou classe social a que estivermos nos referindo, afetiva (HAESBAERT, 1997a, p. 41, 1997a).

Podemos afirmar, que mediante estas prerrogativas levantadas por Haesbaert (1997a), a territorialidade é apontada como dimensão identitária, na qual as relações socioculturais constituem-se como sendo o campo de coesão do seu núcleo formador.

³³ A perspectiva culturalista nos ajuda a compreender o retorno dos brasiguaios para o Brasil, os quais trazem consigo suas representações socioculturais e, ainda, entender o processo de territorialização, mediante os conflitos identitários que estes sujeitos (os brasiguaios) estão expostos.

Em Haesbaert (1997a; 2014) vemos que estes elementos simbólico-socioculturais são, muitas vezes, dominados e utilizados pelo Estado e ou por outras instituições financeiras, caracterizando o seu uso como dimensão política, através da qual se pretendem obter o controle socioterritorial por meio da sua legitimação e subordinação. No entanto, lembramos que neste mesmo território controlado pelo Estado ou por alguma instituição, há diferentes grupos sociais que se apropriarão dos elementos simbólico-socioculturais, estendida à uma dimensão política, para estabelecerem suas territorialidades e suas representação identitárias.

Este processo pode ser compreendido por aquilo que já introduzimos anteriormente, quando nos referimos ao que Haesbaert (1997a; 2004a; 2004b; 2007; 2010; 2014) traz ao explicar sobre a epistemologia do território, ou seja, na sua origem latina ("*territorium*") o sentido da sua apropriação, isto é, do tomar para si. Concordamos com o autor que o território e a territorialidade sejam resultantes de um processo histórico-social, cristalizados por aqueles que dele se apropriam e se faz representar. Em outras palavras, o autor remete-se ao território e à territorialidade como sendo concebidos por uma atribuição simbólico-sociocultural daqueles sujeitos que deles (território e territorialidade) se apropriaram, neles se cristalizame, assim, neles se fazem serem representados.

Na perspectiva simbólico-cultural, ou culturalista, o território e a territorialidade são formados pela territorialização de grupos sociais, que internalizam suas experiências vividas, representando nelas atributos de sentidos, significados e sentimentos, cujas representações são materializadas em elementos socioespaciais simbólico-socioculturais, (i)materiais e (sub)objetivos como campo de reproduções identitárias, com valores e sentimentos de pertencimento a esta territorialidade.

Conforme Haesbaert (1997a) esta dimensão simbólico-cultural é definida como um artifício no qual os sujeitos atribuem ao território elementos (i)materiais, (sub)objetivos, afetivos, de sentidos e de significativos, de troca tornando-o identitário. Na verdade, o autor nos explica que este processo está relacionado às experiências que sujeitos tem com o espaço vivido, que segundo Gomes (2005):

A geografia humanista, sobretudo a que privilegia o espaço vivido, trata exatamente das representações de ordem simbólica que estruturam uma atitude e uma concepção dadas em uma relação a um espaço de referência. A ordem simbólica não está ligada à racionalidade, da mesma forma que os comportamentos e as atitudes no espaço também não advêm desta racionalidade (GOMES, 2005, p. 323).

Retornando ao processo de construção do território, tomamos as palavras de Santos e Silveira (2000) a respeito do território e territorialidade:

[...] a existência de um país supõe um território. Mas a existência de uma nação nem sempre é acompanhada da posse de um território e nem sempre supõe a existência de um Estado. Pode-se falar, portanto, de territorialidade sem Estado, mas é praticamente impossível nos referirmos a um estado sem território (SANTOS e SILVEIRA, 2000, p. 19).

Ao trazermos a exposição de Santos e Oliveira (2000), certificamos que a territorialidade independe da existência de um Estado e de um território, o que nos faz adentrar sobre a diferença entre ambos.

A partir das considerações Haesbaert (2007; 2010; 2014) vemos que o território possui sua materialidade concreta produzida, ocupada e consolidada pelo uso de diferentes sujeitos, atores e grupos sociais, mas que em seu centro de coesão, possui forças de dominação hegemônicas.

Todo território possui, então, um núcleo formador de coesão interna, que controla seus limites, suas fronteiras e que estabelece o senso de representação identitária através das relações de poder que o controla, como por exemplo, pela dimensão político-jurídica do Estado, o qual impõe uma identidade nacional³⁴.

No entendimento de Haesbaert (2007; 2010; 2014) os aspectos simbólico-culturais estão presentes ambas as dominâncias territoriais, ou seja, na dominância da funcionalidade, mais concreta da dominação e, também, na dominância da apropriação e representação simbólica. Conforme nos mostram o autor, a admissão do território como sendo dotado de carga cultural corresponde às duas dimensões sobre o mesmo, ou seja, tanto na dimensão da dominância da funcionalidade e da dominação concreta, como pela dimensão da dominância simbólica e da apropriação, em ambas estão presentes o processo de (re)construção territorial com os aspectos socioculturais.

O surgimento do território por estas dimensões é resultado das relações sociais de diferentes sujeitos, atores e grupos sociais que, historicamente, lhe atribuirão elementos socioculturais que comporão seu núcleo formador. Por isso, como vemos em Haesbaert (2014) na perspectiva do "*Continuum*" a territorialidade é compreendida pela extensão

³⁴ Conforme Castells (1999) as identidades podem ser: identidade nacional, legitimadora (ou normatizadora), de resistência e outros aspectos da identidade social, Berger e Luckmann (1985), também compreendida como coletiva, ou sociocultural.

das dimensões, ou seja, que a dimensão político-econômica, concreta e funcional, se estende à apropriação simbólico-cultural de forma imaterial e subjetiva.

Portanto, todo território é, ao mesmo tempo e obrigatoriamente, em diferentes amálgamas, funcional e simbólico, pois as relações de poder têm no espaço um componente indissociável tanto na realização de "funções" quanto de "significados". O território é funcional especialmente pelo seu papel enquanto recurso, a começar por sua relação com os chamados recursos naturais - "matérias primas" [...] dentro das modernas sociedades capitalistas, especialmente no que se refere à chamada esfera produtiva do capital, é ver o território em termos de dominação (privada) do espaço a fim de controlá-lo e criar valor [...] Jean Gottman (1973), propõe distinguir o território como recurso, prerrogativa dos "atores hegemônicos", e o território como abrigo, dos "atores hegemônizados" o território, podemos dizer, seria "um fim em si mesmo" - para eles "perder seu território" significa, efetivamente, em mais de um sentido, "desaparecer", como propuseram, numa visão mais culturalista, Bonnemaïson e Cambréry (1996). Para muitos "hegemônizados" ou, como preferimos, subalternizados, **o território adquire muitas vezes tamanha força que combina com igual intensidade funcionalidade e identidade.** O território, neste caso, como defendem Bonnemaïson e Camberéry (1996), "não diz respeito apenas à função ou ao ter, mas ao ser". **É interessante como essas dimensões aparecem geminadas, sem nenhuma lógica a priori para indicar a preponderância de uma sobre a outra:** muitas vezes, por exemplo, é entre aqueles que estão mais destituídos de seus recursos materiais que aparecem formas as mais vigorosas de apego as identidades territoriais ou "territorialismos". **Assim, dentro da enorme diversidade de manifestações dos processos de territorialização, poderíamos falar em duas grandes referências "extremas" (quase "tipos ideais") frente às quais podemos investigar o território: uma mais funcional, priorizada na maior parte das abordagens, e outra, mas simbólica, que vem adquirindo maior importância nos últimos tempos, pelo próprio fortalecimento da dimensão simbólica do poder. Enquanto espécie de tipos ideais, elas nunca se manifestam em estado puro, ou seja, todo território "funcional" tem sempre alguma carga simbólica, por menos expressiva que pareça, e todo território "simbólico" tem sempre algum caráter funcional, por menos explícito que seja** (HAESBAERT, 2014, p. 60-61, grifos nossos).

A citação anterior apresenta sinteticamente a distinção dos processos de territorialização (pela dominância funcional e dominância simbólica) que se cristalizam por aqueles que as constroem e as controlam e, ao mesmo tempo, tais processos se complementam, ou seja, não há uma indissociação entre ambas. Neste sentido o Estado se apropria dos elementos simbólico-socioculturais como forma de legitimação e de dominação, como uso do controle territorial e, assim, de tudo que nele existe. O mesmo princípio se constitui por aqueles territórios formados pela dimensão político-econômica, pela parceria do Estado com diferentes instituições, atores e grupos sociais que legitimam ações homogeneizadores em detrimento dos grupos hegemônicos, do Estado e do capital.

Em Haesbaert (2014) vemos que na dominância simbólica, isto só ocorre pela atribuição de carga de representação do poder hegemônico de quem o controla ou o faz

representar sobre os hegemônicos, ou como Haesbaert prefere reconhecer, subalternizados. Por isso, para o autor, as:

[...] dimensões aparecem geminadas, sem nenhuma lógica a priori para indicar a preponderância de uma sobre a outra: muitas vezes por exemplo, é entre aqueles que estão destituídos de seus recursos materiais que aparecem formas as mais vigorosas de apego a identidades territoriais ou "territorialismos" (HAESBAERT, 2014, p. 61).

Haesbaert (2014) ressalva que supor que a territorialidade dependa de um território concreto é reduzi-la erroneamente ao campo físico, material e objetivo. Para o autor a territorialidade pode se apresentar além da materialidade concreta espacial, ou seja, a territorialidade pode fazer-se representar pela dimensão abstrata da representação de pertencimento, de reconhecimento de um grupo, em uma dimensão mais simbólica, como uma territorialidade no sentido de "aconchego", "abrigo", "lar". A territorialidade pela dominância simbólica implica haver processos de apropriação material, ou imaterial, objetiva ou subjetiva, ou simplesmente imaterial e subjetiva. Isto é possível pelo princípio daqueles que se reconhecem como sendo diferentes do que se estabelece no território pelo processo da dominação, principalmente quando este é unifuncional, isto é, idealizado pelos grupos hegemônicos que procuram dominar e controlar.

Compreendido a distinção entre território e territorialidade, procuraremos entender melhor as dimensões do território e da perspectiva multidimensional através de Haesbaert (1997a) e, assim, incluímos as implicações de Saquet (2007a) quando estes também consideram o território e a territorialidade através da abordagem multiescalar, multitemporal e multidimensional.

Haesbaert (1997a) e Saquet (2007a) reconhecem o território e a territorialidade como sendo resultados do processo dinâmico e dialético multidimensional através das relações de poder, presentes nas relações sociais (política, economia, sociocultural, imateriais e sub-objetivas), multiescalar (que envolve diferentes extensões que se sobrepõem), multitemporal (a fluidez e processualidade do tempo).

[...] envolve sempre, ao mesmo tempo, mas em diferentes graus de correspondência e intensidade, uma dimensão simbólico-cultural, através de uma identidade territorial atribuída pelos grupos sociais como forma de 'controle simbólico' [...] (HAESBAERT, 1997a, p. 42).

Conforme Haesbaert (1997a) na perspectiva integracionista a territorialidade é resultante da extensão da dimensão político-social com a dimensão sociocultural. Conforme o autor na territorialidade há uma dimensão política àqueles que dela apropriam, se identificam, se fazem representar, se posicionam em resistência contra interferência, ação, controle de uma força externa, que busca des-territorializá-los. Portanto, nesta perspectiva reconhecemos uma integração da dimensão simbólico-sociocultural, com a dimensão política.

Outro aspecto importante que Haesbaert (1997a) levantará é que territorialidade e a identidade simbólico-sociocultural, também possuem um aspecto importante de classe social. Haesbaert traz estas considerações ao analisar o processo de (re)territorialização dos "gaúchos" no Nordeste, no qual, não é apenas a materialidade desta territorialidade em de (re)construção, mas também, sua dimensão imaterial pelo aspecto simbólico-cultural dos atores socioespaciais ou grupos identitários e, junto, a classe social dominante que atua neste processo.

Em Haesbaert (1997a; 2014) entendemos que a territorialidade é constituída por meio da materialização (sub)objetivas, (i)materiais, afetivas, simbólico-socioculturais e psicossociais, cujas considerações, nos ajuda a compreender que o território só existe mediante ou através das dimensões da dominância da dominação (funcional), ou da dominância da apropriação (simbólica) e, que em ambos os processos, a territorialidade é a condição existencial do território, pois sua existência depende do que lhe está intrínseco: as relações de dominância funcional ou simbólico.

Esse autor ainda mostra que as configurações destas territorialidades possuem em seu âmago as relações sociais de diferentes atores e grupos, como, por exemplo, entre outras, aquelas territorialidades formadas com os aspectos socioespaciais dos grupos que compõem as favelas, ou daquelas formadas pela presença de imigrantes, bem como, as disputas territoriais de grupos de traficantes pelo controle e domínio das drogas, ou, ainda, aquelas territorialidades formadas nas apropriações de redes de prostituição.

Entender o processo de (re)construção do território na abordagem de Haesbaert (1997a; 2007; 2010; 2014), nos faz entender, naquilo que trouxemos primeiramente por Haesbaert (1997a), sobre as dimensões política, econômica e cultural, como também, pelo que encontramos em Haesbaert (2007; 2010, 2014) sobre o território na dominância unifuncional, (na prerrogativa da dominação capitalista hegemônica, por meio da centralidade do poder do Estado) e sobre o território condicionante a dominância do espaço-tempo-vivido (no entendimento de ser resultante das apropriações simbólico-

socioculturais, daqueles que ocupam e constroem historicamente suas territorialidades e representações identitárias).

Concordamos com a perspectiva integracionista das dimensões deste autor, bem como, concordamos que nestas múltiplas dimensões, que existem multiterritorialidades (re)construídas historicamente através das representações da relações sociais dos diversos grupos e ou de classes sociais. Estas múltiplas territorialidades surgem através ou da apropriação simbólica (de representação imaterial subjetivo) ou da dominação funcional (material, funcional, de uso), que para o autor, se complementam.

No entanto, mesmo que para se compreender a territorialidade se deva considerá-la através da perspectiva integracionista, Haesbaert (2007; 2010; 2014) nos mostra que há territorialidades, que em seu núcleo formador de coesão espacial se efetiva com maior predominância pela dominância funcional, material, de uso, do controle pelo campo do poder do capital ou pelo Estado, como há também as territorialidades construídas pelo princípio da apropriação simbólico, podendo ser materiais, ou imateriais, objetivas ou subjetivas, justificadas pela maior carga de códigos de elementos simbólico-socioculturais e de representação identitária.

Na abordagem dialética e fenomenológica de Haesbaert (2014), de modo geral, a dominância simbólica remete-se ao espaço vivido, não institucionalizado, com maior aproximação imaterial e material, subjetiva e objetiva e, por isso, pela dimensão simbólica ou da identidade territorial. Haesbaert apresenta os "fins" desta territorialidade que podem ser acumulados, transformados e distintamente valorizados ao longo do tempo histórico, nos apresentando, como referência de "abrigo", "segurança", "aconchego"; como fonte e uso de recursos e de meio de produção que fortalecem os grupos ou classes sociais; como meio de referências socioespaciais e de identificação simbólica; no controle e no fortalecimento do indivíduo; na formação de redes e fluxos.

No cerne da territorialidade que buscamos reconhecer, ou seja, de representação simbólico-identitária, a resistência é o elemento daqueles que nele se reconhece e lutam para dele se apropriar, mantê-lo, nele se fazer identificar e se fazer reconhecer. O autor exemplifica o caso dos agricultores sem-terra, sem-teto, dos povos tradicionais

indígenas, quilombolas, ribeirinhos, povos das florestas, moradores de favelas, imigrantes, refugiados e, entre outros, os brasiguaios³⁵.

Nas inserções de Haesbaert (2014) vemos que, para se compreender a multiplicidade de territórios e de territorialidades é preciso "[...] priorizar a multiplicidade dos sujeitos que fazem a história, e as resistências que eles constroem [...]" (HAESBAERT, 2014, p. 147).

Tais considerações também podemos encontrar em Saquet (2007a), cujo autor defende que a territorialidade é formada pelos processos e componentes das relações sociais, na qual se considera os aspectos da "[...] processualidade [...] relacional, de apropriação, dominação e produção (i)material [...]" (SAQUET, 2007a, p. 158).

Nestas inserções, entendemos a territorialização como resultado da construção histórico-social, simbólico-cultural. Haesbaert (2004a; 2007; 2008; 2013; 2014) e Saquet (2007a; 2013) justifica este processo é contínuo, fluído e, por isso, devemos reconhecê-lo como sendo implicação da pluri/multidimensionalidade que este é sujeito, isto é, toda territorialidade é produto social histórico-transtemporal, relacional-reticular e trans-multiescalar, bem como, conseqüente da sobreposição de dimensões e processos políticos, econômicos, sociais, culturais, (i)materiais e (sub)objetivos. Em Saquet e Briskievicz (2009) ressaltam que esta:

[...] abordagem histórica, relacional e multidimensional do território, da territorialidade e da identidade, eminentemente material mais considerando a correlação de unidade objetividade - subjetividade. A partir dessa concepção, estamos compreendendo a noção de territorialidade como um processo de relações social. A territorialidade corresponde às relações sociais e às atividades diárias que os homens têm com sua natureza exterior. É o resultado do processo de produção de cada território, sendo fundamental para a construção da identidade e para a reorganização da vida quotidiana (SAQUET e BRISKIEVICZ, 2009, p. 8).

Por isso, pela multidimensões que o território possui, em "Desterritorialização: entre as redes e os aglomerados de exclusão", Haesbaert (2005) vai nos alertar, que, na verdade, não se pode observar o território apenas por uma dimensão, pois, para ele, todas são dinâmicas, fluidas, inter-relacionam-se, integram-se, completam-se formando legitimando o território e formando diferentes territorialidades. Para ele esta dimensão do espaço é resultado de mecanismos processuais constantes que se formam no tempo e no espaço vivido, formando assim, distintas territorialidades. Gomes (2005) vai nos

³⁵ Os brasiguaios como sujeitos envolvidos em uma imigração de retorno para o Brasil, especificamente para o BJSF, formam uma territorialidade (mesmo que imaterial), que está além do poder estabelecido por um Estado. Não queremos afirmar com isso, de que se trata de uma nação em território, mas de refletirmos a presença de um grupo que sofre conflitos identitários a partir de sua territorialidade.

esclarecer, que nesta relação do tempo e do espaço vivido, se constitui os valores e significados (i)materiais e afetivos produzidos pelos diferentes grupos sociais.

Em "Viver no limite. Território e multi/territorialidade em tempo de in-segurança e contenção", Haesbaert (2014), ao tratar a respeito do processo de territorialização, mais uma vez ele vai frisar que o poder responsável pela dinâmica territorial não pode ser justificado somente pela dimensão jurídica- administrativa no campo do poder político. O autor reconhece que esta relação do poder é, sem dúvidas, um dos elementos para ser analisado, porém, também há (re)construção de territorialidades por outras dimensões e relações de poder, que aparentemente ocultas, se materializam na resistência, na dominação, na apropriação, no controle e na representação.

As relações de poder são, assim, imanescentes a todas as demais: econômicas, epistemológicas, culturais, de gênero. Nesse sentido é que o poder, para muito além da figura do Estado - e de suas territorialidades - envolve esferas, como a cultural e econômica (HAESBAERT, 2014, p. 44).

Desde modo, entendendo a territorialidade através das relações de poder simbólica, percebemos que ela se aproxima do sentimento de apropriação e pertencimento de um grupo de pessoas, que tem (nesta territorialidade) como representação identitária simbólica sociocultural, que, no nosso caso, não são brasileiros e nem paraguaios, mas sim: brasiguaios.

Em outro trabalho, "Da desterritorialização a multiterritorialidade" Haesbaert (2003) assim reconhece o território pela vertente "[...] culturalista: prioriza a dimensão simbólico-cultural, mais subjetiva, em que o território é visto sobretudo como o produto da apropriação/valorização de um grupo sobre o seu espaço [...]" (HAESBAERT, p. 13, 2003).

Para podermos avançar nosso debate e chegarmos a um dos nossos objetivos propostos que é compreender como o processo migratório (o retorno dos brasiguaios ao BJSF) reflete na construção da identidade e da territorialidade dos nossos sujeitos é necessário, neste momento, adentrarmos no que Saquet (2007a) nos traz. Concordando com este autor, em sua concepção as migrações desencadeiam processos de des-re-territorialização e de transformação da identidade dos sujeitos pertencentes a uma determinada territorialidade e, deste modo, procuraremos primeiramente o processo de (re)construção do território através de Raffestin (1993), Haesbaert (1995; 1997a; 2002;

2004b; 2007; 2008; 2010) e Saquet (2007a) e, depois, alcançarmos as transformações territoriais e identitárias no contexto migratório.

Começando por seu trabalho "Desterritorialização: entre redes e os aglomerados de exclusão", percebemos que Haesbaert (1995, p. 144) assumia a abordagem territorial de Raffestin (1993), ou seja, de que o território "[...] É uma produção a partir do espaço, que se inscreve num campo de poder [...]". Neste reconhecimento, ambos os autores assumem o processo de (re)construção do território, (Territorialização, Desterritorialização e Reterritorialização - TDR) que se transforma, pela ação de um campo de poder, que o territorializa, ou ora o des-territorializa e que o re-territorializa. Em outro trabalho, Haesbaert (1997a) vai avançar a discussão sobre o processo de territorialização, des-territorialização e re-territorialização, no qual conseguimos, então, evidenciar a dinâmica da construção histórica do território, da formação de diferentes territorialidades, realizada através da ação por diferentes atores e dimensões dos campos de poder (político, econômico, sociocultural).

Esse processo de *TDR* exposto por Raffestin (1993), Haesbaert (1995; 1997a) também é reconhecido por outros autores, como Saquet (2007a). Nestes autores vemos que a territorialização, a des-territorialização e a re-territorialização estão relacionadas à dinâmica das relações de poder (seja de ordem jurídico-político; político-econômico, de sociocultural) do núcleo formador do território.

Neste sentido, às vezes, o território pode avançar a sua apropriação, dominação, representação, configuração, o seu poder (territorialização) e, às vezes, pode recuar, separar, fragmentar, sofrer uma ruptura, perder seus limites e fronteiras, ou suas representações simbólicas, ou seu campo de poder núcleo formador (des-territorializar). Deste modo, percebemos nestes autores, que mediante a dinâmica das relações de poder do seu núcleo formador, os territórios podem variar sua configuração, conforme a cristalização dos atores e das relações que os formam, mesmo que neste processo (*TDR*), seja físico, material, objetivo, concreto, ou então, imaterial e subjetivo.

Através deste princípio, reconhecendo que o território é resultado de um processo histórico e social pela dominação, ou pela apropriação, Haesbaert se dedicará a revelar que o território nunca tem um fim e, que isto, na verdade, é um mito, como o fez nos trabalhos intitulados "Fim dos territórios ou novas territorialidades?" (2002) e "O mito da desterritorialização - do "fim dos territórios" à multiterritorialidade" (2010). Nestes trabalhos o autor destaca que toda vez que um território ou uma territorialidade são desterritorializados pela dimensão política, ou econômica ou cultural, surgirá uma nova

reterritorialização, mesmo que tenha aspectos diferentes do primeiro, que, aliás, é o que acontece.

Esta concepção, que aqui trazemos e que também vemos em Raffestin (1993), Haesbaert (1995; 1997a; 2002; 2010), Saquet (2007a) é essencial para que justificarmos a permanência do território e da territorialidade e não o seu fim. Em Haesbaert (2004b; (2007; 2008) Haesbaert continuará defendendo que o fim território é um mito e, que a partir do processo *TDR*, novas re-territorialidades surgem, pois intrínseco a sua natureza (território/territorialidade), há a fluidez e a processualidade do processo temporal, no qual historicamente, por meio das relações socioculturais, isto é, em seu caráter dialético e fenomenológico, toda territorialidade possui seu aspecto (i)material e (sub)objetivo a (re)territorialização.

A partir destas exposições, como adiantamos no início, no próximo desdobramento avançaremos nossas discussões sobre a territorialidade, trazendo os seus elementos formadores na perspectiva integracionista de Haesbaert (1997a), no entanto, prosseguiremos ao que já temos nos proposto em nos concentrar, isto é, sobre a (re)construção da territorialidade e da identidade como produto social, na particularidade da dimensão simbólico-cultural, que este mesmo autor nos proporciona.

3.1.1. Os elementos formadores da territorialidade

Optamos em ter introduzido aspectos da territorialidade nas discussões anteriores, como forma de estabelecer reflexões a respeito da diferença entre território e territorialidade e, até este momento, como vimos em Santos e Silveira (2001) e Haesbaert (2014) a territorialidade tem sido apresentada como elemento fundamental para existência de um território e, este não existiria sem a territorialidade.

Entendendo que toda territorialidade tem como princípio, a representação identitária do grupo que a construiu e que a controla, concordamos com Haesbaert (2014) que isso não significa que ela seja permanente e que nela haja apenas um núcleo formador. Em todo território e em toda territorialidade há aqueles que buscam se fazerem ser reconhecidos, que buscam legitimarem-se e, assim, apropriarem-se de forma (i)material de sua territorialidade.

Em Raffestin (1993) também conseguimos verificar que as territorialidades são formadas naturalmente, a partir de relações que o homem possui com seu convívio social, com a natureza, com a sociedade e em diferentes espaços, enfim, a "[...] territorialidade só é possível pela apreensão das relações reais recolocadas em no seu contexto sociohistórico e espaço-temporal" (RAFFESTIN, 1993, p. 162).

Nesse ensejo, temos na abordagem territorial de Raffestin (1993), a conjunção estabelecida pelo vínculo entre as relações sociais (presentes na sociedade), o tempo (que é fluido) e o espaço (base da apropriação). Nesta tríade de Raffestin, a apropriação do espaço é entendida através do mecanismo de poder presente nas relações sociais, que por conta dos seus múltiplos sujeitos, atores, grupo sociais e interesses, é multidimensional (político, econômico e social).

É importante salientar, conforme o que já mostramos anteriormente, Haesbaert (2007; 2010; 2014) ao estabelecer o aspecto integracionista multidimensional e o "*Continuum*" entre as duas dominâncias (funcional e simbólica), como forma de alcançar a natureza do processo da territorialização, o mesmo advertiu que, embora haja a integração entre todas as dimensões e dominâncias, ainda, assim, é possível que existam territorialidades onde seu núcleo formador de coesão tenha maior prevalência de um ou outro.

Haesbaert (2014) ao ressaltar que o reconhecimento das relações de poder que formam e controlam a territorialidade ajuda identificá-la, nos mostra que aquelas territorialidades com maior carga simbólica se apresentarão pela territorialidade como abstração, para que possa existir o território; a territorialidade efetiva, concreta, objetiva pelo controle físico da sua materialidade; a territorialidade como subjetiva pelo "espaço vivido", sem propriamente ter o controle da materialidade, mas mesmo, assim existe a idealização do controle simbólico, ou do reconhecimento da sua representação; a territorialidade pela conjunção da objetiva e subjetiva, material e imaterial do "espaço vivido", na qual além da representação também existe o seu controle material.

Definimos a territorialidade como uma dimensão simbólica identitária, cuja gênese está nas relações sociais de seus sujeitos, atores e grupos sociais. Neste sentido, conseguimos correlacionar a identidade territorial com a identidade social e a identidade simbólico-sociocultural, todas, imbricadas na sua gênese, ou seja, nas relações sociais. Por isso, a territorialidade também é referência da identidade sociocultural. Tais prerrogativas, lhes confere, como dimensão política, o uso destas representações como forma de (re)organização social de luta e de resistência a tudo que lhe pode ameaçar sua existência e, assim, a apropriação e o controle social da territorialidade.

Na perspectiva integracionista de Haesbaert (2007; 2010; 2014), o autor reconhece que na territorialidade imaterial existem representações simbólico-culturais, os quais foram produzidos historicamente através da mediação do espaço vivido com o "*Continuum*" na multidimensionalidade (política, econômica, cultural, i-material, sub-objetiva), mas que em sua gênese, produzida pelas relações sociais de poder através dos sujeitos, atores e grupos que a forma, esta vem a possui uma maior atribuição cultural. Assim, no âmago dos elementos formadores da territorialidade imaterial, está a multidimensionalidade, que em conjunção com a natureza e com os elementos históricos e geográficos, compõem a estrutura desta territorialidade.

Neste entendimento, na territorialidade que reconhecemos há o princípio do "vivido", "experimentado", "internalizado", e, assim, dado como representação social do grupo que a constrói. Para Raffestin (1993) a territorialidade marca se configura através da manifestação de quem nela existe, nela vive, nela produz a ela pertence e, por isso, a vivência, a usa como recurso e estratégia identitária. Não de forma singular, mas como ela é produzida, ou seja, socialmente produzida e dada como representação ao sentimento de pertença.

Conforme Saquet (2002; 2004a; 2007b; 2008), Haesbaert (2003; 2004c; 2007), vemos que Vale *et al.* (2005), Mondardo (2007), Saquet e Briskievicz (2009), Briskievicz (2010) a conjunção da dimensão simbólico cultural abrange a natureza, os aspectos físico-ambientais, pois abrange os interesses presentes nas relações sociais da sociedade, primeiramente como apropriação econômica e de sobrevivência. Além disso, vemos nestes autores, que a apropriação da sociedade sobre a natureza, constitui como elementos das relações sociais da condição histórica do habitar, viver, produzir e representar, logo, ela integra também como elementos simbólico-socioculturais presentes na territorialidade e na identidade dos sujeitos.

Para Briskievicz (2010) é possível perceber que na territorialidade e na identidade, há "[...] uma integração entre os processos econômicos, políticos e culturais e com a natureza [...]" (BRISKIEVICZ, 2010, p. 26).

Ainda na percepção de Saquet (2002; 2004a; 2007b; 2008), Haesbaert (2003; 2004c; 2007), Vale *et al.* (2005), Mondardo (2007), Saquet e Briskievicz (2009), Briskievicz (2010) os componentes e os elementos da natureza presentes em um território, são apropriados historicamente pelos grupos sociais, não somente para o uso,

mas também como atributos e valores de significados e sentimentos de representação territorial identitária.

A partir das considerações de Haesbaert (1997a; 2003; 2004c; 2007), Saquet (2002; 2004a; 2007b; 2008), Bonnemaïson (2002), Vale *et al* (2005), Mondardo (2007), Saquet e Briskievicz (2009), Briskievicz (2010) presumimos que a natureza é um elemento constituinte da representação da identidade territorial de um grupo que dela faz uso, que dela sobrevive, que dela cria suas memórias e representações, pois assim como as dimensões política, econômica e cultural a natureza também é um componente submetido às relações sociais inerentes a um lugar, com aspectos geográficos e históricos que compõem certa territorialidade.

A territorialidade é um fenômeno social que envolve indivíduos que fazem parte do mesmo grupo e de grupos distintos. Há continuidade e descontinuidade no tempo e nos espaços; as territorialidades estão intimamente ligadas a cada lugar: elas dão lhe identidade e são influenciadas pelas condições históricas e geográficas de cada lugar (SAQUET, 2009, p. 88).

Neste sentido, no entendimento de que a territorialidade e tudo o que ela compõe são resultantes ou sujeitas às relações sociais, e conseguimos conceber o homem como um ser social e, por isso, capaz de se fazer representar (sub-objetiva, i-material) e, então, a territorialidade compõe a identidade social daqueles que dela se apropriam.

No que temos compreendido sobre as territorialidades, permite-nos dizer que estas sempre são formadas a partir de apropriação dos sujeitos com o espaço ocupado, no qual possuem um sentimento de pertencimento e de representação simbólico-socioculturais.

Bonnemaïson (2002) concebe a territorialidade através das experiências internalizadas por aqueles que dela se apropriaram e fizeram ser representados. Para Bonnemaïson (2002) as representações simbólico-socioculturais são externalizados em símbolos que passam a representar suas histórias, memórias, fatos e acontecimentos importantes, mitos e credices e outros. Cada símbolo é materializado e passa a conceber a representação identitária daquela territorialidade. Seus significados possuem uma dimensão simbólica de representação coletiva, no qual suas subjetividades³⁶ são internalizadas e externalizadas para a dimensão material.

Para Haesbaert (2014) estes elementos da dimensão simbólico-cultural, são utilizados como extensão de uma dimensão político-social, na qual se utilizam deles,

³⁶ Foucault (2007) considera que muitas vezes as subjetividades podem ser utilizadas como campo de dominação por aqueles que detêm o poder.

como campo de poder das suas relações sociais, definem o processo de resistência, como forma de luta, se fazem representarem. Indiferente se existe a materialidade da territorialidade, esta territorialidade imaterial tem em seu âmago a noção de uma "comunidade imaginária", de um grupo pertencente ao seu espaço vivido e, que, deste modo, procuram se apropriarem, se fazerem ser reconhecidos, se fazerem ser identificados por aquilo que lhes representa: a dimensão simbólico-sociocultural.

A territorialidade promove laços de afetividade entre os que a ela se sente pertencente e, no contexto emigratório há um sentimento de ruptura com a sociedade de origem, logo, sua territorialidade e identidade. No entanto, os mesmos autores estabelecem que a imigração é acompanhada de negociações identitárias e em processos de (re)territorialização.

Entendendo em que dimensão e dominância alcançamos da territorialidade, procuraremos refletir as inferências do processo migratório sobre a territorialidade e a identidade. Em Raffestin (1993) e Haesbaert (1997a) vemos que, nesta condicionante, de que a territorialidade é um produto social construído historicamente, ela corresponde a sua própria condição natural, ou seja, ela é fluída e processual e, por isso, é sujeita a transformações, isto é, ela pode Des-territorializar, Territorializar e Re-territorializar (DTR), cujo princípio já tratamos anteriormente e pretendemos correlacionar como implicações do processo migratório.

Na análise e no pensamento deste autor a territorialidade procede:

[...] de uma problemática relacional. Para tanto, proporemos uma expressão simples que pode exprimi-lo: H r E. H sendo o indivíduo, o sujeito, deste que pertença a uma coletividade; r sendo uma relação particular definida por uma forma e um conteúdo e que necessita de mediatos; e E sendo a exterioridade, isto é, uma "topia", um lugar, mas também, um espaço abstrato, como um sistema institucional, político ou cultural, por exemplo. Mas a vida é tecida por relações, e daí a territorialidade poder ser definida como um conjunto de relações que se originam num sistema tridimensional sociedade-espaço-tempo em vias de atingir a maior autonomia possível, compatível, com os recursos do sistema (RAFFESTIN, 1993, p. 160).

Comprendemos a territorialidade como elemento constituinte de uma identidade sociocultural de quem o formou, se apropriou, construiu e se fez representar, entendemos

que os conflitos identitários ocorrem entorno da alteridade³⁷, ou seja, pelo reconhecimento daquele que não pertence aos elementos no núcleo formador de toda territorialidade.

Em Raffestin (1993) podemos alcançar que reconhecimento de um grupo ao seu núcleo formador, onde todos se identificam como semelhantes. Tomando como mesmo princípio, Haesbaert (1995; 1997a; 1997b; 1999a; 1999b; 2001; 2004a; 2004b; 2004c; 2007; 2008; 2010; 2013), Haesbaert e Limonad (2007), Frotscher (2009), Saquet e Briskievicz (2009), Mondardo (2007; 2009; 2012), Marandola Junior e Dal Gallo (2010), compreendem a territorialidade e alteridade como inerente aos conflitos identitários, cuja relação se percebe o "Outro" como sendo diferente daqueles que possuem em comum os mesmos elementos de representação sociocultural do seu núcleo formador³⁸.

De acordo com Goettert (2011) ao entender que os sujeitos apresentam tem seu âmbito signos, significantes que compõem sua identidade, ao observar o "Outro" como diferente, nesta relação de reconhecimento a alteridade. Nesta mesma compreensão, Mondardo (2009) mostra que na territorialidade, seja pelo pela sua funcionalidade de domínio, ou pela simbolização de apropriação, há imbricado nela as relações de representações identitárias, baseadas nas semelhanças daqueles que a compartilham e, ao mesmo tempo, a alteridade, que é o reconhecimento pela diferença do "Outro".

Haesbaert (1997a) ao evidenciar que a territorialidade é produzida pela apropriação de sujeitos, atores e grupos sociais e que, seu núcleo formador é tecido,

³⁷ Sabemos que o conceito de alteridade é envolto de fronteira, algo que não pretendemos debater em questão da nossa delimitação conceitual e em função do tempo de pesquisa. Para Martins (1997) a fronteira como é entendida como sendo limites entre territórios, que se redefinem historicamente pelas relações sociais de diferentes sujeitos, atores e grupos sociais. Para ele a fronteira marca a separação entre aquilo que se reconhece pela diferença. Mas ao mesmo tempo ela aproxima diferentes sujeitos, aspectos socioculturais, temporalidades. É a fronteira que determina a alteridade pelo conflito social entre aquilo que separa e une, ou seja: o "Outro", a diferença. Em si a fronteira pode então, ser física ou abstrata, (i)material, pois se estabelece no reconhecimento do limite com o "Outro", cuja relação (ambígua e contraditória) do desencontro e do encontro, da aproximação, da estranheza, da descoberta, da legitimação de um grupo sobre o outro, e assim, o conflito. As vezes se há assimilação, unidade, consenso, troca, misturas e as vezes a dominação, homogeneização, a legitimação o "Outro" que sofre a violência, a sua legitimação, a dominação e até mesmo a sua eliminação. Na dominação o "Outro" pode responder com resistência. E neste sentido que tratamos a alteridade em nosso trabalho. Pelo reconhecimento de limites estabelecidos em grupos, onde um mantém relações de dominação sobre o outro. Este processo conflitante entre dois grupos distintos, no qual o brasileiro, com sua "brasilidade" (superioridade) vê o "Outro" o brasiguai (inferior, "guarani") e, então, as relações de dominação refletem a violência que se manifesta em preconceitos, estigmas e *bullying*.

³⁸ Ao inserimos a alteridade como resultante do reconhecimento do "Outro", relacionado a ela, tem o conceito de fronteira, algo que não almejamos trazer nesta pesquisa. Compreendemos o conceito de fronteira a partir das exposições de Martins (1997), cujo autor nos mostra que as fronteiras estabelecem a dominação daqueles que ocuparam um território e nele se estabeleceram. Para ele, no conceito de fronteiras, há a ideia de dois lados, que nem sempre são coesos e, pelo contrário, a maioria das vezes elas são conflitantes pelo significado do poder que cada lado estabelece. A fronteira (material ou imaterial) estabelece a separação daqueles que se reconhecem como diferentes e para Martins, é neste entendimento de alteridade, que estes atores sociais atuam.

cristalizado pelas relações (política, econômica e sociocultural) e interesses destes, o mesmo define que a territorialidade tem em si, a representação identitária destes que a apropriaram. No seu entendimento a alteridade, então, fica condicionada a reprodução dos grupos sociais.

Prazendo Goettert e Mondardo (2009) sobre o que temos debatido sobre a territorialidade e identidade, temos:

Em síntese, podemos (re)definir territorialidade como as relações materiais e simbólicas de uma pessoa, grupo, classe ou instituição permeadas pelos valores e sentimentos de identidade (pertencimento, inclusão, para dentro) e de diferenciação/alteridade (estranhamento, exclusão, para fora) , balizada por relações de poder. A noção de poder não implica, apenas, a relação de "superioridade" de uma territorialidade sobre a outra; ela está presente também na produção da territorialidade em si, isto é, no controle consciente sobre as relações que expressam os valores e sentimentos de identidade, de exclusividade e de fragmentação espacial (GOETTERT e MONDARDO, 2009, 116).

Entendendo que a identidade dos sujeitos imigrantes é exposta a situações conflitantes, pois o coloca ser reconhecido como o "Outro", como "estranho", "diferente", Haesbaert (2004c) estabelece um encaminhamento importante, que assumimos como entendimento dos nossos sujeitos, ou seja, dos brasiguaios. Na compreensão de Haesbaert (2004a) a condição do migrante, faz dele, um transportador. Neste posicionamento, do migrante que leva consigo algo, entendemos que ele não transporta apenas sua bagagem, seus bens, sua força de trabalho, sua capacidade intelectual que serão absorvidas no outro território.

Em Haesbaert (2004c) conseguimos que conceber o migrante como aquele que também mobiliza sonhos, desejos, sentimentos, sua carga cultural que se apresenta na sua língua, nos seus hábitos alimentares, no seu modo de vida, na sua religiosidade, na sua concepção de mundo, em seus elementos artísticos, em seus valores, costumes e tradições, em outras palavras, ele leva consigo seu código de referência identitária e seus elementos simbólico-socioculturais.

A base deste conflito não é apenas pelo reconhecimento da diferença simbólico-sociocultural, mas também pelo enfrentamento da relação hegemônica daqueles grupos que dominam as condições da territorialidade e da identidade. Neste sentido, a territorialidade envolve implicitamente as relações de poder multidimensionais daqueles

que a configuram, formam e a mantêm, ou seja, como grupos ou classes sociais que controlam hegemonicamente o núcleo formador desta territorialidade.

Aqui apresentamos os elementos formadores. Em muitos casos, o imigrante é utilizado como o fenômeno destas discussões e contribuído para o amadurecimento da complexidade da territorialidade. Como (i)materialidade da apropriação, a territorialidade é precisamente entendida a partir de uma centralização metodológica: o homem.

As informações que aqui trouxemos se justifica pela necessidade de reconhecer estes processos para que possa examinar a territorialidade mediante a presença do imigrante. Do mesmo modo procuraremos no próximo desdobramento continuar debatendo os elementos formadores da identidade e, deste modo, observar a territorialidade e a identidade a partir dos processos migratórios, algo que já contextualizamos na seção anterior. É neste sentido que conseguiremos concluir esta seção procurando entender as implicações da imigração nos processos de (re)construção identitária e da des-re-territorialização.

3.2. Elementos formadores da identidade

Ao entendermos que o processo migratório tem um efeito corolário sobre a (re)construção da territorialidade e da identidade, temos inserido a base conceitual que envolve nossa problemática. Inicialmente refletimos sobre o processo migratório, em especial ao que se remete ao contexto das imigrações de retorno. Em seguida apresentamos uma fundamentação a respeito do território e, principalmente, da territorialidade.

Da mesma forma que o conceito de territorialidade nos foi fundamental para que compreendê-la mediante as suas implicações ao processo migratório, assim também, nos é necessário refletirmos da identidade, pois, da mesma forma que a territorialidade, a identidade é sujeita a (re)construção mediante ao contexto migratório.

Consideramos a identidade como um produto social histórico, que possui em sua gênese os processos socioculturais e psicossociais. Deste modo, a partir da perspectiva culturalista e psico-histórico-social reconhecemos a identidade como elemento de representação sociocultural de grupo.

Preferimos discorrer sobre este tema em dois momentos distintos, no qual no primeiro subitem trataremos dos elementos formadores da identidade e, para isso, nos apoiaremos na psicologia histórico-sociocultural, na qual veremos a sua construção

como resultado histórico da interação e internalização das experiências vividas em dado momento histórico e geográfico, cujo processo é responsável pela construção natural da identidade social, também reconhecida como identidade coletiva, ou identidade sociocultural.

Em outro segmento, daremos continuidade a redação sobre a identidade sociocultural, que para Haesbaert se trata também da identidade territorial, ambas compreendidas como fenômeno corolários naturais da interação social com o espaço vivido, onde estes estabelecem seus códigos de reconhecimento de solidariedade e de coesão socioespacial. Mostraremos que esta base referencial identitária permite que aqueles que se veem reconhecidos, percebam as diferenças no processo de imigração, isto é, no momento de entrada de imigrantes.

Sem teorizar, só contextualizando os estudos realizados por Haesbaert (2014), estes imigrantes, no caso dos brasiguaios, precisam renegociar suas representações, (re)construindo, sobrepondo elementos simbólico-socioculturais e constituindo-se como uma identidade híbrida. E a entrada deste "forasteiro", o "Outro", pode ser o princípio da alteridade entre grupos identitários. Também exporemos de forma sucinta a identidade legitimadora, no âmbito da identidade nacional, para compreendermos a gênese do sentimento de superioridade na construção da "brasilidade".

Na justificativa de que esta discussão seja necessária, entendemos que o processo migratório dos brasiguaios de retorno para o Brasil, são realizados acompanhados de inundações de elementos simbólico-socioculturais que repercute em ressignificação da vida social deste grupo e na (re)construção da territorialidade imaterial e da identidade destes sujeitos. Compreender estes elementos que envolvem a identidade é relevante para alcançarmos suas implicações em torno do contexto migratório de retorno destes sujeitos.

3.2.1. Fundamentos da identidade na perspectiva psico-histórico-sociocultural

Analisar a territorialidade e a identidade no contexto da migração nos leva a refletir as decorrências que este processo gera no sentido de sentimento de desconexão com referências dos imigrantes em conjunção com sua territorialidade e identidade.

No capítulo anterior, estabelecemos elementos desta desconexão ao tratarmos a des-re-territorialização e da territorialidade imaterial que se estabelece, estabelecendo como coronário aos imigrantes, especificamente dos brasiguaios em seu retorno. Para podermos refletir sobre as implicações da migração na territorialidade e na identidade nos instiga a debater sobre a territorialidade, já abordada nesta seção e, então, a identidade, algo que discorreremos neste momento.

Observar os imigrantes a partir desta premissa, nos leva a buscar entender os aspectos da (re)organização identitária, que envolvem o seu processo da construção, que para nós, resulta-se da interação das relações afetivas que estes mantêm nas relações sociais, mediante experiências produzidas historicamente pela dimensão do espaço vivido. Em relação aos brasiguaios, compreendendo que estes trazem consigo seus elementos identitários, procuram apropriar-se da sua nova realidade social e, então, passa a ser percebido como o "Outro". Em uma relação identitária conflituosa, os já estabelecidos, identificam-se como superiores a estes grupos. No nosso entendimento a gênese deste fenômeno está na legitimação dominante da identidade nacional, algo que discorreremos ainda nesta seção.

Conforme Gomes (2005) na perspectiva culturalista, a dimensão do espaço vivido nos faz perceber o homem como ator social, o qual se apropria do espaço (aqui territorialidade) e o inunda de significações (imateriais e materiais, subjetivas e objetivas) experimentadas, provadas, vividas e dotadas de signos e significados. Gomes mostra que a organização espacial é realizada e percebida através de processos das experiências vividas, apreendidas, internalizadas e, deste modo, recebe carga de atribuição de representação territorial e identitária.

Segundo Gomes (2005) a perspectiva culturalista ressalta que a identidade é resultado de um processo histórico, como produto processual, dialético e subjetivo inerente as relações sociais, responsáveis pela sua construção. Para ele a identidade recebe a carga simbólica cultural e social do grupo ou classe social que constantemente a (re)constrói. Neste aspecto, o autor reconhece a maleabilidade, fluidez, processualidade que a identidade é sujeita historicamente e, por isso, ela pode receber influências, promovendo sua (re)construção, (re)organização, acumulando os elementos simbólico-socioculturais por ela submetida.

Entendendo que os grupos ou classes sociais adquirem percepções através das experiências vividas, criando senso de opinião sobre tudo que está em sua volta, Gomes (2005) justifica que tais percepções se tornam processos de significação e

ressignificação, as quais são dotadas de valores, sentidos, sentimentos e passam compor os elementos formadores da identidade.

Como já vimos as identidades dos sujeitos são construídas mediante aos processos históricos, no qual estes interagem com as relações socioculturais que os envolvem, portanto, a identidade é um produto dialético, processual, que envolve atividades psicossociais e psicoculturais com aqueles que compartilham o espaço vivido.

De acordo com Marc Augé (1994) o espaço vivido é a base para o reconhecido do ser, do existir, da referência com aquele que possui sua similaridade e, assim, para a construção da identidade. O autor nos ajuda compreender, ainda, que as relações de amizade, as experiências de vidas compartilhadas, implicam no sentimento de constituir-se como membro de uma rede de solidariedade e de reconhecimento identitário entre os membros de um grupo ou classe social.

Outro aspecto componente da identidade, trazida por Gomes (2005) é a cultura. Ao abordá-la como componente identitário, o autor também a considera como sendo resultado social histórico, produzida pelas relações sociais dos membros de um determinado grupo ou classe social que nela atribui suas apreensões, experiências, sentidos, significados e, assim, tendo vínculo de estabelecimento de coesão com aqueles que compartilham dos mesmos elementos simbólicos que a compõem e que, portanto, são intrínsecos às referências territoriais e identitárias.

São os valores simbólico-socioculturais construídos pelas relações sociais que se determina a identidade sociocultural. A dimensão sociocultural é o elemento principal para a identidade territorial (ou identidade sociocultural), pois ela possui os elementos simbólicos de representação socioespacial de um grupo ou classe social que a construiu historicamente e, assim, compõem-se como sendo à base da coesão de uma territorialidade e da sua identidade.

Kuper (2002) ao procurar esclarecer sobre a identidade faz uma associação entre ela, e os elementos socioculturais ao sujeito e ao grupo que pertence, pois nesta conjunção é produzida a significação de acolhimento e elo entre os seus e, assim, de "confortá-los", ou de "conforto da alma". O sentido de confortar para Kuper está na capacidade de a identidade sociocultural produzir a referência de acolhimento, proteção, consolação, fortalecimento em torno dos seus signos, significados, isto é, de seus

elementos simbólicos àqueles que lhes são pertencentes, principalmente quando estes são rejeitados pelos grupos majoritários e já estabelecidos.

Na perspectiva de Castells (1999) estes elementos identitários (presentes na dimensão sociocultural) portam valores subjetivos e objetivos, responsáveis pela consubstancialização da identidade social, pois criam condições para que todos se percebam como semelhantes. Conforme este autor, os diferentes atributos socioculturais presentes na sociedade produzem a base circunstancial da identidade, na qual os sujeitos compreendem e assimilam como código de significação e de representação, assumindo para si a referência de pertencimento e de semelhança à realidade vivida e aos seus. O autor explica que este processo de pertencimento, de reconhecimento e de semelhanças constitui a arena para os conflitos identitários com aqueles que são reconhecidos como sendo diferentes.

Todas as experiências são internalizadas, as quais recebem representações de significados em uma dimensão simbólica, subjetiva que posteriormente externalizam para a dimensão material, o que Bonnemaïson (2002) trata de geossistemas e que outros autores³⁹ consideram de territorialidades, ou de identidades territoriais.

Para Haesbaert (1995; 1997a; 2014), Bonnemaïson (2002), Saquet (2007a; 2009), Corrêa (2005a; 2012) e Saquet e Briskievicz (2009) os sujeitos dimensionam os elementos simbólicos socioculturais da territorialidade na identidade, isto porque ambos são intrínsecos à apropriação. Os sujeitos utilizam a territorialidade como referência identitária, ou seja, internaliza seus aspectos (i)materiais que internaliza em todas suas experiências vividas, através da multidimensionalidade (política, econômica e sociocultural em conjunção com a natureza) das relações sociais e as traduzem como valores de pertencimento, sentimento, sentido e as externaliza (i)materialmente através de suas múltiplas formas de se representar através de códigos simbólicos, signos e significados.

Esta externalização de signos e significados dimensiona-se através de referenciais na territorialidade. Portanto, tudo que existe de forma concreta ou subjetiva na territorialidade são elementos simbólicos identitários, que possuem códigos de pertencimento e de reconhecimento. Deste modo a identidade territorial, produzida historicamente por meio das relações sociais, também é compreendida como a identidade sociocultural de um determinado grupo ou classe.

³⁹ Entre eles Haesbaert (1995; 1997a; 1997b; 1999a; 1999b, 2001; 2004a; 2004b; 2004c; 2005; 2008; 2010; 2013; 2014), Saquet (2004; 2007a; 2007b; 2009; 2013), Vale *et al* (2005), Haesbaert e Limonad (2007), Mondardo (2007; 2009; 2012), Saquet e Briskievicz (2009), Haesbaert e Mondardo (2010), Haesbaert e Santa Bárbara (2001), Marandola Junior e Dal Gallo (2010) e Briskievicz (2010).

Destarte, nos dedicamos em nos cientificar a natureza dos fenômenos psicossociais inerentes aos sistemas simbólicos e as subjetividades⁴⁰ e, assim, a construção da identidade destes imigrantes brasiguaios. Procurando compreender estas representações, buscamos nos basear em Woodward (2000), cuja autora nos expõe que a identidade é constituída por códigos de signos e de significados.

Para ela a função da identidade é o reconhecimento dos sujeitos pertencentes a um determinado grupo social. Para isso, os membros de cada grupo social têm em comum, elementos simbólicos e códigos sociais, que constituem a linguagem de representação social. Deste modo, para a autora, aqueles que reconhecem esta linguagem de representação social, seus elementos simbólicos e que seguem os mesmos códigos sociais, têm em comum, uma unidade social, que para ela, é a identidade. A partir destas inserções, entendemos que a identidade é responsável pela coesão e unidade daqueles que a ela se sentem pertencentes e que reconhecem sua representação social.

Baseados Woodward (2000) e Silva (2011) entendemos que as subjetividades são elementos constituintes no processo da construção da identidade. Para eles, as subjetividades são, na verdade, sistemas simbólicos psicossociais que envolvem sentimentos, emoções, desejos, percepções, sentidos ínsitos a natureza humana. Woodward (2000) revela que a condição humana é significar e ressignificar suas experiências vividas na materialidade, na história vivida, no contato com natureza, em suas relações socioculturais e tudo que compõe a dimensão física. Para a autora estas experiências são dotadas de atribuições subjetivas e que, uma vez internalizadas e posteriormente externalizadas, são munidas de atributos de signos e significados e compartilhados entre aqueles que se reconhecem semelhantes, constituindo, assim, a identidade.

Woodward (2000) e Silva (2011) nos auxiliam compreender que os sistemas simbólicos psicossociais, se constituem como conjuntos de representações identitárias, tanto individual como coletiva, das experiências, dos sentimentos, dos significados que estes sujeitos compreendem do processo histórico, social e cultural. Para eles, os

⁴⁰ Trazemos o debate de subjetividade no aspecto da psicologia histórico social, pois os brasiguaios, tem em sua identidade, elementos psicossociais em resultado de suas experiências vividas, desde o momento em que foram expulsos do Brasil pela modernização da economia, como também, aquelas experimentadas na interação morando no Paraguai e, que agora, também vivenciam no retorno e na territorialização no Brasil.

sistemas simbólicos e as subjetividades inferem no âmago da gênese da construção das identidades.

Habermas (1990), Castells (1999) e Silva (2011) ao tratar de identidade como fenômeno psicossocial, a define como mecanismo individual e social de reconhecimento. Para Habermas (1990) o reconhecimento primeiramente se faz na individualidade em cada indivíduo componente de um grupo social e, posteriormente, ser reconhecido e representado por todos os demais membros do mesmo grupo, constituindo, assim a identidade coletiva, ou social.

Baptista (2002) compreende que as complexidades destes processos se configuram, tanto pelas semelhanças, como pelas diferenças que estes identificam com os demais. Para a autora, a identificação das diferenças é essencial para que um grupo se represente em suas semelhanças e, portanto, haja a identidade de pertencimento de um grupo.

Segundo esta autora, a identidade é um produto socialmente construído e, portanto:

[...] é uma construção histórica que se dá a partir da relação dialética que ocorre em um determinado espaço geográfico, entre indivíduos e ou grupos que organizam sua vida cotidiana desenvolvendo atividades semelhantes, a partir de um conjunto de valores compartilhados (BAPTISTA, 2002, p. 34).

Para Baptista (2002) a identidade social estabelece elementos que conferem o sentimento de pertença a uma realidade geográfica e, ao mesmo tempo, a um contexto histórico vivido. Nas suas colocações os sujeitos só se veem como semelhantes, porque reconhecem os elementos daquela realidade vivida, das mesmas experiências históricas vividas, das relações socioculturais e outros elementos que lhes são semelhantes. Em outras palavras, a identidade social é construída socialmente por meio da interação social de um determinado tempo e espaço geográfico.

Na perspectiva da psicologia-histórico-social ou histórico-sociocultural ⁴¹, Vygotsky (1994) vemos que o comportamento do ser humano é resultado de várias particularidades da sua condição biológica e social, inerentes ao seu processo de amadurecimento, da sua familiarização e da sua interação com os demais indivíduos do grupo que ele venha a fazer parte.

⁴¹ Não estamos discutindo fundamentos e teorias da psicologia, apenas trazemos a contribuição da psicologia histórico-sociocultural, porque acreditamos nos ajudar a estabelecer os elementos formadores da identidade sociocultural, que para Haesbaert (2014) é mesma que a identidade territorial, pois para ele, ambas são produtos das relações sociais, historicamente (re)construídas. Portanto, nosso trabalho não tem por objetivo de debater perspectivas psicológicas.

A partir de Vygotsky (1994), consideramos que as relações sociais em que estes sujeitos pertencem, assim como, o processo histórico, cultural e social no qual estão expostos, estes veem a produzir significados, subjetividades para a o entendimento de grupo, de classe e de realidade a qual pertencem.

Deste modo, na medida em que cada grupo social vivencia, interage, internaliza, confere significações; a realidade social, a história vivida, as relações socioculturais e tudo que está em sua volta, passam a ser apropriado de signos e significados. Em outras palavras, conferimos aos elementos materiais e imateriais das relações socioculturais de certa realidade, atribuições de sentidos, crenças, sentimentos, que Vygotsky define como processo de internalização psicológica do mundo externo.

É neste sentido que Castells (1999) define a identidade como sendo resultado das experiências de um povo, inseridos em um histórico-geográfico e que tem como base a inter-relação dos atributos socioculturais entre aqueles que são semelhantes.

Para Marandola Junior e Dal Gallo (2010) a internalização das experiências vividas, através das relações socioculturais, em confluência com a natureza e a história de uma determinada realidade geográfica, constitui os mecanismos operantes para a construção da identidade através do "*self*", (Eu). Para estes autores, a dimensão do espaço vivido permite ao homem a significação dos "*selves*"⁴² com as suas com a dimensão do espaço vivido, em uma determinada realidade geográfica, constituirá.

Portanto, é através do processo psico-histórico-sociocultural, que os sujeitos realizam interações complexas de internalização da realidade vivida e, assim, uma vez internalizado e realizado os "*selves*", concebe a tudo que internalizou pela interação signos, significados, sentimentos. Em sequência é produzido sistemas simbólico-socioculturais, dotados de subjetividades, que sujeitos conferem à realidade social o senso de representação social e, ao mesmo tempo, confere aos membros pertencentes ao mesmo grupo social desta realidade vivida, o senso de reconhecimento, logo, a identidade sociocultural, ou identidade social.

⁴² Utilizando-se deste referencial, concatenamos a Kuper (2002) ao explicar os processos de internalização e de identificação pelo "*self*". Nesta mesma percepção, Carvalho *et al.* (2010) explica que o processo "*self*" é a redefinição que temos com a interação com o mundo a nossa volta, em respondermos às percepções. Para estas autoras, o "*self*" é dinâmico, não é apenas individual e, sim, social. O "*self*" social é um processo contínuo de interação e de representação simbólica, no qual cada indivíduo usa como referência de ser integrante de um grupo.

Entender os elementos formadores da construção da identidade social são fundamentais para discerni-la frente a identidade de resistência que muitos formam mediante a identidade legitimadora.

Como dissemos, o retorno dos brasiguaios é acompanhado de processos de (re)organização identitária e de (re)territorialidade. No entanto, este grupo identitário acaba encontrando na resistência o mecanismo para enfrentar os conflitos estabelecidos através da identidade legitimadora dos já estabelecidos, os quais têm em sua "brasilidade", o sentimento de superioridade.

Para melhor compreendermos este fenômeno e dilemas dramáticos que envolvem tais sujeitos, neste próximo seguimento fundaremos os elementos da identidade social, legitimadora, (na qual temos a identidade nacional) e de resistência. Acreditamos que a discussão anterior sobre territorialidade e, agora, da identidade, nos ajudarão a elucidar as mediações territoriais e identitárias que os brasiguaios estão submetidos em seu retorno e nas novas experiências vividas.

3.2.2. Fundamentos da identidade sociocultural, identidade legitimadora e de resistência: subordinação

Na perspectiva psicossocial, entendemos o homem como um sujeito social, capaz de interagir e de assumir em sua constituição do ser, os elementos da realidade vivida. A relação entre os sujeitos de um determinado grupo com a sua realidade permite uma compreensão comum de vivências, de representações, de reciprocidades que concebe a identidade social.

Nestas relações sociais, a natureza destes sujeitos, enquanto grupo, é de assumir as percepções adquiridas e experimentadas em suas experiências afetivas, bem como, da linguagem da representação, das dificuldades, dos problemas sociais enfrentados e outras realidades que lhes permitem formular conceitos recíprocos de pensamentos, verbalizações, afetividades e de sentimentos comuns. Neste sentido, a natureza destas relações sociais constitui o processo da dimensão social e histórica do homem, portanto, a mediação ou interação definem o estado de cognição e, assim, de consciência para estes sujeitos.

Através de Berguer e Luckmann (1985), Habermas (1990), Baptista (1992) e Castells (1999), acreditamos que as relações sociais são construídas historicamente em um determinado espaço, geram elos de solidariedade, de contratos sociais e representações entre os sujeitos do grupo que pertencem, bem como, entendemos que

estas representações simbólicas e subjetivas transcendem e se materializam nas tradições, nos mitos, nas crenças e nos rituais entre o sagrado e o profano, dos sabores e dos ritmos, enfim, de certa realidade do espaço e da história vividas e compartilhadas socialmente.

Para Habermas (1990) a identidade social de um grupo, possui elementos comuns, que são preservados e transmitidos. Entre estes elementos que constituem a identidade, além dos simbólicos, há também os papéis estabelecidos pelas normas vigentes do grupo social que pertencem, ou seja, todo membro de determinado grupo ou classe, possui contratos abstratos de solidariedade ao grupo, no qual assumem os códigos e símbolos socioculturais do grupo como semelhança, como os elementos que compõem a cultura, as relações sociais e, portanto, o modo de pensar e agir. Entre os elementos de um determinado grupo tomado para si como semelhança, está a língua, os mitos, as tradições e os códigos de conduta social.

De acordo com as compreensões que obtivemos por meio de Haesbaert (1997a), na perspectiva sociocultural, percebemos que os processos formadores da cultura, da identidade e da territorialidade são intrínsecos à sua gênese da formação, o seja, às dimensões do tempo em conjunção com o espaço e com as relações sociais. Pela ótica sociocultural, a cultura, a territorialidade e a identidade são construídas historicamente através das relações sociais em conjunção com a dimensão do espaço vivido em uma determinada escala do tempo.

Como resultado desta composição espaço-tempo-homem, todos possuem os mesmos elementos de significação sociocultural e todos são processuais à subjetividade da tríade que os constitui. Então, é neste processo dialético e fenomenológico que todas possuem (em sua gênese e processualidade) as mesmas características da flexibilidade, subjetividade, imaterialidade, objetividade e materialidade. A extensão da dimensão social e cultural constitui os fenômenos da apropriação, de significação da territorialidade e da identidade. Por isso, que para Haesbaert (1997a) na perspectiva sociocultural, e em Haesbaert (2014) pela dominância simbólica da apropriação, entende-se que a identidade sociocultural e a identidade territorial são análogas.

Em Haesbaert (2004c) observamos que os sujeitos operam sistemas de significação de suas experiências vividas e que este processo é responsável pela (re)organização identitária e espacial. Em Saquet (2002; 2007b; 2008) o autor mostra que os imigrantes em contato com uma nova territorialidade, redimensionam suas referências

identitárias, assimilando novas experiências socioculturais. Em Mondardo (2007) vemos que as experiências internalizadas a identidade dos sujeitos possuem elementos internalizados na memória. Em Saquet e Briskievicz (2009) o reconhecimento das semelhanças entre os sujeitos de uma determinada territorialidade lhes conferem contratos de solidariedade entre os mesmos, configurando a coesão do sentimento de pertencimento de grupo.

Para Haesbaert (2003; 2004c; 2007; 2010; 2014) e Saquet (2002; 2004a; 2007b; 2008) vemos que os processos dialéticos e fenomenológicos responsáveis pela (re)construção da territorialidade é baseado na sobreposição de dimensões do tempo, da escala e de relações, cujo processo é responsável pela (re)organização identitária entre os sujeitos. Para eles as dimensões são processualizadas, internalizadas e dotadas de constantes significações que auxiliam no reconhecimento e na representação da identidade social entre os seus as quais determinarão a coesão da identidade do grupo ou classe social.

Da mesma forma que Haesbaert (2003; 2004c; 2007; 2010; 2014) e Saquet (2002; 2004a; 2007b; 2008), notamos em Berguer e Luckmann (1985), Habermas (1990), Baptista (1992), e Castells (1999) que a identidade social é resultado de um contexto histórico-sociocultural, portanto, por sua maleabilidade e processualidade, ela não permanece estática, assim como os elementos que a constitui, ou seja, as relações socioculturais. Para estes autores o grupo social que possui os mesmos elementos simbólicos de representação compartilhará e as transferirão às novas gerações através da memória coletiva. Os mesmos advertem, que assim como a cultura e as relações sociais, a identidade social é vulnerável aos interesses presentes nos discursos ideológicos das diferentes instituições que fazem parte da sociedade como forma de dominação.

Aproximamos de uma etapa importante desta discussão. Até o momento temos debatido a construção da identidade como um produto das interações histórico-socioculturais, em um determinado espaço geográfico, na qual a identidade social se manifesta a partir das internalizações assumidas e utilizadas para se fazerem representar como semelhantes.

Estas representações identitárias são reproduzidas e reconstruídas, sempre inundadas de simbologias e de subjetividades, que funcionam como coesão social do grupo ou classe. Estas internalizações são materializadas em representações a partir dos sentimentos e dos significados que delas reproduzem, principalmente por meio do contrato social de solidariedade que se estabelece e, mesmo que haja discordâncias, tais grupos assumem as semelhanças e utilizam como mecanismo de reconhecimento, de

representação e de pertencimento. No entanto, também, observamos que estas representações identitárias não são fixas e nem permanentes. Elas podem se transformar e mudar com o tempo. A partir deste momento, procuraremos expor de forma sucinta os fundamentos da identidade legitimadora, trazendo como exemplo a identidade nacional.

Neste momento, pensamos ser importante estabelecer uma relação deste tema com o que debateremos mais adiante a respeito sobre os conflitos identitários entre brasileiros e brasiguaios. Parece-nos essencial, fazer esta conexão, pois acreditamos que isso ajudará esclarecer sobre nosso trabalho. A identidade nacional, idealizada pelo Estado-Nacional que aqui apresentaremos, ajudará a compreender o que apontamos como gênese dos conflitos identitários do qual os brasiguaios estão expostos ao retornarem no Paraguai.

Berger e Luckmann (1985) afirmam que esta normativa social e, assim, a identidade legitimadora, não são produtos naturais, pois controlam os elementos de representação sociocultural, a memória e a história social, ressignificando-os como meio de dominação social. Trata-se de uma construção social homogeneizadora e hegemônica. Para eles, trata-se de um processo construído e reconstruído historicamente através de interesses, que em cujo processo os sujeitos assumem consistência subjetiva daqueles que as criam.

Para Berguer e Luckmann (1985), Habermas (1990), Baptista (1992) e Castells (1999) a História, a memória, os sistemas simbólico-socioculturais podem ser dominados e, então, tornarem-se normatizadores àqueles que os criam, ou que os detém sobre o poder de manipulação, como por exemplo, em detrimento ao trabalho. Estes autores entendem que estas instituições conseguem estabelecer os contratos sociais e, então, dominam a identidade social que se reproduz em contexto histórico-geográfico.

Esses autores entendem que estas instituições, são responsáveis pela formação de uma identidade transmitida e que obedece aos mecanismos de normatização e de legitimação de uma realidade controlada por elas. O que estes autores definem como sendo identidade institucional ou normatizadora, Castells (1999) a considera como identidade legitimadora.

Nas exposições sobre identidade, em Castells (1999) entendemos uma distinção entre "*Identidade*" e "*Conjunto de papéis*". Para ele os papéis são definidos por normas estruturadas pelas instituições e organizações, como a família, religião, clubes,

sindicatos, corporações e outros. Neste sentido, conforme nos mostra Castells (1999) aqueles que rejeitam ou são rejeitados por esta identidade legitimadora, ou seja, aqueles que possuem uma identidade de resistência formam "comunas"- comunidades de pessoas com resistência coletiva ao processo de alienação, opressão e de sentimento contrário a exclusão injusta.

Para Castells (1990), esses papéis são assumidos através das subjetividades presentes nos discursos realizados por estas instituições e que os sujeitos realizam, internalizam e assumem. O autor, ainda nos mostra que esta identidade coletiva, criada a partir dos interesses e das relações de poder, apresenta subjetividades e significados para aqueles que com ela se identifica, ou, que dela se excluem.

Conforme Haesbaert (2014), essas instituições são constituídas por meio de relações de poder mesmo que de forma simbólica e subjetiva, elas impõem os significados, os valores, intenções que são inculcados e internalizados por estes sujeitos e, deste modo, passam a ser homogeneizados ou subalternizados. Podemos verificar em Castells (1999) que estas diferentes instituições representam campos diferentes de poder e que almejam a dominação da identidade social (legitimadora) e, assim, as relações sociais e o controle socioterritorial.

No entanto, apesar das diferentes relações de poder que se esforçam em dominar o território e a identidade, existem outros processos envolvidos na formação de nossa identidade de grupo, ou identidade social. Em Berger e Luckmann (1985), Castells (1999; 2002), Couche (1999), Kuper (2002), Bauman (2005) compreendemos que o Estado idealizou a identidade nacional, impondo condutas, modos de vida, modos de pensar, juízos de valores e regras sociais através de suas instituições, como, por exemplo, pela educação, atribuindo seus valores e informações que lhes são convenientes. O mesmo se trata, por exemplo, de uma empresa que reforça o consumismo ou a alienação ao trabalho.

Avançando a discussão, buscamos refletir a identidade a partir dos processos legitimadores que produziram identidade nacional⁴³, que para nós, esta é resultado dos instrumentos de poder⁴⁴ e de controle adotados pelo Estado.

⁴³ Consideramos através de Sodré (1998), Mota (2000), Vas (2011), Alambert (1999) e Araújo (2012) que a identidade nacional brasileira é resultado dos ideais romancistas, pela ideologia no do Estado-Nacional, que se utilizou dos elementos simbólicos de eufemismo, patriotismo, nacionalidade voltados para a superioridade da Nação, que naquele momento, deveria representar o próprio Império, diante do descontentamento social que ele enfrentava e que o ameaçava ser destituído do poder. A identidade nacional deveria significar a continuidade da família imperial no poder e, por isso, ao recomendar profissionais habilitados para construir significados de superioridade, usou-se como tema a Guerra do Paraguai, cujo conflito a Tríplice Aliança destruiu a representação de superioridade na América do Sul, pois se constituía em país com avanços sociais que somente a Inglaterra possuía. Retratar o vencido na

Tendo como base nas evidências de Kuper (2002) sobre este assunto, vemos que o conceito de identidade a partir da unificação e dominação dos elementos simbólicos socioculturais, envoltos aos interesses do Estado burguês, idealizando a identidade nacional, como normatizadora (ou legitimadora). Na visão do autor, a tradição ideológica alemã tratava a identidade como sendo única, pura, fixa, sem misturas e que servia como instrumento de nacionalismo.

Conforme Bauman (2001) os Estados-Nacionais conseguiram unificar as diferentes comunidades, impondo-lhes referências únicas, de tradições, histórias, mitos, memórias, língua e outros elementos simbólicos socioculturais, que os diferentes sujeitos como sendo únicos, isto é: em torno da identidade nacional. Bauman (2001), explica que através dos diferentes aparelhos do Estado, como, por exemplo, os sistemas educacionais, instituíram as ideologias de superioridade, eufemismo, nacionalistas, patrióticas, que por consequência, promoveram uma grande dizimação de identidades culturais.

Para Hobsbawm (2003) os Estados-Nacionais idealizaram uma identidade coletiva em torno do nacionalismo, a fim de definir controlar o território nacional e aquelas diferentes identidades que nele existiam. Desta forma, os diferentes grupos identitários, classes e sujeitos foram reunidos em um sentimento de patriotismo nacionalista, legitimando uma identidade sobre o controle do Estado e da burguesia.

Para esse estrato médio em ampliação, o nacionalismo possuía igualmente uma atração mais ampla e menos instrumental. Oferecia-lhes uma identidade coletiva, como "fiéis defensores" da nação que deles se esquivava, como classe, ou como aspirantes ao pleno status burguês que tanto cobiçavam (HOBSBAWN, 2003, p. 227).

Para Kuper (2002) e Couche (1999) a gênese de toda forma de alteridade e de austeridade em relação às identidades está na promoção da cultura nacionalista pelo Estado Nacional, que vê nela uma forma de poder a partir do controle simbólico e, neste princípio, a identidade nacional deveria ser protegida do contato e da contaminação com as demais culturas, consideradas como inferiores, de menor prestígio, de menor valor de

sua inferioridade mostraria a superioridade do vencedor e, é nesta intencionalidade que se construiu a "brasilidade".

⁴⁴ Como já especificamos o conceito de poder aparece por estar intrínseco a conceitos que elegemos no nosso campo conceitual.

beleza, como sendo impura, bárbara, inculta, incivilizada. Baseado nesses autores, podemos dizer, que a identidade nacionalista incitou o sentimento de aversão, promovendo a alteridade com aqueles que lhes não eram semelhantes, oportunizando atitudes individualistas e preconceituosas.

Nas suas exposições, percebemos que a base dos conflitos identitários é o reconhecimento da diferença do "Outro" e, neste sentido, entende-se que este não é um sujeito integrante do grupo ou classe. Esta compreensão se dá pela identificação dos seus elementos simbólico-socioculturais, que são diferentes daqueles que compartilham dos mesmos elementos simbólico-socioculturais presentes em no centro de coesão social destes. Deste modo, ao falar de alteridade, implica dizer a respeito de fronteiras, algo que não pretendemos nesta pesquisa, no entanto, utilizamos a alteridade, pois reconhecemos nela o aspecto do reconhecimento da diferença e, assim, dos conflitos por não aceitar o "Outro".

Para Marandola Junior e Dal Gallo (2010), Goettert (2011), e Goettert e Mondardo (2007; 2009; 2010) para entender os conflitos identitários, principalmente na presença de imigrantes, que já possuem sentimento de rupturas, requer compreender os elementos que os constituem como grupo ou classe e fazer tais apontamentos, observando o que lhes afasta ou os aproxima da sociedade que os recebe. Nestes autores vemos que o princípio de reconhecer o "Outro", fortalece ainda mais o sentimento de pertença e de semelhança aos que se identificam representados pelos mesmos elementos simbólico-socioculturais.

A partir disso, os autores demonstram que as relações identitárias, hospedam signos, significados, senso de solidariedade, mas também de reconhecimento das diferenças. Neste sentido, a presença do "Outro" sempre é condicionada a hostilidades e práticas de exclusão e, estes, realizam negociações simbólicas para (re)construir suas identidades, por meio da assimilação ao novo. E aquele grupo que o recebe, por mais que lhes neguem, também assimilam suas representações simbólicas. Os estudos identitários no contexto social das migrações tem sido levantado debates a respeito sobre o "Outro", alteridade e hibridismo⁴⁵.

Para Mondardo (2009; 2010) além da alteridade enfrentada, muitos são incorporados, "aceitos", por uma hibridação negativa, subalternizando-os, isto é, aceitando-os na convivência social, mas limitando suas representações sociais, ou,

⁴⁵ Quando utilizarmos a definição de identidade híbrida para os brasiguaios, faremos dentro da contextualização dos atores que aqui trazermos. Investigar a identidade híbrida, ou que tipo de identidade que estes sujeitos possuem não fez parte da nossa problemática.

valorizando suas atribuições socioculturais, conhecimentos, força de trabalho apenas por aquilo que lhes interessa. Neste sentido, estes também se hibridizam, por, mesmo sem querer, ou apenas pelo interesse, assimilam suas referências socioculturais, tratando-se, então, de uma dominação, uma hibridação hegemônica.

Em Woodward (2000) vemos que aqueles que possuem identidade híbrida, na maioria das vezes, são negativamente constituídos de representação, pois os que possuem esta identidade, são sempre compreendidos a partir da alteridade do "Outro", como "forasteiro", "estranho" e, assim, marginalizados. Mas o autor também concorda, que por outro lado, a diversidade e heterogeneidade de sua identidade, pode lhes favorecer. Nesta identidade híbrida, além dos elementos socioculturais, eles também possuem conhecimentos e técnicas de trabalhos desenvolvidas em contextos geográficos diferentes, gerando interesse pelo conhecimento que possuem.

Em Haesbaert e Santa Bárbara (2001) explica que a identidade híbrida "mista", "plural", caracteriza como aquele que possui cruzamento de culturas, mistura de elementos simbólico-socioculturais enraizados em sua identidade. Para eles e Haesbaert (2014) se trata de sujeitos pertencentes a duas territorialidades, que (re)organizam sua identidade em função da imigração.

Para entendermos este processo, principalmente na imigração dos brasiguaios, temos buscado observar a origem desta subalternização, que como já adiantamos, pensamos ser devido a construção da identidade nacional brasileira, "brasilidade", que estabelece códigos de superioridade principalmente em relação ao Paraguai.

Logo, conforme nos mostra Couche (1999), Kuper (2002) e Bauman (2001; 2005) a identidade deveria refletir a superioridade da própria nação, um discurso que os Estados difundiriam através de ideologias nacionalistas, que no Brasil, assim como em muitos outros países, teve como o idealizador o Romantismo⁴⁶.

Para Bauman (2005) "[...] ser indivíduo de um Estado era a única característica confirmada pelas autoridades [...]" (Ibidem, 2005, p. 28). Na concepção do Estado não havia lugar a regionalismos, outras identidades e, por isso, "Se você fosse ou pretendesse ser outra coisa qualquer, as "instituições adequadas" do Estado é que teriam a palavra final. (Ibidem, p. 28, 2005).

⁴⁶ O Romantismo como instrumento ideológico do Estado para a consolidação da identidade nacional, vemos em Ortiz (1994) e Vieira *et al* (2009).

Correspondendo as exposições de Bauman (2001; 2005), também podemos perceber através de Castells (1999; 2005) que os aparelhamentos do Estado, são instrumentos legitimadores, aqueles responsáveis para criar as identidades legitimadas, ou seja, como nos mostra Haesbaert (2014), na qual os sujeitos se tornam subalternizados aos aparelhos homogeneizadores do Estado e do capital.

Para Castells (2005) aqueles sujeitos, membros de um grupo ou classe social que não se veem como semelhantes à identidade legitimadora, organizarão estratégias de se oporem ao processo de dominação. Como uma extensão da dimensão sociocultural para a dimensão política, estes (re)organizarão suas lutas para se oporem, mesmo que este movimento tenha forças desiguais em relação ao poder das estruturas de dominação social.

Conforme Castells (2005) aqueles que se identificam como excluídos, estigmatizados, inferiores, rejeitados, ou que não se enquadram à estrutura dominante, ou de alguma forma são desvalorizados, também não assumem a identidade legitimadora. Além destes, há também aqueles que não aceitam, ou questionam, ou infringem, ou não reconhecem a normativa da identidade legitimadora. Em Haesbaert (2014) o autor cita como exemplo os indígenas pela etnicidade, os favelados, os sem teto, sem-terra e camponeses pela classe social, os homossexuais e as mulheres pelo gênero, os imigrantes e refugiados por vários destes fatores. Entre os grupos de imigrantes, Haesbaert (2014) destaca a questão dos brasiguaios.

Para Haesbaert (2014) o caso dos imigrantes, nossa maior preocupação deste trabalho, razão pela qual nos fez buscar aprofundamento teórico, se estes vivem marginalizados pela sua identidade étnica, ou se são excluídos pela sua condição de classe social, se são negados pela limitação das fronteiras, se são rejeitados devido a sua identidade sociocultural, há neles mais do que a "ilegalidade" da "muamba" e ou da "sua" "falsificação". Haesbaert (2014) nos mostra que tanto os imigrantes brasiguaios, como outros grupos que são excluídos ou rejeitados, estabelecem (mediante a "morte matada", a subordinação e a dominação), dispositivos de enfrentamentos, rearticulando e resistindo.

Através da perspectiva psico-histórico-social, buscamos reconhecer os elementos formadores da identidade social (também reconhecida como identidade sociocultural, ou identidade territorial) como processo natural, historicamente construído pelas relações socioculturais, pela interação e internalização das experiências vividas a um dado contexto histórico-geográfico. Estes "*selfs*", são acompanhados de significações e

inundações de referências subjetivas, imateriais, que externalizadas, materializam-se através dos pactos sociais de solidariedade e de reconhecimento social.

A sociedade, mediante a processos de hegemonização em favorecimento do Estado e do capital dominam os aspectos socioculturais e, assim, seus códigos de representação identitária, formando uma identidade legitimadora (ou normatizadora) que atenda os interesses de quem a normatiza. A exemplo de uma identidade legitimadora, correlacionado com nossos sujeitos, está a identidade nacional, base da unificação territorial, do controle e dominação social.

Como é caso da "brasilidade", os sujeitos assumem os valores que lhes são impostos e, como código social não natural, os reproduz. Neste sentido, aqueles que não correspondem, ou não aceitam tais investidas de dominação, se veem excluídos, marginalizados e, uma vez reconhecidos como semelhantes, (re)organizam suas identidades e passam a reivindicar seus direitos, pela luta, pela resistência. A identidade de resistência se coloca como uma possibilidade de se (re)organizarem e de terem para si seus direitos de reconhecimento e de apropriação.

Naquelas sociedades onde há processos de imigração, muitos têm enfrentado hostilidades por serem reconhecidos como "Outros". Estes sujeitos, no enfrentamento da alteridade, são identificados, muitas vezes, como portadores de uma identidade híbrida. Há casos que se multiplicam mediante as redes sociais que os imigrantes se estabelecem em mais de uma territorialidade, identidades, experiências, sonhos, contatos e assim, mecanismos de mediações para formular estratégias de negociações identitárias e, assim, (re)construir da "morte matada".

Acreditamos que este desdobramento foi fundamental para podermos terminar (mais adiante) esta seção compreendendo as implicações que os processos migratórios têm promovido na territorialidade e na identidade, algo que abordaremos neste próximo seguimento.

Entendendo que os sujeitos envolvidos em processos migratórios transportam consigo muito mais do que seus pertences, as prerrogativas deste contexto devem ser observadas pela conexão que estabelece entre diferentes realidades histórico-geográficas, entrelaçadas em uma "malha", na qual os sujeitos são submetidos a processos de negociações identitárias e de des-re-territorialização. As discussões que até este momento fizemos nos ajudarão a refletirmos no próximo seguimento as implicações

territoriais e identitárias destes sujeitos, mediante estas processualidades. Ao iniciarmos o quarto capítulo, traremos nossos sujeitos, os brasiguaios. Confiamos que as percepções destes (brasiguaios) serão além das discussões teóricas que aqui trazemos. Cruciais para a compreensão da problemática, no entanto, esperamos que elas consigam evidenciar aqueles a quem queremos, de algum modo, tirar da "morte matada".

3.3. A construção da territorialidade mediante o processo migratório

Dando continuidade à discussão que fizemos, neste segmento, procuraremos prosseguir nosso mapeamento teórico norteador, nos esforçando em avançar o debate, retratando o processo de (re)construção da territorialidade e da identidade, associando-os ao contexto das migrações, pois entendemos que os sujeitos envolvidos no processo migratório estão submetidos em um enredo de des-re-territorialização e de (re)construção identitária e, assim, o processo migratório promove implicações na reconstrução das territorialidades e das identidades. Neste sentido, o que estamos aqui debatendo nos ajudará posteriormente observar como estes processos refletem no redimensionamento da territorialidade dos brasiguaios, na negociação identitária e na resistência a sua subordinação.

Constatando que a migração é um fator determinante aos processos territoriais, procuramos, neste momento, fazer algumas exposições sobre estes, trazendo elementos que nos possam adentrar em aspectos importantes imbricados ao processo de (re)construção de territorialidades e das identidades.

Entendendo que no cerne do que acabamos de assumir está o conceito de redes, procuraremos integrá-lo ao debate, sem nos comprometermos em aprofundá-lo, já que não faz parte do recorte conceitual que elegemos para este trabalho⁴⁷.

Entendemos que as redes sociais estabelecem unidades de múltiplas relações entre os imigrantes e não imigrantes, com aqueles que permanecem em seu território de origem e que migraram para um novo território. Esta unidade de relações forma e configura uma distinta territorialidade e identidade, que, aqui, procuraremos debater.

Realizando uma reflexão do processo migratório que debatemos, observamos através de Sayad (2000), Cassarino (2004; 2013), Fazito (2005; 2008; 2010), Abud *et al.*

⁴⁷ Percebemos que o conceito de redes está relacionado ao contexto das migrações e da territorialidade só na fase final deste trabalho, o que nos implicou em não incluí-lo em função do tempo. Diante, disso, procuramos debetê-lo de forma sucinta, relacionado ao processo de (re)construção de territorialidades e da identidade. Observamos a existência das redes sociais que desencadeiam elementos formadores da territorialidade e da identidade em questão: a dos brasiguaios.

(2008), Siqueira (2009), Botega *et al.* (2015), este processo deve ser entendido através da formação de uma rede social que surge a partir da conexão entre diferentes sujeitos, escalas, tempos, atores sociais, bem como, os aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais.

Em Saquet (2004a; 2007b), o autor considera que a formação destas redes, como por exemplo, a de circulação ou a de comunicação, estabelecem conexões socioculturais, político-econômicas, entre diferentes escalas e sujeitos, produzindo, assim, uma unidade entre os atores e as redes sociais, com os atores e redes culturais, as quais interferem e formam territorialidades e identidades.

Como já mostramos, no processo de *DTR* a visão integracionista de redes (composta por múltiplas dimensões política, econômica e sociocultural), formada através dos imigrantes e das múltiplas dimensões de escalas e tempos que estes estão expostos, possibilitam processos de (re)territorialização, de construção de territorialidades e de identidade sem constantes transformações. Esta multidimensionalidade, que também já especificamos, Saquet (1997a) vai considerar como processo formador de territorialidades.

Neste processo, Haesbaert (1997a; 1999b) inclui os imigrantes em diáspora, os refugiados e outros grupos que são levados a migrar. Em vários trabalhos deste autor, como conforme percebido em Haesbaert (1997a; 1997b; 1999b; 2002; 2003; 2004a; 2004b; 2005; 2007; 2008; 2009b; 2010; 2013; 2014), veremos que a (re)construção de territorialidades através do processo migratório, caracterizam-se em uma perspectiva sistêmica e reticular, ou seja, é a partir da construção das redes que se estabelecem as territorialidades e os territórios.

Quando delineamos a territorialidade através da perspectiva sistêmica, areal e reticular, queremos dizer com isso, que esta territorialidade é constituída por uma unidade de relações (política, econômica, sociocultural, (i)material, (sub)objetiva), que agrupam espacialmente, de forma (i)material as "zonas" e os "nós", que se convergem e definem a unidade desta territorialidade. Esta unidade entre os "nós" estabelece uma "malha", que mantém uma conexão, um movimento e uma densidade desta rede, delineando seu fluxo, o qual dependerá da dinâmica e da processualidade das relações que determinam seu núcleo formador.

Neste entendimento de múltiplos fatores, dimensões e aspectos as redes são múltiplas, assim como seus atores, por isso, existem territorialidades formadas por redes político-econômicas, outras por aspectos socioculturais e territorialidades onde há conversão/integração de todas, dependendo da dimensão de relação desta rede.

No entendimento de Saquet (2004a) toda relação é, antes de tudo, social, sejam as relações políticas, econômicas e culturais, todas são estabelecidas pelas relações sociais dos sujeitos, atores, grupos e práticas sociais, as quais integram a rede que formará o núcleo de toda territorialidade, por isso, a territorialidade é resultado de um campo de força maior baseado nas relações sociais e que se apresenta de forma reticular e sistêmica. Para ele as redes sociais dimensionam elementos de (re)produção e cooperam para a coesão, controle e unidade espacial (de toda territorialidade) em torno do poder dos grupos culturais ou classes dominantes.

Por isso, de forma simplificada, através destes autores, ponderamos que a territorialidade é unida em uma "malha" de conexões, ou seja, em uma rede estabelecida por diferentes atores e relações de poder que se apropriam do espaço.

A partir das compreensões que tivemos em Haesbaert (2004a; 2007; 2009b; 2010; 2013) e Saquet (2004a; 2007a), compilamos que todo território e territorialidade são definidos pelo processo migratório, ou seja, é através das redes socioculturais que este processo se produz, se configura através dos contatos, dos vínculos, das trocas, da colaboração presente nas relações entre os diferentes sujeitos que formam esta rede, sejam eles amigos, familiares, migrantes, não imigrantes. Para Mondardo e Haesbaert (2010) estas redes geram possibilidades de que os diferentes sujeitos, escalas, códigos simbólico-culturais e interesses se aproximem, ou não, diferentes territorialidades e identidades, compilando suas sobreposições e, assim, (re)definindo, (re)construindo novas territorialidades e identidades.

No entendimento de Haesbaert (2004a; 2007; 2009b; 2010; 2013) e Saquet (2004a; 2007a), sobre a constituição de uma territorialidade e identidade formadas a partir das relações sociais entre os diferentes sujeitos e lugares presentes na rede, formada no contexto migratório, estes autores entendem que estas relações sociais contemplam outras dimensões (políticas, econômicas e culturais), portanto, elas também são resultantes das dimensões que abrangem, integrando-as e complementando-as. Neste entendimento, percebe-se que as redes sociais, estabelecidas pelos processos migratórios, são formadas, constituídas e controladas pela relação com outros territórios, dimensões e sujeitos e, é esta relação integracionista que é responsável pela (re)territorialização e reconstrução da identidade destes sujeitos.

As territorialidades e as identidades são construídas e reconstruídas com várias representações simbólico-socioculturais, através do sistema de trocas de representações que as migrações proporcionam ao aproximarem diferentes territorialidades. As redes estabelecidas a partir dos processos migratórios, formam a sua tessitura, ou configuração territorial. Para estes autores esta configuração está em constante processualidade devido a dinâmica das múltiplas dimensões, que se materializam e que constantemente reconfiguram as (re)territorialidades e os processos de (re)construção identitárias.

Ainda nesta mesma compreensão, conforme Vale *et al* (2005), Saquet (2004a, 2007b), Haesbaert e Limonad (2007), Mondardo (2007; 2009; 2012), Saquet e Briskievicz (2009), Briskievicz (2010), Marandola Junior e Dal Gallo (2010), Haesbaert e Mondardo (2010) e Haesbaert e Santa Bárbara (2001) e as redes sociais estabelecidas pelos grupos migratórios, são responsáveis não só pela circulação, comunicação de informações, mercadorias, capital entre os diferentes sujeitos e os territórios de origem e de destino, mas também, vemos que as redes sociais são fundamentalmente responsáveis pela formação de "malhas", "nós", que "[...] unem imigrantes, não imigrantes, em uma complexa teia de papéis sociais complementares e relacionamentos interpessoais que são mantidos por um quadro informal de expectativas mútuas e comportamentos predeterminados" (VALE ET AL, 2005, p. 23).

Então, do mesmo modo que, por através de Sayad (2000), Cassarino (2004; 2013), Fazito (2005; 2008; 2010), Abud *et al* (2008), Siqueira (2009), Botega *et al.* (2015), Vale *et al.* (2005), também nos permitem ter estas percepções e entender que as migrações formam redes sociais entre diferentes dimensões e sujeitos, contribuindo, assim, para a formação de territorialidades, que no entendimento de Haesbaert (2004a; 2007; 2008; 2009b; 2013) e Saquet (2007a) as novas territorialidades são formadas pela sobreposição de múltiplas dimensões, escalas e tempos.

O que estamos expondo é que no tocante às migrações, os imigrantes formam e participam de uma rede social, que envolvem múltiplas dimensões, unindo lugares, sujeitos que sobrepõem, (re)construindo constantemente as territorialidades e identidades. Tornando mais claro, Vale *et al* (2005) mostra que estas (re)territorialidades são formadas pela sobreposição de diferentes lugares, unidos através de redes sociais construídas pelos imigrantes.

Mediante ao que estamos debatendo por intermédio de Haesbaert (2004a; 2007; 2009b; 2010; 2013) e Saquet (2004a; 2007a), compreendemos que no contexto das migrações, através da perspectiva integracionista, as múltiplas dimensões (política, economia e cultura) presentes nas redes estabelecidas pelos imigrantes são responsáveis pela (re)construção constante das territorialidades e das identidades, mas que no bojo deste processo e desta (re)configuração estão as relações sociais e, presentes nelas, todos os aspectos inerentes aos sujeitos e suas apropriações identitárias e territoriais.

Neste sentido, através da luta e da resistência é possível tornar a dimensão simbólico-cultural em uma dimensão política e, assim, de forma multidimensional, (re)construir a territorialidade e redimensionar os códigos identitários.

Quando debatemos a imigração de retorno por intermédio de Sayad (2000), Cassarino (2004; 2013), Fazito (2005; 2008; 2010), Abud *et al* (2008), Siqueira (2009), Botega *et al* (2015), Vale *et al* (2005), constatamos que as imigrações sempre são coletivas e inseridas em uma formação de redes sociais, que permitem a comunicação e a aproximação de diferentes lugares, sujeitos, culturas, modos e hábitos de vida e, ao mesmo tempo, colaboram para unir escalas, tempos, aspectos de realidades diferentes, informações, filiações, capital, recursos, bem como, fortalecem sentimentos de confiança, de segurança, de adaptação, de acolhimento, de solidariedade, de representações simbólico-culturais e fortalecimento das relações sociais.

De acordo com Mondardo (2007; 2009; 2012) as redes sociais também contribuem para que os imigrantes, convivendo com o que lhe é estranho, possam ter uma aproximação de relações afetivas, de amizades, de vínculos, que lhes aproximam de um fortalecimento de suas representações identitárias e territoriais.

Nas contribuições de Haesbaert e Bárbara (2001) as redes sociais são classificadas de modo particular para caracterizar diversas informações a respeito dos imigrantes brasileiros nos países que compõe o Mercado Comum do Sul (MERCOSUL) e, de modo específico, ao tratarem dos brasiguaios, estes autores mostram que as redes sociais estabelecem vínculos de ordem cultural-identitária, fortalecendo suas relações sociais e corroborando para o "enraizamento", e no fortalecimento de suas representações identitárias, bem como, para a (re)construção das suas territorialidades.

Estes processos que estamos tratando, nos faz perceber, como sugere Haesbaert (2004c) a re(construção) identitária pela negociação de elementos simbólico-socioculturais com o "Outro". A combinação constante de diferentes territorialidades, e tudo o que elas representam, exige dos imigrantes a redimensionalização de distintas realidades, hábitos, tradições, costumes, sonhos, sentimentos presentes em seus signos e

significados de pertencimento e de representação. É neste processo que se constitui a identidade híbrida, ou seja, aquela que se (re)organiza, se (re) constrói a partir da sobreposição das territorialidades, ou seja, a que pertencia e traz consigo e, aquela que agora, assimila e se apropria.

Em consonância com estas inserções, procuraremos debater no próximo seguimento, os processos pelos quais pensamos estarem envolvidos os problemas enfrentados por aqueles que confrontam-se diante dos redimensionamentos de identidades e da (re)construção de suas territorialidades.

3.3.1. Entre perdas e reconstruções: as mediações territoriais e identitárias diante das migrações

No cerne de nosso debate principal, entendemos que a territorialidade e a identidade que procuramos alcançar são resultados da dimensão simbólico-cultural, mas que em sua apropriação e representação (i)material, (sub)objetiva, só se materializa através das relações sociais, como uma dimensão política na postura da resistência, da luta, por se fazer representar, por se fazer reconhecer, por se fazer identificar-se com sua territorialidade e, por isso, todas as dimensões se completam. Entendemos que as redes sociais, tem grande contribuição para os processos de (re)dimensionalizações identitárias e de (re)construção territorial.

Assim como mostrou Claval (1999a), no momento, tomamos como referência aqueles que o progresso abandonou nas margens do caminho, os quem vivem na exclusão, que são rejeitados, ou que não são aceitos e, deste modo, por mais que foram abandonados pelo Estado ou pela sociedade, estes assumem uma postura de resistência, de luta, de sonhos, de utopias em legitimarem uma territorialidade para sentirem como sua.

É, sim, em nome destes des-territorializados⁴⁸ que, buscam na legitimação, na apropriação, na resistência para serem reconhecidos e representados, que apresentamos os brasiguaios como um grupo minoritário, “*insiders*”, tem se dedicado à resistência, à

⁴⁸ Embora tenhamos compreendido as forças que expropriam e desterritorializam os brasiguaios de seus lugares de origem, que se concretiza por meio do avanço do agronegócio em terras paraguaias, nosso objetivo é compreender a razão dos conflitos identitários sofridos por eles ao retornarem ao Brasil, especificamente no BJSF.

(re)construção de suas territorialidade e da identidade. Mesmo que de forma imaterial, fora de um território legítimo ou de uma territorialidade reconhecida, de uma identidade inferiorizada, rejeitada, excluída, estes procuram estratégias para manter sua identidade, isto é, a de brasiguaios, mesmo que não sejam aceitos, ou sofram algum tipo de alteridade pelo grupo majoritário, os brasileiros.

Ainda que para muitos não seja interessante reconhecer a presença dos caboclos, dos caiçaras, dos deficientes, dos homossexuais, transexuais, dos faxinalenses, dos quilombolas, das rezadeiras, das mulheres, dos negros, dos indígenas, dos imigrantes haitianos, bolivianos, paraguaios, "*isseis*", "*sanseis*" e "*dekasseguis*", brasiguaios, ou que, de certa forma, a existência destas identidades e territorialidades não seja conveniente, ou ainda, que admiti-los, não seja uma tarefa confortante e, ou que, simplesmente, subestime suas lutas, enfim, ainda sim, através de Haesbaert (1997a; 2014; 2015), Heidrich (2004), Stevens (2007), Zen (2014), Bomtempo e Sposito (2015) vemos que estes procuram na resistência, seu reconhecimento identitário.

Nos trabalhos realizados por Haesbaert (1997a) e em "Redes de diáspora" (1999b) ao tratar do processo migratório e a dinâmica da territorialidade, o autor remete o conceito de (des)reterritorialização. Como mostrou em seu trabalho (1997a), o avanço do agronegócio monocultor da soja, introduzido pelos "gaúchos", (grupos identitários sulistas), expropriaram e desterritorializaram diferentes sujeitos já pré-estabelecidos na Bahia. Nesta correlação, o autor mostra que os imigrantes gaúchos formaram novas territorialidades, a partir dos processos multidimensionais daqueles que ali já estavam, mesmo que estes processos tenham sido conflitantes.

A mescla dos aspectos das diferentes territorialidades, de sulistas gaúchos, com os nordestinos, foram responsáveis pela (re)construção de territorialidades e de identidades e, neste processo, o autor considera não apenas as dimensões política e econômica, mas também os aspectos socioculturais.

Em Saquet (2005), também observamos que os imigrantes italianos no sul do Brasil, como em Francisco Beltrão-PR, ao mesmo tempo em que procuram manter seus elementos simbólicos culturais de origem (italianos), os mesmos se apropriaram dos aspectos culturais daqueles que ali já estavam, ou de outros que junto chegavam. O autor mostra que as territorialidades formadas por estes grupos identitários, possuem grande importância de significação e de referência identitária para os mesmos. Estas observações também podem ser observadas no trabalho de Saquet e Briskievicz (2009) com os grupos de imigrantes poloneses em Pato Branco-PR, os quais, ao mesmo tempo

em que mantêm seus elementos simbólicos culturais em seus hábitos e modos de vidas, também assimilaram aspectos de outros sujeitos que ali viviam.

Nos estudos de Stevens (2007) a autora mostra a dificuldade de inserção e aceitação experimentados pelos imigrantes nos Estados Unidos, no qual a presença de inúmeros grupos identitários, entre eles latinos americanos, árabes e japoneses sofrem forte repulsa e conflitos de alteridade, como atitudes de preconceitos e de estigmas.

Conforme Cunha (2007) a presença de imigrantes nos Estados Unidos gera um desconforto e ameaça aos autóctones, cujo grupo majoritário manifesta ações de preconceito e estigma aos latinos americanos, judeus, asiáticos e outros. Para ela o preconceito se estende em duas nuances da identidade, pela origem étnica e pela classe social.

Já nos estudos de Zen (2014) a presença dos imigrantes lituanos na Argentina, no Brasil e no Uruguai, era percebida como muita desconfiança pelos governos, autoridades e outros grupos sociais, devido ao momento político que vivenciavam no início do século XX, cujo grupo sofria hostilidades por assumir militância política diferente do ensejo que os países latinos, (que recebiam esse grupo) queriam. Por serem grupos identitários organizados como fascistas, ou comunistas estes sofreram forte perseguição e dificuldades de inserção nos países que migraram.

No trabalho realizado por Heidrich (2004) ao mostrar o processo de modernização da economia agrícola no Rio Grande do Sul, o avanço deste modelo de produção promoveu uma reestruturação econômica socioterritorial, expropriando camponeses "gaúchos", que migraram para as áreas urbanas, ou para outras regiões do Brasil e ou enfileiraram-se em movimentos de reforma agrária, como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Nas suas observações a situação de exclusão destes camponeses ainda gera problemas de reprodução social, pois em sua identidade de classe trabalhadora, muitos foram afastados de sua categoria e, por isso, enfrentam problemas socioterritoriais e identitários.

Em outros estudos, como de Haesbaert e Santa Bárbara e (2001), nos mostra os conflitos identitários em que grupos pertencentes a uma identidade encontram quando migram para outro país, território diferente do seu. Os autores ao realizarem uma investigação sobre os brasiguaios, constataram, que seja no Brasil, ou no Paraguai, este grupo enfrenta dilemas relacionados a sua identidade. Os autores reconhecem que tais

problemas são maiores com aqueles grupos de brasiguaios que realizam um movimento de retorno para o Brasil, onde passam a ser hostilizados.

No trabalho realizado por Bomtempo e Sposito (2015) observamos que a migração japonesa para a cidade de Álvares Machado-SP, promoveu uma territorialidade formada nos elementos da cultura por eles trazida, isto é, do próprio modo de vida japonês, mas também, pelas influências da cultura do país que agora os recebia: o Brasil. Os "*dekasseguis*" deste grupo, ao migrarem para o Japão na tentativa de conquistarem alguma reserva de capital e, então, retornarem para Álvares Machado, assimilaram novas experiências socioculturais vivenciadas (no Japão) e, a partir disso, retornando, (re)construíram suas re-territorialidades através das múltiplas temporalidades vividas, experimentadas e acumuladas em um "*Continuum*".

Para Mondardo (2012), o avanço das ocupações "gaúchas" e da monocultura da soja introduzidas por eles em Dourados- MS, implicaram profundas transformações socio-territoriais com aqueles já estabelecidos no lugar, como os camponeses paraguaios e brasileiros, quilombolas e indígenas, os quais foram desterritorializados pela força do capital agrícola. Além da desterritorialização material, os mesmos também sofreram forte processo de dominação de uma territorialidade sociocultural, imposta pelos modos de vida dos "gaúchos".

Mondardo (2012) ao tratar sobre as negociações culturais entre os diferentes sujeitos ("gaúchos", quilombolas, indígenas da nação *Guarani-Kaiowá*, camponeses paraguaios e brasileiros), faz uma distinção sobre a hibridação, ao que ele define como hibridação hegemônica e hibridação negativa, cujo princípio está no complexo de sentimento de superioridade de um grupo, classe social sobre o outro, que no caso, este venha sofrer uma relação de subestimação, imposição de valores, de exploração, humilhação e de dominação.

Neste sentido, Mondardo (2012) associa ao grupo de "gaúchos" dois elementos importantes, o de um grupo cultural, que possui uma identidade baseada em um código de elementos simbólicos e, ao mesmo tempo, de classe social dominante, que possui o poder do capital e simbólico⁴⁹ a partir do agronegócio. O autor revela, que mesmo que estes (gaúchos) realizam imposições de seus elementos simbólico-culturais, de forma hegemônica, como uma classe social dominante em relação aos já estabelecidos,

⁴⁹ Através de Bourdieu (1989) conseguimos ter maior compreensão sobre o poder simbólico, cujas explicações, nos faz percebê-lo como um controlador social, cultural, identitário e territorial. Nele entendemos que este tipo de poder é imposto por aqueles grupos que o detém como forma de controlar legitimar sua posição de dominação, classificando e excluindo aqueles que não se enquadram as suas representações. Vemos, então, que os conflitos enfrentados pelos brasiguaios são consequências de um grupo majoritário, os brasileiros, que se percebem superiores aos brasiguaios.

considerando-os como portadores de uma cultura "inferior" e "subalterna", os "gaúchos" acabam incorporando elementos da cultura e aspectos sociais mato-grossense. Do mesmo modo, os já estabelecidos, também recebem aspectos sociais e culturais dos grupos "gaúchos".

Para Mondardo (2012) a hibridação hegemônica ocorre a partir da apropriação seletiva por um grupo, no qual assimila o que lhe interessa do "Outro" (o que é diferente) e, ao mesmo impõe seu modo de vida (gaúcho), aos demais (indígenas, quilombolas, camponeses paraguaios e brasileiros). Já a hibridação negativa indica quando o grupo de domínio hegemônico (no caso, os latifundiários "gaúchos"), vê o "Outro" como submisso, inferior e até mesmo negando o seu modo de viver e de pensar.

Trazendo a entrevista concedida por Haesbaert em 2009 para um grupo de pesquisadores, Frotscher *et al* (2009) nos mostra que as migrações, no processo de *DTR*, todo processo de desterritorialização que os migrantes sofrem, não deve ser observado apenas a partir da materialidade do território, mas também, dos seus aspectos sociais e culturais. No entanto estes autores mostram que Haesbaert deixa frisado, que a desterritorialização deve ser vista com muito cuidado, pois toda desterritorialização não é permanente e nenhum destituído, expropriado, deslocado, expulso permanecerá estático diante desta desterritorialização. Pelo contrário! Todo desterritorializado "[...] estará lutando pelo seu 'território mínimo'" (FROTSCHER *ET AL*, 2009, p. 166).

Vemos que o processo de des-re-territorialização é associado um ao outro (desterritorialização e reterritorialização), pois, se em um momento ocorre uma separação, desligamento, ruptura que parecem pôr em risco a existência do território e de tudo o que ele representa, estes autores vão nos mostrar que, simultaneamente, ou em diferentes fases da história, no mesmo lugar, ou em diferentes lugares, o território e seus elementos, voltam a se reterritorializar.

Marandola Junior e Dal Gallo (2010) também apresentam a dinâmica socioespacial dos migrantes no contexto da territorialização e da identidade. Estes autores ressaltam que o processo de desterritorialização e de reterritorialização, é acompanhada de (re)construções (i)materiais pela articulação da assimilação do novo, isto é, através das múltiplas experiências simbólico-socioculturais, apropriando-se e (re)construindo suas (re)territorialidades.

Em suma, vemos nestas inserções que aqui trouxemos, no âmbito do processo migratório e do processo de (re)construção de territorialidades e identidades, que a perca é uma marca na territorialidade e na identidade daqueles que se desafiam a migrar, mas também, existe a possibilidade da(re)construção, cuja dimensão maior, está nas relações sociais e culturais que permitirem (re)construírem suas (re)territorialidades e identidades.

Concordando com os estudos levantados por Marandola Junior e Dal Gallo (2010), também entendemos que os processos migratórios, na maioria das vezes, são traumáticos aos sujeitos e, nesta mesma consonância, Sayad (2000), Fazito (2005; 2008; 2010), Abud *et al* (2008), Siqueira (2009), Botega *et al* (2015), Vale *et al* (2005), nos mostram que os imigrantes estão expostos a inúmeros transtornos psicoafetivos e psicossociais, resultantes das rupturas no processo de migração e de des-re-territorialização. Nestes autores, vemos que, com a saída e o desenraizamento da sociedade de origem (pela emigração), ocorrem no (emigrante) rupturas afetivas e sociais do convívio familiar e dos círculos de amizades.

Ao mesmo tempo, imbricado ao processo migratório e ao processo de des-re-territorialização, o imigrante possui enfrentamentos e dificuldades no não ser aceitos, por sofrerem preconceitos e estigmatizações⁵⁰ devido sua classe social e sua origem, bem como, em suas dificuldades de assimilação, adaptação ao que lhe é estranho, como a língua, os hábitos alimentares, os hábitos sociais e outros elementos de representações identitárias.

Em Bomtempo e Sposito (2015) também verificamos que a emigração japonesa para o Brasil (no município de Álvares Machado, localizado na Região da Alta Sorocabana-SP), gerou sérios problemas de ordem psicossociais e psicoculturais, provocados pela estranheza do novo espaço que agora tinham que se acostumar. Os mesmos autores relatam que, uma vez já "enraizados", mantiveram seus elementos simbólico-culturais mesclados e imbricados à outras culturas assimiladas. Como já mostramos, estes autores mostram que os descendentes "*dekasseguis*", "*nisseis*" e "*sanseis*" ao emigrarem para o país de origem de seus ancestrais, também tiveram fortes rupturas e dificuldades em adaptação e em serem aceitos, sofrendo preconceito dos autóctones daquele país na cultura e identidade.

O mesmo também foi percebido por Almeida (2015) ao retratar os brasileiros em Barcelona. A autora mostra que estes imigrantes, assim como outros grupos estrangeiros,

⁵⁰ Quando tratarmos dos conflitos identitários, procuraremos melhor apresentar estes problemas de alteridades enfrentados pelos sujeitos migrantes, no nosso caso, os brasiguaios, através de Crochick (1996), Elias (2000), Goffman (2004), Fante (2005) e Hall (2006; 2011).

recebem rótulos depreciativos dos espanhóis. Outros elementos que a autora traz, comuns aos imigrantes, são as dificuldades com o distanciamento da cultura entre a sociedade que os recebe e de sua origem. No entanto, Almeida (2015) mostra que aqueles imigrantes, como são os casos dos latinos americanos e africanos, também são destratados devido a sua origem social, preferindo imigrantes de países com maior desenvolvimento sócio econômico, como é o caso dos franceses, ingleses e alemães, mesmo que estes tenham maior distância com a língua. Nesta sinalização, a autora mostra que o preconceito sofrido, então, não é só pela origem cultural, mas também pela classe social que ocupam esses imigrantes.

Neste mesmo entendimento, Bomtempo e Sposito (2015) mostram que o preconceito sofrido pelos imigrantes não é só pelo aspecto ou dimensão cultural, mas também, pela dimensão socioeconômica, quando estes evidenciam ao modo em que os descendentes de japoneses são definidos e identificados pelos autóctones. Em seu trabalho, os autores mostram que:

Além disso, o modo de vida japonês, diferente do brasileiro, era uma incógnita a se enfrentar. Em relação ao trabalho a desempenhar, de acordo com Asari (1992) e Sasaki (1998), os dekasseguis passaram a realizar funções que não exigem qualificação profissional, considerados pelos japoneses como 3 k: kitanai (sujo), kiken (perigoso) e kitsui (penoso). Kawamura (1999) afirma que estes trabalhos são considerados pelos brasileiros como 5 k: além dos 3 k, acrescentaram kibishi (exigente) e kirai (detestável) (BOMTEMPO e SPOSITO, 2015, p. 239).

Para Almeida (2015) as rupturas sofridas pelos imigrantes são comuns no processo migratório, no qual há sérias implicações culturais, representativas, identitárias e territoriais. Na gênese destes problemas enfrentados, além do sentimento de perda por aquilo que deixaram em seu país de origem (cultura, relações sociais, amigos, familiares e outros), estes também confrontam com as dificuldades de assimilação cultural e social, mas principalmente, pelos problemas de alteridades sofridas, como os preconceitos e rechaçamentos por sua classe e sua origem identitária.

Siqueira (2009) ao abordar sobre os imigrantes que retornam dos Estados Unidos, mostra que muitos vêm acompanhados de dilemas de readaptação ao país de Origem, algo que também é mencionado pelos demais trabalhos que até este momento trouxemos. Siqueira (2009) revela que além das dificuldades de readaptarem-se, muitos possuem

sentimentos de fracassos e de frustrações por aquilo que esperavam ter alcançado na emigração e não conseguiram e, associado a isto, percebem que suas experiências adquiridas no país que os "acolheu", não podem ser aproveitadas pelo distanciamento técnico profissional e, mediante a isso, não conseguem reinserir na sociedade.

Marandola Junio e Dal Gallo (2010) falam das consequências dos processos de desenraizamento para os imigrantes, que enfrentam e passam por sentimentos de perda, que possuem a percepção de alteração da sua identidade e da sua territorialidade, de enfrentarem dificuldades em assimilarem o que lhes é "novo" e o que lhes é "estranho", do entendimento de estarem entre diferentes identidades e territórios, que os leva a se encontrar em situações de mal-estar social e coletivo, por depararem com transtornos psíquico-afetivos e emocionais, bem como, por transtornos psíquico-socioculturais, representativos e por transtornos psíquico-identitários, por defrontarem desestabilidades emocionais pessoais e coletivas com os sentimentos de inferioridade e de emoções sofridas pelos preconceitos e estigmas por sua origem e classe social, praticados pelos autóctones.

Para estes autores, este processo migratório e territorial é:

[...] o embate entre migrantes e estabelecidos, problemática clássica de todos os estudos sobre alteridade, adaptação cultural e migração (insiders e outsiders) (ELIAS, 1994). O outro é o desconhecido, que ameaça o eu e sua pureza, provocando o medo e a repulsa e, não raro, reações hostis que podem gerar estigmatização (GOFFMAN, 1982; BAUMAN, 1998). Esta oposição revela não apenas a diferença de pertença e identidade entre grupos, mas também uma diferenciação de apropriação dos saberes do lugar e de sua inserção territorial (MARANDOLA Jr., 2008b), (MARANDOLA JUNIOR e DAL GALLO, 2010, p. 410).

Nas inserções que aqui trazemos nos faz perceber e presumir que os sujeitos envolvidos em processos de des-re-territorialização e de migração superam tais problemas, que inferimos, somente por meio de uma dimensão política, através do fortalecimento dos grupos identitários ou das classes sociais, nas referências, representações simbólico-socioculturais e na memória coletivas. Esta dimensão política da extensão simbólico-sociocultural é, para nós, o único artifício de fazer da territorialidade, que lhe é estranho, a condição de sua casa, no qual traz para este, sua terra, seu chão, seu lar, sobrepondo dimensões, redimensionando emoções e assimilando outras, resistindo e (re)construindo, assim, suas representações simbólico-socioculturais e suas territorialidades.

Reconhecendo, então, que a identidade e a (re)territorialidade resultam de processos multidimensionais, acreditamos que é por meio de uma dimensão política dos

grupos socioculturais, que estes conseguirão se apropriar((i)material e (sub)objetiva), bem como, (re)negociar e (re)construir suas representações simbólico-socioculturais e sua re-territorialização.

É por meio da resistência e da organização social, como classe ou como grupo identitário, que suas ações sociais permitirão serem reconhecidos, identificados e é pela mesma condição que conseguirão formar suas (re)territorialidades.

4. OS BRASIGUAIOS: A GÊNESE E A IMIGRAÇÃO DE RETORNO

Neste capítulo abordaremos o elemento principal, o qual nos fez delimitar nosso recorte teórico e que motivou a nossa justificativa da pesquisa: os brasiguaios. No desenvolvimento desta dissertação, durante as nossas discussões conceituais, a fim de que tornasse mais fluida e dinâmica a compreensão da nossa problemática, inserimos algumas vezes os brasiguaios a cada conceito.

Iniciamos o *corpus* deste trabalho introduzindo-os ao processo migratório internacional, mais precisamente ao movimento de retorno, permitindo-nos compreender este processo através de uma análise social. Esta reflexão nos possibilitou entendê-los em meio das redes sociais, que só se constitui devido às conexões que estes estabelecem com diferentes sujeitos (imigrantes, não imigrantes, amigos, familiares e outros sujeitos) e territorialidades. Percebemos que estas redes contribuem para um processo multidimensional de interesses e de relações (política, econômica e sociocultural). Mas a maior contribuição foi nos sensibilizarmos das consequências psicossociais que os imigrantes enfrentam em relação à polissemia de sentimentos em todos os resultados que a migração traz como consequência à sua identidade sociocultural.

Foi pensando neste aspecto da migração que debatemos no segundo capítulo os elementos formadores da territorialidade e da identidade. Conceitos que também apresentamos, assim como no processo migratório, em uma perspectiva sociocultural, pois entendemos que desta forma conseguiríamos apresentá-los mediante aos elementos simbólico-socioculturais, marcantes na sua coesão identitária e da territorialidade.

Entendemos que na perspectiva integradora a territorialidade pode ser apresentada pela dimensão política e econômica, que, aliás, caberia muito bem para entendê-la mediante ao processo hegemônico violento e injusto do capital. No entanto, optamos em trazê-la ao diálogo pela dimensão culturalista e da dominância simbólico-cultural.

No predicado da natureza humana, também reconhecemos que a dimensão sociocultural tem extensões em um "*Continuum*" com as dimensões política e economia, portanto, e nem poderia ser diferente disto, os brasiguaios foram inseridos deste modo e em uma conjunção com o processo multi-dimensional-temporal-escalar. As conexões que se estabelecem na sua condição de imigrante e de ator social com as territorialidades, identidades, dimensões do tempo e de relações, implicam para a sua hibridização e em uma territorialidade imaterial.

O que estamos querendo dizer é que inserimos as discussões da territorialidade e da identidade, reconhecendo-as na coesão sociocultural, mas como se trata de sujeitos e atores sociais, também os admitimos envolvidos em múltiplas relações, ou seja, a territorialidade e a identidade também foram debatidas pela dimensão política e econômica, pois no processo migratório, as implicações que este fenômeno gera para os imigrantes, pode até ser de des-territorialização e de alteridade, dificultando ou impedindo-lhes de terem sua organização social, contudo, estes se posicionam politicamente.

Esta dimensão sociopolítica se estabelece no enfrentamento de tais dilemas conflituosos, buscando na apropriação aquilo que esta ação significa: re-territorializar, renegociar sua identidade e se reconstituir da rejeição, da exclusão, do silenciamento, da exploração, do preconceito, enfim: da "morte matada". E faz estes processos por meio das suas representações simbólico-socioculturais, (i)materiais, (sub)objetivas e em tudo que suas experiências vividas permitem-lhes re-significar.

Os imigrantes, como atores sociais, não é de subalternizar em silêncio em meio a processos homogeneizadores e dominadores. Há resistência, negociações simbólico-socioculturais, assimilação, re-territorialização, mesmo que esta territorialidade seja imaterial e a identidade seja híbrida.

O imigrante e, assim o brasiguaió, não se constitui cativo diante aos processos dominadores, pelo contrário! Como sujeito social estes sujeitos enfrentam as implicações dominadoras e excludentes através da sua organização social de grupo ou de classe social para serem reconhecidos, para manterem seus códigos identitários e terem "abrigo" para chamar de seu: a territorialidade.

Na tentativa de justificar o processo de construção da identidade, organizamos o capítulo que antecede a este, no qual a perspectiva psico-histórico-sociocultural nos permitiu entender a formação natural da identidade, nos evidenciando que as interações das experiências vividas no contexto histórico-geográfico são internalizadas e dotadas de significações e de sentimentos de pertencimento e de reconhecimento social. No entanto, tomamos conhecimento que o Estado e as diversas instituições que existem na sociedade, atuam como atores normatizadores, ou legitimadores para obter o controle do território e dos sujeitos através da dominação da sua identidade.

Entretanto, em meio a estes processos dominadores e hegemônicos, há aqueles que se reorganizam socialmente, principalmente pelas dimensões da cultura e das relações sociais, redimensionando suas identidades para uma resistência a qualquer tipo de legitimação. É então identidade sociocultural que une seus semelhantes, através de seus elementos simbólico-socioculturais, bem como, no contrato de solidariedade e no reconhecimento das suas representações e, assim, a identidade sociocultural estabelece o "conforto da alma".

4. 1. Brasiguaios: degradados da terra

Na centralidade da nossa problemática, que segmentou nossas discussões conceituais, estão os brasiguaios. Organizamos este desdobramento em dois subitens, no primeiro almejamos evidenciar a origem camponesa dos brasiguaios e os fatores que concorreram para a desqualificação camponesa no Brasil. Dando continuidade, na segunda parte, exporemos os processos responsáveis pela emigração dos antepassados dos brasiguaios para o Paraguai, bem como, o seu retorno para o Brasil. Entendemos que é neste contexto que se estabelecem as tessituras presentes nas relações socioculturais e que os personificam como sendo brasiguaios.

Como nos mostram Priori *et al* (2012), Graziano (1994), Mendonça e Thomas Junior (2005), Laubstein (2011), Romero (2012) e Serra (2013) as políticas de modernização da economia adotadas pelo Estado, ainda na primeira metade do século XX, foram acompanhadas de problemas socioeconômicos que afetaram diretamente à população camponesa.

Tomamos como reconhecimento, a dimensão subjetiva o modo de vida camponês pela sua dimensão simbólico-sociocultural, (sub)objetiva e (i)material trazida por nós, percebida nas inserções encontradas em Mendras (1978) e Mendonça e Thomaz Junior (2005). Nos trabalhos destes autores, podemos encontrar nosso ponto de partida para trazer o brasiguaião como sendo camponês.

Em Mendras (1978) o camponês é associado à sua condição de sobrevivência, que é pelo uso da terra como sua total condição de vida. É na terra que os camponeses constroem suas significações do ter e do ser, pelo existir nela. O ter: tudo que ele possui, vem do trabalho pessoal na terra. Sem a terra ele não possui nenhum outro bem. A terra é seu bem maior. Seu maior valor. Patrimônio. Ser: estabelece na terra apropriação da vida. É dela que ele tira tudo que precisa para viver. Neste sentido, sua relação com a terra é para a continuidade do ter e ser.

Entendemos que na apropriação da terra é que se estabelece o modo de vida camponês, no qual existe a conjunção do uso para a produção agrícola, com todo conhecimento que este possui e sabe fazer, mas também, há a atribuição de signos e significações socioculturais. São estas significações que formam o elo sua identidade social, no qual o valor maior, como vemos em Mendonça e Thomas Junior (2005), é a terra como sentido pleno da vida.

É a partir desta aproximação que tratamos o brasiguaiio como tendo sua origem camponesa. Neste sentido, avançamos a discussão para compreendermos a associação do camponês como sendo brasiguaiio, que para nós está nos encadeamentos político-econômicos que expropriaram grande parcela de trabalhadores da terra, obrigando-os a migrar e, deste mundo, a consubstanciação do brasiguaiio.

Em Priori *et al.* (2012) vemos que estas medidas iniciadas a partir do governo de Getúlio Vargas na década de 1930, só realmente se efetivaram no campo após os anos de 1950 com Getúlio Vargas, mas foi, sobretudo, nos governos militar (1963-1985) que o país enfrentou transformações socioterritoriais que desconfiguraram o modo de vida camponês. Para Priori *et al.* (2012):

O que marcou essa transformação foi a passagem de base agro-exportadora para a sociedade urbana e industrial. **O Estado voltou-se para o fortalecimento de uma indústria de base, sendo o agente primordial da modernização econômica.** Por um lado, o modelo de substituição das importações propiciou o desenvolvimento de diversos ramos da indústria [...] **enquanto que o sistema agrícola brasileiro manteve as mesmas formas de exploração da produção.** Não obstante o crescimento e o aumento da variedade da produção agrícola entre as décadas de 1930 e 1960, as tecnologias no campo nesse período caminharam a passos lentos, apenas agregando técnicas modernizantes a partir dos anos de 1950 e de 1960 [...] Com o golpe militar de 1964, **o programa de reforma agrária foi deixado de lado e** todo o debate foi vinculado às reformas das funções da agricultura no desenvolvimento econômico brasileiro. **Sob as bases do regime militar e com a luta dos trabalhadores pela reforma agrária amordaçada,** o Estado se responsabilizou na formulação e desempenho de políticas macroeconômicas, voltadas para o aperfeiçoamento das técnicas na agricultura brasileira. **Essas transformações possibilitaram o processo de modernização 'conservadora na produção rural brasileira.** Entre os anos de 1965 e 1980 a agricultura no Brasil, além de estar articulada à economia urbano-industrial e ao setor externo, passou a sofrer intervenções ainda mais frequentes do governo nacional [...] Contudo, **o processo de modernização apenas se consolidou na década de 1960, momento em que a produção agrícola brasileira se integrou tecnicamente ao setor urbano, visando a ganhos econômicos em maior quantidade.** (PRIORI ET AL. 2012, p. 118119. Grifos nossos).

Nesta inserção de Piori *et al* (2012) encontramos as principais evidências que precisamos para contextualizar dos elementos da nossa pesquisa: a) a modernização da economia do país pela iniciativa de investimentos na indústria de base; b) os governos militares excluíram a reforma agrária e reprimia pela "mordação"; c) adoção de planos macroeconômicas que modernizaram de forma conservadora a produção agrícola e d) a consolidação da modernização da agricultura brasileira a partir de 1960.

Ao analisarmos profundamente esta inserção, podemos observar que neste ínterim estão os fatores político-econômicos que realizaram grandes obras de investimentos em indústrias de bases e em obras de infraestrutura acompanhadas de implementações de tecnologias no campo, desencadeando vários problemas⁵¹. Outra atenção importante é como nos mostra estes autores, que estas ações promovidas em parceria Estado-capital privado promoveram injustiças sobre um grande contingente de brasileiros, mas que não podiam se reorganizar politicamente pela proibição e ação violenta do Estado através dos governos militares.

Também para Mendonça e Thomas Junior (2005), a expulsão dos trabalhadores da terra⁵² que praticavam a agricultura camponesa, ocorreu mediante o processo de expansão do modelo da agricultura capitalista com o apoio do Estado. Exemplificando o que ocorreu com o Centro-Oeste brasileiro, os autores mostram que as investidas dominantes do capital agrícola se justificam na pretensão de homogeneizar a atividade agricultura, cujo modelo, os trabalhadores da terra (para eles) são um obstáculo. Neste sentido, os autores nos mostram o Estado atendendo os interesses do capital agrícola e idealizando um modelo de modernização agrícola:

[...] foram construídas as ações políticas (planejamento econômico), as ações econômicas (capital privado nacional e transnacional), as ações sociais (melhorias da infra-estrutura e da qualidade de vida da população local e regional) e as ações culturais (ideologias de atraso, do isolamento), entre outras argumentações, com o intuito de criar consensos sociais em torno da implementação das atividades modernizantes na agropecuária [...] Essas motivações, no contexto da ditadura militar praticamente não foram questionadas, possibilitando a "livre territorialização" do capital, negando a trajetória histórica dos camponeses e dos trabalhadores da terra que forma forçados a adotarem o moderno, a "civilização", as formas de vida e visões de

⁵¹ Nos estudos de Suetergay (1995), sobre os impactos da agricultura intensiva dos arrozais no sul do Brasil. Podemos também observar no trabalho de Balsan (2006) as consequências socioeconômicas desencadeadas pela modernização da economia para o campo e para as cidades.

⁵² Reconhecendo-os como atores sociais, Mendonça e Thomas Junior (2005) ressaltam que mesmo que a política do Estado tenha e, ainda hoje, beneficiado o capital agrícola, promovendo a des-territorialização destes sujeitos, os mesmos buscam na resistência a re-territorialização, seja enfileirados em movimentos sociais para luta pela Reforma Agrária, ou em outros meios. Entre estes diversos trabalhadores da terra, estão os trabalhadores assalariados na modalidade de camponês, agregado, parceiro, arrendatário, ribeirinhos, comunidades pesqueiras, quilombolas e todos aqueles que possuem na terra o sentido da vida.

mundo centradas no mercado, hegemônico pelos grandes complexos industriais e financeiros mundializados (MENDONÇA e THOMAS JUNIOR, 2005, p. 9257).

Conforme Graziano (1994) a modernização da economia agrícola foi acompanhada de grandes empreendimentos e fluxos de capitais, em parceria com empresas multinacionais, principalmente norte-americanas. Assim como para Mendonça e Thomas Junior (2005), Piori *et al* (2012), vemos que para Graziano (1994), Laubstein (2011), Romero (2012) e Serra (2013) que desde o início da idealização da modernização da economia agrícola o Estado correspondia aos interesses do capital estrangeiro, pois facilitou a entrada e a atuação de diferentes empresas, serviços e produtos, ou seja, a modernização da agricultura brasileira está subordinada ao modelo daqueles que ainda hoje dominam o mercado global.

Podemos considerar, através de Romero (2012) que este projeto de modernização da economia teve um caráter impositivo, atendendo os interesses do capital para a sua expansão através da produção agrícola racional, ou seja, fazendo uso intensivo de estratégias modernas de produção. Para Romero (2012) tais técnicas viabilizavam o aumento da produtividade em meio à adoção de técnicas cada vez mais sofisticadas desde a primeira etapa do manejo do solo agrícola até a fase final, como no uso de maquinários e insumos agrícolas.

Observamos através de Graziano (1994), Mendonça e Thomas Junior (2005), Laubstein (2011), Romero (2012) e Serra (2013) que este modelo de produção promoveu o aumento da produção agrícola, entretanto, contribuiu negativamente para o fortalecimento das empresas multinacionais que lideram este tipo de serviços e de produtos.

Conforme as discussões de Mendonça e Thomas Junior (2005) e Romero (2012) o avanço da modernização agrícola, neste modelo de sistema de produção capitalista idealizado por políticas internacionais e nacionais, desencadeou graves problemas à população do campo, sobretudo, à camponesa. Graziano (1994), Mendonça e Thomas Junior (2005) e Piori *et al* (2012) muitos destes pequenos e médios produtores contraíram dívidas financeiras, ao contratarem e adquirirem serviços e produtos e, nesta condição, fragilizados, sofreram expropriação ou pela venda do imóvel por um valor menor para liquidarem as dívidas, ou tiveram suas terras tomadas pelos bancos.

Além disso, para Mendras (1978), Mendonça e Thomas Junior (2005), Laubstein (2011), Romero (2012) e Piori *et al* (2012) a mecanização do campo trouxe implicações no trabalho rural, cujo sistema produtivo dispensava mão-de-obra e, assim, muitas famílias que dependiam do trabalho no campo, se encontraram em dificuldades, migraram para as cidades a procura de emprego, ou migraram para outras regiões. Muitos camponeses tiveram seu modo de vida alterado, tornando-se trabalhadores urbanos, ou trabalhadores rurais na ótica empresarial e não coletiva social. As propriedades, antes organizadas pela estrutura familiar, agora são comandadas pelo empreendedorismo e do capital. Para eles, estas consequências são resultados da expansão do agronegócio agrícola-empresarial, associada pela concentração do latifúndio monocultor, que no entendimento deles, recebeu o apoio do Estado.

Atrelado a estas medidas de fortalecimento do Estado na implementação de políticas nacionais-internacionais, como nos mostra Mendonça e Thomas Junior (2005), houve uma forte iniciativa por parte do Estado em desqualificar a imagem do camponês, como sinônimo de atraso.

Nos estudos de Simões Filho e Mendonça (2009) a figura do "Jeca Tatu" foi uma divulgação de uma imagem, para que se criasse no consenso popular a ideia de que o campo e o camponês fossem sinônimos de atrasos, projetando elementos depreciativos em ambos. Neste sentido, além das expropriações de camponeses em consequência da política de modernização da economia (em obras de indústrias de base e de infraestrutura por todo país), Piori *et al* (2012), e do processo de expansão do modelo da agricultura capitalista, Mendonça e Thomas Junior (2005), houve um processo violento de grilagem de campo que também expropriaram muitos camponeses de suas terras em todo Brasil.

Estas colocações que aqui levantamos estão associadas aos principais elementos que causaram a transferência grande parte dos trabalhadores da terra para áreas urbanas, ou outras regiões e, também, para o Paraguai. Neste sentido, ao analisarmos estes brasileiros que foram morar no Paraguai ou que lá nasceram, tomamos como referência a sua origem: trabalhadores da terra, isto é, camponesa, que para, Mendonça e Thomas Junior (2005), são aqueles que possuem na terra o sentido da vida.

4.1.1. Da terra para... E agora José? José, para onde? Paraguai!

E agora, José?
A festa acabou,
A luz apagou,

O povo sumiu,
 A noite esfriou,
 E agora, José?
 E agora, você?
 Se você morresse [...]
 Mas você não morre,
 Você é Duro, José!
 Você marcha, José!
 José, para onde?
 Andrade (2007, p. 106)

Neste momento daremos continuidade a estas reflexões, procurando entender o que ocorreu no Paraná neste ínterim que mobilizasse os brasileiros a emigrar para o Paraguai e, também, quais são os fatores que tem determinado o seu retorno para o Brasil, especificamente ao BJSF. Podemos afirmar que estes processos se constituem como sendo os elementos responsáveis pela existência dos brasiguaios.

Ao procuramos compreender a estrutura social do período em que as emigrações de brasileiros iniciaram em direção para o Paraguai⁵³, entendemos que aqueles processos que levantamos anteriormente, provocaram a expropriação de muitos camponeses, também ocorria no Paraná.

Fraga (2010) mostra que, ainda na década de 1940 em diante, este processo continuou a ocorrer com os remanescentes deste território. Wachowicz (1987; 1988) mostra que o avanço da modernização agrícola em meados dos anos de 1950-1970 expulsou colonos das regiões do "Paraná Tradicional" e dos "Campos Gerais". Schörner (2009), explica que desde 1960 muitos faxinalenses foram expropriados pela falta de estrutura que estes precisavam e o Estado e Município não lhes disponibilizam.

As dificuldades criadas pelo poder público incentivou a venda das suas terras. Em Myskiw (2002) mostra que entre 1960 a 1970 muitos colonos adquiriram terras de companhias pertencentes a empresários e ao governo do Estado no Oeste do Paraná, mas que os títulos das terras estavam irregulares e, diante disso, estes mesmo pagando pela posse das terras, eram expulsos sobre violência de jagunços e o silenciamento das autoridades⁵⁴. Sposito (2004) nos revela que ainda na década de 1970 o Grupo Lupion,

⁵³ Conforme Souchaud (2007), Gonçalves (2011), Justino (2014) e Baller (2014) a entrada de brasileiros no Paraguai data a partir de 1950, mas principalmente o número aumenta após 1970.

⁵⁴ Myskiw (2002) o autor ressalta que a expulsão de camponeses promoveu um dos episódios mais marcantes de conflitos agrários e de disputas terras no Paraná, que desencadeou na resistência, conhecida como Revolta dos Posseiros em 1957 no Sudoeste do Paraná.

pertencente à família do governador do Estado, tornou-se proprietário da maior parte de terras do Paraná, expulsando quem estava nestas áreas e revendendo-as para outros.

A este respeito do que ocorria no Paraná, Sposito (2004) nos mostra:

[...] o papel da CITLA (Clevelândia, Indústria, Territorial, Ltda.), de propriedade do Grupo Lupion, ligada ao governador do Estado do Paraná foi efetivada pela CITLA que pagou 0,2% do valor das glebas, valor este calculado pela riqueza natural dos pinheirais (LAZIER, 1978). O Grupo Lupion apropriou-se do Estado na escala do Paraná e, utilizando-se do poder político instaurado, apropriou-se das terras para explorar a renda absoluta da terra por ter o direito de propriedade, pelo menos temporariamente. A violência contra os posseiros e pequenos agricultores com propriedade da terra, por parte de jagunços da companhia, é outra demonstração da força que intermédia a coação na tentativa de se apropriar da renda fundiária (SPOSITO, 2004, p. 32).

Estas informações alcançadas através por meio de Myskiw (2002) e por Sposito (2004) sobre a expulsão de camponeses pela ação do Estado, ou de grileiros, ou pelo avanço da modernização agrícola, podemos evidenciar através dos dados que coletamos em campo, com nossos entrevistados, como no caso de Jair⁵⁵:

Eram tempos de medo e de insegurança. Ninguém tinha sossego, porque a qualquer hora vinham jagunços do governador e de fazendeiros que viviam por perto para pôr fogo nas casas das pessoas e invadiam tudo. Meus pais perderam vinte alqueires de terra com araucária para eles. E depois que eles tiravam as toras, alguns conseguiam comprar a terra roubada por eles de novo. Eles mesmos vendiam. Tinha que pagar duas vezes pela terra. Alguns não "tinha" o dinheiro, então perdia mesmo. Agora se eles não "quisesse" desfazer das terras que eles grilavam, eles davam um jeito e conseguiam tudo que queriam. Eu sei que mandaram muita gente no buraco. Você viu lá no cemitério que eu te levei o que aconteceu com quem tentava defender a terra (JAIR, 69 anos).

O que percebemos é que entre os agentes responsáveis pela expropriação de camponeses no Paraná e que repercutiram em processos migratórios para as áreas urbanas, ou outras regiões do país e também para o Paraguai, estão o avanço da modernização da agricultura no modelo capitalista, a execução de obras de infraestrutura

⁵⁵ Entrevista concedida em 15/02/2015. A pedido do entrevistado, assim como nos demais, identificaremos com nomes fictícios. Jair é membro da segunda geração de descendente de ucraniano. Seu pai possuía sete irmãos e sua mãe possuía nove irmãos, que vieram morar na região, onde hoje corresponde o "Paraná Tradicional" próximo a Ponta Grossa-PR, onde viviam em faxinais e se deslocaram em 1950 para o Bairro Rural Rio das Antas, no Distrito Rural de São João do Oeste, pertencente a Cascavel-PR. Atualmente, vive com sua esposa em uma pequena propriedade de subsistência a seis quilômetros deste distrito. Seu irmão mora no Paraguai há 45 anos. Nosso contato com esta família se deu pela sua ligação familiar com um dos nossos entrevistados, que devido a estes processos foram morar no Paraguai com sua família e que retornaram com alguns familiares para o BJSF. Alguns destes familiares ainda vivem no Paraguai, outros moram no BJSF e outros moram no pré-assentamento "São João", neste mesmo Distrito Rural.

e pela ação de grileiros de terras. Nestes três fatores, houve ações conjuntas entre Estado e capital, como é o caso do Grupo Lupion.

Olha pelo que eu lembro, ali onde eu te levei tinha muita gente. Para você ter uma ideia chegou a ter escola, farmácia, um convento de irmãs lá de Ponta Grossa. A maioria era daquela região que vieram para "tocar" roça. Mas tinha gente que veio de Santa Catarina. Estes já "estavam" aqui antes da gente chegar e eu sei que eles vieram do Contestado. Então, bem naquele lugar, o vizinho do meu pai foi querer defender a terra do cunhado que os jagunços queriam tomar, foi "pipocado". Quem fez isso? Todo mundo sabe que era tudo do Lupion... ele mandava. E entre os jagunços mesmo tinha policial junto. Este aí foi baleado pela polícia. Não teve jeito, porque o que ia fazer? Naquela época não era como agora não. As estradas não eram assim. Colocaram ele numa carroça e tocaram pra Cascavel, mas já chegou morto (JAIR, 72 anos).

Enfim, podemos considerar que através destas ações realizadas pelo Estado e pelo capital, surtiram implicações que desconfiguraram o modo de vida camponês e que estas ações se agravaram durante e após os governos militares. O avanço da modernização da agricultura e, junto, a consolidação da dominação deste sistema reprodutivo sobre o campo, desencadeou a fragilização da estrutura social do trabalhadores da terra, desconfigurando o seu modo de produção e de vida, obrigando-os muitos migrarem para as cidades ou para outras regiões.

Quanto às obras de infraestrutura no Paraná, vemos em Zaar (2001) e Moraes e Vieira (2015) que a partir de 1970 o Estado executou um maior número de obras como metas de modernização da economia, que também contribuíram negativamente para desorganização do modo de vida camponês em neste caso, principalmente a população ribeirinha. Zaar (2001) nos destaca:

Os projetos estatais desenvolvidos a partir da conjuntura política e econômica nacional e internacional foram determinantes neste processo migratório que se efetivou em vários momentos. Dentre deles os mais significativos, encontram-se os momentos da colonização a partir da década de 1940, da modernização agrícola a partir de 1960 e da construção da Hidrelétrica Binacional de Itaipu na década de 1970 (ZAAR, 2001, p. 1).

A partir dos estudos de Piffer (1997), Zaar (2001), Colodel (2003), Rippel (2005) e Tschá, *et al* (2010) percebemos que o desenvolvimento dessas estratégias políticas de modernização da economia no Paraná, sobretudo na agricultura e em obras de infraestrutura. Entre estas obras, Rippel (2005) e Tschá *et al* (2010) mencionam as

rodovias, aeroportos, ferrovias, portos secos e fluviais e em Zaar (2001) a autora cita a usina de Itaipu, a construção da usina hidrelétrica de Itaipu. Os autores mostram que todas estas obras provocaram grandes mudanças socioterritoriais e socioeconômicas para o Paraná, sobretudo para a Região Oeste. Eles também ressaltam que tais obras provocaram uma transferência da população rural para a área urbana e um fluxo migratório emigratório para o Paraguai.

Na verdade, Zaar (2001) nos mostra que muitos brasileiros foram motivados a migrarem para o Paraguai, como forma de resolver os problemas que a modernização da economia agrícola provocou no campo. Para esta autora, as aproximações dos governos do Brasil e do Paraguai permitiram favorecimentos para ambas as partes. Para o Brasil seria conveniente que os camponeses fossem para o Paraguai, assim resolveria parte dos problemas que estava enfrentando em relação ao destino destes. Já para o Paraguai, a entrada destes emigrantes lhe seria importante para que, através destes, a agricultura do país poderia se modernizar, já que os mesmos conheciam técnicas de produção agrícola diferente daqueles paraguaios que ocupavam estas terras, que, aliás, teriam tudo para fomentar a agricultura, pois se tratava de uma larga faixa de terras férteis.

Nestas discussões que estamos estabelecendo, notamos que contexto emigratório para o Paraguai não pode ser despercebido dos interesses da geopolítica daquele momento, pois entendemos que todos estes processos possuem em sua gênese os interesses de expansão capitalista sobre a agricultura em ambos os países, onde para o Brasil os camponeses eram desnecessários devido a implementação de tecnologias e serviços que este país passou a ter como organizador socioterritorial, que, aliás, dominados por grupos internacionais. E no caso Paraguai a entrada de imigrantes corresponderia à falta de mão-de-obra que o país possuía em consequência de uma sessão de guerras⁵⁶, tê-los, então, era importante para substituir extensas áreas verdes por quem tivesse dispostos a prepará-la e, depois, realizar o mesmo processo de implementação de modelos hegemônicos de produção moderna.

É envolvida neste contexto histórico que se justifica a emigração brasileira para o Paraguai e que será dentro outros fatores que compõe as dimensões das relações sociais que estes passam a estar expostos, que a identidade brasiguiaia será construída.

Neste sentido, no próximo subitem procuraremos entender os processos políticosociais em que estes brasileiros estiveram e que ainda estão envolvidos e que são elementos que se constituem nas suas experiências vividas. Tomamos como orientação

⁵⁶ Guerra do Paraguai (1864 - 1870) e na Guerra do Chaco (1932 - 1935).

para a continuidade das nossas discussões a seguinte expectativa, que supomos serem situações em que se encontravam os brasileiros ao emigrarem para o Paraguai: "Teremos terra? Como conseguiremos nos manter nela? Quais dificuldades nos serão motivos para que tenhamos que retornar?"

Acreditamos que a partir destas hesitações que, talvez, os brasileiros teriam, nos ajudem a entender o que estes tiveram que enfrentar no período em que estiveram no Paraguai. Estiveram. Porque tratamos de um grupo que retornou. Mas há outros que continuam e, portanto, toda imprevisão, hesitação, preocupação se justifica em ter um "aconchego" para chamar de seu.

4.1.2. A identificação de um grupo frente aos interesses políticos e econômicos: o brasiguai

As emigrações para o Paraguai ocorreram a partir de aproximações políticas entre Brasil e Paraguai, que teve como a única razão os interesses econômicos de ambos.

Ao tratarmos deste processo, o qual resultou no grupo que estudamos (os brasiguaios) precisamos desvendar em que aspectos isso se constituiu. Como estamos mostrando, a emigração brasileira para o Paraguai só ocorreu devido ao contexto político e econômico em que ambos os países estavam.

A trama desta saga emigratória ainda estava longe de se resolver. Na verdade, estava só começando. Como em tantos outros países, até mesmo com o que ocorreu no Brasil, os imigrantes brasileiros tiveram surpresas para enfrentar, cujas experiências são responsáveis pelo seu reconhecimento.

Quando observamos anteriormente que este processo migratório de brasileiros se iniciou na década de 1950, Souchaud (2007), Gonçalves (2011), Justino (2014), Souza (2013), Baller (2014) vemos que os primeiros emigrantes a serem atraídos para um território totalmente diferente do seu, foram grupos de nordestinos e de outras partes do país em menor número. Se os brasileiros que começaram a vir depois destes tivessem percebido o que ocorreu com este primeiro grupo, talvez, não teríamos o que hoje buscar investigar.

Em Souchaud (2007), Gonçalves (2011) e Justino (2014) observamos que a hipótese mais próxima levantada para justificar a presença de nordestinos nos Paraguai é

relacionada ao contexto das migrações internas do Brasil, os quais eram atraídos em diferentes lugares para o trabalho agrícola e de empreendimentos em construções realizadas pelo governo e, quando não mais necessários, se deslocavam para outras partes do país até chegarem ao Sul do país e, assim, se deslocarem para o Paraguai.

Para Souza (2013) a emigração destes brasileiros para o Paraguai, sendo eles tão distantes do país, estaria na vinda deles para Foz do Iguaçu para a construção de obras de infraestrutura na região e, assim, atraídos pela possibilidade de cultivarem a terra. Em Souchaud (2007) o autor destaca que entres estes grupos, além de nordestinos oriundos da Paraíba, Pernambuco e do Sul da Bahia, também tinha pequeno número de mineiros e paulistas.

Para Souchaud (2007) este grupo de emigrantes foi atraído para que preparassem as terras, as valorizassem e, posteriormente, o governo paraguaio as venderia para outros grupos de brasileiros que mais lhe interessava. O que vemos na obra deste autor, não encontramos nas demais bibliografias consultadas sobre a emigração brasileira para o Paraguai. O autor, além de definir a origem destes sujeitos no Brasil, também descreveu a sua função social diante do interesse daquele país. Além disso, Souchaud (2007) lança outras informações, que para nós são bastante interessantes, sua origem afro-brasileira, miscigenada entre negros e índios (caboclos) e aspectos culturais dos mineiros que seriam, para ele, parecidos com os nordestinos.

Em sua grande maioria (caboclos) e originários do Brasil, cortadores que percorreram do norte ao sul dos estados de São Paulo e Paraná, pioneiros que pouco a pouco foram sendo expulsos pela especulação. Os que encontramos são originários do nordeste de Minas Gerais (este último não está administrativamente incluído no Nordeste apesar de que se assimila com este em diferentes aspectos). Seu papel era então claramente definido, se encarregavam de preparar as terras florestadas para o cultivo. (SOUCHAUD, 2007, p. 121).

Para compreendermos o destino destes primeiros brasileiros emigrantes vivendo no Paraguai e a entrada de outros grupos, é necessário entendermos o contexto político-social do Paraguai e, como já mencionado, a emigração dos brasileiros para o Paraguai é resultante da aproximação política de ambos os países, ou seja, se trata de relações diplomáticas bilaterais.

Conforme Zaar (2001), Costa (2009), Zamberlam *et al* (2010), Gonçalves (2011), Souchaud (2007; 2011), Souza (2013), Justino (2014), Moraes e Vieira (2015) este movimento emigratório de brasileiros para o Paraguai atendeu interesses de ambos os países: a) O Brasil resolveria um grande problema, destinaria aqueles que foram expulsos

pelo avanço do capital agrícola, bem como, pela construção da usina hidrelétrica binacional Itaipu; b) Já, o Paraguai, absorvia estes emigrantes, idealizando a modernização agrícola de seu país, principalmente, na fronteira Leste com o Brasil.

As relações diplomáticas tiveram uma maior reaproximação desde a Guerra do Paraguai (1864-1870). Nos quase oitenta anos após a guerra, os sentimentos de injustiça e de culpa ainda refletiam nas relações, como até hoje ainda existem. Conforme Costa (2009), Souza (2013), Justino (2014), Baller (2014) e Moraes e Vieira (2015) a aproximação de ambos os países foram marcadas a partir de beneficiamento mútuo. Vemos nestes autores que o governo Stroessner foi responsável pela aproximação com o Brasil, em uma "Política Pragmática de aproximação bilateral", na qual continha os planos da "Marcha para o Leste", realizado pela atração de imigrantes, principalmente de brasileiros, para ocupar as áreas de fronteiras e expandir a produção agrícola. Sua aproximação com governo brasileiro de Getúlio Vargas (1930-1945; 1951-1954) em 1941, cuja aproximação de ambos os governos, surtiram compromissos e protocolos, possibilitando ao Paraguai o uso do Porto de Santos e recebendo o apoio financeiro para a construção da ferrovia Concepción-Pedro Juan Caballero.

Em 1956, no governo de Juscelino Kubitschek (1956-1961) ampliaram a cooperação nas construções da rodovia de Foz do Iguaçu a Coronel Oviedo e da Ponte da Amizade, além de financiamentos para estudos de potencial hidroelétrico, a livre navegação dos rios internacionais, o estabelecimento de entrepostos financeiros paraguaios no Brasil (1965), o uso do Porto de Paranaguá (1969) e outros acordos comerciais e culturais. Em 1973, já no governo Emílio Garrastazu Médici (1969-1974), firmou-se o "Tratado dos Recursos Hídricos do Rio Paraná", para a construção da hidroelétrica Itaipu Binacional, que entrou em operação em 1984. Em 1975, no governo Geisel, firmou-se o "Tratado de Amizade e Cooperação".

Na concepção de Moraes e Vieira (2015) esta relação se tornou mais consolidada no momento em que as parcerias entre Brasil e Paraguai passaram a receber apoio norte-americano entre os anos de 1960-1970 em diante, cujos países alinharam-se em favor da política anticomunista, adotando parcerias na "Operação Condor", executando a formação do "Cone Sul".

Esta medida propiciou golpes militares em vários países sul americanos e fez destes países, áreas de expansão de empresas e serviços norte-americanos, sobretudo, no

ramo do agronegócio. Para estes autores, este foi o principal fator das estratégias neoliberais norte-americanas, com o apoio e favorecimento de uma elite conservadora (igreja, empresários, latifundiários e políticos) e em prejuízo a milhares de pessoas. Neste sentido, podemos afirmar que estas relações político-econômicas dos Estados Unidos com o Paraguai e Brasil fomentaram nas medidas de modernização agrícola, que prejudicaram os trabalhadores da terra em ambos os países.

Neste sentido, Moraes e Vieira (2015) nos mostram que no plano de realizar do Paraguai um forte fornecedor de produtos agrícolas no mercado mundial, fez com que o governo Stroessner modificasse leis que prejudicassem seus objetivos, criou órgãos estatais para elaborar seus planos e realizou políticas que somente favoreceu àqueles que lhe fossem favoráveis, como parceiros políticos, militares, religiosos, latifundiários e empresários. Os autores mostram ainda, que se a agricultura fortalecesse no mercado internacional, necessitaria de mão-de-obra especializada, como a dos brasileiros.

As áreas que o governo paraguaio queria ocupar, além ou de os primeiros brasileiros ali viviam⁵⁷, também estavam ocupadas por indígenas e pequenos camponeses que tinham em seu modo de trabalho na terra, apenas o objetivo para a subsistência. Por isso, não ocupavam grandes áreas, não derrubavam as matas, alimentavam-se da agricultura de subsistência, da caça e da pesca e viviam em sistema de solidariedade entre aqueles que viviam em comunidade. Outra característica era o trabalho artesanal e manufatureiro para obterem aquilo que precisavam.

Tomamos como reflexão as considerações de Fabrini (2012a) sobre o modo de pensar do governo paraguaio em relação ao modelo de produção e de viver da população campesina paraguaia, bem como os interesses econômicos que aproximaram dois governos em uma mesma doutrina capitalista:

A fronteira Leste do Paraguai, ocupada inicialmente por brasileiros de origem lusitana a partir da década de 1950, foi reorientada posteriormente para a colonização com imigrantes do Sul do Brasil, de descendência germânica. Os imigrantes de origem germânica possuíam experiência no trabalho de lavouras temporárias e deveriam desenvolver uma agricultura competitiva, a fim de "civilizar" os descendentes de indígenas que possuíam, segundo o discurso governamental, a ideologia da acumulação, a ética do trabalho e o desejo de prosperar, crescendo economicamente. Assim, a fronteira Leste deveria se transformar num corredor de produção de grãos especialmente para exportação (FABRINI, 2012a, p. 15).

⁵⁷ Aqueles grupos de mineiros, paraibanos, baianos, pernambucanos e paulistas quando chegaram nestas terras, tiveram que desbravá-las, derrubar a mata, transportar as toras até as madeiras para que estas as beneficiassem e as vendessem, limpassem o solo, implantassem pequenas benfeitorias e tornasse o solo cultivável.

Para este autor, estes projetos bilaterais de ocupação do Leste do Paraguai, devem ser compreendidos a partir da "[...] materialização de novas relações de produção, nesse caso, capitalistas" (FABRINI, 2015, p. 16).

Compreendendo, então, que estas ações correspondiam com as políticas de expansão capitalista, percebemos que todos estes fatos são resultantes deste único projeto bilateral destes países, recebendo o apoio dos Estados Unidos. Para isso, através de Costa (2009), Souza (2013) e Moraes e Vieira (2015) podemos trazer algumas ações por parte do governo paraguaio, relacionadas à entrada dos emigrantes brasileiros a esse país, cujo processo, promoveu aprofundas transformações sociais nesse país: a) A modificação do Estatuto Agrário (final da década de 1950); b) Extinção da lei que proibia a comercialização e a ocupação de terras em áreas de fronteiras à estrangeiros (final da década de 1950); c) Fundação do *Instituto de Bienestar Rural (IBR)*⁵⁸, (1963); d) Parcerias com setores financeiros, produtivos e do agronegócio com os Estados Unidos, e) O apoio à entrada de empresas estrangeiras norte-americanas e brasileiras de colonização, madeireiras, agropecuárias, bancárias, (1960/70).

Conforme Ferrari (2007; 2009), Costa (2009), Fiorentin (2010) Klauck e Piori (2010), Zamberlam *et al* (2010), Colognese (2012), Fabrini (2012a; 2012b; 2014), Souza (2013) e Moraes e Vieira (2015), verificamos que, para isto, durante o governo do presidente Stroessner houve incentivo para que a própria população camponesa que ocupasse as áreas próximas a capital, Assunção, outras regiões do país e ocupassem o leste paraguaio. Unidas a estas famílias camponesas, pequenos grupos de trabalhadores vindos do Brasil, principalmente do Nordeste, puderam ocupar as terras, porém sem receber os títulos. Estes agricultores foram responsáveis por aquilo que já mencionamos anteriormente, que foi de limpar a terra e agregar maior valor econômico a fim de serem vendidas.

A partir disso, Albuquerque (2005), Ferrari (2007; 2009), Costa (2009), Fiorentin (2010) Klauck e Piori (2010), Zamberlam *et al* (2010), Colognese (2012), Fabrini (2012a; 2012b; 2014) e Souza (2013) revelam que o *IBR*, hoje *Instituto Nacional de*

⁵⁸ Nas considerações de Costa (2009), Souza (2013) Moraes e Vieira (2015) o governo Stroessner recebeu apoio e a participação dos Estados Unidos na elaboração do *IBR* e em suas metas, portanto, também nos seus interesses.

*Desarrollo y de la Tierra (INDERT)*⁵⁹, também é suspeito de ter emitido títulos falsos de propriedades para brasileiros, ainda, de cobrar várias vezes pelo título, ou de vender o mesmo título a várias pessoas e outras situações que geraram a expropriação desses posteriormente. O *IBR* tinha poder de expulsar os pequenos agricultores paraguaios, indígenas e brasileiros que ali ocupavam área de produção agrícola rudimentar, na justificativa de que precisava ser modernizada para ampliar a capacidade de produção agrícola.

Em Zaar (2001), Klauck e Priori (2010), Fabrini (2012a) e Souza (2013), observamos que o governo paraguaio desejava modernizar sua economia agrícola, aumentando sua capacidade de produção e, que para tanto, idealizando a "*Marcha al Este*" e, neste ínterim, a presença do brasileiro era essencial. Neste sentido, o *IBR* e as forças militares paraguaias, expulsaram violentamente estes camponeses destas terras. Além disso, líderes do governo de ambos os países e pessoas que o apoiavam receberam títulos dessas propriedades, proporcionando-lhes capital especulativo para revenda. Muitas das maiores propriedades agrícolas do Paraguai, ainda hoje são propriedades de herdeiros desses políticos e que permanecem na vida política do país.

Como nos mostram Albuquerque (2005), Ferrari (2007; 2009), Costa (2009), Fiorentin (2010), Klauck e Priori (2010), Zamberlam *et al.* (2010), Colognese (2012), Fabrini (2012a; 2012b; 2014), Souza (2013) e Moraes e Vieira (2015) a segunda fase deste processo idealizado por Stroessner foi extinguir em 1963 o Estatuto Agrário do Paraguai, cujo estatuto proibia a venda e a ocupação de terras nas áreas de fronteira (parte mais fértil do país) a estrangeiros.

Podemos distinguir três momentos e a vinda de dois grupos diferentes: a) No começo da década de 1950 o Paraguai atraiu brasileiros de origem mais humilde e que não tiveram a documentação da terra, apenas a prepararam sem saber que posteriormente seriam expulsos; b) De 1950 em diante, ambos os países, Brasil e Paraguai, incentivaram a emigração de um determinado grupo de brasileiros empresários e latifundiários, que se tornaram atores sociais diferentes daqueles que vieram antes em menor número no começo de 1950⁶⁰. Muitos destes, em parceria com o governo e a elite paraguaia, criaram

⁵⁹ Em Gonçalves (2011) vemos que este órgão atuou como responsável pela organização da estrutura agrária paraguaia. Atualmente é o INDERT que substituiu o IBR em 2004, Ley n. 2.419/2004. Para Godoy (2014) ambos sempre foram acusados de casos de corrupção e de beneficiarem agropecuaristas.

⁶⁰ Tratavam-se então de empresários e latifundiários que abriram empresas de emigração e colonização, de financiamento de créditos, madeireiras, de beneficiamentos, transportadoras e outras associadas a agropecuária. Além de brasileiros, conforme Oddone *et al* (2011) também emigraram para o Paraguai alemães, estadunidenses, mexicanos, canadenses, argentinos e outras nacionalidades na condição de empresários, como os "menonitas", que ocupam os Chaco Paraguayo.

companhias de colonização para atrair e destinar brasileiros. Muitas vezes, oferecendo terras com títulos falsificados, cobrando mais de uma vez pelo mesmo e outras arbitrariedades; c) De 1960 em diante, sobretudo na década de 1970, os governos incentivam a emigração de brasileiros, a maioria sulistas do Paraná, formados por camponeses e trabalhadores da terra, que teriam sido expropriados pela modernização da agricultura ou pela construção da Itaipu.

Conforme Moraes e Vieira (2015), este grupo mais privilegiado apenas adquiriu terras e estabeleceu suas propriedades agrícolas com funcionários para administrá-las ou, então, empresas. Associados com ambos os governos, passariam a atrair aquelas populações de origem camponesa ou de trabalhadores da terra, principalmente, oriundas daqueles lugares onde a efetivação da revolução verde já teria concluído, ou daquelas áreas com grandes obras de infraestruturas, como a usina hidrelétrica de Itaipu que teriam expropriado milhares de populações.

Portanto, conforme o que estamos mostrando, havia uma diferença enquanto classe social e grupo entre os brasileiros que emigraram para o Paraguai, como nos mostra Moraes e Vieira (2015):

De 1954 a 1989, estima-se que foram concedidos mais de 12 milhões de hectares de terras a imigrantes brasileiros, atraídos pelos preços baixos praticados no Paraguai e **repelidos pela situação econômica, social e política do Brasil**. Os brasileiros se estabeleceram predominantemente em seus departamentos paraguaios [...]. Em um primeiro momento, a maioria dos imigrantes **brasileiros era de origem humilde e nunca chegou a ser proprietário de terras (apenas meeiros, parceiros, arrendatários ou empregados)**. A política de Stroessner, todavia, incentivou efetivamente a ida de **grandes empresas brasileiras (madeireiras, agropecuárias, colonizadoras, bancárias, entre outras), que adquiriram terras a um preço bem baixo do mercado [...]** (MORAES E VIEIRA, 2015, p. 369, grifos nossos).

A diferença social existente entre os brasileiros que emigraram para o Paraguai, também pode ser observada em Riquelme (2010):

No Paraguai, em sua parte oriental, **existiam empresas de colonização privada de origem brasileira** que facilitavam a **instalação de seus cidadãos**. Percebe-se, assim, que **empresas brasileiras e autoridades paraguaias estiveram juntas neste processo**. O conveniente ou vantajoso para ambos os lados (paraguaio e brasileiro) era que o Paraguai aumentava as suas divisas e o **Brasil alongava o seu mercado de bens industriais e agropecuários**. O processo de mecanização de campo paraguaio, na parte oriental, **contou**

também com "as bênçãos do governo brasileiro, tendo em vista um acordo com empresas multinacionais, orientando para a produção em **larga escala avançada do uso de maquinários** que passaram a realizar o trabalho de vários homens". Isto, por sua vez, foi a vertente propulsora da migração de inúmeros agricultores do campo no lado brasileiro (RIQUELME, 2010, p. 44-45, grifos nossos).

Percebemos a partir de Riquelme (2010) nessa inserção a diferença desses grupos de brasileiros. Um, que se constitui como aquele que possui empresas de colonização para instalar seus conterrâneos, dando oportunidade para que "o Brasil alongasse bens de indústrias e agropecuários". O outro, aquele que é recebido por eles, que são instalados. Quem destes foi repellido pela situação socioeconômica do Brasil? Quem destes se submeteria trabalhar como meeiros, arrendatários, trabalhadores? Quem destes grupos possui empresas? Qual deles possui capital para compra de maquinários? Quem precisava ser recebido e instalado? Quem era substituído pelos maquinários?

A entrada destes dois grupos antagônicos continuou a ocorrer no país e, como atores sociais, possuem distintas formas de organização de trabalho, de vida e de representação de interesses. Ainda que isso não seja percebido por parte da população paraguaia, brasileira residente no Brasil e daqueles que compõem o grupo de camponeses e de trabalhadores residentes no Paraguai. Para muitos, todos estes brasileiros residentes no Paraguai são entendidos indistintamente e de forma homogênea como sendo "brasiguaios". No entanto, como estamos vendo, há profundos elementos antagônicos sobre sua origem de classe social e de representações simbólico-culturais que os distinguem e, mais, atuam socialmente.

Analisando através do que vimos anteriormente, em Mendonça e Thomas Junior (2005), são os elementos que constituem a representação simbólico-sociocultural dos trabalhadores da terra, ou seja, fazem da terra o sentido da vida; os latifundiários, grandes empresários, possuem não só classe social diferente, mas também representações culturais opostas.

Como podemos compreender através de Fabrini (2012a; 2012 b; 2014), existem situações, que por questões de não compreensão sobre representações, ou pelo preconceito embutido no termo brasiguaiio, aqueles que os são pertencentes a este grupo, procuram não se fazer reconhecer para evitar algum tipo de constrangimento.

Em Albuquerque (2005) vemos que há jogos de interesses no uso da identidade brasiguaiia, no qual há aqueles que ao definirem o grupo sendo "brasiguaios", lhes transferem a responsabilidade dos problemas de ordem econômica, social e ambiental,

desviando a responsabilidade dos verdadeiros culpados, ou seja, os agroexportadores, brasileiros e paraguaios latifundiários.

Conforme Sprandel (1992) os brasiguaios sempre tiveram um importante amparo dos grupos das pastorais da igreja Católica e, para ela, foi desta forma que se construiu a identidade brasiguiaia. Esses sujeitos, sendo expropriados da terra no Brasil, emigrados ao Paraguai e novamente expropriados naquele país, retornando ao seu Brasil, passam a somar nos movimentos sociais pela luta da posse da terra e, então, recebem o apoio das pastorais.

Por meio dessa autora, compreendemos que este quadro de lutas, reivindicações, passa a ser compreendido como "brasiguaios". Esse reconhecimento se construiu em conjunção pelos movimentos da igreja Católica, que percebiam o fluxo contínuo da entrada de imigrantes providos do Paraguai e ingressavam na luta pela terra, com aqueles que já estavam nos movimentos (brasileiros) e que identificavam a sua procedência (o Paraguai), por eles próprios (os brasiguaios) que entendiam serem vítimas de injustiças sociais por ambos os países e, por isso, reivindicavam este reconhecimento diferente daqueles que já estavam nos movimentos (brasileiros), por aqueles (políticos) que entendiam que esta afirmação (naquele momento) descomprometia a responsabilidade do Estado em lhes realizar políticas sociais de assistência e de assentamento rural (que é o que pretendiam) e, igualmente pelo mesmo interesse (de não reconhecer os direitos), latifundiários e empresários que impregna no termo "brasiguai" a ideia de "forasteiro", "intruso", "indesejado", "perigoso".

Sprandel (1992) nos mostra que o termo "brasiguai" foi, então, construído no Brasil como significado de depreciação, de inferioridade pela sua procedência (Paraguai) e porque não queriam lhes garantir seus direitos civis, políticos e sociais. Já em relação ao Paraguai, Sprandel (1992) explica que a população paraguiaia assumia as informações reproduzidas pelos grandes latifundiários daquele país e que circulavam através do rádio, televisão e da imprensa em geral que estes eram uma ameaça ao país, que teriam expropriados os camponeses paraguaios, como "imperialistas", "invasores" e outros elementos que configuravam a ideia de aversão ao brasiguai.

É importante dizer, que conforme Ferrari (2009), Fabrini (2012a; 2012b; 2014) e, também é nossa percepção, esta tentativa de homogeneizá-los (os brasiguaios residindo no Paraguai) com os "brasileiros no Paraguai" beneficia este último grupo, os quais

possuem maior poder econômico e são atores sociais e políticos diferentes dos brasiguaios. Nesses autores também vemos, que com o tempo, a própria população camponesa paraguaia assimila estas percepções de que os brasiguaios não são os responsáveis pelos seus problemas, isto é, destes terem sido expropriados no passado.

Em Nogueira (2012) vemos que a autora debate sobre os brasiguaios no contexto de duplo processo de expropriação, primeiramente promovido pelo Brasil e posteriormente pelo Paraguai. Para essa autora os brasiguaios são vítimas sociais em ambos os países, o que concordamos e acreditamos que tais experiências estejam em conjunção com a perspectiva multitemporal-multiescalar-multidimensional da reconstrução da territorialidade e da identidade. Sprandel (2000; 2006) nos mostra que para alguns, é conveniente que não haja essa distinção, pois assim, não é necessário haver compromissos políticos e sociais com aqueles que se encontra em situação de injustiça. Em Costa (2009) e Baller (2014) os autores nos mostram que a mídia produz discursos desqualificando os brasiguaios devido aos interesses pela terra.

Para Ferrari (2009) e Fabrini (2012a; 2012b; 2014), Coelho e Fabrini (2013), Coelho (2015) há presença de dois grupos de brasileiros antagônicos no Paraguai, os chamados "brasileiros no Paraguai"⁶¹, latifundiários envolvidos no agronegócio e, os "brasiguaios", pequenos e médios produtores que realizam uma produção mais diversificada, que tem em sua origem o trabalho com a terra.

A origem dos brasiguaios é camponesa, os quais possuem no valor da terra toda a significação de vida. Como já dissemos anteriormente, há uma divisão familiar e comunitária entre os camponeses, no manejo e no trabalho com a terra. O conhecimento dela produzido é empírico, adquirido historicamente pela observação da natureza e do da produção de técnicas de produção. A terra, a natureza possui valores da representação direta com todas suas experiências vividas na sua condição social do trabalho e de grupo.

Na compreensão de Moraes e Vieira (2015), a "Era Stroessner" (sete mandatos em trinta e cinco anos) foi marcada pela sua aproximação política e relações diplomáticas de apoio político e econômico com os Estados Unidos e com o Brasil, cujo modelo de governo adotado (de modernização capitalista), continuou nos governos que lhe sucedeu. Como já vimos, esse governo trouxe fortes mudanças na estrutura agrária do país, a partir do seu programa de colonização para o aumento da economia agrícola do país com a mão-de-obra importada do Brasil.

⁶¹ Conforme Moraes e Vieira (2015), o maior produtor de soja do Paraguai é um brasileiro naturalizado paraguaio. Tranquilo Favero tem em seu poder um aglomerado de sete empresas distribuídas em 13 dos 17 Departamentos (o que equivale a Estados para nós), das quais, muitas delas estão em terras do Estado.

Como consequência, Souchaud (2007; 2011), Riquelme (2010), Fabrini (2012a; 2012b; 2014), Moraes e Vieira (2015), vão nos mostrar que surgiu uma elite conservadora detentora do poder político-econômico e social e, ao mesmo tempo, com uma parcela da população abaixo da pobreza.

Em Moraes e Vieira (2015) em meados dos anos de 1980 a situação socioeconômica do Paraguai, assim como em outros países, passa a enfrentar problemas da "década perdida". No que se referem ao Paraguai, as políticas nacionais de incentivo a produção agrícola passaram a ser paulatinamente diminuída e outros serviços de créditos rurais foram praticamente extinguidos. A atividade de arrendamento, de trabalho por parceria, ou meeiro pelo valor da troca de dinheiro foram igualmente extinguidas. As reformas políticas e econômicas que o país realizou em detrimento a crescente dívida pública interna e externa, em razão aos grandes empréstimos realizados por Strossner e a desvalorização das exportações de produtos primários, provocaram uma sequência de problemas que atingiram principalmente a maior parte da população de origem campesina paraguaia.

Em razão de toda esta situação econômica, Moraes e Vieira (2015) mostram que muitos trabalhadores da terra, campesinos de origem paraguaia e estrangeiros, como os brasiguaios, foram:

[...] descapitalizados, desamparados organizacionalmente e afundados em dívidas abandonaram ou perderam suas terras por determinação judicial ou pela concentração fundiária, restando-lhes migrar para os grandes centros regionais. Vários camponeses expulsos de suas terras foram morar em áreas urbanas degradadas como favelas, cortiços ou debaixo de pontes. Houve um processo de lumpenização, de degradação do campesino. Foi nesse contexto histórico que os imigrantes brasileiros que regressaram do país vizinho passaram a se conhecidos como brasiguaios (MORAES e VIEIRA, 2015, p. 371).

Como vemos em Fabrini (2012a) muitos campesinos paraguaios e junto de uma parcela de brasiguaios ingressaram em movimentos sociais pela posse da terra e, que desde então, procuram ocupar terras que estejam em áreas com problema de legalidade com a documentação.

Muitas lutas campesinas contam, inclusive, com a participação de brasiguaios, sobretudo filhos nascidos no Paraguai, que não tiveram acesso à terra. As lutas mais fortes dos campesinos ocorrem, especialmente, nos

departamentos de San Pedro, Canndeyú, Amambay e Caaguazú. Em Alto Paraná, embora haja forte presença de proprietários de terra brasileiros, as lutas não são intensas em vista do poder do agronegócio da soja. Os departamentos de San Pedro e Concepción, onde há grande concentração de pobreza e carências diversas, possuem forte tradição de insurreição desde o início do século XX. Foi nessa região que emergiu recentemente (2010) o Exército do Povo Paraguaio (EPP), que, diferentemente dos movimentos sociais, iniciou luta de guerrilha, (FABRINI, 2012a, p. 15).

Em outro momento vemos:

Verifica-se, assim, que há intenso conflito entre os camponeses e proprietários brasileiros do agronegócio. Embora haja a vinculação dum suspeito imperialismo sobre a nação paraguaia em que os brasileiros são acusados de impor seu modo de vida, língua, moeda, bandeira e apropriarem-se das melhores terras da fronteira, a dominação não é exercida por todos, mas por empresários rurais monocultores do agronegócio. [...] Os movimentos camponeses paraguaios não reconhecem em todo brasileiro sinônimo de opressão, dominação e exploração, pois a luta dos camponeses pela reforma agrária se volta para as grandes propriedades pertencentes (FABRINI, 2012a, p. 17).

Na compreensão de Fabrini (2012a), Godoy (2014), Moraes e Vieira (2015) a candidatura do ex-bispo da igreja Católica, Fernando Armino Lugo de Méndez obteve a representação popular diante das suas promessas sobre a justiça social, principalmente as associadas à reforma agrária e à sua imagem vinculada a um sentimento de confiança pela sua aproximação e atuação frente a Teologia da Libertação⁶². Seu mandato foi o primeiro que o país teve de oposição à direita do país, representado pelo Partido Colorado que sempre esteve à frente do poder político.

Para esses autores os grupos mais conservadores representados pelo agronegócio e por latifundiários, se opuseram às metas estabelecidas pelo governo e, por isso, desde o início da sua posse teve que enfrentar fortes manifestações sociais de grupos que se organizaram, como a União dos Grêmios de Produtores. Fabrini (2012a) cita, por exemplo, a ação desses grupos diante da possibilidade do então presidente "Lugo", atender as demandas dos movimentos camponeses em desapropriar fazendeiros para reassentamentos rurais e, também, para o controle de uso de agrotóxicos (fumigação) nas lavouras de agricultura intensiva.

No entendimento desse autor, a União dos Grêmios de Produtores aumentou suas ações em relação contrária ao presidente "Lugo" e aos camponeses, pois para Fabrini (2014) a maior preocupação dos fazendeiros desde a entrada desse presidente, seria se realmente ele cumprisse suas promessas eleitorais, que dentre as suas principais metas de

⁶² Em Fabrini (2012 a) e Moraes e Vieira (2015) podemos perceber que a Teologia da Libertação tem uma representação associada à luta pelas injustiças sociais, de cunho marxista.

governo era realizar os assentamentos na área ocupada por muitos agropecuaristas, cuja extensão se encontra sobre ao que se aplica a "Lei de Faixa de Segurança". Tal lei não proíbe a venda de terras nessa área, no entanto ela não pode destituir quem ali já estava antes dela ser homologada (2004) e o receio dos "brasileiros no Paraguai" era se o então presidente, fizesse o recadastramento de terras em favor dos camponeses, pois muitos deles estão ilegais perante essa lei.

Conforme Fabrini (2012a; 2014) em 2008 este grupo realizou o "*tratoração*", uma manifestação em marcha que repercutiu em várias cidades e rodovias. Essas manifestações sempre contaram com o apoio dos meios de comunicação que deturpavam as informações. Esse grupo é suspeito de ter financiado pistoleiros a invadirem assentamentos campesinos. Conforme Moraes e Vieira (2015) de 1989 a 2006 mais de 100 campesinos teriam sido mortos e, para Fabrini (2012a, 2014) esse número cresceu com a resposta dos latifundiários.

Godoy (2014) mostra que devido à repercussão dos meios de comunicação (rádio, televisão e imprensa paraguaia), a opinião pública passou a ter um posicionamento contrário ao presidente Lugo. Fabrini (2012a; 2014) explica que a compreensão equivocada de que os brasiguaios são responsáveis pelo uso indiscriminado dos transgênicos, de agrotóxicos, de concentração de terras e outros problemas se somavam a opinião pública mediante ao que os meios de comunicação reproduziam. Para este autor, na verdade, não são os brasiguaios que são concentradores de terras, ou que são envolvidos com grandes empresas agrícolas, ou que utilizam sementes transgênicas e o uso agrotóxicos, mas, sim, os agropecuaristas "brasileiros no Paraguai".

Isto fica claro quando Fabrini (2014) traz uma declaração de um líder campesino, cujo representante reconhece que não são os brasiguaios os agropecuaristas:

Em uma declaração de Elvio Trinidad, presidente da Associação de Produtores Agropecuários (APA), o combate não é contra os pequenos agricultores brasileiros, que por dificuldades encontradas no Brasil, foram trabalhar nas empresas multinacionais e fazendas de brasileiros. A luta é contra os grandes proprietários de terra brasileiros do agronegócio (FABRINI, 2014, p. 14).

No entendimento de Godoy (2014), apesar dessa autora não diferenciar o brasiguai do "brasileiro no Paraguai", a autora revela que a dificuldade de "Lugo"

cumprir as promessas da sua campanha aos camponeses, é decorrente ao INDERT (órgão do governo que substituiu o IBR em 2004):

[...] a campanha de Fernando Lugo, que tinha mostrado diferente na reforma agrária tendo como sua principal meta no cenário da política interna, mas os anos foram passando sem alcançar progressos concretos e significativos, presumindo-se que era o Indert, o instituto responsável pela reforma agrária, conhecido como um poço sem fundo de corrupção, não deixou espaço para o Lugo poder superar a situação, já que as velhas práticas continuaram, e novos privilegiados se aproveitaram da estrutura já definida para continuarem com a mesma articulação [...] (GODOY, 2014, p. 46).

No entendimento de Fabrini (2012a; 2014) e Moraes e Vieira (2015) o fato decisivo para seu "impeachment" em 2013 foi ter se pronunciado a favor da proibição de transgênicos, o que contrariou a elite fundiária do país.

Na compreensão de Sprandel (2000; 2006), Albuquerque (2005; 2007; 2009; 2010), Klauck e Priori (2010), Baller (2011; 2014), Cardin (2011) e Colognese (2012) a questão problemática de alguns desses movimentos é que muitos possuem uma visão "imperialista", "expansionista" do Brasil, que para nós são resquícios da imagem reproduzida pela Guerra do Paraguai. Muitas rádios e outros veículos de comunicação veiculavam informações generalizantes sobre a presença de brasileiros com título de terras ilegais e, associando-os ao que Stroessner fez na década de 1960/70 com a Guerra do Paraguai, reproduziam no senso comum dos paraguaios a ideia de que esses fossem invasores, imperialistas e outros títulos que denegriam a presença destes brasileiros.

Alguns setores conservadores, formados por empresários do agronegócio e fazendeiros paraguaios e brasileiros, são suspeitos de repercutirem estas informações e de induzirem ataques, invasões, perseguições, assassinatos à brasiguaios. Também são suspeitos de financiarem terceiros para infiltrarem nos movimentos sociais, induzindo-os a realizar ações violentas contra propriedades e imigrantes brasiguaios.

As justificativas dos camponeses paraguaios, conhecidos como "*carperos*", possuem fundamento histórico e social. O problema, então, é que principalmente no início das suas organizações e reivindicações, esses sofriam influências de terceiros, ou seja, latifundiários, para se favorecerem. Através das ações dos "*carperos*" só muitos brasiguaios e camponeses paraguaios foram expropriados e suas terras acabaram sendo regularizadas pelos latifundiários (paraguaios e brasileiros) e empresários do agronegócio.

Percebemos que esse sentimento de aversão ao brasiguaiio surge da culpabilização que esses passam a ter de boa parte da sociedade paraguaia, responsabilizando-os por

problemas que procuraremos trazer ainda neste debate. Para Sprandel (2000; 2006), Albuquerque (2005; 2007; 2009; 2010), Baller (2011; 2014), Cardin (2011), Colognese (2012), as representações utilizadas contra os brasiguaios, tem em sua simbologia, os elementos representativos da identidade nacional daquele país, principalmente àquelas relacionadas às imagens da Guerra do Paraguai. Para esses autores, os brasiguaios, são representados como sendo "invasores", "saqueadores", "usurpadores", "expansionistas", "imperialistas" e outros adjetivos de juízo de valor negativo.

É nesta ocasião de retorno, na condição de luta pela terra, que o termo brasiguaião surge em Mato Grosso do Sul através do deputado federal Sérgio Cruz (PT) em 1985 na cidade de Mundo Novo. Ao ser questionado por um grupo de brasiguaios que estavam juntos com camponeses do MST surgiu a resposta que lhes designariam como um grupo: "Vocês são uns brasiguaios, uma mistura de brasileiros com paraguaios, homens sem pátria" (WAGNER, 1990, p. 20).

Em boa parte da bibliografia consultada, há uma representação equivocada de que os brasiguaios são concentradores de terras, que possuíram facilitações na aquisição de terras, que são agropecuaristas, que fazem uso indiscriminado dos transgênicos e agrotóxicos, destruindo a natureza, gerando injustiças sociais aos camponeses paraguaios e que contam com o apoio do governo. Na verdade, como vimos em Ferrari (2007; 2009), Fabrini (2012a; 2012b; 2014), Coelho e Fabrini (2013), Souza (2013) e Coelho (2015), tais atributos e ações são de responsabilidade dos "brasileiros no Paraguai".

Entendemos que por meio dessas experiências vividas pelos brasiguaios no contexto histórico-geográfico do Paraguai, possibilitou a consolidação da construção da sua identidade do brasiguaião. O seu retorno só evidenciará esses elementos simbólico-socioculturais, que, então, os perceberão como sendo diferentes.

Neste sentido, mais uma vez esse grupo terá novas experiências de uma realidade diferente que deixou quando emigrou para o Paraguai. Mesmo porque, a sua sociedade de origem, na maioria das vezes, não é esta a que agora ele ocupa. A sua presença é novamente reconhecida pelo grupo já estabelecido, os quais os notam pelas suas diferenças. É partir destas colocações que procuraremos trazer ao debate.

4.2. Os elementos socioculturais internalizados na identidade do brasiguaião

A contextualização histórica apresentada anteriormente nos apresenta elementos políticos, econômicos e sociais em que os brasileiros estiveram envolvidos em seu período de permanência no Paraguai. O debate foi necessário, porque todas as questões que ali tratamos inserem na constituição vivida e internalizada por estes sujeitos.

É importante saber que esses brasileiros só emigraram para o Paraguai porquê de alguma forma foram expropriados de sua terra, única condição de vida que eles possuíam. Além disso, o modo de vida camponês e de trabalhador da terra no Brasil foi implicado com outras experiências adquiridas pelo modo de vida camponês paraguaio, algo que daremos continuidade neste momento.

Devemos ter em mente que os fatores históricos que constituem a vida e a identidade destes descendentes de brasileiros nascidos no Paraguai (na sua maioria) foram resultados de acordos diplomáticos, de aproximações políticas, de interesses capitalistas que trouxeram transformações socioespaciais em ambos os países. A estrutura social do Brasil foi alterada pelo modelo de modernidade importada dos Estados Unidos. A idealização de modernidade, com todos seus empreendimentos tecnológicos, expropriou quem fazia da terra seu lar. Porém criou o senso que até hoje repercute na imagem do camponês e que está presente na reprodução social do brasiguai, homem e a mulher do campo.

Outro aspecto importante é que esses brasileiros emigraram para um país que se reerguia de duas guerras que dizimou a população. Foi pela falta de mão-de-obra que acordos foram estabelecidos entre países que algumas décadas antes estiveram em conflito. As imagens dessa guerra foram e são ainda elementos de sentimentos profundos na alma do paraguaio em relação ao Brasil. E foi neste contexto que os brasileiros foram para o Paraguai.

Além dessa representação da guerra ao brasileiro como "expansionista", "usurpador", "invasor", "saqueador", "imperialista", tais referências da identidade nacional paraguaia também se projetam pela forma em que a Era Strossner "deu as boas vindas" aos brasileiros. Para que esses tivessem terras, toda legislação do país sobre a reforma agrária e aquisição de imóvel rural foram mudadas. O país que era campesino, retirou a força seus autóctones para vender suas terras a estrangeiros.

Em qualquer país que isso ocorresse não poderia ser diferente. A população paraguaia não aceitou com facilidade essa medida ditatorial, mas nada poderiam fazer, porque nos 35 anos de ditadura, manifestar era contido na morte.

Mas a questão problemática é que a base da população paraguaia, na sua grande maioria, não sabe quem de fato foi recebido primeiramente, em que condição isso

ocorreu, como foram recebidos, quem os ajudou, a quem beneficiava essas arbitrariedades. No cenário político-econômico, parecendo ser um coadjuvante, mas na verdade, o diretor da peça dramática desses sujeitos, são os Estados Unidos, cujo país queria controlar o avanço socialista e ao mesmo tempo expandir a economia capitalista agrícola a qualquer custo. Desde o início do projeto de modernização da economia de ambos os países, esse projeto influenciou políticas, ações e orquestrou seus interesses. No Paraguai o IBR, hoje INDERT, assegurou que isso acontecesse.

Para que o país se modernizasse, empresas do agronegócio dos Estados Unidos e do Brasil foram beneficiadas na aquisição de terras, assim como, os latifundiários brasileiros e de outras nacionalidades em menor número.

Esse grupo acaba passando despercebido do contexto social e político. E as responsabilidades de suas ações do passado e do presente são transferidas por quem é tão semelhante com o modo de trabalhar com a terra como os camponeses paraguaios, ou seja, os brasiguaios.

Trata-se de questões essenciais para se compreender, pois os brasiguaios foram culpabilizados pelos problemas de concentração de terras, ou de terem sido favorecidos por Stroessner em terem terras, ou por fazerem uso indiscriminado de transgênicos e de agrotóxicos, de também fazerem da terra e da natureza um produto, mercadoria e empresa, por desconfigurar o modo de vida camponês. Por isso foram expropriados e empurrados à pobreza urbana ou à submissão, com prejuízo social.

A redemocratização que o país teve lentamente, devido à permanência dos representantes dos velhos grupos de poder, não atendia as exigências daqueles que agora podiam falar e se manifestar. É neste momento em que surgem vários movimentos sociais, que o brasiguai passa a ser responsabilizado pelo que os seus compatriotas, mas bem distantes fazem: os "brasileiros no Paraguai".

Claro que com eles somam-se agroexportadores de nacionalidade paraguaia, alemã, estadunidense, canadense e outras minorias.

É em meio à insegurança e a violência que esses brasileiros camponeses e trabalhadores da terra retornam ao Brasil e, assim, reconhecidos como brasiguaios e, mesmo, com a possibilidade de haver uma representação política que pudesse resolver, foi deposto ("Lugo") justamente por se opor ao agronegócio.

A violência cometida contra os brasiguaios e a aversão que as prerrogativas da Era Strossner tenha lhes embutido erroneamente, não é aceitar por todos os camponeses e população paraguaia. Há quem se interesse para que isso permaneça e continue expropriando camponeses brasiguaios, a fim de se apoderar das terras.

Todos estes elementos que acercam o viver do brasiguai, o constitui como tal e, em seu retorno, ele traz consigo muito mais que pertences. Em seu retorno ele traz os elementos simbólico-socioculturais constituídos em seu âmago de ser quem o é: brasiguai!

A partir dessas considerações é que procuraremos expor sobre os elementos que constituem a identidade sociocultural do brasiguai, algo que ele construiu em seu tempo no Paraguai, mas não a abandonou ao retornar. Na verdade, entendemos que estes (os brasiguaios) a trouxeram consigo e, por isso, uma vez que são portadores dessas representações socioculturais, são estes elementos que os faz serem reconhecidos e muitas vezes não aceitos pelos já estabelecidos.

O período em que eles moraram no Paraguai, não importa onde, se na grande cidade, ou em uma pequena propriedade, proporcionou experiências identitárias que os fazem serem diferentes de seus conterrâneos, os brasileiros. Muitos desses sujeitos retornados, não nasceram no Brasil, ou, os que nasceram, tiveram maior tempo da vida no Paraguai. Nesse tempo em que lá estiveram, mesmo que de início recusassem ou, ainda, negassem, assimilaram os aspectos socioculturais daquele país.

Souchaud (2007; 2011) explica que os elementos simbólico-socioculturais da identidade paraguaia, assim como de muitos outros países da América Latina, têm seus aspectos simbólicos dos povos que a formou ao longo do seu tempo, como os guaranis e outros povos indígenas, italianos, alemães, japoneses, ucranianos, russos, argentinos, bolivianos, espanhóis e brasileiros.

Em Alambert (1999) e Vas (2011) também percebemos que entre os aspectos socioculturais que se constituíram representativos antes da Guerra do Paraguai, estão aqueles levados pelos povos que os colonizou, majoritariamente o modo de viver espanhol, em conjunção com aqueles já presentes pelos indígenas e por grupos de ingleses e franceses. Concordando com este autor, também Godoy (2014) argumenta que após a Guerra do Paraguai o governo procurou atrair frentes migratórias de países da Europa, Ásia, e países vizinhos. Para essa autora a presença desses países contribuiu para a formação das características presentes nas representações socioculturais da identidade paraguaia.

Godoy (2014) destaca que mesmo atualmente com a presença de outros grupos, como chineses, libaneses e outros povos de modos de vidas distintas, mesmo assim, ainda os aspectos socioculturais anteriores a guerra, (guarani), permanecem nos elementos simbólico-socioculturais do país. Ao tratar dos brasiguaios, a autora reconhece que esses trazem seus elementos socioculturais para o Paraguai, no entanto, da mesma forma, esses trazem seus aspectos socioculturais do Paraguai para o Brasil.

Em Zamberlam *et al* (2010) e Gonçalves (2011)⁶³ vemos que naquela situação geográfica onde a presença de brasiguaios é menor que o grupo dos paraguaios, esses (brasiguaios), assimilam com mais facilidade e em menor tempo os aspectos socioculturais paraguaios, inclusive os aspectos guarani que é mais difícil. Outro dado importante é que isso também acontece, quando existem outros grupos identitários no mesmo lugar, porque desse modo ocorrem maior interação dos brasiguaios com outros grupos e, assim, uma maior aproximação e sistemas de trocas entre eles.

Gonçalves (2011) também explica que a entrada dos brasiguaios causou estranheza aos paraguaios, que se posicionaram em resistência diante de outro modo de vida, porém através do tempo e das relações sociais os preconceitos e as indiferenças de ambos os lados se romperam e houve maior aproximação de troca simbólica sociocultural.

Para Costa (2009) e Fiorentin (2010) muitos paraguaios reconhecem os brasileiros como sendo dominadores, imperialistas e outras imagens associadas à Guerra do Paraguai e à Era Strossner. Contudo esses autores admitem que na processualidade do tempo há uma diluição dessas divergências com aqueles que vivenciam as experiências.

Em Ferrari (2009) observamos que só não assimilam os aspectos sócio representativos do Paraguai aqueles que dispõem em negar, ou não vivenciá-los. Ferrari explica que o grupo dos "brasileiros no Paraguai" não vivenciam plenamente o país e, assim, seus aspectos socioculturais. Para ele, esses apenas compreendem o país a partir do princípio da reprodução capitalista. Muitos deles não residem o ano inteiro no Paraguai. Seus filhos estudam em escolas no Brasil. Há quem administre seus bens por eles e, mesmo aqueles que moram no Paraguai, vivem em círculos fechados. Já os

⁶³ Para Gonçalves (2011) naquelas localidades onde o grupo de brasiguaios é majoritário estes se constituem hegemônicos, pois não existem tantos membros de outros grupos para facilitar a interação e a troca simbólica. Gonçalves (2011) ainda adverte, que quando se trata de grupos de brasiguaios com maior poder aquisitivo, estes tendem a não querer se envolver com os paraguaios.

brasiguaios, tem em sua condição de classe a vivência na terra e, através do trabalho, vivencia esses momentos socialmente com grupos de paraguaios, indígenas e, portanto, assimilam seus elementos simbólico-culturais.

[...] os brasiguaios com maior condição financeira que, no caso seria os "brasileiros no Paraguai" não adquirem seus costumes, suas comidas, em suma, não internalizam sua cultura de maneira plena, e permanecem no país em tais condições na imensa maioria explorando a mão-de-obra paraguaia e até mesmo a brasiguaia, formada por camponeses que perderam suas propriedades [...] (FERRARI, 2009, p. 109).

Nessa perspectiva, vemos a fundamentação que defendemos. Nas experiências vividas dos brasiguaios há o processo que apresentamos quando discutimos os elementos formadores da identidade. Ou seja, há percepção, interação, internalização e, deste modo, o processo de atribuição de signos, significados, sentidos e sentimentos. Desse modo a identidade brasiguaia é, para nós, resultado historicamente produzido através das relações sociais, que inclui o processo multidimensional que também explicamos.

Quando reconhecemos o brasiguai, o entendemos pela perspectiva do "*Continuum*", na qual as dimensões socioculturais se estendem à política, economia, subjetividades e objetividades, imaterialidades e materialidades.

Segundo Colognese (2012) os brasiguaios residindo no Paraguai, mesmo que no início não aceitavam a cultura paraguaia, com o tempo, eles a assimilaram. Para a autora isso ocorreu pelo fato dos brasiguaios terem se aproximado e de terem se tornado parte integrante das relações sociais com os paraguaios e, assim, das suas representações socioculturais, como por exemplo, ao participarem das celebrações religiosas, das festividades, logo, aprendido vários elementos socioculturais dos paraguaios, como a língua. Desta forma os elementos simbólicos passam a aproximar e unir os diferentes grupos. A mesma compreensão faz Tristoni (2013) ao falar da reconstrução identitária que esse grupo faz, principalmente pelo uso da linguagem verbal.

Para Gonçalves e Fernandes (2013) o tempo em que os brasiguaios viveram no Paraguai possibilitou aproximações socioculturais distintas do modo de vida brasileiro. Nesses autores, encontramos algo muito importante. Para eles o tempo de permanência dos brasileiros no Paraguai contribuiu para que houvesse o reconhecimento do passado histórico da historiografia da Guerra do Paraguai. Gonçalves e Fernandes (2013) ressaltam que, ao mesmo tempo em que essa história os afaste, também os aproxima. Essa aproximação implica sentimentos de sofrimento, de dor, de injustiça, de compaixão e de reconhecimento.

Nesse mesmo sentido, Gonçalves e Fernandes (2013), explicam que as dores do passado ressurgem sentimentos do presente e, esses processos são assimilados no modo de pensar, de viver e, assim, na constituição da sua identidade. Para esses autores a cultura é um elemento importante no estabelecimento das relações sociais entre brasiguaios e paraguaios. Para eles é na aproximação de querer conhecer a cultura do paraguaio que o brasileiro assimilou aspectos desses elementos simbólico-sociocultural na sua identidade, como o vestuário, os hábitos alimentares, língua, alimentação os esportes, as músicas, as festas, e outros elementos constituintes do modo de vida do paraguaio.

Para Fabrini (2012a; 2012b; 2014), Moraes e Vieira (2015) os aspectos do trabalho, da vida social na terra e outros elementos simbólicos que representam a origem da classe trabalhadora desse grupo, os faz terem uma representação de social. Entendemos que, igualmente, esses elementos são vivenciados e internalizados pelos sujeitos, apropriados e, assim, também se fazem representar a identidade sociocultural deste grupo.

Durante o tempo de vivência no Paraguai, muitos destss sujeitos, apesar de falarem o português ensinado por seus pais, não dominavam o letramento português e, na verdade, a maioria, foi alfabetizada pelos idiomas paraguaios, castelhano e guarani. Além disso, os mesmos assimilaram os aspectos socioculturais de onde retornaram: o Paraguai. Estes imigrantes trazem consigo as imagens das paisagens naturais, que lhes conferem sentidos e significados de experiências vividas, por exemplo, o banho de cachoeira com os amigos, a visão compartilhada com amigos do pôr do sol sobre o campo, a visão do céu estrelado, as brincadeiras de crianças nos dias de chuva.

Nesse sentido, ao tratarmos do retorno destes sujeitos, entendemos que os mesmos trazem consigo esses elementos simbólico-socioculturais construídos historicamente, internalizados pelas experiências vividas e, desse modo, dotados de carga simbólica de sentido, sentimento e de representação.

Essa população camponesa ou trabalhadora da terra, ao retornar com tudo o que experimentou, vivenciou e internalizou e se fez representar, agora, terá que, novamente, renegociar sua representação e, deste modo, reconstruir sua identidade. Então, nesse sentido, mais uma vez esses voltam a vivenciar elementos que envolvem conflitos pelo reconhecimento de suas diferenças.

Entre nossas hipóteses levantadas para essa problemática, está a origem do sentimento de superioridade do brasileiro ao brasiguai e, ao que nos parece, se justificar pela procedência desses imigrantes, isto é, o Paraguai. Associado à procedência, procuramos investigar qual seria o elemento constituinte do uso de valor de inferioridade desse país em relação ao Brasil e, então, entendemos que são os elementos constituídos na identidade nacional do brasileiro, a qual foi construída mediante as imagens da Guerra do Paraguai.

Em detrimento a essas concepções, procuraremos no próximo desdobramento refletir as implicações da construção da identidade nacional brasileira, inundadas de imagens da Guerra do Paraguai e, assim, com seus valores de superioridade da "brasilidade" em prejuízo ao país vizinho "guarani" e tudo o que de lá procede.

4.3. A guerra do Paraguai e sua a constituição de uma “brasilidade”

Entre os elementos de maior representação da identidade paraguaia e brasileira, estão os conflitos militares, as batalhas, suas conquistas militares e seus heróis cívicos que se destacam nos símbolos criados e estabelecidos como coesão nacionalista. Esses elementos simbólicos estão presentes em várias formas de manifestação, como por meio das festas, tradições, mitos, heróis, histórias orais e, que conseqüentemente, permanecem como elementos formadores da identidade nacional.

Refletir a identidade nacional se faz necessária, porque é por meio dela e da sua simbologia que o conflito do passado permanece. É a partir dessa reflexão que Vas (2011) nos traz, discorrer desse texto.

Conforme Alambert (1999), Vas (2011), Bandeira (2012), e Arantes (2013) excluir as instituições públicas ou privadas brasileiras contribuem de forma negativa ao narrar a Guerra do Paraguai⁶⁴, pois para eles há uma perspectiva recomendada pelo

⁶⁴ A guerra do Paraguai, (de 1864 a 1870) conflito que envolveu a Tríplice Aliança, formada por Brasil, Argentina, Uruguai contra o Paraguai é considerada na historiografia das guerras como a segunda maior das Américas e o maior conflito da América do Sul. Possui três versões: **a) tradicional:** apresenta as recomendações e os interesses do Brasil imperial, justificando a guerra pela necessidade de proteger suas fronteiras que teriam sofrido invasões. Faz conotações de que o Paraguai fosse vilão, governado por Solano Lopez que foi retratado como um tirano e carrasco. Um país atrasado na sua democracia, em seus direitos civis, economicamente, retratado como um país de cultura inferior, com um povo sem os moldes da educação europeia, inculto, incivilizado e outros adjetivos negativos. **b) revisionista:** na década de 1960 a guerra ganha uma nova versão, recontando os fatos, mas principalmente revelando fatos omitidos e distorcidos na primeira versão, como as ações violentas dos países aliados, principalmente do Brasil sobre o comando de Conde D'eu. **c) mediadora:** na década de 1990 surgem contradições da versão Revisionista, principalmente na alegação de que a Inglaterra não teve responsabilidade no conflito, porém ainda é debatido por outros historiadores. Para melhor compreender este assunto sugerimos: Pomer (1984), Salles

Estado nas primeiras versões dessa guerra e que influenciou gerações. Outro dado importante é que durante muito tempo a historiografia militar do Brasil só podia ser registrada pelo próprio Estado, ou seja, por meio de uma ideologia da soberania brasileira e de sua posição imperialista na América do Sul, como podemos verificar nos estudos realizados por Bandeira (2012), cujo autor nos apresenta a intenção estratégica de domínio hegemônico brasileiro na América do Sul⁶⁵.

Em Chiavenato (1998) e Doratioto (2002) verificamos que a Tríplice Aliança, formada pelo Brasil, Argentina e Uruguai realizou inúmeros crimes de guerras e violaram os acordos estabelecidos no seu tratado de guerra, como assassinatos de civis, prisões arbitrárias, utilização de civis para trabalhos forçados, uso de tortura e violência, destruição de lugares sagrados, campos agrícolas, áreas urbanas, povoados, saques, estupros e outros crimes de guerra.

Para Chiavenato (1998), a violência maior contra os paraguaios se deu a partir do momento em que o conde d'Eu assumiu o comando, substituindo duque de Caxias em 1869. Em seu comando, após a morte de seu companheiro, general Menna Barreto, cometeu a maior barbárie da historiografia das guerras da América, que foi a morte de civis queimados, presos em hospitais e escolas, ou fuzilados, degolados, inclusive de crianças. Na batalha *Acosta Ñu*, ou batalha de *Los Niños*, conhecida no Brasil como batalha de Campo Grande, mesmo com o exército paraguaio rendido, formado apenas por crianças, conde d'Eu ordenou a morte de todos.

Na década de 1960, Chiavenato (1998) argumentava que a guerra teria sido resultado dos interesses britânicos, que se sentia ameaçada pelo avanço industrial e social do Paraguai, processo este, que era independente da Inglaterra. Além de já possuir sistema de formação superior, o país possuía controle sobre o analfabetismo, teria realizado inúmeras ações de reformas sociais, instalado áreas industriais algodoeiras, têxteis, metalúrgicas, férreas, naval, alimentícia e contava com rede de telégrafos.

Em sua pesquisa, Arantes (2013) detalha a respeito de como as historiografias da Guerra do Paraguai reforçam os valores e sentimentos de superioridade do Brasil em

(1990), Chiavenato (2000), Alambert (2000), Doratioto (2002), Vas (2011), Viana *et al* (2012), Arantes (2013).

⁶⁵ Indicamos Galvão (2009) "América do Sul: construção pela reinvenção (2000-2008)" para melhor compreensão deste assunto.

relação ao Paraguai e, ainda, como muitos destes livros apresentam informações deturpadas sobre os fatos.

Conforme os estudos de Alambert (1999) essa assimilação se efetiva através desses valores concebidos ideologicamente pelo Estado brasileiro, favorecendo-o e, ao mesmo tempo, menosprezando o Paraguai, justificando a Guerra do Paraguai como defesa territorial e civil. Para o autor, durante o Regime Militar, as imagens presentes nas representações da Guerra do Paraguai foram utilizadas como estratégia de construir um sentimento nacionalista em torno do Estado e, para ele, em muitos casos, permanecem ainda hoje em várias repartições públicas e privadas do país. Um exemplo disso é a exaltação do Estado através de homenagens concedidas a "heróis" dessa guerra em dias pátrios no calendário civil, em monumentos distribuídos em praças públicas pelo país, em nomes de escolas, avenidas, cidades, estádios e outros.

Entre os fundamentos da identidade legitimadora, está à utilização destes recursos como forma de dominação em favor do Estado. As pessoas ao ouvirem as narrativas de guerra, ou ouvirem músicas que falem a respeito, ou de verem monumentos em homenagens aos "heróis" de guerra e outros artifícios normatizadores, tomam para si, como elementos de representação identitária, que neste caso, a superioridade da "brasilidade", em prejuízo à identidade "guarani", ou "paraguaia".

No entendimento de Alambert (2000), tanto o país, como a população paraguaia foram projetadas a receberem adjetivos negativos, inferiores, torpes em relação ao Brasil. Para esse autor:

Criou-se no imaginário coletivo brasileiro a noção do Paraguai e, logo, do seu povo, como sendo bárbaro, incivilizado, autoritário, atrasado aos olhos da cultura da corte, serviria então para nos salvar de nossas próprias condições e definir a imagem civilizada que tanto buscávamos (ALAMBERT, 2000, p. 304).

Por meio das afirmações de Alambert (2000), Araújo (2012), Zdebski (2014) e, agora, Vas (2011), observamos que durante o Império e no início da República, todas as encomendas oficiais realizadas pelo Brasil, sobre ambos os países, deveriam ser representados antagonicamente, em favor do Brasil⁶⁶.

Nos estudos realizados por Alambert (2000) é possível identificar alguns dados importantes do período de transição do Regime Imperial para o Regime Republicano⁶⁷,

⁶⁶ O autor descreve que o Brasil foi enaltecido com representações heroicas, nobres, civilizados, de honras, íntegro, digno, justo e o Paraguai como incivilizado, tirano, indolente, imoral, injusto, covarde, bárbaro.

⁶⁷ A República foi consolidada em 1889 Brasil.

como os movimentos abolicionistas para o fim da sociedade escravocrata e de movimentos que demonstravam antipatia popular contrários ao Império. O autor assinala que, nesse momento, o Brasil esforçou-se no uso de estratégias em defesa nacional, como sendo um país melhor do que os países vizinhos, no entanto, esses já tinham se consolidado como repúblicas e antiescravistas e, na verdade, o que ocorria era que o país (Brasil) possuía uma imagem de atraso em relação aos seus países vizinhos, principalmente em relação ao Paraguai que já possuía maiores avanços políticos, econômicos e sociais.

Em Sodré (2010) constatamos que o autor aborda a Guerra do Paraguai como um recurso estratégico do Império para sustentar a continuidade do seu governo e, para isso, utilizou-se dos elementos simbólicos representativos deste conflito para formar a identidade nacional. Deste modo, para Sodré, o Império idealizou na identidade nacional as representações da guerra e, assim, a oportunidade de assegurar o seu controle social da unidade nacional, cujo momento a população brasileira estava dispersa e descontente com o Império.

Conforme Sodré (2010) houve um forte empenho de fazer da identidade nacional o instrumento necessário para a coesão da população envolto do Estado imperial. Os elementos simbólicos da sua representação (identidade nacional) deveriam trazer juízos de valor positivos em defesa do Estado e negativos em prejuízo ao Paraguai, um país que, naquele momento, representava todo símbolo de modernidade e superioridade mediante a sua situação socioeconômica. Sodré (2010) explica que ao vencê-lo, mostraria ao povo que quem conseguisse o feito, era realmente símbolo de superioridade.

Para Sodré (2010) é nessa representação de superioridade em prejuízo ao Paraguai que se construiu a identidade nacional, portanto, os elementos simbólicos desse país deveriam ser a significação da inferioridade.

Para Alambert (1999) as representações da Guerra do Paraguai deveriam representar o atraso do Paraguai e justamente aquilo que o Brasil, naquele momento não possuía, mas precisava produzir para assegurar a legitimidade do país:

Sobre a república guarani foram atirados exércitos, mas também idéias e imagens que buscavam transferir ao outro as mazelas que nossa realidade nos impunha, o “mal-estar” de nossa “civilização”, para falar com Freud. O Paraguai, bárbaro, incivilizado, autoritário, atrasado aos olhos da cultura da corte, serviria então para nos salvar de nossas próprias condições e definir a

imagem que tanto buscávamos. No espelho do Paraguai - usado como metáfora da situação latino americana construiu-se em um dos elementos de nossa "identidade nacional" (ALAMBERT, 1999, p. 304).

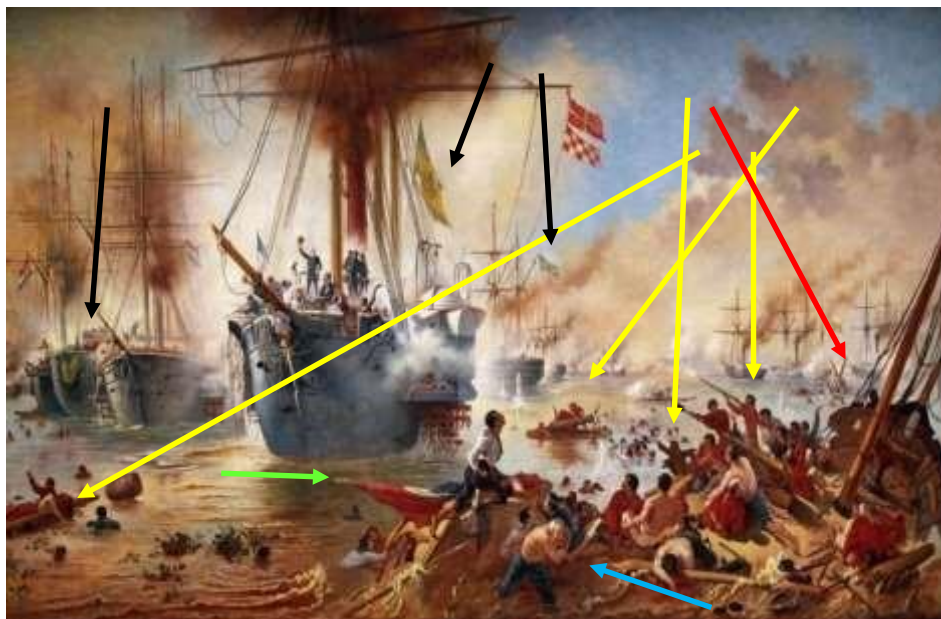
Doratioto (2002) do mesmo modo analisou a Guerra do Paraguai como promoção da identidade nacional do Brasil. Mota (2000) também aponta a Guerra do Paraguai como característica formativa da identidade brasileira, cuja história foi utilizada em vários momentos da nossa história para instrumento de interesses em torno da construção do ser brasileiro, ou seja, da unidade nacional.

Alambert (1999) mostra que as obras de Machado de Assis, como em suas crônicas, induziam o modo de agir do brasileiro sobre o Paraguai, até mesmo, defendendo o uso da violência, do trabalho forçado, de assassinato, criando um imaginário de soldado valente, herói, bravo, corajoso e, ao mesmo tempo, justificando que essas ações eram necessárias diante da figura impiedosa que se construía do paraguaio e, ainda, omitiam o que realmente acontecera nos campos de batalhas.

Duque de Caxias, por exemplo, foi até consagrado como o "Patrono do Brasil". Para de Vas (2011), essas ações do Estado, implicam em dizer, que esses elementos simbólicos (i)materiais, figura 1, tem como objetivo em manter nas representações identitárias a história da Guerra do Paraguai, que ocorre:

Seja por meio dos livros de histórias, da literatura romancista de Machado de Assis, seja por meio das pinturas de Pedro Américo e Victor Meirelles o Brasil deligenciou um discurso ofensivo, negativo estereotipado, maculado, deturpado, pejorativo sobre o Paraguai e que está em nossa memória e na nossa identidade coletiva (ZDEBSKI, 2014, p. 44).

**FIGURA - 1 - ELEMENTOS CONSTITUINTES NA IDENTIDADE NACIONAL BRASILEIRA
ATRAVÉS DA BATALHA DO COMBATE NAVAL DE RIACHUELO DE VICTOR
MEIRELLES.**



Fonte: Zdebski (2014).

Organização: Pinto (2015).

De acordo com Schlosser (1012) a pintura "Combate Naval de Riachuelo" de Victor Meirelles apresenta o navio brasileiro em destaque com seus dirigentes sempre com armas em punho, ou braços estendidos, demonstrando vitória sobre a nação paraguaia. O navio se destaca visualmente no centro da tela e ele representa o Brasil, equipado, preparado, moderno, arrojado, intacto, avançando sobre o território, com seus tripulantes em comemoração, de braços erguidos, heroicos, vencedores, o navio se apresenta com a bandeira brasileira do Império estizada em meio à desolação da nação paraguaia. Sobre isso, Zdebski (2014) explica:

As setas em preto sinalizam as vapores e fragatas brasileiras, com as Bandeiras do Império. A fragata principal ocupa o centro de tela, que se destaca. Sobre esta, os combatentes brasileiros são representados comemorando o naufrágio do vapor paraguaio, "Jejuí" (seta vermelha). Setas em amarelo, concernem para os paraguaios, que foram representados desuniformizados ou semi vestidos. Seta em verde indica a Bandeira do Paraguai, sendo submergida, que representa o destino do próprio país (ZDEBSKI, 2014, p. 83).

A partir dessas inserções que aqui trazemos, consideramos que foram várias estratégias do Brasil para difundir e criar elementos manipuladores sobre a Guerra do

Paraguai. Vas (2011) esclarece que houve um grande esforço do Brasil em difundir os interesses e ao mesmo tempo em omitir sua ação violenta na Guerra do

Paraguai e, ao mesmo tempo, difundir elementos positivos em defesa ao Brasil e negativos ao Paraguai⁶⁸.

Entendemos que essas iniciativas do Estado não estão apenas presentes nos livros didáticos, nas histórias orais, no calendário civil, mas também na literatura, nas pinturas esculturas, nos memoriais, nos monumentos, nos nomes de espaços públicos, de cidades, bairros e, por isso, como defende Vas (2011), é uma guerra que ainda continua simbolicamente e talvez até mais insensível e violenta quanto o que foi a Guerra do Paraguai.

Assim como Bourdieu (1989), também Corrêa (2012) explica que esses elementos passam a ser materializados, incorporados como representações daquele lugar, daquele espaço e daqueles sujeitos. Esses poderes simbólicos presentes nos nomes das ruas, das praças, dos edifícios, representados em monumentos, nas datas comemorativas, nas festividades e outras representações que passam a ser incorporadas na identidade desse povo.

Corrêa (2012) nos traz que as figuras que representam o passado, como os heróis de guerras, são imortalizadas e transpassam o tempo e gerações. Para ele o Estado utilizasse dos espaços públicos, como as praças, para eternizar personagens da história de um povo por meio de monumentos, nomes lugares públicos. Desse modo, as pessoas os tomam para si, sem nenhum questionamento de verdade ou de juízo, dando-lhes sentidos e de significados da representação da identidade de um povo. Para Castells (1999) esta referência identitária é criada dentro de um contexto e de justificativa de dominação, portanto, se trata de uma identidade legitimadora estabelecida pelos aparelhos do Estado.

Em Bourdieu (1989) esses símbolos representados nas praças são, na verdade, a forma do Estado legitimar, produzir, reproduzir seu domínio, seu poder. Este poder se internaliza em uma transmissão de que esse símbolo passa a ter uma representação social, em uma linguagem de um mundo objetivo e subjetivo. Os indivíduos assumem esses elementos como sagrado e os representa como pertencimento de si, concretizando uma estrutura estruturante.

Conforme Bauman (1999; 2005) os aparelhos do Estado, como é o caso do sistema educacional, são instrumentos legitimadores, responsáveis em criar a identidade

⁶⁸ Para Alambert (1999) e Araújo (2012) o empenho do Império de assegurar a continuidade da permanência do seu governo no Brasil, o levou a recomendar inúmeros profissionais da época, como jornalistas, cronistas, romancistas, escritores, artistas, pintores que reproduzissem elementos que significassem a superioridade do Brasil, tendo como tema a seu maior triunfo: a Guerra do Paraguai. Entre esses profissionais, além dos pintores Pedro Américo, Victor Meirelles, Araújo (2012) também cita as obras de Machado de Assis, entre "Iaiá Garcia", cuja produção trazemos um fragmento no apêndice 1 (página 237) que demonstra tal propósito.

nacional. Neste caso o sistema educacional é um dos principais recursos para a efetivação da identidade legitimadora por meio da imposição de normas para o controle social do Estado. Para o autor entre os mecanismos utilizados para manter a coesão, estão o processo de transmissão de conhecimentos e valores através de conhecimentos pré-estabelecidos e por meio da história oficial do país, com seus heróis, mitos, suas guerras e conflitos, principalmente em países com regimes ditatoriais.

Nesse sentido, o percebemos que o Estado utilizou e, ainda, faz emprego desses artifícios para idealizar a coesão social através dos elementos simbólicos da Guerra do Paraguai, por meio de monumentos em homenagens aos "heróis" de guerra, ou conferindo-lhes homenagens no calendário civil, nomes públicos e, assim, permanecendo na identidade nacional brasileira. Esses geossímbolos, como nos mostra Bonnemaison (2002), possuem capacidade de representar a territorialidade e a identidade sociocultural de quem nela está.

As discussões que aqui fizemos nos dão condições de assegurar que esses elementos formadores da identidade nacional, presentes na "brasilidade", são os elementos basilares para os evidenciarmos como a gênese dos conflitos entre os brasileiros em brasiguaios, cuja relação, esses últimos em seu retorno são identificados com todos os elementos negativos presentes na superioridade da "brasilidade".

A partir dessas constatações, podemos considerar que os efeitos dessas representações da Guerra do Paraguai, presente na identidade nacional negativo são enormes, a) que a maioria das pessoas (brasileiros) poucos sabem do que realmente aconteceu; b) que o que sabem, são informações equivocadas embrenhadas de eufemismo, nacionalismo e patriotismo, por isso, é difícil contestar quem aprendeu da forma errada. c) tais apreensões repercutem em sentimentos de superioridade ao Brasil em relação do Paraguai, aliás, é esse o seu propósito; d) Como consequência, há um sentimento de inferioridade projetado ao Paraguai, o que gera preconceito e outras manifestações discriminatórias.

Desconstruir "verdades" não é uma tarefa fácil, mas é somente no caminho do conhecimento que se desmistifica o que não se conhece, ou conhece baseado em inverdades. Os preconceitos e a violência podem ser rompidos a partir da aproximação e do conhecer o outro.

Romper com uma guerra que ainda continua de forma tão violenta através do que se reproduz em prejuízo ao Paraguai por aquilo que menos poderiam desconfiar não é simples. Tomar conhecimento que livros literários, pinturas, um simples nome de um espaço público, uma data comemorativa ou aquilo que aprendemos se constituem como as armas que ferem e destrói. Isso faz de quem os aceitam de forma consciente e os usa como forma de submeter o outro na condição da insignificância, o torna tão vilão como aqueles que marcharam para através da guerra, idealizar a soberania de uma nação.

4.4. Os brasiguaios e o retorno ao Brasil: expectativas e conflitos

Em face de que nos apropriamos nas nossas discussões até o momento, compreendemos que o retorno dos brasiguaios está relacionado à presença de atores socioterritoriais no Paraguai, responsáveis pela sua expropriação. Aqueles que não retornam por esse processo relacionado aos avanços do agronegócio, migram para evadirem-se da violência ou por quererem novas oportunidades. Em todos os casos, o desejo maior era de permanecer, mas a violência e a falta de oportunidade os impulsionam a terem o mesmo desejo: o "aconchego".

Acreditando que retornando para o país alcançariam suas expectativas, ao presenciarem a realidade vivida, se deparam com um novo cenário, mas velhos tratamentos, ou melhor, destratamentos. A dificuldade em obter o que esperavam, encontram dificuldades em serem aceitos. Em meio a conflitos procuram reconstruírem-se e, assim, conseguir o aconchego para chamar de seu. As relações com os já estabelecidos os fazem reviver experiências do passado, ou seja, daquele momento em que não foram aceitos no campo, foram expropriados, expulsos e motivados a emigrarem para o Paraguai. Estando nesse país (Paraguai) mais uma vez não são aceitos devido o avanço do agronegócio, vivenciando novamente a expropriação. Estas experiências acumuladas de rupturas e de conflitos que o efeito corolário do processo migratório promove para estes sujeitos, também tem passa a ser motivação para enfrentarem tais problemas e, assim, redimensionam suas experiências e aproximam-se daquilo que lhes pode trazer o conforto, isto é: seus elementos simbólicos-socioculturais.

As experiências de não ser aceito, agora tem uma nova justificativa. No Paraguai essas experiências aconteciam por conta dos interesses da elite latifundiarista, seus conterrâneos "brasileiros no Paraguai", em expropriá-los. No Brasil, isso se deve, graças à imagem distorcida da Guerra do Paraguai, ou seja, os brasileiros empunham "armas" produzidas subjetivamente pelos romancistas, especialmente contratados para atender os

desejos de um imperador, que era produzir o efeito de uma nação (Paraguai) superior em prejuízo ao outro (Paraguai). Encravado na "brasilidade", os brasileiros se convencem que realmente são superiores ao Paraguai e, desse modo, rejeitam quem o possa representar.

É neste contexto que procuraremos expor sobre os elementos que manifestam a violência presente nos conflitos identitários, no qual o grupo majoritário intenta impor-se sobre o "Outro".

Como vimos durante o tempo de permanência no Paraguai, internalizaram suas experiências e as fizeram como elementos de representação, mesmo que no início tenham repellido o reconhecimento daquele país, a processualidade da dimensão do tempo e das múltiplas dimensões que estiveram presentes em suas relações sociais. Nesse sentido, uma vez internalizadas essas experiências e tomadas para si como código identitário, a identidade do brasiguai se compôs pela sobreposição de territorialidades e identidades. Estando no Brasil essas representações, não foram deixadas para traz. Na verdade, o brasiguai tem em seu âmago os elementos simbólicos que construíram historicamente. É justamente por possuírem esses elementos identitários que ocorrem manifestações de violência por não os aceitarem.

Tanto Castells (1999; 2002), como Foucault (2002) referem esses mecanismos de dominação e subordinação, muitas vezes simbólicos e são realizados por diferentes atores sociais, cujo objetivo é normatizar, disciplinar e controlar aqueles que são subjugados.

Em todas as atitudes de violência contra os brasiguaios, nota-se sempre a presença de representações simbólicas distorcidas, como é o caso do "João"⁶⁹ que, sempre que ocorre algum erro na empresa onde trabalha, os seus colegas o culpabilizam e fazem chacotas⁷⁰. No entanto, o culpam, mesmo sabendo que não é o responsável.

Em Hall (2006; 2011) vemos que as relações de poder demonstradas pelo grupo dominante, manifestam atitudes de exclusão, rejeição, isolamento, silenciamento e de subordinação que esses sujeitos e suas identidades, estão expostos. Elias (2000)

⁶⁹ Morador 7, entrevista concedida em 15/03/2015, no Bairro Jardim Santa Felicidade, Cascavel-PR.

⁷⁰ Entre as chacotas, estão aquelas que dão sentido de falta de competência, de habilidade, de qualidade e, dirigindo-lhe palavras de duplo sentido, como: "tinha que ser o brasiguai", "foi o paraguaio", "*chiru*", "é falsificado", "é paraguaio", "muambeiro", "pirata", difamando-o entre os colegas e outras atitudes. Esta situação de constrangimento e de assédio moral é seguida de gargalhadas, de piadas, palavrões, tapas na cabeça e entendidas pelos agressores como algo natural, brincadeira, ingênua e sem maldade.

descreveu casos semelhantes ao que ocorre com os brasiguaios no Bairro Santa Felicidade. Trata-se de um povoado onde havia o grupo já estabelecido, majoritário e, diante da chegada de um novo grupo, julgavam-se serem superiores e melhores que os imigrantes recém-chegados.

Na concepção de Goffman (2004) os grupos desenvolvem ações de indiferença e de repulsa com os demais, isto ocorre porque seus membros se unem em contratos sociais (abstratos, subjetivos) de afirmação, de fidelidade, de parcerias, de controle e se comportam de forma violenta contra aqueles que eles rejeitam. Esses rejeitados são submetidos ao isolamento social, são culpabilizados injustamente por problemas sociais ou qualquer problema que aconteça, são perseguidos e passam a sofrer agressões, seja física, verbal, psicológica e, principalmente, estigmatizadoras⁷¹.

Mediante os estudos realizados em Winston Parva, uma comunidade da Inglaterra, Elias (2000), realizou algumas análises a respeito das relações conflitantes entre dois grupos. Nesta localidade, o autor observou que o grupo majoritário, já estabelecidos no lugar, "*insiders*", agiam com estranhamento em relação aos recém-chegados, "*outsiders*". Assim, podemos deduzir que os comportamentos dos "*insiders*" estendem-se para além do estranhamento contra os outsiders, como atitudes de perseguição social, de violência, como, fofocas, rejeições, insultos, difamações, exclusão e outros.

É possível perceber através deste autor que a razão deste comportamento, talvez seja possível pelo receio da competição e do sentimento da perda em que estes se sintam ameaçados e, por isso, não aceitavam as diferenças culturais trazidas pelos recém-chegados, exercendo sobre esses uma imposição de seus valores socioculturais.

Na verdade, os já estabelecidos teriam maior vantagem sobre os demais, devido às relações de amizade consolidadas, dos pactos sociais de solidariedade entre esses, do conhecimento e da naturalização com o lugar, por isso, sempre se mantinham no domínio e no controle das situações em seu favor.

Quanto à estigmatização, vemos em Goffman (2004) que se trata de manifestações de comportamentos realizados de forma individual, ou coletiva, contra um ou mais indivíduos. O autor difere a identidade virtual da identidade real dos indivíduos, na qual a primeira se associa às características que os sujeitos possuem, conforme a formação normativa das relações sociais em que esses se encontram. Já a segunda, se

⁷¹ Para Goffman (2004), os grupos já estabelecidos, utilizam-se de estratégias de dominação, sobre uma forma de poder simbólico, perseguindo constantemente aqueles que não aceitam, impondo-lhes deveres humilhantes, expondo-os ao ridículo, difamam suas reputações com fofocas ou ilustrações negativas e outras manifestações de violência.

refere às verdadeiras características que as pessoas possuem, ou seja, elementos diferentes daqueles que a sociedade impõe e estabelece como certas.

Nesse sentido, esses sujeitos que não se enquadram nas características normativas da sociedade, isto é, aqueles que possuem uma identidade real, sofrem estigmas sociais por aqueles que se sentem sendo "normais".

As atitudes se justificam por um sentimento compartilhado de um *status* simbólico de superioridade em relação aos outros sujeitos, os quais são subjugados como sendo inferiores. Percebe-se, que da mesma forma que praticado por um indivíduo ou grupo que se sente superior aos demais, seja por suas características ou deficiências físicas, por grupos tribais, pela nacionalidade, religiosidade e outros, ocorre estigmatização.

No entendimento deste Goffman (2004), esses grupos manifestam essas atitudes de superioridade, porque contam com laços de solidariedade entre eles. Contratos sociais que lhes permitem se unirem-se quando precisam, ou silenciarem em defesa dos mesmos. Na visão dele, trata-se de manifestações articuladas de grupos que possuem poder de decisão e do controle sobre aquele espaço e os sujeitos que depreciam.

Os estigmatizados vivem em uma relação de submissão e, muitas vezes, acreditam serem os responsáveis pelas atitudes dos agressores. Além disso, muitos se silenciam diante do grupo opressor, por medo, por receio, por acharem que não serão ouvidos e até por acreditarem que são os responsáveis, ou seja, esses entendem como comportamento natural do grupo majoritário por serem levados a crer que não pertencem àquele grupo, ou que realmente são inferiores.

Os mesmos acabam tendo sua reputação moral e suas representações diminuídas e marcadas no contexto social. São identificados e hostilizados pelos adjetivos negativos socialmente, dificultando ou impedindo-os de conseguirem aceitação social, emprego, oportunidades, etc. Por isso, muitos destes acabam tendo comportamento de isolamento social, de silenciamento, de desconfiança, de agressão como autodefesa, ou se afirmando em grupos de resistência. Muitas vezes, esses acabam escondendo os elementos que poderiam lhe fazer ser rejeitado e estigmatizado, rejeitando a sua própria condição, ou então, negando sua origem, seu grupo, suas características e esforçando para não ser descoberto.

Goffman (2004) define os estigmas sociais como atribuições negativas projetadas na imagem e nas representações dos que sofrem, atribuindo-lhes estereótipos representativos. Tais atribuições de estereótipos são criadas a partir das características da identidade real, ou seja, daquilo que os ditos "normais" não possuem. Então passam a ser definidos e reconhecidos por estes estereótipos, que são socialmente difundidos nos grupos de convivência, o que causa sérios problemas de comportamento social e psicológico.

Para Fante (2005), estas vítimas acabam desenvolvendo problemas de relacionamento e, muitas vezes, desenvolvendo depressão, algum tipo de transtorno emocional, introspecção, bloqueio de desenvolvimento cognitivo e afetivo e isolamento social. Nas palavras de Fante (2005), os agressores podem causar:

[...] dor, angústia e sofrimento. Insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam a vida de outros alunos levando-os à exclusão, além de danos físicos, morais e materiais (FANTE, 2005, p. 28-29).

A respeito do preconceito Crochick (1996) nos mostra que sua origem está nos valores produzidos em uma sociedade, grupo ou classe. Eles estabelecem regras sociais e posicionamentos a respeito de qualquer aspecto social. Conforme os valores e as regras estabelecidas por esses atores sociais, criam-se elementos de juízo de valor, de regulamentação social com aqueles que se identificam. Tudo que é externo, ou incoerente às suas normatizações é tratado com desconfiança, aversão, repressão e, assim, esforçam-se para que não influencie seu centro de coesão e, deste modo, aqueles que dele compactuam.

Para este autor o preconceito tem fundamentação psíquica, isto é, uma vez assumido, torna-se elemento constituinte do que assim age. O autor relembra que o preconceito é um produto sociocultural, regulamentador de um grupo de indivíduos pertencentes a grupo ou classe social. Deste modo, internalizam tais comportamentos por imitação. Muitas vezes o preconceito é entendido por um consenso como sendo natural e despercebido por quem os pratica, pois acreditam que é o certo a fazer.

Conforme Albuquerque (2006) os brasileiros ao perceberem os brasiguaios e suas representações socioculturais, seja na música, culinária, idioma, mesmo que incorporando-os sem perceber, utilizam estas representações (de forma deturpada e inferiorizada) como artifício simbólico de estereotipização do brasiguaião, ou seja, pela dominação das suas próprias representações socioculturais e, ao que se diz ao ambiente

escolar "[...] os governos e a maioria dos educadores vêem a mistura como um perigo e um medo de perder a soberania nacional" (ALBUQUERQUE, 2006. p.15).

Sobre esta reflexão a respeito da dominação simbólico-sociocultural dos imigrantes, Modardo (2012) revela que esse processo se manifesta pela hibridização hegemônica e negativa, cujo grupo identitário (recém-chegados, minoritário, menor poder econômico ou político) sofre dominação e subestimação do grupo (já estabelecidos, majoritários, maior poder econômico ou político), os quais exercem a legitimação de superioridade sobre eles. Neste mesmo sentido, Haesbaert (2014) exemplificando os brasiguaios, ressalta o processo de legitimação, homogeneização e dominação de um grupo (majoritário, já estabelecido, de maior poder político ou econômico) sobre o outro grupo identitário (minoritário, recém-chegado, de menor poder político ou econômico).

Em outro trabalho, Albuquerque (2003; 2005; 2010) ressalta que na maioria das vezes, os brasileiros para demonstrar aversão às representações socioculturais dos brasiguaios, as utilizam como forma estigmatizadora. O autor explica que a própria designação "brasiguai" muitas vezes tem um significado depreciativo. Ao referir-se ao outro de brasiguai, há uma afirmação de prejuízo à sua moral, capacidade intelectual e virtudes. O autor explica que o uso da identificação "brasiguai" ao sujeito, tem significância de "índio", "selvagem", "sujo", "preguiçoso", "falsificado". O próprio uso da significação da palavra "*chirú*" tem nele uma verbalização violenta e estigmatizadora.

Em concordância com Albuquerque (2003; 2005; 2010), também verificamos em Costa (2008), Gonçalves (2011), Colognese (2012), Nogueira (2012), Sprandel (1992; 2000), Riquelme (2013), Gonçalves e Fernandes (2013), Baller (2009; 2014) que esses valores depreciativos em relação aos brasiguaios são realizados a partir das imagens e das representações da identidade nacional brasileira, nas quais projetam o Paraguai como sendo "bárbaro", "incivilizado" e outros elementos simbólicos negativos, os quais são incorporados pelos brasileiros e que se manifestam através de juízos de valores depreciativos, de insultos, de grosserias, de preconceito, estigmas e de violência. Para esses autores, além dos motivos associados aos problemas agrários em que esses são expropriados e vítimas pela falta de seus direitos civis, políticos e sociais, somam a essas circunstâncias os elementos presentes na identidade nacional do brasileiro, que concatenam aos conflitos sofridos por esses brasiguaios.

Em Pinto e Tristoni (2008; 2010), Mossmann e Tristoni (2011; 2012) e Tristoni (2013) e Albuquerque (2005) o brasileiro ao dominar a palavra "*chirú*", deturpando-a (em guarani significa "melhor amigo", "irmão de alma"), passa a dominá-lo simbolicamente. "*Chirú*" passa a ter outra significação e verbalização, na qual há um significado de dominação violenta. O uso de "*chirú*" passa conter o valor de inferioridade, tratando o outro como "nada", "incivilizado", "bárbaro", "sujo", "falso" etc. Da mesma forma os termos "chiruzada", "muambeiro", "comedor de mandioca", "comedor de chepa", "ilegal" e outros valores depreciativos. Concordado com Tristoni (2013) essas e outras depreciações e outras atitudes têm uma significação de relações de poder, de um grupo legitimador sobre o outro. Para esta autora e para Ferrari (2009) essa relação de poder do brasileiro sobre o paraguaio se justifica também pela classe social que esse ocupa, ou seja, camponês.

Ferrari (2009) explica que os brasileiros possuem um maior comportamento de dominação e de estigmatização do que os paraguaios com os brasileiros. Fabrini (2012a; 2012b; 2014) a representação do brasiguai se deve a sua representação de classe, pela luta da terra, foi nesse processo de expropriação e de luta camponesa que surgiu o brasiguai. Simões Filho e Mendonça (2009) e Mendonça e Thomaz Junior (2005) mostra que essa imagem é inundada de representações de inferiorização, como a figura do "Jeca Tatu", surgida no momento em que se completou a revolução verde e o camponês brasileiro foi expropriado para as cidades, como força de trabalho para a crescente agroindústria e motivado a emigrar para o Paraguai e, assim, se consolidou seu reconhecimento de brasiguai.

Os brasiguaiois que retornam para o Brasil têm em suas expectativas serem recebidos sem dificuldades pelo país que já foi de seus ascendentes ou o seu. No tempo em que viveram no Paraguai procuravam manter em suas representações identitárias aquilo que lhes faziam lembrarem do "aconchego" que um dia lhes pertenceram. Redimensionaram experiências, fez do Paraguai uma territorialidade com as dimensões simbólicas das suas nostalgias e das suas representações e, agora, precisam resistir a rejeição de quem não esperava: seu próprio país. Redimensionam, reconstroem e resistem.

Na busca para ter o que chamar de seu, lhe faz reviver suas representações simbólico-socioculturais brasiguaia. Sua identidade, sua territorialidade é reconstruída pela apropriação e resistência e, mesmo que não os reconheçam e ou não os tolerem, formam sua territorialidade imaterial e é através de seus códigos simbólico-socioculturais

que conseguem suavizar a dor e "confortar a alma" (KUPER, 2002) no "aconchego" (HAESBAERT, 1997a) tão desejado.

5. BRASIGUAIOS E O RETONO PARA O BRASIL: A DURA REALIDADE

“Aha Paraguay pe. Ajukuéveo aru che py’apy pe. Agüero Paraguay pe”
(guarani)

“Fuíste para el Paraguay. Volvi para mi país. Pero traiste el Paraguay como
pátria de mi corazón.” (castelhano)

“Fui para o Paraguai. Voltei para meu país. Mas trouxe o Paraguai como pátria
de meu coração.” (Português)
(Ana Lúcia, 30 anos)⁷²

Como vimos anteriormente os brasiguaios têm retornado do Paraguai devido ao sentimento de insegurança e de instabilidade provocado pelos conflitos no campo, gerados pelos latifundiários agroexportadores paraguaios e "brasileiros no Paraguai", os quais também têm expropriação esses sujeitos e camponeses paraguaios pelo avanço do agronegócio. Além disso, há outros que têm imigrado por outros motivos, como motivos de saúde, aproximação com os familiares, estudos, etc.

Ao retornarem para o Bairro Jardim Santa Felicidade em Cascavel⁷³, esses imigrantes têm enfrentado manifestações de repulsão, por serem oriundos do Paraguai. Esta aversão tem se manifestado em práticas de violência, *bullying*, estigmas, preconceitos devido às representações simbólico-socioculturais que esses imigrantes trazem consigo, ou seja, a sua identidade social historicamente construída pela interação e internalização dos elementos socioculturais da identidade "*guarani*", ou "*paraguaia*".

Neste caso, os conflitos identitários não se limitam a negociações identitárias entre os diferentes sujeitos, mas também, pelo sentimento de superioridade presente na "*brasilidade*", algo que surgiu no final do século XIX através da construção da identidade nacional (recomendada pelo Império), a qual deveria idealizar sua superioridade em relação ao país vizinho.

Neste sentido, ao serem reconhecidos por suas representações "brasiguaias", esses veem a sofrer demonstrações de indiferença e exclusão. No entanto, mesmo diante desses conflitos, os mesmos se mantêm resistentes às suas representações da identidade sociocultural, as quais são corolárias à sua origem e, assim, imbricadas em seu âmago. Essas representações são mantidas por meio das relações sociais entre o convívio com pequenos grupos de amigos, familiares e pelo contato com os que permaneceram no

⁷² Entrevista concedida em 20/12/2015

⁷³ Como não fazemos uso do município como recorte espacial para a análise e, sim, apenas o BJSF, preferimos não contextualizá-lo neste trabalho. Para quem interesse saber sobre a história desse município, indicamos Sperança (1992), Wachovicz (1998), Colodel (2003) e sobre seus aspectos socioeconômicos sugerimos os trabalhos de Peris e Lugnani (2003), Araújo (2008) e Tschá *et al* (2010).

Paraguai. Nessa forma, esses grupos se apropriam imaterialmente da territorialidade e resistem à homogeneização mantendo suas representações identitárias.

Assim sendo, para melhor expormos essa seção, a dividimos em dois desdobramentos, no qual, no primeiro apresentaremos os aspectos socioeconômicos do Bairro Jardim Santa Felicidade, onde vivem esses imigrantes e, então, no segundo preferimos dividi-lo em duas subseções que fizemos conforme nossos questionários. Entendemos que os elementos que constituem os brasiguaios são oriundos do processo migratório, por isso, no primeiro subitem trataremos de refletir as informações coletadas de como foi o processo emigratório dos brasileiros para o Paraguai e no seguinte, faremos o mesmo sobre o retorno, bem como, os aspectos de como estão sendo suas experiências no Brasil.

5.1. Caracterização da área: Bairro Jardim Santa Felicidade

Neste item apresentaremos uma sucinta apresentação do Bairro Jardim Santa Felicidade⁷⁴, a fim de tornar evidente em que aspectos socioeconômicos os brasiguaios se inserem ao retornarem do Paraguai.

Conforme informações concedidas pela Secretaria de Planejamento (SEPLAN), a ocupação do que hoje é o bairro, iniciou-se ainda na década de 1940, onde se cultivava soja. Em 1974 o proprietário Adevílio Sartori⁷⁵, o loteou, conferindo-lhe o nome em alusão ao bairro Santa Felicidade da cidade de Curitiba-PR, por ter concentração de imigrantes da sua nacionalidade italiana, figura 2.

FIGURA 2 – BAIRRO JARDIM SANTA FELICIDADE EM 1975

⁷⁴ De acordo com a documentação verificada na SEPLAN em 13/04/2015, as principais vias do BJSF foram aprovadas em 1979, pela Lei Municipal 1.175/1979, em homenagem àqueles que participaram da tentativa de golpe da Aliança Nacional Libertadora - ANL, liderada pelo Partido Comunista Brasileiro, contra o Governo de Getúlio Vargas. Conforme as fontes citadas, suas principais vias receberam os seguintes nomes dos militares: Cabo Luiz Pereira, Sargento Adbiel dos Santos, Capitão Benedito Lopes Bragança e Cabo Clodoaldo Ursulano, em homenagem aos soldados que morreram na revolução em 1924 em Catanduvas – PR.

⁷⁵ Imigrante de origem italiana, que imigrou do Rio Grande do Sul para Cascavel na década de 1940, (SEPLAN, 2015).



Organização: Pinto (2015).

Fonte: Museu de Imagem e Som, (1975).

As setas indicam: em verde, resquícios de áreas verdes; em amarelo, antigo aterro de lixo municipal; em laranja, a presença de madeiraira; em vermelhas, ruas que estavam sendo abertas; em rosa, hoje Rua Clodoaldo Ursulano, em direção ao centro.

Segundo a SEPLAN, o BJSF⁷⁶ tem como limites ao Norte, o Bairro Parque São Paulo; Leste, Jardim Nova Cidade; Oeste, XIV de Novembro, os quais todos se encontram no limite do setor Sul da área de expansão urbana.

O Bairro possui cinco loteamentos conforme a, tabela 2, sendo Jardim Santa Felicidade o primeiro implantado com execução de mais dois loteamentos previstos para serem entregues até o final de 2016 (SEPLAN, 2015).

TABELA 2 – OS LOTEAMENTOS DO BAIRRO JARDIM SANTA FELICIDADE

Loteamento.	Ano da Aprovação.
Jardim Santa Felicidade.	1974
Jardim Petrópolis.	1975
Jardim Itapuã.	1975
Jardim Horizonte.	1977
Jardim Padovani I e II.	1999

Organização: Pinto (2015).

Fonte: SEPLAN (2015).

⁷⁶ De acordo com a Lei Municipal, Lei 3.953/2004, o Bairro Jardim Santa Felicidade possui uma área de 3,81 km² (SEPLAN, 2015). Ao Norte do Bairro é ocupado pela BR-277, onde nas suas margens, se encontra uma concentração de empresas agrícolas; já a Leste existe a estrada municipal, “Rio da Paz”, que se inicia na Avenida Carlos Gomes, conectando a área central a área rural ao Sul do município.

O Bairro Jardim Santa Felicidade possui trinta e sete vias reconhecidas e planejadas pelo Governo Municipal, além de algumas não reconhecidas, entretanto todas são utilizadas pela população e nelas há iluminação pública (SEPLAN).

Através da SEPLAN, podemos verificar que atualmente o BJSF apresenta as seguinte instalações de comércio, prestações de serviços e de infraestrutura: seis mercados, um lotérica, duas farmácias, oito lojas de confecções e de outros produtos, duas papelarias, duas quitandas, quatro sorveterias, três postos de lavagens de carros, fábrica de acessórios femininos e masculinos em prata, três “*lan-houses*”, quatro panificadoras, oito salões de beleza/cabeleireiros, duas lojas de matérias de construção, três olarias de telhas e tijolos⁷⁷, seis associações recreativas de empresas, sete lanchonetes, um convento de freiras que atendem crianças, duas creches (uma particular e outra municipal), duas escolas (municipal Arthur Carlos Sartori e a estadual Colégio Jardim Santa Felicidade), um posto de saúde, um posto de gasolina, 6 lojas de confecções, três supermercados, 15 bares, 18 igrejas, há 4 linhas de transporte coletivo e empresas agroindustriais, alimentícias e de reciclagem nas margens da rodovia BR-377⁷⁸.

Nos estudos de Dias *et al* (2005) é possível perceber que no Plano Diretor da cidade de 1961 a 1978, a Região Sul, onde se localiza esse bairro, já era previsto e definida como área de expansão urbana. Para Pinto (2010) o baixo valor do solo urbano desse bairro, assim como de outros bairros em regiões onde não recebem obras de melhoramento de infraestrutura, atraiu imigrantes oriundos de pequenas cidades e do campo.

Para a população, provinda na maioria do campo, restaria ocupar as áreas distantes, próximas às rodovias, principalmente nas direções Norte e Sul, e que se planejou a construção de vias de acesso a essas áreas, como salientam DIAS *et al.* (2005, p. 74): “Pode-se verificar também que, com os elevados índices

⁷⁷ Conforme Pinto (2010) todas localizadas nas margens dos rios que formam a bacia hidrográfica de segunda ordem *Coati Chico*. Conforme esse autor, vários pequenos rios, sangas, nascentes e lagos dessa bacia foram aterrados para serem loteados. Além disso, seu rio principal, Coati Chico, sofreu desvios, ou há trechos canalizados. Nos antigos trechos do rio desviado, há loteamentos, como também, sobre a área canalizada, como é caso da rua Sanga Funda, onde ocorrem alagamentos gerando perda e danos aos moradores locais. Dentre seus rios tributários (6), existe apenas 1, os demais foram aterrados. Para este autor e Lazzarotto *et al* (2005), Lazzarotto *et al* (2009) a presença dessas olarias e de indústrias de laminados de metais, postos de lavagens de carros têm contribuído negativamente para a poluição destes corpos d' água e contaminando a população local que consome essa água.

⁷⁸ É importante destacar que, conforme Pinto (2010) a população do BJSF não contava com a maioria desses serviços apresentados acima até meados de 1990, por isso, se desloca até outros bairros de Cascavel.

de aproveitamento propostos no Plano, estimulou-se a ocupação de novas áreas de loteamento, as quais são mais baratas” (PINTO, 2010, p. 65).

De acordo com Pinto (2010) devido ao baixo valor do loteamento dessa localidade, após a década de 1970 houve uma intensificação da sua urbanização. Para o autor, o bairro apresenta vários problemas socioambientais pela falta de planejamento adequado da sua ocupação, o que tem acarretado degradações nas áreas de vulnerabilidade e de risco socioambiental, devido ocupações irregulares em áreas de fundos de vales, de drenagem pluvial, sobre áreas de nascentes e em antigos lixões aterrados.

Segundo esse autor, somente 30% das residências possuem coleta de esgoto, havendo destino direto nos rios *Coati Chico* e *Capoa Canoa*. Em seu trabalho, há a identificação de 39 lugares de vulnerabilidade socioambiental, como por exemplo, ocupações sobre as margens de rios, sobre nascentes, lagoas e sangas aterradas, como também, em canais de drenagens pluvio-fluviais, ou em áreas onde trechos dos rios foram desviados ou canalizados, mas que em época de chuva, ocorrem inundações. Nessa localidade, houve três incidentes com vítimas fatais devido às áreas de alagamentos e movimento de massas.

Outro dado importante desse autor, é que a existência da pedreira *Rio Quati* tem provocado problemas de infraestrutura nas residências do bairro, como também, o loteamento *Jardim Horizonte* devido ter sido ocupado sobre um antigo depósito de lixo, aterrado e que as edificações têm sofrido rebaixamento e outros danos físicos.

Podemos entender através de Lazzarotto *et al* (2005; 2009) e Pinto (2010) que a presença de certas instalações, promovem impactos ambientais que afetam a saúde da população. Para Pinto (2010) e Ramão e Wadi (2010), devido aos índices de violência a população desse bairro sofre estigma social. Em Pinto (2010) as instalações e equipamentos existentes no bairro, cooperam negativamente para a sua depreciação socioeconômica, bem como geram impactos ambientais e são responsáveis pela existência de risco e vulnerabilidade socioambiental, figura 3⁷⁹.

⁷⁹ Trata-se de uma figura extraída do trabalho publicado no Encontro Nacional de Estudantes em 2010. Não se trata de uma produção cartográfica, por faltarem inúmeros elementos cartográficos. A inserimos no trabalho pelo fato da mesma portar informações sobre a presença de corpos d'água, pedreira, torres de transmissão e ocupações em áreas irregulares que facilitou compreender este bairro como sendo área de vulnerabilidade socioambiental no referido trabalho já publicado.

do controle de endemias, catalogou esse bairro como um dos que mais se encontra manifestações de aranhas marrons, escorpiões, jararacas, cascavéis e mosquitos transmissores de doenças. Neste autor, vemos informações sobre a preocupação da secretaria com a proximidade desta área de tratamento de esgoto e acúmulo de dejetos que facilitam a reprodução desses animais; e) (Brancas), áreas onde sempre ocorrem alagamentos; f) (Marrons), lugares onde já houve vítimas fatais por alagamento ou deslizamento; g) (Vermelha), traçado da rodovia BR-277, que segundo Pinto (2010) é o único percurso de acesso para a Região Oeste e Centro de Cascavel, o que faz desta travessia o terceiro em maior número de acidentes; (Laranja), a existência de torres de transmissão de energia pela Companhia Paranaense de Energia (COPEL).

Em Lazzarotto *et al* (2005) e Lazzarotto *et al* (2009) devido o problema da contaminação pelo consumo da água dos rios, lagos e sangas que percorrem o bairro, bem como, os lençóis freáticos, a população residente desse bairro apresenta problemas gastrointestinais, neurológicos, alergias e outras patologias devido a presença de elementos químicos pesados, oriundos de olarias e laminados, que usam a água dos rios para lavarem o ambiente de caldeiras, ou ainda, destinado seus dejetos nesses corpos d'água. Neste mesmo sentido, em Pinto (2010) o autor ressalta que quando chegou o serviço de abastecimento de água oferecido pela Companhia de Saneamento do Paraná (SANEPAR), muitas residências utilizaram seus poços para uso de esgoto, como fossas. Para Lazzarotto *et al* (2009) esse é outro fator determinante que acarretam em prejuízo na saúde desta população, principalmente das mais carentes.

Para Ramão e Wadi (2010) a intensa ocupação e a falta de investimentos em obras de infraestrutura e segurança neste bairro, entre outros, o faz ser um dos mais violentos da cidade. Nesta pesquisa mostra de 32 bairros, o Bairro Santa Felicidade está na 8ª posição e, abrange a população mais jovem masculina como sendo os que cometem a violência.

Em Pinto (2010) vemos que apesar dos últimos loteamentos (*Jardim Padovani I, Padovani II*, em 1999) terem contribuído com algumas melhorias em serviços de infraestrutura, como pavimentação, calçamentos, iluminação, saneamento, tais serviços foram localizados, não se estenderam aos demais loteamentos, o que gera um contraste social entre os moradores desses loteamentos com os mais antigos. Para Ramão e Wadi (2010) e Pinto (2010) a população residente nesse bairro, assim como outros, acabam sofrendo preconceito social devido a esses problemas, dificultando, muitas vezes, a possibilidade de inserção social pela oportunidade de emprego à população. Como já

dissemos, através de Pinto (2010) é possível perceber que as melhorias, mesmo que localizadas, tem modificado esse estigma social sobre esta população.

As inserções que aqui trazemos de Lazzarotto *et al* (2005), Lazzarotto *et al* (2009), Ramão e Wadi (2010) e Pinto (2010), nos ajudam a compreender perceber que, devido a intensificação da urbanização desta área, sem um planejamento urbano adequado, o bairro apresenta problemas socioeconômicos e ambientais. Em Dias *et al.* (2005) e Pinto (2010) vemos que o bairro surgiu pela entrada de imigrantes camponeses e ou de pequenas cidades atraídos pelo baixo valor do solo urbano, que, apesar de ter recebido algumas melhorias, o mesmo apresenta áreas de risco e de vulnerabilidade socioambiental e, neste sentido, tais compreensões que aqui fazemos, nos auxiliam a entender a caracterização socioeconômica e ambiental, do recorte espacial da nossa pesquisa, onde vivem esse grupo de brasiguaios.

É neste contexto socioespacial em que realizamos nossas investigações sobre as implicações do retorno dos brasiguaios em sua territorialização e na sua identidade, frente ao grupo já estabelecido. Como vimos, esse grupo majoritário entendem a presença dos brasiguaios, como sendo inferiores a eles (brasileiros), devido as atribuições de superioridade na sua identidade nacional, a "*brasilidade*". Tal forma de compreender a presença desse grupo minoritário (os brasiguaios) lhes embute manifestações de aversão, como *bullying*, estigmas, preconceitos que vão além do espaço escolar, lugar onde nossas percepções iniciaram, mas nos permitiram compreendê-lo como base de onde os conflitos se refletem.

É mediante a estas implicações que procuraremos a partir deste momento, realizar nossas análises e caracterizarmos como os brasiguaios procuram apropriarem de sua territorialidade, mesmo que de forma imaterial e, resistirem aos processos de homogeneização e legitimação da sua identidade, isto é: "brasiguaia".

5.2. As implicações do movimento migratório de retorno na territorialidade e na identidade dos brasiguaios, frente à brasilidade

Para iniciarmos a caracterização do nosso objeto, preferimos reexaminar as discussões que trouxemos até este momento sobre os brasiguaios, acreditando que, desta forma, tornar-se-á mais compreensível para apresentarmos nossas percepções e análises.

Conforme já expusemos, o retorno dos brasiguaios está relacionado à presença de atores e grupos sociais, que em favorecimento do Estado e do capital, os tem expropriado. Em Moraes e Vieira (2015) observamos que a aproximação do Paraguai com os Estados Unidos na "Era Stroessner" tem favorecido a expansão do agronegócio-exportador.

Para Moraes e Viera (2015), assim como, para Ferrari (2009), Fabrini (2012a; 2012b; 2014), Colognese (2012), Coelho e Fabrini (2013) e Coelho (2015) a ação do agronegócio, especialmente em beneficiamento de grandes empresas agrícolas, como a Bunge, Cargill e a Monsanto e ao latifúndio monocultor de transgênicos de latifundiários paraguaios de "brasileiros no Paraguai", tem gerado expropriações de camponeses paraguaios e brasiguaios, os quais têm imigrado para os centros urbanos, ou ingressados em movimentos sociais pela reforma agrária.

Além disso, existem reproduções de informes realizados pelos meios de comunicação paraguaios, como através de publicações por meio de jornais e de emissoras de rádio e de televisão que induzem a população paraguaia a considerarem os brasiguaios como sendo responsáveis pela concentração de terras, pelo uso indiscriminado de agrotóxicos e de transgênicos. Conforme esses autores, há por parte desses grupos, a utilização dos elementos simbólicos da Guerra do Paraguai, que reproduzem atribuições aos brasiguaios como sendo "invasores", "imperialistas" e outras referências antibrasileiras, que direcionam em atitudes de intolerância, agressões, invasões de propriedades contra o grupo de brasiguaios.

Para Fabrini (2012a; 2012b; 2014), Coelho e Fabrini (2013), Souza (2013), Coelho (2015), Moraes e Viera (2015) e Coelho (2015) não são todos os paraguaios, (em especial os camponeses) que compreendem e agem desta forma e, essas ofensivas são reproduzidas para beneficiar justamente aqueles que expropriam os camponeses paraguaios e brasiguaios, ou seja, empresários do agronegócio e latifundiaristas, cujo grupo majoritário no Paraguai, são os "brasileiros no Paraguai".

Em muitos casos, os camponeses paraguaios ao perceberem quais são as verdadeiras motivações dessas investidas dos meios de comunicação contra os brasiguaios, que também são camponeses, passa haver senso de solidariedade entre eles. Em Ferrari (2009), Fabrini (2012a; 2012b; 2014) e Moraes e Vieira (2015) vemos que há inclusive a presença de brasiguaios enfileirados nos movimentos de reforma agrária no Paraguai.

Conforme Albuquerque (2005), Marques (2009), Fiorentin (2010), Gonçalves (2011), Colognese (2012) há outros fatores que têm motivado os brasiguaios a

retornarem para o Brasil, como por exemplo, a busca por tratamentos médicos ou a aproximação com os familiares. Enfim, todos esses fatores têm promovido a imigração de retorno dos brasiguaios para como é o caso do grupo que verificamos no BJSF. Esse retorno dos brasiguaios não tem significado acolhimento por parte da comunidade brasileira, o que lhes gera sentimentos de frustrações diante de suas expectativas de serem aceitos, ou conseguirem o que almejavam, como melhores oportunidades de trabalho. Os brasiguaios têm sofrido processos estigmatizantes devido às suas representações simbólico-socioculturais, produzidos historicamente pelos processos que já explicamos anteriormente, isto é, através da interação e internalização sociocultural com aquela dimensão do espaço vivido no Paraguai.

Quanto ao motivo do comportamento de aversão dos brasileiros pelos brasiguaios, Sprandel (1992; 2000; 2006), Albuquerque (2003; 2005; 2009), Riquelme (2005), Froetscher (2009), Zamberlam *et al* (2010), Haesbaert e Santa Bárbara (2001), Gonçalves (2011) e Baller (2014) nos mostram elementos que nos faz perceber na "*brasilidade*" a concepção de sermos superiores ao Paraguai, resultado da legitimação dos interesses do Império, o qual recomendou historiografias e representações artístico-literárias sobre a

Guerra do Paraguai, retratando elementos de inferioridade em prejuízo ao Paraguai, as quais permanecem ainda hoje através dos elementos simbólicos representativos presentes na identidade brasileira.

Para compreendermos melhor nossas análises, preferimos realizar dois desdobramentos deste subitem, cujo primeiro consideraremos análises do "Questionário 1 - Indo para o Paraguai"; no segundo trataremos nossas observações sobre o "Questionário 2 - Morando no Paraguai" e as nossas ponderações sobre o "Questionário 3 - Retornando e morando no Brasil"⁸⁰.

Propomo-nos em trazer essas análises de forma integrada, completando nossas percepções em todo processo migratório. Entendemos que esse processo seja responsável pelo surgimento do nosso objeto de estudo, isto é: os brasiguaios. Procuraremos trazer

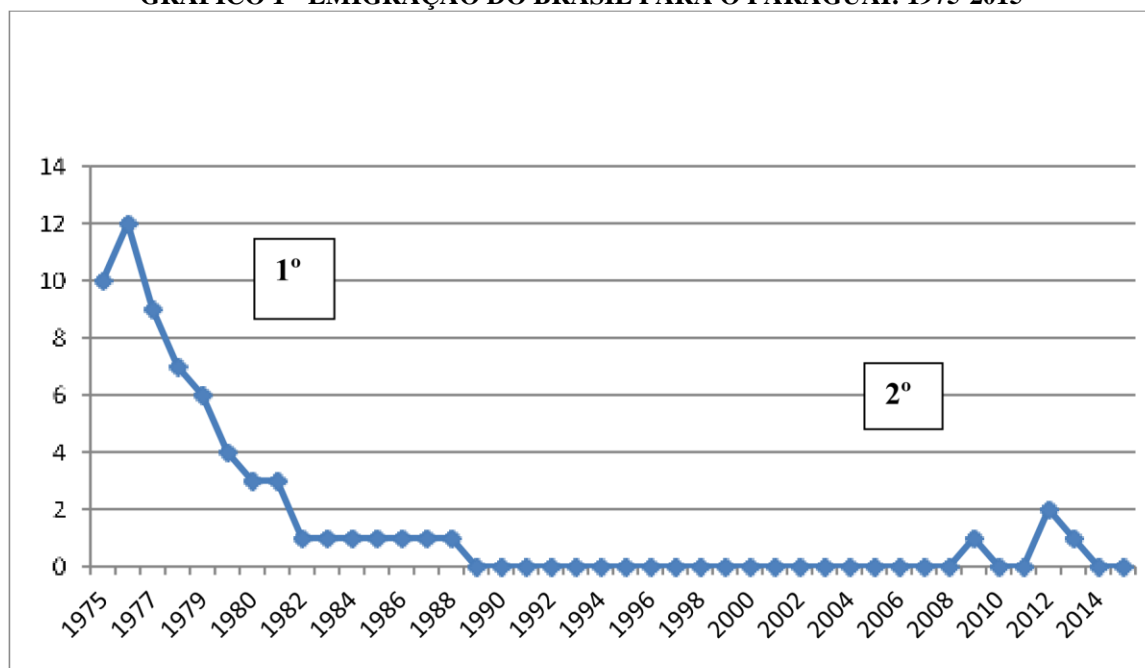
⁸⁰ Como esclarecido nos procedimentos teóricos metodológicos, o critério que utilizamos para formar o grupo dos 66 representantes dos brasiguaios, aos quais aplicamos os questionários (três questionários) e as entrevistas, foi pela nossa base de estudo inicial, ou seja, o Colégio de Jardim Santa Felicidade, pois através desta unidade escolar conseguimos identificar as famílias de origem brasiguaias que residem no Bairro Jardim Santa Felicidade. Além dos estudantes brasiguaios matriculados neste colégio, através destes podemos nos aproximar de outros brasiguaios moradores do bairro.

essas análises contextualizadas em conjunção com tudo que apresentamos no *corpus* desta dissertação e, que, resumidamente, o processo migratório, na emigração trouxe as implicações para o surgimento do brasiguai e seu retorno traz outras implicações na sua identidade e territorialidade.

5.2.1. Emigração e suas implicações sobre os degradados da terra

A aplicação dos questionários⁸¹ a um membro de cada família representante de brasiguaio no nosso recorte espacial de análise, nos possibilitou, também, definirmos nosso recorte temporal, pois podemos verificar, uma data inicial de emigração (1975) e a data final de retorno (2015), obtendo, assim, nossa escala temporal de análise em conjunção com o processo migratório do lugar de origem para o Paraguai e desse país, para o Bairro Jardim Santa Felicidade, gráfico 1.

GRÁFICO 1 - EMIGRAÇÃO DO BRASIL PARA O PARAGUAI: 1975-2015



Organização: Pinto (2015).

Fonte: Pesquisa direta (2015).

Definimos o fluxo emigratório em dois momentos diferentes, como 1º e 2º, a fim de compreendermos as causas possíveis. Percebemos que existe no 1º momento um ápice em 1976 e, então, uma queda gradativa até 1988. Já o 2º momento, se dá de forma irregular e pouco expressiva em duas datas, 2009 e 2012. Essas diferenças de comportamentos no fluxo emigratório, nos fez refletir quais seriam as razões desse fenômeno social.

⁸¹ Como já explicamos no capítulo 1, em que explanamos os procedimentos metodológicos, foram aplicados questionários para 66 pessoas, representantes das famílias de brasiguaio residentes no BJSF. Desse grupo, tomamos conhecimento que 4 retornaram ao Paraguai entre dezembro de 2015 até a presente data (27/01/2016) e uma de nossas entrevistadas veio a falecer (26/01/2016).

Observando o comportamento emigratório desses sujeitos, percebemos que o maior fluxo emigratório ocorreu entre o final da década de 1970 e o início de 1980, concomitantemente identificamos que a partir de 1984 as emigrações diminuem e na década de 1990 ao início de século XXI percebemos que já não ocorrem emigrações, somente em dois momentos distintos, o que nos faz refletir quais são os fatores relacionados a essa emigração.

Ao analisarmos quais seriam as motivações⁸² dessa emigração ao país vizinho, procuramos assim fazer conforme os dois momentos diferentes desta emigração: 1º) De 1975 a 1988; 2º) De 2009 a 2015⁸³. Essa divisão cronológica tornou mais fácil para conseguirmos procurar evidenciar quais seriam as justificativas desse movimento migratório.

Em resultado das nossas investigações, concluímos que o primeiro momento (de 1975 a 1988) se justifica dentro do processo de consolidação da modernização da economia capitalista agrícola e do aparelho do Estado através da implementação de empresas estatais.

Eles foram levados a abandonar o Brasil devido à concentração fundiária ocorrida durante a modernização da agricultura nas décadas de 1960/1970 a indisponibilidade de novas terras nas regiões de origem para os filhos que atingiam a maioridade, à construção da Hidroelétrica de Itaipu e outros fatores. Por outro lado, eles foram atraídos para o Paraguai pela fertilidade e pelos baixos preços da terra, bem como pelos incentivos, baixos impostos e os créditos de longo prazo fornecidos pelo Banco Nacional de Fomento do Paraguai [...] o imigrante brasileiro podia adquirir até 130 alqueires de terras com o dinheiro de um único alqueire no Brasil (COLOGNESE 2012, p.450).

Conforme Moraes e Vieira (2015) a consolidação da revolução verde no Brasil, idealizada pelos Estados Unidos, a modernização da agricultura, no modelo monocultor mecanizado com utilização de implementos e biotecnologias, expropriou camponeses da

⁸² Ao aplicarmos os questionários para os 66 sujeitos representantes das famílias, havia uma questão para saber se ao emigrarem ao Paraguai pensavam em retornar. Destes 66, 36% responderam que sim e 64% disseram que não. Nessa pergunta, havia outra direcionada àqueles que responderam que "sim", para saber quais seriam os motivos de emigrarem pensando no retorno, entre as respostas que obtivemos estavam em voltar para perto da família e que não gostavam de ir morar no Paraguai.

⁸³ O segundo momento (2009-2015) trata-se de quatro casos que já tinham morado no Paraguai. Seu retorno ao Paraguai se justificou em razão de estudos. Em todos esses casos, permaneceram na casa de seus familiares que ainda residem no Paraguai, sendo que um desses pretende voltar a esse país para trabalhar como veterinário. Esses 4 casos que foram estudar, dizem que não conseguem emprego na formação no Brasil, mesmo tendo feito os processos de readaptação e todos acreditam que se trata de preconceito por julgarem o ensino do país vizinho como não tendo qualidade.

sua condição de vida, obrigando-os a emigrar para as áreas urbanas, onde se instalavam agroindústrias e, assim, corresponderia com a demanda de mão-de-obra necessária, ou, como é nosso caso de investigação, emigraram para o Paraguai, atraídos pela política bilateral (durante os governos militares) entre Brasil e Paraguai, com a intervenção norte-americana para fazer de ambos os países espaços de reprodução capitalista agroexportador, mapa 2.

MAPA 2 - EMIGRAÇÃO PARA O PARAGUAI: A ORIGEM

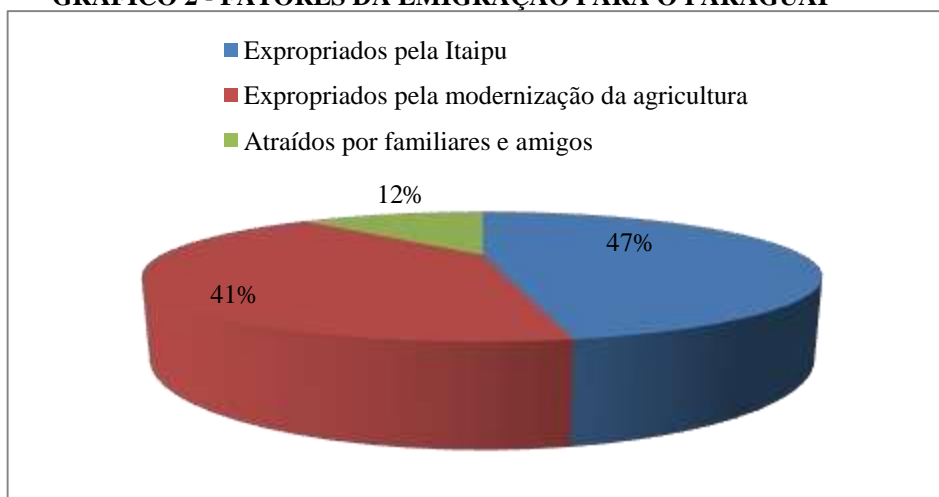
Ao planejarmos as informações presentes no mapa 2⁸⁴, tivemos por objetivo representar a origem dos movimentos emigratórios para o Paraguai e, neste sentido, a seta em azul claro indica a origem dos atuais brasiguaios moradores do BJSF que, no passado, emigraram do Mato Grosso do Sul para o Paraguai; a seta em vermelho indica aqueles que emigraram do Estado de São Paulo para o Paraguai; a seta em azul escuro representa aqueles que emigraram de Santa Catarina para o Paraguai; as setas em preto indicam aqueles que emigraram do interior do Paraná em direção ao Oeste do Paraná e, dessa Região, para o Paraguai. Esse processo de emigração está associado às expropriações camponesas sofridas por esses sujeitos, em diferentes áreas do país e do Paraná e que são responsáveis pelo processo de des-re-territorialização dos mesmos, bem como, a construção da sua identidade brasiguai.

Podemos afirmar que a política de modernização da economia gerou transformações socioespaciais contraditórias, que beneficiaram uma pequena parcela da população, sobretudo a latifundiária e, em contrapartida, expropriou e prejudicou milhares de brasileiros que tinham a terra, como referência identitária, ou seja, eram trabalhadores da terra. Segundo Piffer (1997), Zaar (2001), Colodel (2003), Rippel (2005) e Tschá, *et al.* (2010) no contexto do Paraná essas transformações também geraram a expulsão da população rural, como o caso da execução da usina hidrelétrica de Itaipu, que também expropriou milhares de camponeses, que entre outros destinos, emigraram para o Paraguai.

Consoante às nossas investigações, entre as razões que os levaram a emigrar para o Paraguai, estão as expropriações geradas pela modernização da agricultura e a construção da Itaipu, cujo período desses fatos coincide com o maior movimento emigratório entre nossos sujeitos, identificados no gráfico 1, como 1º momento (1975-1988). Além desses motivos, há aqueles que emigraram por receberem informações através das redes sociais configuradas por meio de familiares e amigos que emigraram e que serviram de referência para atraí-los ao Paraguai, gráfico 2.

⁸⁴ Tais dados foram adquiridos pela aplicação dos questionários aos 66 representantes dos brasiguaios residentes no BJSF e que procuramos representar a origem dos movimentos emigratórios para o Paraguai.

GRÁFICO 2 - FATORES DA EMIGRAÇÃO PARA O PARAGUAI



Organização: Pinto (2015).

Fonte: Pesquisa direta (2015).

Com as entrevistas, encontramos esses três mesmos fatores já identificados por meio das aplicações dos questionários.

a) Expropriação devido a construção da Itaipu:

Quando a gente morava lá onde chamam de Santa Helena Velha, o pai teve que sair das terras. Mesmo que não quisesse teve que sair. Não tinha o que fazer. O pai recebeu o dinheiro do governo, vendeu o que conseguiu também e daí fomos morar no Paraguai. Eu tinha uns 12 anos na época. Já trabalhava na roça. E fomos tudo "nois". A gente era em 5 irmãos. Junto da gente foi também outras pessoas. Teve muita gente que foi. Da parte da nossa família teve dois do lado do pai e um do lado da mãe que morava ali tudo por perto. Você pergunta por que a gente foi para o Paraguai, né. Então, "mais" é que era mais barato e com o dinheiro que o pai tinha podia comprar terras "meior" para plantar. A gente foi morar para a frente de Santa Rita, perto de Naranjal. E ali tem gente ainda da nossa família morando. Eu vim para ficar com a mãe, porque o pai arrumou uma paraguaia e a mãe quis voltar para perto da mãe dela (MORADORA BRASIGUAIA 1)⁸⁵.

b) Expropriação devido ao processo de modernização da agricultura, que aqui também entendemos, como resultante de coação de grileiros:

Morava perto de Ponto Grossa. O vô da gente veio da Ucrânia e sempre ficou ali em Ponta Grossa mesmo. A "baba" e o "dido" "tão" tudo enterrado lá mesmo. Quando o "dido" morreu, ele deixou para o meu irmão mais velho da mãe para cuidar das terras. A "baba" morreu um tempo depois. A mãe casou, foi morar lá perto também, nas terras do pai do meu pai. Quando veio "os tal" de "Capote" não teve como ficar lá mais, porque a gente não queria vender as terras e "tava" tudo virando em pasto. A gente ainda "tava" no arado, no monjolo. Daí o meu irmão vendeu tudo pelo preço que conseguiu. Foi obrigado a fazer assim se não perdia mesmo. Acontece que eles vinham tudo armado, com pistoleiro "memo" junto. E não tinha resposta com eles. Ou você vendia pelo preço que queriam, ou "loguinho" que sofria as consequências. Os

⁸⁵ Entrevista concedida em 16/09/2015, Bairro Jardim Santa Felicidade, Cascavel-PR.

meus tios também, a família do meu marido, as famílias que "tavão" tudo ali perto também fizeram assim e uns foram pra Guamiranga, outros em Pitanga onde eu tenho um irmão que casou com uma moça dali mesmo (Ponta Grossa) e dali foi para lá (Pitanga). Também teve gente que foi pra Guarapuava, uns veio aqui para perto de Cascavel e a gente foi para o Paraguai, mas "voltermo" e "tamo" aqui até hoje. Meu irmão mora lá, "toca" soja na terra (MORADORA BRASIGUAIA 2)⁸⁶.

c) Emigraram através de informações obtidas e de convites realizados pelas redes sociais que se estabeleceram entre os diferentes sujeitos, os que emigraram e os que não emigraram, como também, com as diferentes escalas, Brasil e Paraguai:

Quando eu fui para o Paraguai em 1984, meu tio já morava em Santa Rita e chamou a gente para ir prá lá. Porque lá tem bastante brasileiro e eles queriam abrir um restaurante com comida brasileira, então a gente foi. Eu com minha família, um amigo meu que entrou como sócio e uma imã minha. Estava tudo bem lá. Eu só vim porque minha mulher quis voltar. Vendi a minha parte para o meu sócio, ele ficou lá. Minha irmã também, porque ficou morando com meus tios e depois ela estudou lá, casou e hoje trabalha como dentista (MORADOR BRASIGUAIO 3)⁸⁷.

Podemos também considerar através dessas falas representativas extraídas das nossas entrevistas a origem camponesa desse grupo e de acordo com o que coletamos nos nossos questionários, concluímos que 88% dos membros do grupo de brasiguaios que analisamos, quando ainda não haviam emigrado para o Paraguai, pertenciam à categoria de trabalhadores da terra⁸⁸ (gráfico 3) e pudemos verificar, que a maior parte do que cultivavam era para consumo, com exceção dos trabalhadores rurais assalariados e dos boias-frias, que embora, não cultivassem seu produto de consumo, dependiam do trabalho da terra para sobreviverem, portanto, camponeses, (quadro 1)⁸⁹.

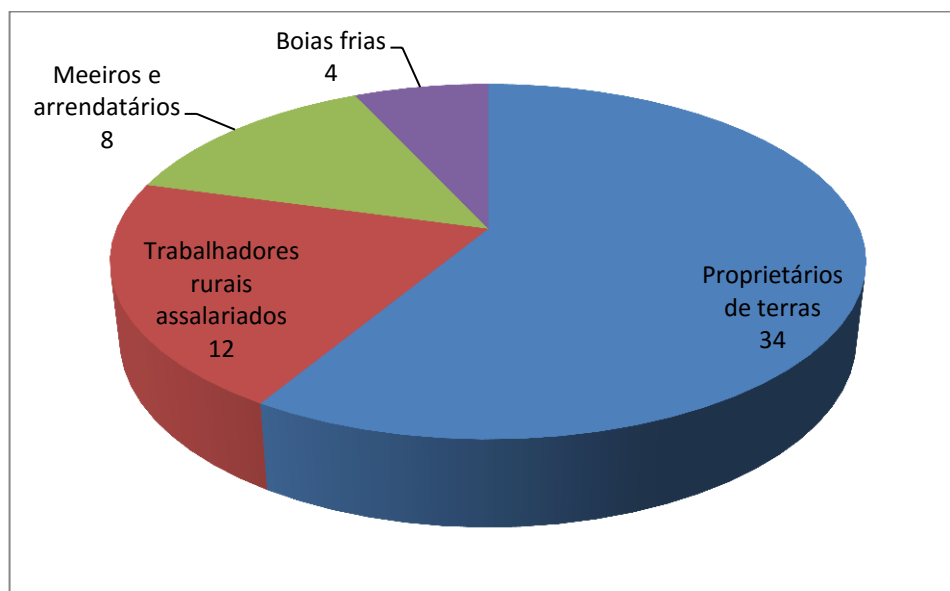
GRÁFICO 3 – A ORIGEM DOS BRASIGUAIOS POR SUA MODALIDADE DE TRABALHADORES DA TERRA ANTES DA EMIGRAÇÃO PARA O PY

⁸⁶ Entrevista concedida em 18/09/2015, Bairro Jardim Santa Felicidade, Cascavel-PR. Perguntei a entrevistada o que significava as palavras "baba" e "dindo", em resposta, a primeira significa avó e "dindo" avô.

⁸⁷ Entrevista concedida em 16/09/2015, Bairro Jardim Santa Felicidade, Cascavel-PR.

⁸⁸ Thomaz Junior e Mendonça (2005) nos ajuda compreender como sendo trabalhadores da terra: os trabalhadores assalariados na modalidade de camponês, agregado, parceiro, arrendatário, ribeirinhos, comunidades pesqueiras, quilombolas e todos aqueles que possuem na terra o sentido da vida.

⁸⁹ Quanto a origem dos brasiguaios antes da emigração, os dados sobre a modalidade dos trabalhadores da terra e ao que estes produziam ou trabalhavam, não trabalhamos com porcentagem, porque os mesmos tiveram mais de uma ocorrência nas alternativas propostas.



Organização: Pinto (2015).

Fonte: Pesquisa direta (2015).

Dos 66 sujeitos que responderam os questionários, verificamos que 58 desses têm em sua origem no Brasil, como sendo trabalhadores da terra. Desses (58) 12 eram trabalhadores rurais assalariados; 4 eram boias-frias; 8 trabalhavam como sistema de parceria como "meeiro" ou as vezes arrendavam terras; 34 eram proprietários de pequenas propriedades rurais. No quadro 1 podemos verificar quais produtos esses produziam. Verificamos que aqueles que trabalhavam como boias-frias e trabalhadores rurais assalariados, estavam relacionados a produção comercial do café (que aparece na produção dos proprietários de terras e que trabalhavam como meeiros e arrendatários), algodão e cana-de-açúcar.

Mas adiante, quando verificarmos os aspectos socioeconômicos dos brasiguaios, veremos que a emigração para o Paraguai, possibilitou que 49% que emigraram para esse país, deixaram de ser apenas trabalhadores para serem também proprietários da sua própria terra⁹⁰.

QUADRO 1 - PRODUÇÃO AGRÍCOLA POR MODALIDADE DE TRABALHADOR DA TERRA (58) NO BRASIL

Trabalhadores rurais assalariados (12)	boias-frias (4)	Meeiros e arrendatários (8)	Proprietários de terras (34)
Café, algodão, trigo, cana-de-açúcar, pecuária	Cana-de-açúcar, algodão e café	Café, mandioca, milho, batata-doce, amendoim e feijão	Café, feijão, trigo, milho, mandioca, hortaliças, abóbora, chuchu, batata, batata-doce, criação de animais (porco, gado leiteiro e de corte, frango e apicultura)

Organização: Pinto (2015).

⁹⁰ Ver gráfico 9.

Fonte: Pesquisa direta (2015).

Para representar estas informações sobre as motivações (expropriações camponesas) que levaram os brasileiros a emigrarem para o Paraguai, bem como, estabelecendo sua origem camponesa e as implicações desses processos na origem dos brasiguaios, hoje residentes no BJSF, organizamos tais informações na representação cartográfica, mapa 3⁹¹.

MAPA 3 - ORIGEM DOS EMIGRANTES BRASIGUAIOS NO OESTE DO PARANÁ

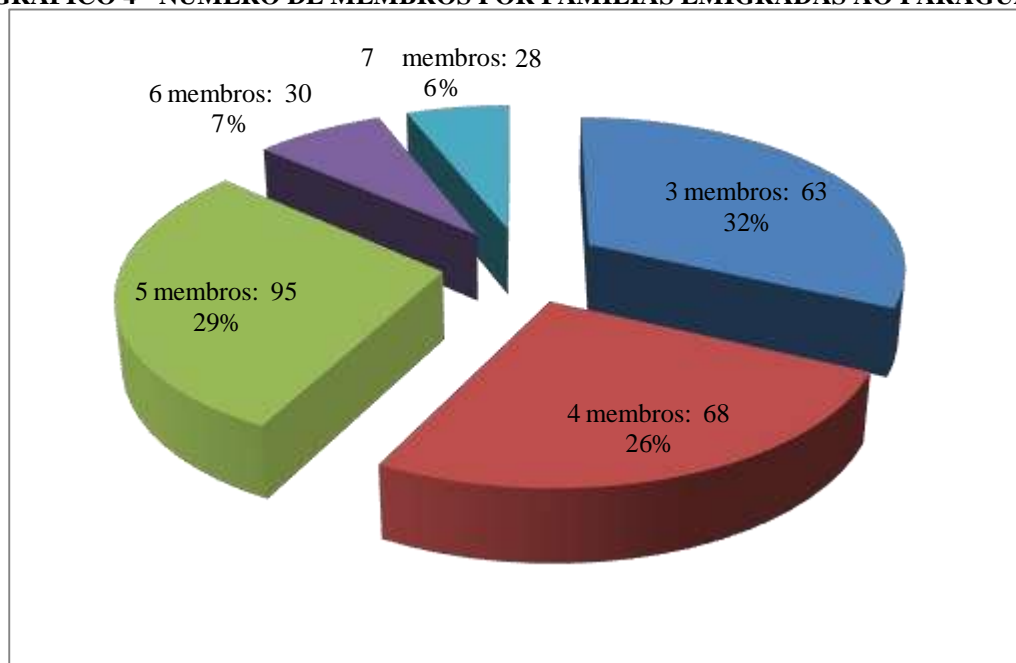
O objetivo do mapa 3 tem por objetivo mostrar a origem do movimento emigratório daqueles que emigraram para do Paraná para o Paraguai e que hoje residem no BJSF. Além disso, procuramos também representar os fatores responsáveis por essa

⁹¹ Os dados contidos no mapa 3, assim como nos demais, são resultados dos questionários aplicados aos 66 representantes das famílias de brasiguaios residentes no BJSF.

emigração. Neste sentido, as setas em amarelo mostram camponeses de municípios paranaenses (em verde) expropriados pela modernização da agricultura, que primeiramente emigraram para o Oeste do Paraná e, então, emigraram para o Paraguai; as setas em cinza indicam moradores de municípios paranaenses (em rosa), pertencentes à Região Oeste do Paraná, que emigraram para o Paraguai devido à expropriação que sofreram mediante a modernização da agricultura; as setas em rosa representam municípios que sofreram alagamentos (em azul escuro) pela construção da Itaipu e que expropriaram camponeses, os quais emigraram para o Paraguai.

A respeito do número total de integrantes do grupo que emigrou para o Paraguai, constatamos que esses eram no total de 284 pessoas, gráfico 4.

GRÁFICO 4 - NÚMERO DE MEMBROS POR FAMÍLIAS EMIGRADAS AO PARAGUAI



Organização: Pinto (2015).

Fonte: Pesquisa direta (2015).

O gráfico 4 nos permite compreender que o perfil desse processo emigratório, se tratou de um evento social familiar, que cuja emigração se tratavam de famílias compostas entre 3 a 7 membros, na sua grande maioria de 3 a 5 membros (87%). Além disso, esse fenômeno se caracterizou por se tratar do modelo de famílias extensivas (outros parentes emigrados juntos), cuja principal função social era o trabalho com a terra.

Verificamos através dos questionários que 94% dos que emigraram para o Paraguai destinaram-se para área rural no Paraguai e 6% para as áreas urbanas. No caso

desses 6%, esses trabalhavam no setor da construção, comércio e de prestação de serviços e os que se fixaram no campo, inseriram-se em atividades de trabalho na terra.

Neste sentido, ao emigrarem para o Paraguai, os mesmos levaram consigo suas representações socioculturais, uma identidade voltada para o modo de vida camponês, algo predominante até meados de 1970 no Brasil, cujo período anterior já vinha sofrendo expropriações. Como nos mostraram de Graziano (1994), Mendonça e Thomaz Junior (2005), Simões Filho e Mendonça (2009), Laubstein (2011), Romero (2012) e Serra (2013) que em favorecendo o fortalecimento de empresas multinacionais, projetaram uma construção deturpada de "desenvolvimento" ao modo de vida agroexportador, agroindustrial (rural-urbano) e, ao mesmo tempo, ao modo de vida camponesa à imagem de "atraso", "caipira", "jeca".

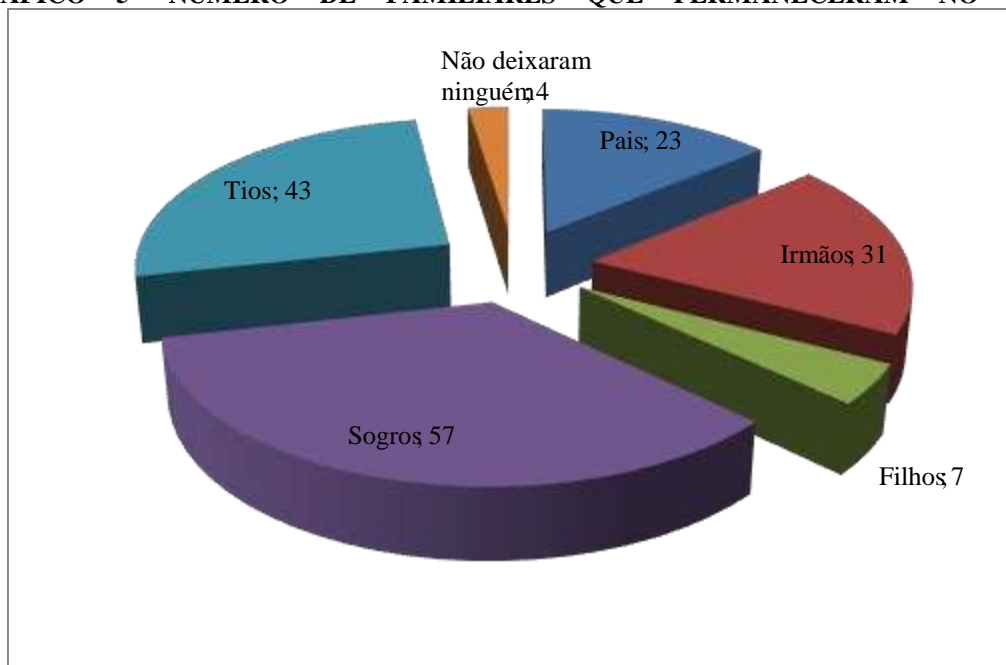
A emigração desses sujeitos ao Paraguai permitiu a construção de redes sociais entre aqueles que emigraram e aqueles familiares e amigos que permaneceram no Brasil, contribuindo para a conexão de diferentes dimensões (política, econômica e sociocultural), o que nos faz entender que as experiências vividas no Paraguai, permitiram a redimensionalização de diferentes territorialidades, tempos e escalas, algo que Haesbaert (1997a; 1999a; 1999b, 2004a; 2004c; 2008; 2010; 2013; 2014; 2015), Saquet (2007a) e Haesbaert e Santa Bárbara (2001) mostram como sendo os elementos fundamentais para renegociação da identidade e, que para nós, aqui entendemos como fatores que geram a hibridização do modo de vida brasileiro e o paraguaio (ou guarani).

Pudemos perceber que os elementos simbólicos do modo de vida paraguaia e brasileira apresentam a miscelânea que compõem o âmago dos brasiguaios. Neste sentido, concordamos com Frotscher *et al* (2009), Haesbaert e Santa Bárbara (2001) e Haesbaert (2014) sobre a identidade brasiguiaia ser híbrida. Haesbaert e Santa Bárbara (2001) nos explicam que no processo migratório e nas experiências vividas no contexto dos brasiguaios, há uma "mistura", ou "pluralidade" de elementos simbólico-socioculturais que ambos os grupos (brasileiros e paraguaios) trocam e se apropriam. Para esses autores a miscelânea dos elementos simbólico-socioculturais de territorialidades diferentes, vividas, experimentadas e internalizadas é enraizada pela apropriação em sua identidade: os brasiguaios.

Na tentativa de descobrirmos como se estabelecia as relações sociais entre aqueles que foram e os que ficaram, inserimos questões para evidenciar quantos desses

nostros sujeitos (brasiguaios) deixaram familiares no Brasil ao emigrarem, bem como, questões que nos fizesse perceber a frequência do contato e de que forma se estabelecia os interesses e dimensões dessas relações, gráfico 5.

GRÁFICO 5- NÚMERO DE FAMILIARES QUE PERMANECERAM NO BRASIL



Organização: Pinto (2015).

Fonte: Pesquisa direta (2015).

Ao considerarmos que o processo emigratório desses sujeitos gerou fragmentação familiar, entendemos que este processo possibilitou a formação de redes sociais entre os emigrados e não imigrados e que esta consequência permitiu a conexão multidimensional desses sujeitos residindo no Paraguai. Entre os motivos que nos apresentaram por esses terem ficado no Brasil, justificaram que no caso dos pais e sogros (80 ao todo), esses eram de idade; quanto aos irmãos e filhos (38 ao todo), 32 eram casados e moravam em outros lugares e 6 estavam estudando e não quiseram ir. Inserimos tios para percebermos se havia mais familiares morando no Brasil, que poderiam manter algum tipo de contato. Além desses, também colocamos a opção cônjuge (esposa e marido), mas não houve indicações.

Procurando entender como era esta conexão entre estas diferentes realidades geográficas (por meio dos questionários aplicados aos 66 representantes das famílias dos brasiguaios), nos permitiram observar que no princípio a comunicação era difícil, mas com o passar do tempo puderam estabelecer maior contato com seus familiares e amigos residentes no Brasil. Entre os meios que esses utilizavam no Paraguai para se comunicar com aqueles que viviam no Brasil, está o uso de correspondências, telefone, ou por meio de viagens para o Brasil ou recebendo seus parentes no Paraguai. Ainda detectamos que

esses se mantinham em conexão com o Brasil, por meio das programações da televisão brasileira, ouvindo estações de rádios e, alguns, mais recentemente pelo uso da internet. Quanto ao que procuravam contatar, detectamos que se tratavam da obtenção de informações sobre familiares, amigos e aspectos da política.

Dos que aplicamos os questionários, 13% disseram não ter nenhum tipo de contato com os brasileiros. Dos 97% restante, 42% disseram enviar ou receber remessas de dinheiro para ajudar (familiares) ou serem ajudados financeiramente (pelos familiares); 57% disseram ter viajado para visitar familiares e amigos; 45% alegaram terem vindo ao país por motivos de saúde, ou estudos; 16% informaram que vieram para o Brasil para ajudar em ocasiões que seus familiares precisaram. 92% disseram terem vindo pelo menos uma vez ao ano no Brasil⁹².

Para entendermos sobre o processo de interação e internalização dos elementos simbólico-socioculturais daquela realidade histórico-geográfica vivida, realizamos perguntas para identificarmos quais elementos do modo de vida paraguaio são presentes nas referências identitárias dos brasiguaios. Diante disso, observamos que entre esses sujeitos existem práticas e costumes das tradições do modo de vida paraguaio, quadro 2.

QUADRO 2- ELEMENTOS SIMBÓLICO-SOCIOCULTURAIS	
ELEMENTOS SIMBÓLICOS IDENTIFICADOS	FREQUÊNCIA ENTRE OS SUJEITOS
Língua castelhana	56 dizem saber falar; 32 dizem saber escrever;
Língua guarani ⁹³	18 dizem saber falar; 6 dizem saber escrever;
Mitos e ritos do Sagrado	65 dizem ter fé em " <i>Nossa senhora de Caacupé</i> ⁹⁴ "; 39 dizem ir ao santuário de <i>Caacupé</i> ; 48 possuem a imagem em casa de " <i>N. Sra. Caacupé</i> ";

⁹² Estas informações puderam ser assinaladas mais de uma vez por aqueles que aplicamos os questionários, por isso, existem mais de uma ocorrência entre os fatores que mantinham as relações sociais entre os que residiam no Paraguai e no Brasil.

⁹³ O país é bilíngue e tem como ensino oficial obrigatório nas escolas de Ensino Fundamental e Médio o castelhana e o guarani, sendo que no Ensino Médio, também há o ensino obrigatório do inglês e o português como segunda língua optativa, esta última é oferecida somente em algumas escolas.

⁹⁴ Também chamada de "*Madrezita*" ou "*Virgenzita*". Elemento constituinte de simbologia sagrada da fé católica paraguaia, na qual se acredita da aparição da mãe de Jesus em 1600 para um índio de origem guarani. Seu culto é celebrado no dia 8 de dezembro, feriado nacional que mobiliza caravanas do país inteiro ao santuário de "*Caacupé*".

Aspectos da culinária	45 dizem sabem fazer pratos típicos ⁹⁵ ;
Clubes de futebol	45 dizem torcer pelo " <i>Olimpia</i> "; 32 dizem torcer pelo " <i>Cerro Porteño</i> " ⁹⁶ ;
Costumes e tradições no modo de vida camponês	27 disseram fazer plantio de algumas espécies de sementes apontadas para o leste ⁹⁷ (costume guarani);
Artesanatos	7 aprenderam fazer o " <i>ñaduti</i> " ⁹⁸ ; 54 possuem artesanatos paraguaios;
Música e dança	57 disseram ter materiais sonoros de " <i>polkas</i> " e " <i>guaranias</i> " ⁹⁹ ; 47 disseram saber dançar;

Organização: Pinto (2015).

Fonte: Pesquisa direta (2015).

Ainda para entendermos o processo de construção da identidade sociocultural, inserimos no questionário a pergunta sobre como foi o processo de adaptação no Paraguai, oferecendo as opções de Difícil, Razoável e Fácil. Dos 66 que 55% consideraram ser difícil, 18% em ser razoável e 27% como sendo fácil. Então, para esses que consideraram difícil e razoável, oferecemos uma questão aberta para saber quais foram as maiores dificuldades de adaptação no Paraguai e, como respostas obtivemos a comunicação, pois não entendiam a língua castelhana e guarani¹⁰⁰. Desta forma, 41% responderam ser difícil a adaptação no Paraguai e sinalizaram a língua como o motivo de dificuldade. 19% consideram razoáveis e também sinalizaram a língua. 6% disseram ser fácil. Outra dificuldade apontada por 16% deles foi a falta de infraestrutura, comércio e a distância para se obter qualquer coisa. Ainda na questão continha outra pergunta realizada somente para quem considerou difícil e razoável a adaptação, solicitando

⁹⁵ Entre a culinária citada, estão a "*chipa*" (uma espécie de broa de milho/mandioca com queijo), "*chipaguasú*" (uma espécie de broa de milho/mandioca com queijo recheado de carne ou doce), "*Kivevé*" (doce em creme de abóbora), "*sopa paraguaya*" (parecido com a polenta, porém mais presença da fibra do milho), "*empanadas*" (um pastel assado recheado de carne ou doce), "*mbeju*" (uma fina massa de farinha de mandioca com ervas doces, canela, as vezes recheadas, parecida com a tapioca), "*mate cocido*" (parecido com chá de mate), "*tereré*" (semelhante ao "*tereré*" brasileiro, com adicional de ervas), "*pomelo*" (refrigerante da fruta pomelo).

⁹⁶ "*Cerro Porteño*" e "*Olimpia*" são dois clubes de futebol de maior torcida paraguaio.

⁹⁷ Hábito guarani de plantar direcionado para o lado que o Sol nasce, que traz em sua significação a vida. Eles também enterram os mortos com as pernas em direção ao Leste.

⁹⁸ "*Ñaduti*", artesanato endêmico, feitos com linhas em tela, com formas geométricas e zoomórficas da natureza paraguaia, que se foi incorporado no "*filigrana*", uma técnica greco-romana trazida pelos espanhóis de produzir joias, que no Paraguai foi modificada.

⁹⁹ Ritmos musicais ao som de instrumentos de cordas, como o violão e a harpa paraguaia, dançada em festas e bailes, em dupla ou sozinho, com rodopios e passos lentos.

¹⁰⁰ A questão era de assinalar e perguntava qual foi o grau de dificuldade de adaptação no Paraguai, tendo as opções de Difícil, Razoável e Fácil. Na mesma pergunta solicitava para assinalar outro campo, informando o que determinava a dificuldade de adaptação, contendo como opções a língua, a culinária, dinheiro, as relações sociais e a opção de "outras dificuldades", cuja escolha tinha um campo para descrever qual seria a dificuldade. Além disso, foi inserido uma pergunta para que respondessem como superaram tais dificuldades.

explicar como superaram a dificuldade. A noção do tempo e da aproximação com os paraguaios apareceram como formas de superarem tais dificuldades.

Em consonância ao questionário, em entrevista, também encontramos a língua como um dos elementos de dificuldade de adaptação:

No começo, se a gente tinha que ir para algum outro lugar onde não tinha brasileiro, era bem difícil. Não conseguíamos fazer amizades porque não entendíamos o que falavam. A gente "ia na" missa, não sabia rezar nem o Pai-Nosso. Na escola a gente não conseguia entender quase nada. Se a gente "ia na" vila ou na cidade só pegava ou mostrava o que queria e pagava. Mas, que nem no caso dos meninos (os filhos) já foi mais fácil, porque nasceram lá, foram na escola, aprenderam, "iam nas' festas, jogava bola [...] "né". Daí aprenderam. Com o tempo a gente aprende, mas no começo é difícil mesmo (MORADORA BRASIGUIA 4)¹⁰¹.

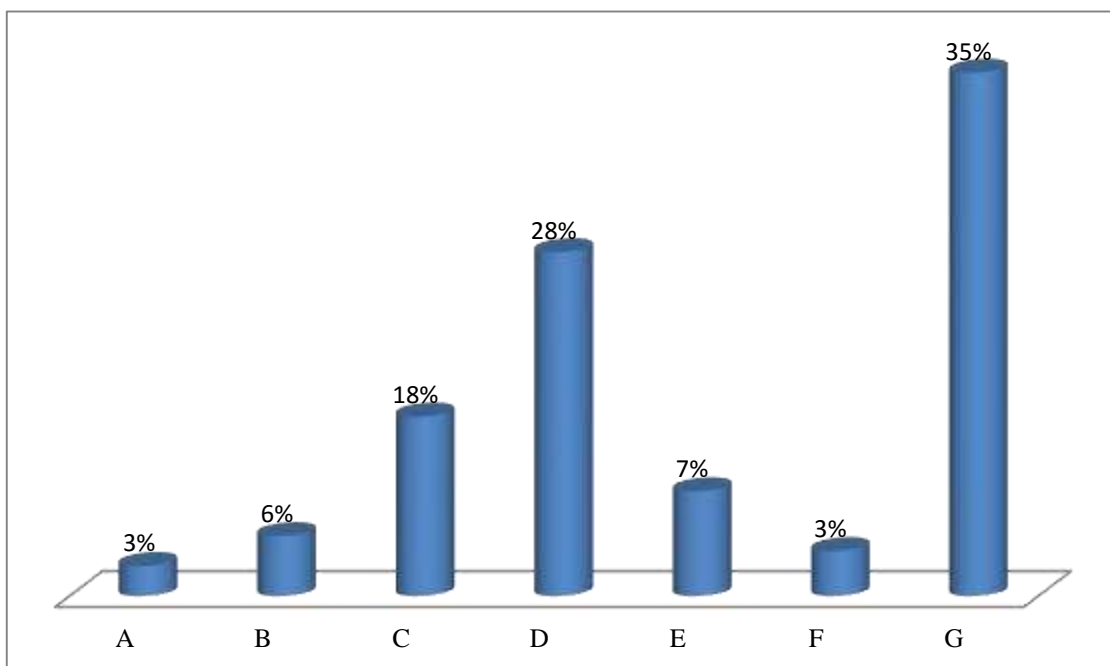
Tanto no questionário como na entrevista, podemos perceber que a condição do tempo de permanência no Paraguai e das relações sociais com os já estabelecidos, foram elementos fundamentais para o processo de adaptação e de superação de dificuldades. Elemento esse que acreditamos se aproximar do que vimos em Berger e Luckmann (1985), Vygotsky (1994; 1998), Woodward (2000), Baptista (2002), Hall (2006; 2011) e Silva (2011) que as experiências vividas, o processo histórico e as relações sociais são fatores determinantes para a construção da identidade social.

Quanto as experiências que obtiveram na dimensão político-social, inserimos uma questão aberta para compreendermos qual era o entendimento sobre os problemas agrários, se isso os afetavam e se foi fator determinante para o retorno para o Brasil¹⁰², gráfico 6.

¹⁰¹ Entrevista concedida em 15/09/2015, Bairro Jardim Santa Felicidade, Cascavel-PR.

¹⁰² Entre os casos que sofreram violência, está o pai de uma de nossas entrevistadas, que após ter vendido sua produção de soja, foi atraído em uma cilada e assassinado por seus funcionários brasileiros que trabalhavam também em outras propriedades. Suspeita-se que sejam pistoleiros de fazendeiros disfarçados de trabalhadores. Após o assassinato de seu pai, sua mãe resolveu retornar ao Brasil com suas filhas, deixando a propriedade nos cuidados de seu irmão.

GRÁFICO 6 - OS PROBLEMAS SOFRIDOS NO CAMPO PELOS BRASIGUAIOS NO PY



Organização: Pinto (2015).

Fonte: Pesquisa direta (2015).

Conforme o gráfico acima, verificamos que (através das respostas obtidas na aplicação dos questionários aos 66 representantes das famílias dos brasiguaios residentes no BJSF) organizamos nas seguintes informações a respeito de situações que geravam a sensação de insegurança no campo e que somatizaram para a imigração de retorno: a) aqueles que tiveram que se mudar de cidade no Paraguai porque haviam comprado terras em áreas ilegais sem saber, ou com problemas na documentação; b) aqueles que sofreram ameaças de ocupação por membros de movimentos sociais; c) aqueles que se sentiam ameaçados por diferentes pessoas, que não eram camponeses, como pistoleiros; d) aqueles que receberam propostas de compra de terras por latifundiários; e) aqueles que sofreram violência; f) aqueles que participavam de movimentos sociais pela luta da apropriação da terra; g) aqueles que entendiam que o agronegócio era responsável pela expropriação. Como já explicamos anteriormente, em todos os casos identificamos o processo de reconstrução de des-re-territorialização, que para nós se inicia quando esses são expropriados não só da sua terra, mas de tudo o que ela lhes trazia em significação e representação identitária. Entendemos que a emigração para o Paraguai é intrínseca a esse processo de des-re-territorialização, cujos processos promoveram sentimentos de perdas (i)materiais e rupturas territoriais e identitárias.

No entanto, eles (os processos de des-re-territorialização e migratório) também permitiram redimensionar as experiências vividas do passado e do presente

(multitemporal), das diferentes territorialidades (multiescalar), acompanhadas de múltiplas relações (político, econômica e sociocultural) entre o Brasil e Paraguai e que, assim, por meio da fluidez do tempo e das relações sociais, historicamente lhes tem permitido internalizarem todas as experiências, reconstruindo suas referências identitárias e territorialidades.

Entendemos que esses processos de expropriação e de negação dos sujeitos ocorridas no Brasil e no Paraguai, são os fatores responsáveis por todo processo migratório dos brasiguaios. Desde a sua emigração para o Paraguai como na imigração de retorno desses sujeitos para o Brasil, o Estado, ou melhor, os Estados (Brasil e Paraguai) e a força do capital (pelos interesses de multinacionais norte-americanas) têm promovido a legitimação do agronegócio, no qual os brasiguaios (na verdade toda estrutura camponesa) não fazem parte e, por isso, a sua expropriação que resulta o processo emigratório que estamos tratando. Nesse sentido, vemos que o processo migratório em conjunção com a dinâmica da territorialidade, traz implicações sobre os brasiguaios.

Em Haesbaert (1997a, 1999b, 2014) o processo migratório e a dinâmica da territorialidade (des-re-territorialização) são compreendidos nessa perspectiva multidimensional, que por diferentes sujeitos/atores/grupos sociais e das diferentes dimensões das suas relações sociais (político, econômico e sociocultural), há aqueles que são des-territorializados para que outros se territorializem, no entanto, o que sofre o processo de expropriação, legitimação, dominação, subalternização reconstruem suas novas territorialidades. Esta re-territorialização é realizada pelos mesmos processos multidimensionais e, mesmo que isto ocorra mediante os conflitos, a re-territorialidade desses sujeitos será re-construída, ainda que de forma imaterial.

A re-territorialização é um produto (i)material historicamente construído através das múltiplas dimensões presentes nas relações sociais, que para Haesbaert (1997a; 1999b; 2014) esses sujeitos utilizam-se de suas representações simbólico-socioculturais como artifício para uma atitude de resistência, de luta, de apropriação e, portanto, uma dimensão política. Em Haesbaert (2014) vemos que é, então, na postura da resistência e da luta por se fazer representar, por se fazer reconhecer, por se fazer identificar por seus elementos representativos que sua territorialidade é construída.

Entendemos que a imigração de retorno só virá lhes conferir a reprodução de todos esses processos, no entanto, estando no Brasil, os enfrentamentos com a indiferença lhes trazem atribuições diferentes, pois se antes também tiveram que superar a dificuldade em assimilar aspectos socioculturais estranhas e de ultrapassar os conflitos pela terra, agora, no país que um dia já lhe pertenceu (ou pertenceu a seus antepassados), se deparam com sentimentos de frustração em não serem aceitos e de experimentarem a discriminação que um dia também tiveram, isto é, que tudo o que vem do Paraguai é inferior.

São nestas reflexões que no próximo subitem nos propomos dar continuidade às nossas análises, nos atentando ao retorno e suas implicações na identidade e na territorialidade dos brasiguaios.

5.2.2. A imigração de retorno e suas implicações sobre aqueles que desejam o "aconchego e o conforto da alma"

Estou de volta pro meu aconchego
Trazendo na mala bastante saudade
Querendo
Um sorriso sincero, um abraço,
Para aliviar meu cansaço
E toda essa minha vontade [...]
Parece que falta um pedaço de mim
Me alegre na hora de regressar
Parece que eu vou mergulhar
Na felicidade sem fim.
(RAMALHO, 1999)

Em nossas análises temos procurado compreendê-las através da perspectiva integracionista multidimensional, focando nos aspectos socioculturais. Temos nos proposto avaliar o processo da reconstrução da territorialidade e da negociação da identidade, por meio dos elementos simbólico-socioculturais e identificarmos a gênese dos sentimentos de superioridade dos brasileiros em relação àqueles que veem do Paraguai, que no nosso caso, se tratam daqueles que um dia já tiveram o Brasil como referência de pertencimento.

Compreendemos que as experiências vividas no passado, ainda no contexto do camponês expropriado do Brasil em benefício do agronegócio e da modernização do Estado, bem como, na superação das dificuldades em assimilar os aspectos socioculturais, são elementos que constituem o ser brasiguai. Esses processos territoriais e migratórios em conjunção com a construção da identidade, são por nós percebidos como elementos historicamente produzidos pelas relações sociais e, que,

portanto, no ângulo multitemporal-escalar-dimensional, o retorno tão logo confabulará para redimensionar àqueles que procuram um "aconchego" para chamar de seu e, assim, "confortar a alma".

Entre os motivos apresentados pelos 66 representantes (que aplicamos os questionários) terem elegido Cascavel como município de retorno, 35% justificaram que antes da emigração moravam na Região onde está Cascavel; 31% por possuírem familiares morando neste município; 15% disseram ter escolhido sem nenhum motivo específico; 11% vieram para Cascavel para tratamento médico; 5% Cascavel era a cidade onde moravam; 3% porque receberam proposta de trabalho de conhecidos.

Retornando ao estávamos discorrendo a respeito do que esses imigrantes trazem consigo em seu retorno, compreendemos que esse processo de configura na reconstrução identitária desses sujeitos, por meio de suas experiências de vida adquiridas enquanto residiam no Paraguai, através dos elementos socioculturais paraguaios assimilados e vivenciados, como também, a conjunção do modo de vida camponês brasileiro com o modo de vida Paraguai e, portanto, o passado e presente, os aspectos socioculturais de ambas as territorialidades, se mesclam, se fundem e se reconfiguram em uma miscelânea com o que agora passam a vivenciar no Bairro Jardim Santa Felicidade.

As lembranças vividas, as imagens das paisagens e da relação com a natureza, as histórias de vidas conhecidas e construídas, os elementos simbólicos do folclore, das tradições, dos costumes, do sagrado, das experiências no convívio com os amigos, vizinhos, no futebol, na igreja, na escola, enfim, todos aqueles elementos presentes nas relações socioculturais e no modo de vida paraguaio direcionam suas lembranças, suas emoções, seus sentimentos, seus sentidos, seus significados e, assim, suas representações identitárias como sendo: "brasiguai".

Neste sentido, os elementos simbólico-socioculturais que trouxemos no quadro 2 (página 184) nos ajudam a compreender as representações identitárias desses sujeitos e, para nos auxiliar nessa reflexão, trazemos os seguintes segmentos de duas entrevistas, nas quais podemos encontrar indicações desses elementos identitários dos brasiguaios:

De tardinha eu chamo minha filha e meus netos, faço um "*mbeju*" ou uma "*pastafrola*" para eles. Lá no Paraguai é como as pessoas fazem no interior (área rural) para receber quem vem da "*lida*", ou então para receber os amigos.

Quando “está” frio eu faço *"mate cozido"*, com *"chipa"*. E você vê, hoje você vai nas panificadoras e até nos supermercados você encontra *"chipa"*. Só que a *"chipa"* que eles fazem parece mais um pão de queijo em forma de lua. Não é *"chipa"* verdadeira. Eu faço de tudo porque a gente gosta entende. Eu comia estas coisas desde pequena lá no Paraguai. Eu fui com 12 anos e hoje tenho 41, faz “as contas” (MORADORA BRASIGUAIA 5)¹⁰³.

Antes eu tinha vergonha, mas eu aprendi que não temos que ter vergonha da gente mesmo e se tem alguém que faz estas coisas com a gente a melhor forma é de afirmar quem você é. Não precisa brigar, mas não tem porque se esconder porque eles não gostam e tem preconceito. Um dia eu estava com uns amigos e eles foram comigo no meu carro para a gente sair à noite. Quando eu liguei o som do carro, estava no *"pen-drive"* umas músicas *"guaranias"* e começou a tocar. Eu não achei que iam rir de mim. Começaram a me *"zoar"*, falando que eu era paraguaio e me humilhando. Sabe? Eu parei o carro e disse que tinha vindo mesmo do Paraguai, que eu era mesmo paraguaio, brasiguai e que não admitia aquilo comigo. Só aceita isso quem não aprende se defender. Eu não aceito e aprendi aqui com o senhor quando vim estudar aqui no *"Santa"*. Falei que as músicas e o carro eram meus e se quisessem minha carona tinham que me respeitar. Depois disso, só de um eu sou amigo. Ele até já foi na casa do meu *"vô"* lá em Santa Rita comigo (MORADOR BRASIGUAIO 6)¹⁰⁴.

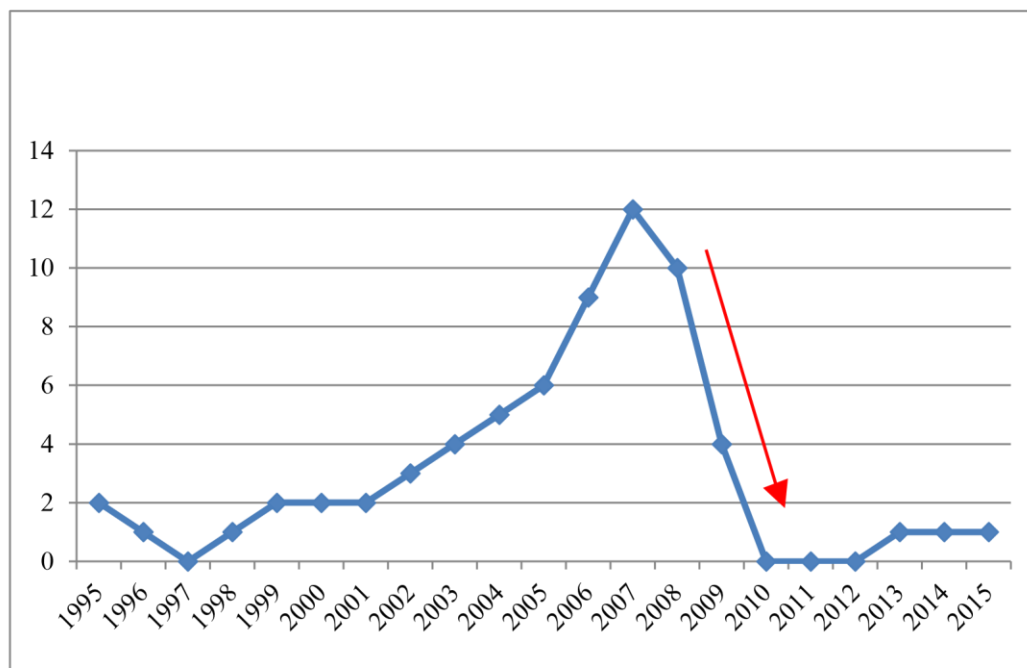
Nessa última inserção, além do elemento simbólico-sociocultural identitário dos brasiguaios (a música), há outra informação que queremos trazer à reflexão: o destratamento em que esses sujeitos são acometidos por serem brasiguaios. Na sua fala percebe-se que esse tipo de procedimento praticado pelos já estabelecidos e grupo majoritário é comum contra os brasiguaios. Ele mostra que já sofriam esse tipo de violência simbólica no interior da escola e que a mesma se estende para outras relações sociais, como no caso, o de amigos.

Antes de adentrarmos nesta discussão sobre as manifestações de aversão aos brasiguaios, queremos trazer os dados coletados nos questionários que nos permitem verificar o tempo de permanência no Paraguai, o período de retorno, se esses possuem familiares morando no Paraguai e quais implicações dessas reflexões na nova realidade vivida. Analisando o índice de retorno iniciado em 1995 (conforme os 66 questionários, aplicados aos nossos sujeitos), percebemos que há uma queda acentuada do fluxo imigratório a partir de 2008 e que esse volta a se apresentar após 2013, gráfico 7.

GRÁFICO 7 - MOVIMENTO IMIGRATÓRIO DE RETORNO DOS BRASIGUAIOS PARA O BJSF: 1975-2015

¹⁰³ Entrevista concedida em 22/12/2015, Bairro Jardim Santa Felicidade, Cascavel-PR. *"Pastafrola"* é uma pequena torta doce de marmelada, ou goiabada.

¹⁰⁴ Entrevista concedida em 14/03/2015, Bairro Jardim Santa Felicidade, Cascavel-PR. Este rapaz foi aluno do Colégio Santa Felicidade, ao que ele se refere como *"Santa"*. Ele foi um dos alunos brasiguaios que me fez percebê-los e, na época pude acompanhá-lo.



Organização: Pinto (2015).

Fonte: Pesquisa direta (2015).

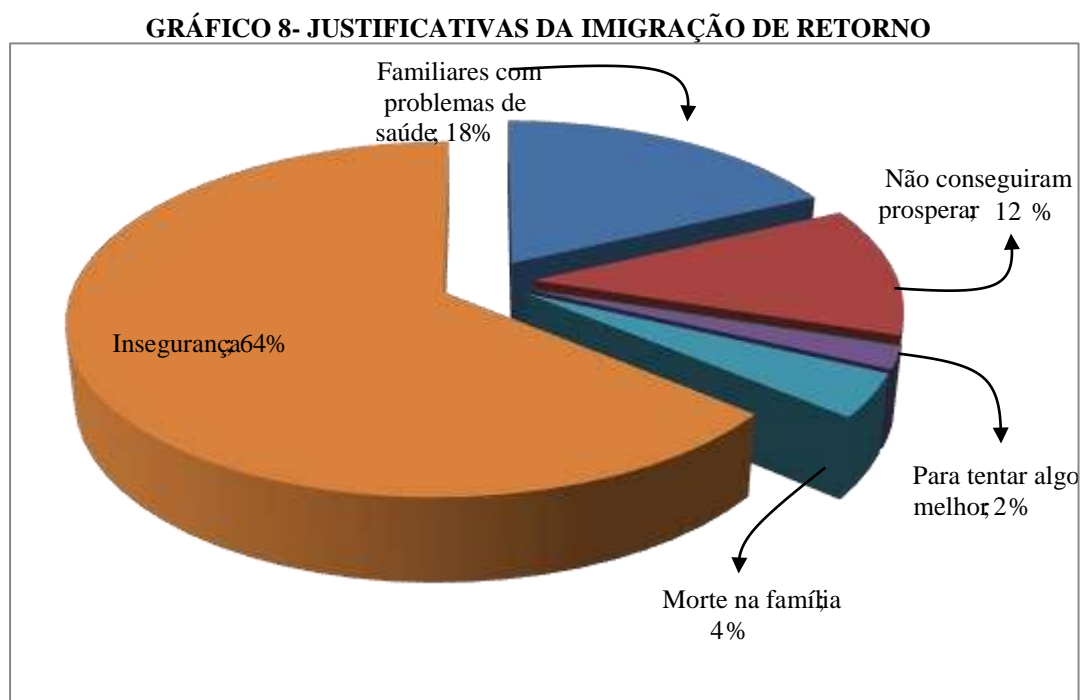
Seta em vermelho: representa queda do fluxo migratório. Em detrimento do tempo reduzido relacionado à pesquisa, não podemos nos aprofundar para investigar os fenômenos relacionados ao apogeu deste processo migratório de retorno (2007). Consideramos oportuno para a futura pesquisa de doutorado.

Em relação ao que obtivemos nos questionários, não conseguimos definir o motivo da queda do ritmo migratório para o Brasil. Não havia entre as questões elaboradas algo que nos pudesse orientar a entender esse fenômeno, portanto, nossas considerações sobre esse intervalo que se estabelece entre 2008 a 2012, são suposições que trazemos de acordo com nossas pesquisas bibliográficas. As imigrações de retorno sempre estiveram relacionadas aos problemas enfrentados no campo e, devido ao sentimento de insegurança, 46% dos sujeitos da nossa pesquisa (dos 66 questionários) trata-se de mulheres que retornaram acompanhadas dos filhos em menor idade, deixando os companheiros e 45% destas também deixaram filhos maiores para acompanhar o pai¹⁰⁵.

Além desse grupo (46% de mulheres retornadas apenas com filhos mais novos), identificamos um grupo composto de 14% de famílias que o marido acompanhou a

¹⁰⁵ Veremos mais adiante 6% de mulheres permaneceram no Paraguai, por serem viúvas. Deste grupo de 46% de mulheres que retornaram deixando no Paraguai os maridos e 45% delas também deixaram filhos que pudessem ajudar o companheiro. Percebemos, ainda, que enquanto moravam no Paraguai, tinham característica de "família estendida", ou seja, eram compostas pela presença de outros familiares, como tios e irmãos. Por isso, no questionário percebemos que houve a frequência de 23% de tios e 43% de irmãos que permaneceram no Paraguai.

mulher e filhos no retorno. Desse grupo, (14%) 6% moravam na área urbana, retornando a família inteira. Já, 8% eram residentes da área rural e desses, 6% deixaram filhos administrando a propriedade e a produção agrícola. Apenas 2% (desses 8%) a família inteira acompanhou o retorno, deixando no retorno. Nas nossas amostragens percebemos que há outras razões que tenham justificado o retorno desses sujeitos, gráfico 8.



Organização: Pinto (2015).

Fonte: Pesquisa direta (2015).

Como já temos tratado, um dos motivos do retorno está (com 64%) o sentimento de insegurança, que a violência do campo promove nos camponeses brasiguaios. Além disso, constatamos que o retorno também é promovido por outros motivos (com 36%), cujo grupo também justifica que (com 18%) retornaram para tratar casos de doenças no Brasil; (com 12%) retornam por não terem conseguido o que esperavam, ou porque não prosperaram; (com 2%) retornam para buscarem melhores oportunidades; (com 4%) retornam por morte entre os membros das famílias que tinham permanecido no Brasil.

De acordo com Albuquerque (2005), Sprandel (2006), Riquelme (2003), Marques (2009), Zamberlam *et al* (2010), Fiorentin (2010), Gonçalves (2011), Colognese (2012), Souza (2013), Baller (2014), muitos brasiguaios se desinteressavam em permanecer residindo no Paraguai pela falta de serviço estendido no sistema público de saúde paraguaia. Entendemos, então, que o SUS (Sistema Único de Saúde) é um dos fatores que lhes têm motivado retornar. Quanto à previdência social, perguntamos aos

entrevistados (oito) brasiguaios se é verídico que esse seria um dos motivos para se decidirem pelo retorno e, então, nenhum entendeu que isso fizesse importância:

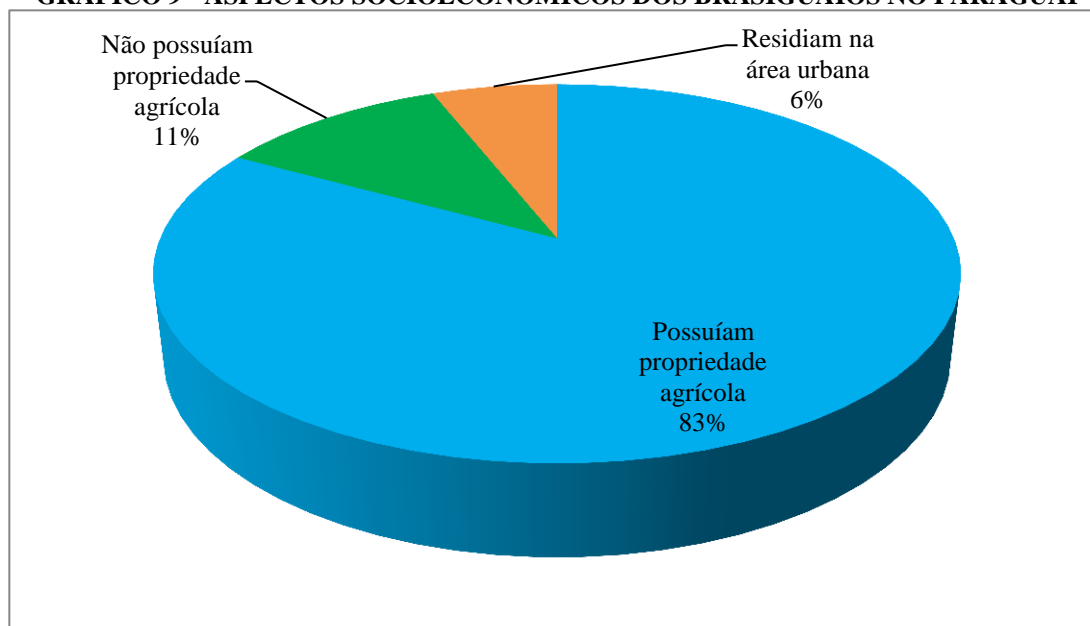
Não é verdade. Sabe por quê? Quando você mora no Paraguai e se naturaliza e organiza sua documentação, você pode fazer sua previdência social lá também. Não é por isso que o povo vem para cá não. Eu vim porque minha esposa quis ficar próxima dos pais dela. Agora que meu sogro faleceu (...). Os irmãos da minha esposa um mora em Santa Catarina e o outro foi pra Curitiba, só ficou ela para acompanhar a mãe. A dona "MARIA" é jovem ainda. Não tem problema de saúde. Ela trabalha no colégio do município. Então, quando a gente veio meu sogro ainda estava vivo. Faleceu o ano passado (2014). Por isso, agora nós estamos querendo voltar para lá, para abrimos um restaurante. Minha sogra já aceitou ir com a gente. Ela vai colocar para alugar a casa dela e estamos querendo ir no próximo ano. Para ela não perder o tempo de serviço aqui, a gente continua pagando a previdência dela, igual eu fazia para nós (ele e a esposa) (MORADOR BRASIGUAIO 3)¹⁰⁶.

Nesse sentido, o retorno dos brasiguaios está relacionado pelo sentimento de insegurança (64%) devido o que se repercuti nos meios de comunicação. No gráfico 5 entre as repostas que podemos organizá-las, notamos que 52% apresentaram repostas que evidenciam terem sofrido algum tipo de insegurança, sejam por ameaças e visitas de "gente estranha", por "propostas" para que vendessem as propriedades, por violência física e assassinato. Ao identificarmos nas respostas quem lhes faziam se sentirem inseguros, notamos que os camponeses paraguaios não foram incluídos pela maioria, mas sim, "gente estranha", "funcionários" de outras fazendas e por fazendeiros. Dos nossos entrevistados, apenas 6% incluíram camponeses e movimentos sociais paraguaios como representação de ameaça¹⁰⁷.

Ao procurarmos compreender os aspectos socioeconômicos enquanto moravam no Paraguai, inserimos questões nos questionários que nos pudessem ajudar a entender dados sobre se viviam no espaço urbano, ou rural, qual ocupação, renda e se possuíam algum imóvel, gráfico 9. Realizamos as mesmas perguntas em relação ao momento em que retornam e passam a residir no BJSF (gráfico 10), a fim de podermos fazer comparações e observarmos o que a imigração possa ter implicado em seus aspectos socioeconômicos.

¹⁰⁶ Entrevista concedida em 16/09/2015, Bairro Jardim Santa Felicidade, Cascavel-PR. Aqui Dona "Maria" é um nome fictício.

¹⁰⁷ No questionário havia uma pergunta se enquanto estavam morando no Paraguai queriam retornar ao Brasil, 64% responderam que não e 36% responderam que sim. Desta forma, compreendemos que para a grande maioria o retorno correspondeu a necessidade ou de se refugiarem diante do que lhes faziam se sentirem inseguros, ou pela procura de tratamento e para acompanhar a família.

GRÁFICO 9 - ASPECTOS SOCIOECONÔMICOS DOS BRASIGUAIOS NO PARAGUAI

Organização: Pinto (2015).

Fonte: Pesquisa direta (2015).

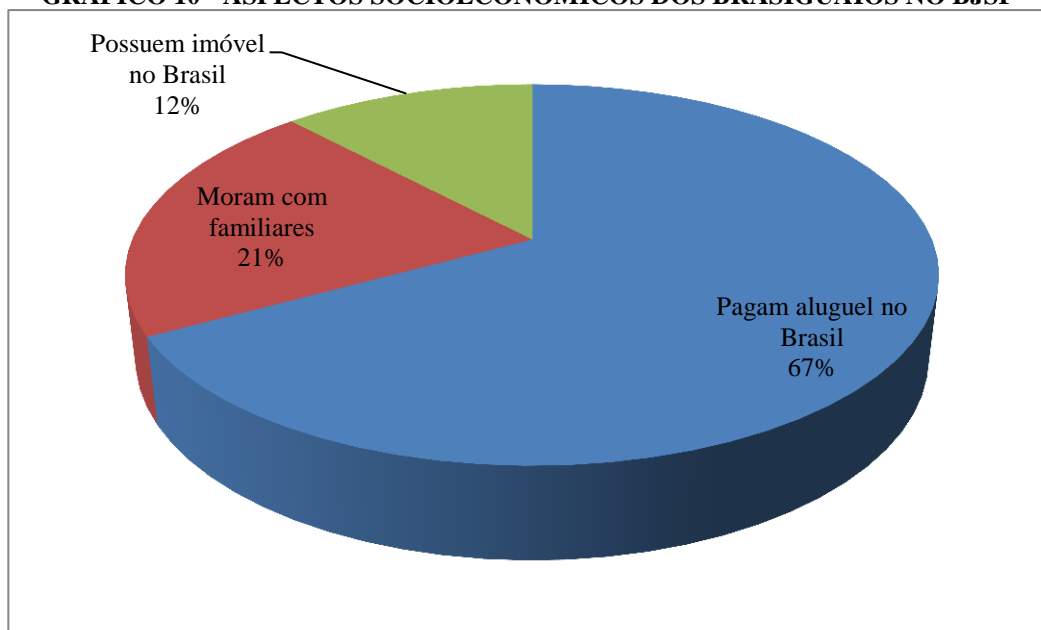
Dos 6% que residiam na área urbana, apenas 2% possuíam imóveis e tinham comércio, 4% pagavam aluguel e trabalhavam no setor da construção, comércio e prestação de serviços. Dos 94% que residiam na área rural, todos produziam alimentos de subsistência (arroz, feijão, batata, mandioca, hortaliças, milho, criação de animais), sendo que 11% cultivavam algodão e soja para comércio. Desse montante de 94% (que moravam na área rural) verificamos que 83% tinham sua própria propriedade (que se trata do pequeno-fúndio-policultor)¹⁰⁸. Ainda, desses que moravam na área rural (94%) identificamos que 11% não possuíam propriedade e trabalhavam arrendando terras, ou de empregados (caseiros, peões e, em época de safra, com contratos temporários em outras propriedades). 6% estavam envolvidos e inseridos em movimentos sociais pela luta e posse da terra.

Ao compararmos com o seu passado, quando ainda moravam no Brasil, veremos que apenas 34 possuíam propriedade agrícola e, estando no Paraguai, a posse de propriedade aumentou para 49%. Porém ao retornarem, dos 83% que possuíam propriedade, 9% venderam para retornarem ao Brasil e o restante (74%) continuam

¹⁰⁸ Consideramos aqui importante trazermos através de Moraes e Vieira (2015) a classificação da estrutura agrária paraguaia. Nestes autores vemos que dimensão da terra no Paraguai é classificada em: a) Grande-fúndio: correspondentes a 500 hectares; b) Médio-fúndio: equivalente de 50- 500 hectares; c) Pequeno-fúndio: (policultor) representando de 1 a 50 hectares. No qual o minifúndio não corresponde ao modo de uso e de exploração produtiva empresarial-monopolista-agroexportadora, pois está se caracteriza pela composição familiar-cooperativista-alimentícia.

produzindo naquele país, estando sobre os cuidados ou do marido/pai (58%), ou filho/irmão¹⁰⁹ (98%), ou por tios (23%) e ou pela mãe (6%)¹¹⁰. Entre os que retornaram constatamos que 6% estavam envolvidos em movimentos sociais de luta pela posse da terra.

GRÁFICO 10 - ASPECTOS SOCIOECONÔMICOS DOS BRASIGUAIOS NO BJSF



Organização: Pinto (2015).

Fonte: Pesquisa direta (2015).

Dos 66 brasiguaios que aplicamos os questionários, 74% ainda possuem propriedade agrícola no Paraguai e, ao entendermos que as relações sociais e o modo de vida predominante dos sujeitos desses sujeitos eram baseados no espaço rural, introduzimos questões no questionário para que pudéssemos averiguar a mudança de ocupação de trabalho/ocupação (que tinham no Paraguai), para aquela que agora possuem no BJSF. Dos 66 que aplicamos os questionários, constatamos que: a) dos 6% que trabalhavam na área urbana (comércio, construção civil, prestação de serviços), o

¹⁰⁹ Dos que nos responderam os questionários, constatamos que 43% irmãos e 45% filhos permaneceram no Paraguai.

¹¹⁰ A respeito de quem permaneceu morando no Paraguai para administrar a propriedade e a produção, foram ou o marido na companhia de algum filho, ou o pai na companhia de algum irmão, ou a mãe (viúvas) na companhia de algum irmão, ou apenas a presença do marido, do pai, do filho, do irmão e, ainda, ou o tio. Outro fato importante é que estas famílias eram compostas pela presença de outros familiares, como irmãos e tios. Por isso, se somados, a frequência total desses ultrapassa a 100%, pois procuramos estabelecer a porcentagem conforme os dados obtidos de quem permaneceu administrando os bens no Paraguai e está permanência abrange mais de um membro da composição núcleo familiar

retorno não gerou mudança na sua categoria de trabalho. Apenas um se tornou funcionário público, mediante concurso público municipal.

Quanto à posse do imóvel, dos 2% que já possuíam seu imóvel (casa e comércio em área urbana), nenhum conseguiu obter os mesmos bens no Brasil. Nesse caso, estão quitando o financiamento do imóvel adquirido no BJSF, que compraram, oferecendo como entrada, o valor do imóvel vendido no Paraguai; b) dos 9% que venderam a propriedade rural no Paraguai, o retorno significou a vinda de 5 famílias em que os maridos acompanharam as esposas, sendo que 6 sujeitos (dos 9%) mudaram de profissão, ou seja, antes se dedicavam ao trabalho agrícola, hoje dois trabalham no setor da construção civil, um como vigia noturno e três como auxiliares de produção em frigoríficos. Dois sujeitos estiveram relacionados ao MST, um deles ainda permanece¹¹¹ no pré-assentamento e o outro retornou, porém trabalha arrendando terras. c) 58 % disseram que quando moravam no Paraguai cooperavam no trabalho no campo, ajudando o marido, os filhos ou os irmãos, portanto, trata-se de uma divisão social familiar do trabalho na terra, o que nos faz perceber a sua origem camponesa, como vimos em Mendras (1978). Como 58% dos que retornaram é composto por mulheres adultas acompanhadas de filhos em idade escolar, percebemos que atualmente (desses 58%) 36% trabalham como diaristas, 14% não trabalham, cuidam dos afazeres domésticos e depende da ajuda financeira do companheiro ou filho que permanece no Paraguai, ou de filhos que já trabalham. 8% trabalham no comércio e na prestação de serviços; d) dos que venderam a propriedade rural (9%), investiram na aquisição da casa no BJSF, porém em todos os casos, ainda estão terminando de quitar as prestações que restam do financiamento.

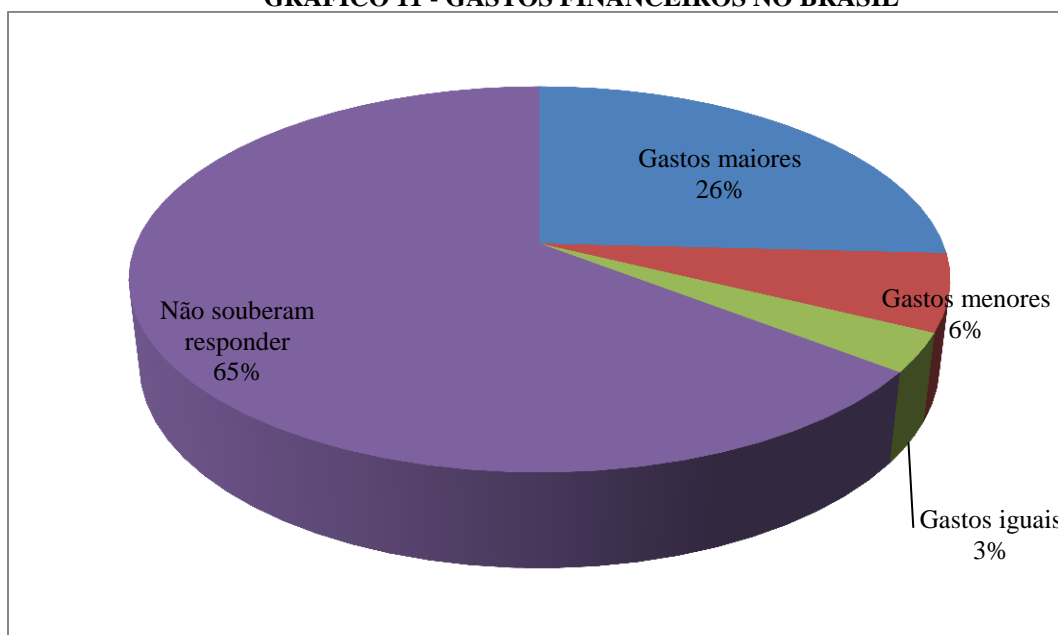
Quanto à renda familiar desses enquanto ainda estavam no Paraguai, somente 4% (dos 6% que residiam na área urbana) disseram que possuíam renda fixa, a qual era

¹¹¹ Trata-se de imigrantes que retornaram do Paraguai em direção ao pré-assentamento de São João no Distrito Rural de São João do Oeste e que de lá migraram para o BJSF. Mas também existe o movimento contrário, ou seja, de imigrante que retornou do Paraguai para o BJSF e que posteriormente migrou para este pré-assentamento. Em entrevista com esse brasiguai, que aqui tratamos de "Pedro", esse retornou do Paraguai após a vinda de seus familiares do Paraguai para o BJSF, onde também foi morar. Um dos seus irmãos, "Jair", que também retornou do Paraguai para o BJSF preferiu morar no Distrito Rural de São "João", onde comprou uma pequena propriedade, permanecendo com suas características socioculturais de camponês. Em sua propriedade, junto dos membros de sua família, produzem alimentos para subsistência. Quanto ao "João", o mesmo morava e trabalhava com familiares em uma propriedade agrícola de um de seus familiares no Paraguai. Quando retornou acompanhou alguns familiares ao BJSF e começou a trabalhar em um frigorífico. Arrepentido, resolveu ir morar com sua família (esposa e dois filhos menores) no assentamento do MST, cujo movimento o direcionou ao pré-assentamento "São João", onde está há seis anos. "João" e "Jair" além de terem morado no BJSF, possuem familiares ainda residindo nesse bairro e também no Paraguai.

determinada pelo salário mínimo do país¹¹², estabelecendo uma renda familiar (que atualmente estaria) em 2.500.00 a 3.500.00 reais. Os outros 2% (dos 6% que residiam na área urbana) argumentaram que dependia do quanto lucravam no comércio (eram proprietários de estabelecimentos comerciais) e definiram uma média entre 5.500.00 a 6.500.00 reais do valor da renda familiar. Já os que residiam na área rural (94%) nenhum especificou precisamente o valor da renda familiar, justificando que dependia da quantidade do que produziam e comercializavam, ou quando conseguiam trabalho, definindo a renda familiar entre 2.500.00 a 3.500.00 reais. Dos que residiam no campo, mas não tinham propriedade rural (11%), apenas 2% declarou que recebiam salários fixos pela função de caseiros ou peão, que nesse caso, especificaram em suas respostas que a média da renda familiar equivaleria aproximadamente entre 1300.00 a 2.500 reais. O restante (dos 11% que não tinham propriedade rural, mas moravam e trabalhavam no campo), 9% não souberam responder.

Procurando estabelecer comparações com as relações socioeconômicas desses sujeitos em relação ao tempo em que permaneceram no Paraguai e estando no Brasil, também inserimos perguntas a respeito da renda familiar no Brasil, envolvendo ganhos e gastos, no gráfico 11 e na condição da renda, no gráfico 12.

GRÁFICO 11 - GASTOS FINANCEIROS NO BRASIL

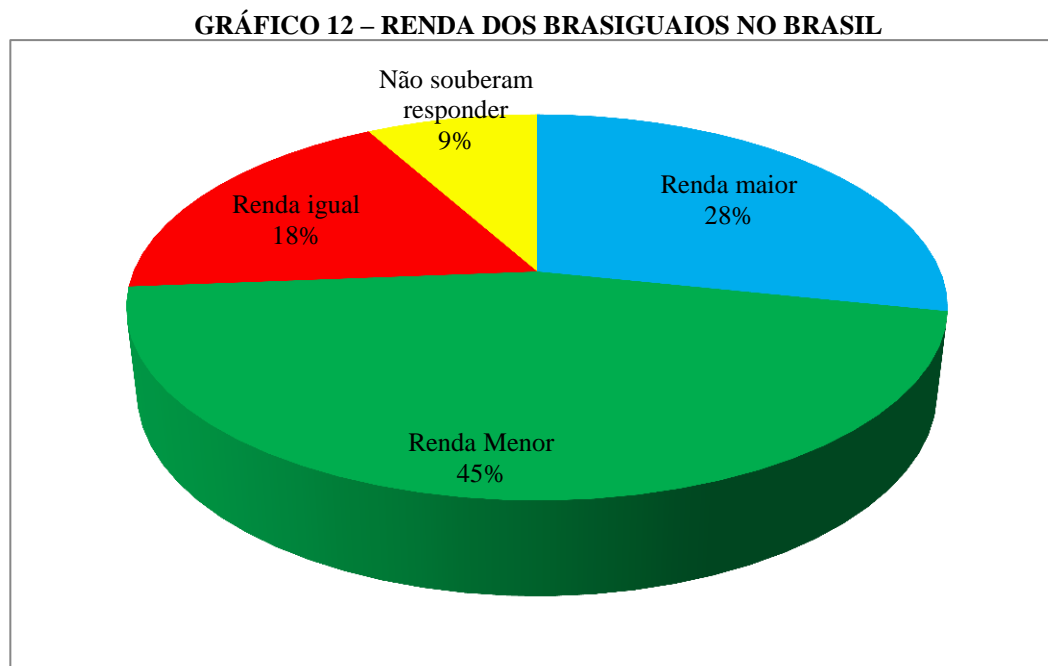


Organização: Pinto (2015).

¹¹² Atualmente o salário mínimo paraguaio é de 1.824.055 guaranis, equivalente a 1.216.00 reais.

Fonte: Pesquisa direta (2015).

Na pergunta, havia um espaço para que os mesmos pudessem trazer informações a respeito dos ganhos e dos gastos. Entre as respostas, notamos que a maioria desses sujeitos considera, que apesar dos ganhos financeiros serem maiores pelos salários, o orçamento é menor (gráfico 12) por conta da necessidade de maiores gastos.



Organização: Pinto (2015).

Fonte: Pesquisa direta (2015).

Também procuramos inserir essas perguntas nas entrevistas, o que nos fez constatar as mesmas informações, como:

Aqui tudo é mais caro. E tudo o que você precisa, tem que ter dinheiro para comprar. Você precisa comprar pra ter o que precisa naquele momento. Lá no Paraguai, as pessoas acham que é ruim, mas não é bem assim. Aqui a gente pode ir no posto de saúde, tem que marcar a consulta, agendar e se precisar você é encaminhado para uma fila de espera para um especialista ou algo mais sério. Pode demorar, mas você consegue de graça. Até os remédios são de graça. Lá no Paraguai não tem isso. Mas é assim. Se você precisa ir em um médico particular, fazer exames, não é caro como aqui. Estes tempos levei minha esposa para uma consulta particular e tive que pagar 320.00 reais pela consulta. Lá seria no máximo 70.00 reais. Então tem isso. Não tem impostos como aqui. E tudo é mais barato. O combustível e os pedágios daqui tomam quase todo seu salário. Só olha o preço de uma casa aqui é compara com lá, ou de um carro (MORADOR BRASIGUAIO 3)¹¹³.

Em outra entrevista, também podemos verificar que:

¹¹³ Entrevista concedida em 16/09/2015, Bairro Jardim Santa Felicidade, Cascavel-PR.

O que você ganha aqui vai tudo para o que você precisa comprar. Lá como a gente produzia, tinha quase tudo que precisava e o que não tinha podia ir comprar. Não sei explicar para você, mas se você recebe seu dinheiro, você consegue ir guardando lá. Aqui é mais difícil, porque tudo é mais caro. Só que aqui você encontra coisas que lá não tem, mas lá também tem coisas que aqui não tem. Lá a gente tinha tudo o que precisava, porque a gente plantava e se não tinha aquilo, conseguia por um melhor preço. Então a dificuldade aqui é dos preços das coisas e de não ter como produzir (MORADORA BRASIGUAIA 4)¹¹⁴.

A partir desses dados, percebemos que o processo migratório, além de promover sentimentos de rupturas com aqueles que ficaram e com o modo de vida que tinham, há também a sensação de perdas materiais e imateriais, pelo afastamento de relacionamentos afetivos de amigos, familiares, trabalho, das perdas materiais como investimentos financeiros, bens e imóveis, bem como, as dificuldades financeiras e até mesmo de poder estarem unidos novamente. Como verificamos em Sayad (2000), Siqueira (2009) e Botega *et al* (2015), constatamos que em todos eles há o elemento da frustração, da preocupação com o que lhe espera, a dificuldade em readaptar-se, ou em ser aceito, conseguir trabalho, etc. Outro fato importante que esses autores trazem e que reconhecemos fazer parte da nossa investigação é que esses possuem um contexto histórico social, acumulam de experiências migratórias seguidas de sentimentos de perdas, expropriações, de rejeição, de enfrentamentos e de frustrações.

Eu muitas vezes choro escondida dos filhos, porque é difícil estar longe e as dificuldades que você enfrenta aqui é pior sem o amparo do marido. Além de você perceber que as pessoas não tratam bem você e seus filhos, aqui você não tem a quem socorrer, porque nem os vizinhos quase te cumprimentam. É difícil! Lá você "ia em" qualquer lugar, as pessoas te cumprimentavam. No começo até podia não ser assim, mas com o tempo as pessoas se acostumam com você, percebem que não somos piores e nem melhores que eles e então tudo fica mais fácil. Aqui já estou quase 9 anos e meus vizinhos não me olham direito. Lá se carneavam o porco, o vizinho te trazia. Se faziam uma comida, você chegava e te colocavam um prato para você comer. Você podia ir na igreja as pessoas conversavam. Eu nunca ouvi um paraguaio me apontando o dedo ou me esnobando porque eu era brasileira e aqui tem isso. A tarde a gente sentava em frente em casa e ali vinham os amigos brasileiros, paraguaios e todo mundo se respeitava. Parece aqueles tempos antigos que aqui não se tem mais. Não vou mentir para você que as vezes a gente passa dificuldade e faltam coisas e para quem você pode pedir? (MORADORA BRASIGUAIA 4)¹¹⁵.

¹¹⁴ Entrevista concedida em 15/09/2015, Bairro Jardim Santa Felicidade, Cascavel-PR.

¹¹⁵ Entrevista concedida em 15/09/2015, Bairro Jardim Santa Felicidade, Cascavel-PR.

Enfim, o processo de migração é imbricado a enfrentamentos e dificuldades de assimilação, da adaptação ao que lhe é estranho, como a língua, os hábitos alimentares, os hábitos sociais e outros elementos de representações identitárias e desse ser aceito, estigmatizantes, assim, o período de imigração de retorno dos brasiguaios pode ser compreendido pelas razões que Fabrini (2012a; 2012b; 2014), Coelho e Fabrini (2013), Coelho (2015), Moraes e Vieira (2015) nos mostraram, ou seja, pelo posicionamento político-econômico do Paraguai em cooperação com os Estados Unidos, idealizando aquela estrutura camponesa em agroexportadora, conferindo às multinacionais, como a *Monsanto*, *Bunge* e *Cargill*, bem como, aos latifundiários "brasileiros no Paraguai" vantagens de operarem como atores socioterritoriais, que em seu benefício os camponeses paraguaios e brasiguaios são expropriados pelo uso de violência de pistoleiros, de idealizações negativas e deturpadas dos brasiguaios como sendo responsáveis pelos danos ambientais e sociais no campo, como sendo "invasores", "imperialistas" e, assim, repercutindo no processo de imigração.

Compreendemos que de 1995 a 2008 as imigrações seguem um padrão comportamental por esses elementos que levantamos acima, tanto pelos questionários, como pelas revisões bibliográficas. Já a respeito do intervalo que ocorre, entre 2008 a 2012, entendemos que a ruptura do fluxo migratório (pelo menos da nossa amostragem, 66 famílias de brasiguaios moradores do BJSF) ocorreu devido a ascensão do governo "*Lugo*", que para Fabrini (2014) e Moraes e Vieira (2015) embora não tenha conseguido realizar maiores avanços devido ao posicionamento contrário do Congresso e dos latifundiários, tenha gerado um sentimento de representação política de apoio aos camponeses brasiguaios e paraguaios¹¹⁶.

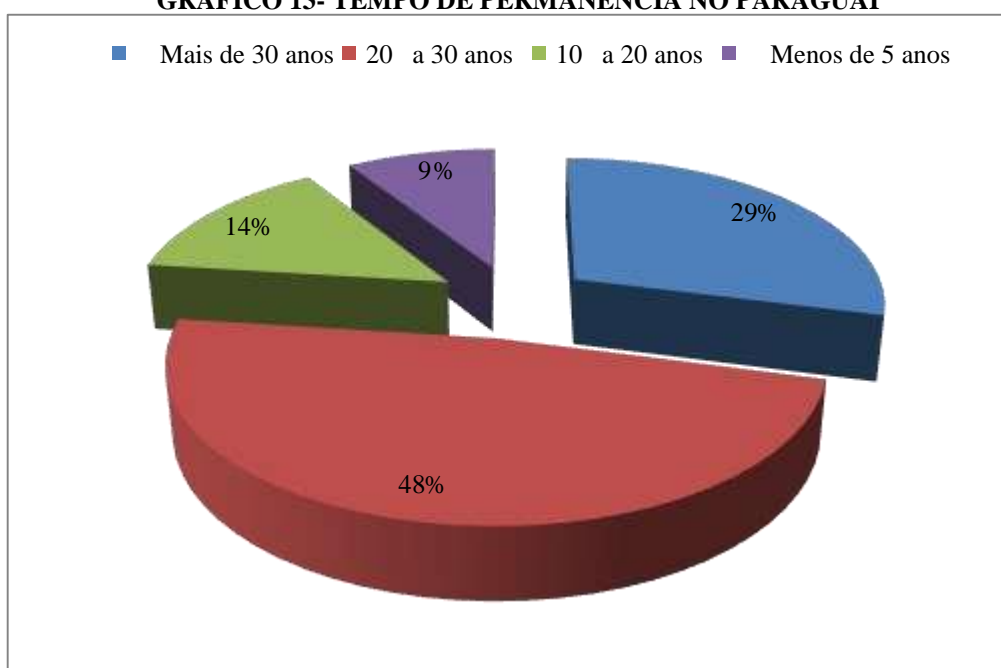
A respeito do que passa a ocorrer após o "*impeachment*" do presidente "*Lugo*" entendemos que a imigração de retorno volta a ocorrer em razão ao atual posicionamento político que Moraes e Vieira (2015) nos mostraram, para eles o governo tem se posicionado a favor ao agronegócio. Além dessa hipótese levantada por nós, acreditamos que a crise econômica mundial também tem interferido para que brasiguaios procurem o Brasil por sua maior estabilidade econômica e de serviços prestados à população.

Com relação ao tempo em que esses viveram no Paraguai, gráfico 13, acreditamos que o processo histórico-social seja o principal elemento responsável para a construção da identidade sociocultural desses sujeitos. Como vimos em Vygotsky (1994;

¹¹⁶ É importante lembrar que quando nos referirmos aos camponeses paraguaios, incluímos as comunidades tradicionais daquele país como os indígenas que também lutam pela resistência e pela posse da terra.

1998), Woodward (2000), Baptista (2002), Marandola Junior e Dal Gallo (2010) e Silva (2011) os elementos que formam a identidade de um grupo social só podem existir mediante a interação psicossocial em que esses possuem com espaço histórico-geográfico vivido, no qual os sujeitos internalizam as experiências, conferindo-lhes cargas de signos, significados, de sentidos e sentimentos e, utilizando-as como código de elementos simbólico-socioculturais e, fazendo dessas, as suas representações identitária de grupo ou classe social.

GRÁFICO 13- TEMPO DE PERMANÊNCIA NO PARAGUAI



Organização: Pinto (2015).

Fonte: Pesquisa direta (2015).

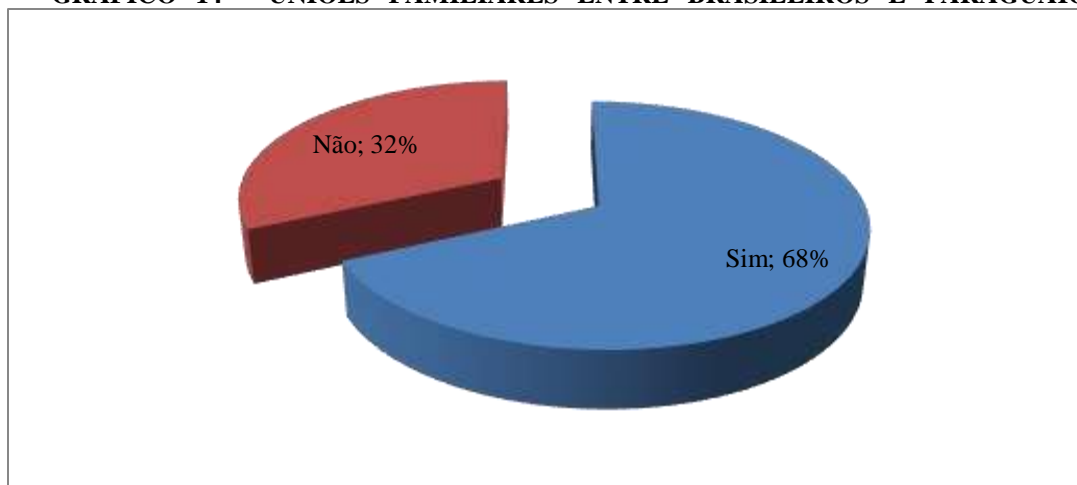
Entendemos que o tempo de permanência dos brasiguaios no Paraguai lhes aproximou de relações sociais mais significativas, como entre aqueles que moravam na mesma comunidade, ou com aqueles que trabalhavam, estudavam possibilitando, assimilarem seus aspectos socioculturais. Outro fato importante é que os brasiguaios criaram laços não só de amizade, mas também, relacionamentos conjugais com paraguaios. Neste sentido, os brasiguaios tiveram maior familiaridade e assimilação com o modo de vida paraguaio, que como vimos em Ferrari (2009), Fabrini (2012a; 2012b; 2014), Coelho e Fabrini (2013) e Coelho (2015) a respeito dos "brasileiros no Paraguai", este segundo grupo não pode ser considerado de brasiguaios porque não vivenciam e não

internalizam os aspectos socioculturais daquele país e, por isso, não tem consigo seus elementos simbólicos representativos e nem os sentimentos de pertencimentos que os brasiguaios possuem, portanto, se tratam de grupos identitários antagônicos não só pelo aspecto político-econômico, mas também pela dimensão sociocultural.

Os "brasileiros no Paraguai" possuem imóveis, empresas, negócios no Paraguai e, mesmo que residam naquele país, não permanecem nele. Seus filhos estudam em escolas especializadas para brasileiros, participam de grupos sociais com maior número majoritário de brasileiros e a maior parte desses continua no Brasil. Portanto, o Paraguai é apenas um território no qual possuem negócios e compromissos financeiros. Suas relações sociais se militam a grupos restritos e não realizam interação sociocultural com o espaço histórico-geográfico.

Constatamos que as redes sociais formadas por aqueles que permanecem no Paraguai e os que estão no BJSF serve de apoio e de manutenção das representações simbólico-socioculturais aos que residem no BJSF, pois através das relações sociais entre esses diferentes sujeitos, os que se encontram em situação de subalternização e de dominação pelo grupo majoritário (os brasileiros), sentem-se mais fortalecidos com aqueles que permanecem no Paraguai. O contato entre esses sujeitos permite que os brasiguaios residentes no BJSF sempre recebam estímulos das suas representações simbólico-culturais, como percebemos acontecer em um trabalho de campo, cujo momento de entrevista a moradora brasiguaiia mostrou álbuns musicais de "*guaranias*" e um pacote de erva para "*tereré*" que o pai dela trouxe naquela semana do Paraguai, onde esse reside. Ao analisarmos a estruturação familiar desses sujeitos, observamos que os mesmos ainda possuem relações com familiares residentes no Paraguai e que lá se territorializaram e, assim, mantém relações que lhes (os brasiguaios do BJSF) permitam conservar suas referências identitárias.

Entre os elementos que nos faz ter estas percepções são as uniões conjugais entre brasileiros e paraguaios, gráfico 14.

GRÁFICO 14 - UNIÕES FAMILIARES ENTRE BRASILEIROS E PARAGUAIOS

Organização: Pinto (2015).

Fonte: Pesquisa direta (2015).

O enunciado da questão "Alguém da família casou-se com paraguaio?" Ela trazia duas opções para assinalar, como sendo "sim", ou "não". Nesta questão havia a orientação para aqueles que optassem pelo "sim", responder duas perguntas sobre quem teria casado e se teriam tido descendentes nascidos no Paraguai. Também constava para aqueles que optassem pelo "não" em respondê-las caso tivesse tido união com paraguaio (a), seguido de divórcio e filhos de relações extraconjugais. No caso não obtivemos sujeitos que assim se configurassem.

Identificamos que destas uniões (68%), 55% eram homens brasiguaios que se uniram com paraguaias e 45% brasiguaias que se casaram com paraguaios e ao questionarmos qual seria o membro da família que teria realizado essa união, percebemos que dos 68% dos 66 representantes das famílias que aplicamos os questionários: a) 24% dos 68% que responderam (tanto homens, como mulheres brasiguaios que nos responderam os questionários) os questionários eram casados com paraguaios; b) 11% dos 68% tinham os pais casados com paraguaios; 26% dos 66% tinham irmãos casados com paraguaios; d) 44% dos 68% tinham filhos casados com paraguaios.

Quanto quem dos 66 representantes que responderam os questionários, que emigraram com o total de 284 membros na constituição da família, com os nascidos no Paraguai, o número subiu para 405, no total de 52 filhos, 57 netos e 12 bisnetos nascidos no Paraguai. Um exemplo disso é com uma das famílias a quem nos concederam questionários e entrevistas, figura 4.

FIGURA 4 - FAMILIARES BRASIGUAIOS QUE RESIDEM NO BJSF E NO PARAGUAI

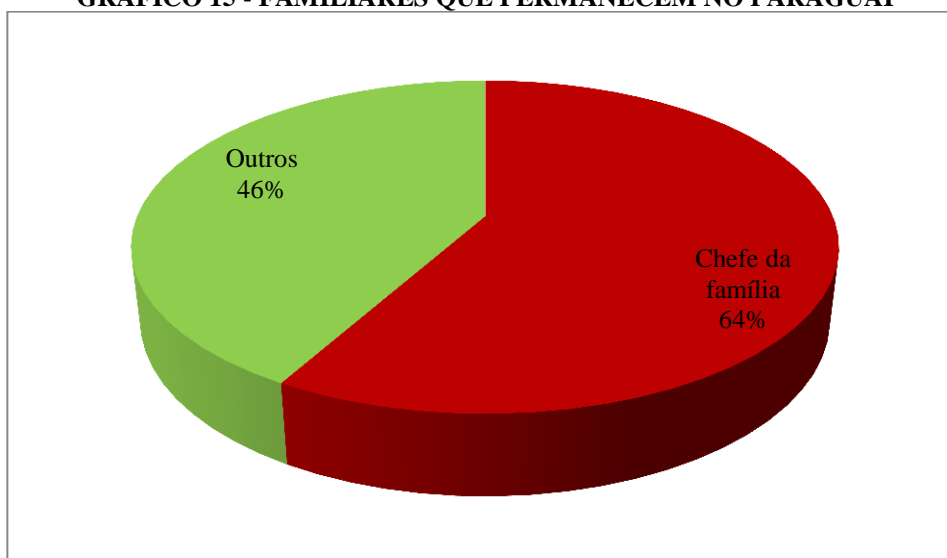


Fonte: Arquivo pessoal de Ana Lucia Anacleto Mendonza, 2012.

Registro pessoal de Ana Lucia Mendonza Anacleto, comemoração do aniversário de um membro da família. Entre os que aparecem na foto, 14 são nascidos no Paraguai que retornaram, mas da sua família ainda há o pai e o irmão, além de tios e primos. Seu pai emigrou em 1975 para o Paraguai, onde cultivava produtos para subsistência e algodão para comercializar. Seu pai teve que pagar duas vezes pelo título da terra, pois na primeira vez foi enganado pelas companhias de imigração. Após o falecimento da mãe, Ana e alguns de seus irmãos retornaram para Cascavel, onde a maioria reside no BJSF.

Em todas as 66 famílias que selecionamos para realizar nossas investigações, constatamos que eles ainda possuem familiares que permaneceram residindo no Paraguai estabelecendo conexão entre os que vivem no Paraguai, gráfico 15.

GRÁFICO 15 - FAMILIARES QUE PERMANECEM NO PARAGUAI



Organização: Pinto (2015).

Fonte: Pesquisa direta (2015).

Para melhor apresentar as informações coletadas nos questionários aplicados para os 66 representantes das famílias de brasiguaios residentes no BJSF, procuramos agrupar as informações em dois grupos. O objetivo da pergunta era identificar quais membros da família permaneceram residindo no Paraguai. Na

pergunta havia várias opções para que identificassem os membros da família, entre eles pai/marido, esposa/mãe, filhos, tios e irmãos. Desta forma, agrupamos pai/marido e esposa/mãe como sendo “chefe da família” e as opções filhos, tios e irmãos foram agrupados como “outros”.

Entre os motivos que apresentaram para que seus familiares tenham permanecido no Paraguai, a) 42% dos que ficaram não quiseram imigrar porque consideravam suas condições de vida no Paraguai, com sendo favoráveis; b) 27% justificaram que seus familiares lá (Paraguai) permaneceram porque continuam trabalhando; c) somando os membros da família que foram identificados como residentes (que não retornaram) no Paraguai, chega a 175%. Isto aconteceu porque assinalaram mais de uma ocorrência, nos fazendo perceber que estes possuem mais de um membro que não quiseram retornar ao Brasil e entender que estes permaneceram para administrar a propriedade e a produção agrícola naquele país. Além disso, trata-se de famílias estendidas, nas quais tios e irmãos têm auxiliado estas famílias a administrarem suas propriedades e produção no Paraguai. Lembrando que o (dos 64% dos chefes de famílias) índice de 6% de permanência de mulheres só ocorre devido o fato de essas serem viúvas e serem responsáveis pela administração dos bens no Paraguai. Nas nossas pesquisas certificamos que em relação ao sentimento de insegurança que ocorre entre os brasiguaios residindo no Paraguai, as imigrações de retorno têm se caracterizado pela vinda das mulheres (46%) e filhos com baixa faixa etária. Em poucos casos a irmã ou filha permaneceu no país.

Como já explicamos, em Sayad (2000), Siqueira (2009), Botega *et al* (2015), Vale *et al.* (2005), Marandola Junior e Dal Gallo (2010) compreendemos que a fragmentação familiar é outro fator que promova entre esses sujeitos o sentimento de ruptura, de perda e de conflito. Por outro lado, como nos mostrou Haesbaert (1997a; 1999b; 2003; 2004c; 2007; 2014) e Saquet (2002; 2004a; 2007b; 2008) a conexão que se estabelece entre ambos os grupos familiares, não une apenas as suas relações familiares, mas também, ambas as realidades, ou seja, o Bairro Jardim Santa Felicidade com aquela em que esses pertenciam antes de retornarem ao Brasil.

São conexões que permitem manter a coesão dos elementos simbólicos identitários dos brasiguaios, mesmos que esses não estejam no Paraguai e mesmo que não sejam aceitos no BJSF. O que nos faz concordar com Kuper (2002) é que através da aproximação das suas referências identitárias esses conseguem o "conforto da alma" e

Haesbaert (1997a), a territorialidade inundada de elementos simbólico-sociocultural, tem a em sua dimensão, o aspecto do pertencimento, como o "aconchego".

Nestas conexões percebemos que, como nos mostrou Haesbaert (2014) sobre o "*Continuum*" as múltiplas dimensões (político, econômico e sociocultural) das relações permitem o processo da configuração dessa territorialidade dos brasiguaios e, assim, da sua identidade.

Como já debatemos através de Haesbaert (2014) e Saquet (2007a), esses processos estabelecem pelas redes sociais entre os imigrantes, contribuem para a conexão de territorialidades e de identidades, permitindo, assim, que haja a sobreposição de diferentes elementos simbólico-socioculturais, o que para nós corresponde com o processo da construção da identidade brasiguai.

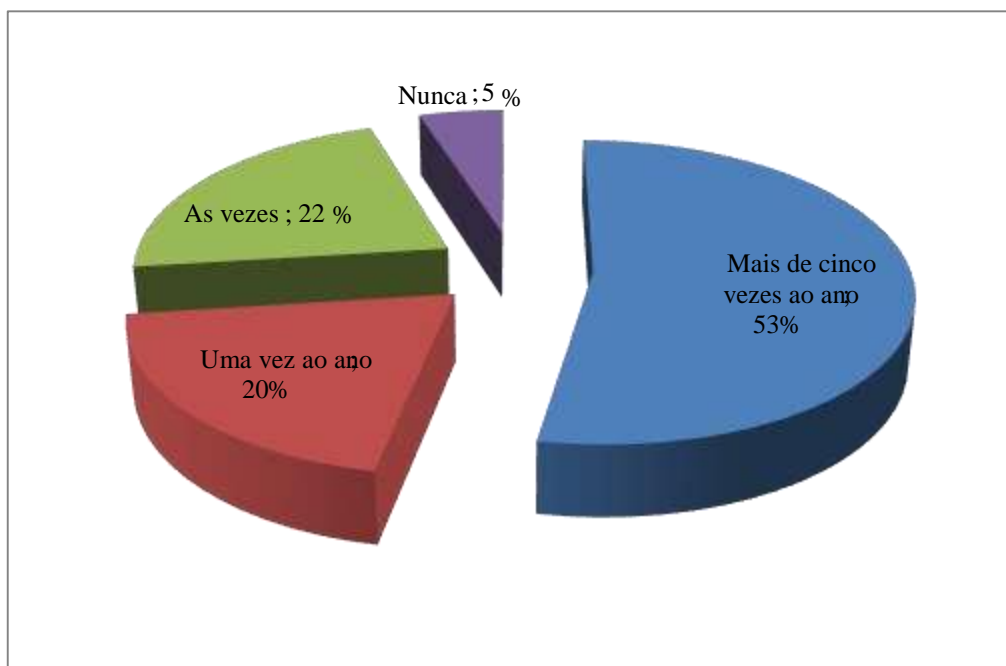
Nos aspectos políticos das redes sociais que encontramos, por exemplo, casos de brasiguaios que viajam para o Paraguai para participarem do processo eleitoral daquele país (apêndice 5), ou como nos revelou em entrevista "Quando quiseram tirar o presidente Lugo eu fui com meu sobrinho para manifestar. Lá em Santa Rita tinha muita gente a favor dele e eu fui contra o que fizeram. Foi errado" (MORADORA BRASIGUAIA 4).

Na dimensão econômica, além do que já apresentamos sobre 72% desses sujeitos ainda terem propriedade agrícola naquele país e, portanto, relações produtivas e comerciais, eles também realizam remessas financeiras para seus familiares para o Brasil. Notamos que 61% dos que vivem no BJSF recebem ajuda financeira dos seus familiares que ficaram no Paraguai.

Na dimensão sociocultural, além da comunicação que existe entre eles, também mostraram que sempre viajam ao Paraguai para visitar seus familiares e amigos, gráfico

16.

GRÁFICO 16 - FREQUÊNCIA DE VIAJEM AO PARAGUAI PARA VISITAS DE FAMILIARES E AMIGOS



Organização: Pinto (2015).

Fonte: Pesquisa direta (2015).

No gráfico 16 procuramos observar sobre as relações que se estabelecem entre os que retornaram e os que permaneceram no Paraguai. A questão pedia para sinalizar as opções “mais de cinco vezes ao ano”, “as vezes”, “uma vez ao ano” e “nunca”. Também havia outra pergunta, cujo objetivo era compreender a frequência dos que residem no Brasil recebem os familiares que permaneceram no Paraguai, cujas respostas foram: a) 48% os recebem mais de 3 vezes ao ano; b) 24% os recebem pelo menos uma vez ao ano; c) 20% os recebem as vezes; d) 8% os recebem todo mês e não houve sinalização na opção "nunca". Em ambas as perguntas, podemos concluir que há uma relação entre ambas as territorialidades, pois os sujeitos que aqui estão e os que lá permaneceram estão envolvidos constantemente se conectando e, assim, formando uma rede social de relações multidimensionais (política, econômica e sociocultural), o que nos leva a entender na troca de elementos simbólicos socioculturais e que servem para que, os que aqui estão, reproduzam suas representações.

No mapa 4 representamos a procedência dos brasiguaios que hoje residem no BJSF, os quais retornaram de diferentes Municípios e Departamentos paraguaios. A direção dos fluxos migratórios é indicada pelas setas em vermelhas, as quais indicam onde esses viviam em direção ao município de Cascavel, mais precisamente ao Bairro

Jardim Santa Felicidade, onde esses procuram resistir aos processos de legitimação e subalternização praticados pelos já estabelecidos.

MAPA 4 – IMIGRAÇÃO DE RETORNO DO PARAGUAI PARA CASCAVEL

As setas em vermelho também esclarecem a existência de redes sociais construídas por esses imigrantes e que conectam com os familiares estabelecidos no Paraguai. Entendemos na perspectiva da continuidade que estas conexões com diferentes sujeitos, territorialidades e dimensões sociais lhes permitem reterritorializar. Mesmo mediante aos processos de subalternização, de dominação, de legitimação, de demonstrações de não aceitação com atitudes sofridas pelo preconceito, discriminação, *bullying*, estigmatização social e pela violência, os mesmos encontram nessa continuidade multidimensional a possibilidade de resistir a tudo isso e, assim, apropriar-se de sua territorialidade imaterial por meio das suas representações socioculturais.

As setas em amarelo também reforçam a continuidade que esses possuem com seu passado camponês. Tanto as conexões que esses possuem entre o Bairro Jardim Santa Felicidade e o Distrito de São João do Oeste, como aos Municípios paraguaios, onde moram seus familiares, há uma conexão com sua origem camponesa. São essas evidências que nos fazem perceber o meio em que os elementos simbólicos socioculturais do Paraguai ainda permanecem reafirmando as suas experiências vividas e internalizadas, enquanto viviam naquele país e que representam sua identidade brasiguai no BJSF.

Entendemos que o processo de migração de retorno dos brasiguaios é fundamentalmente coletivo, envolvendo e estruturando uma rede social pela conexão de diferentes sujeitos (paraguaios, brasiguaios residentes no Paraguai, brasileiros e brasiguaios residentes no Brasil), escalas (a territorialidade que possuíam no Paraguai e a que agora reconstróem), tempos (as lembranças do passado responsáveis pelo seu presente), bem como, dimensões e aspectos políticos, econômicos e socioculturais que esses estão submetidos. Constatamos que os brasiguaios vivenciam estas dimensões em ambos os países e, portanto, são atores sociais em ambos.

Em complemento a essas revisões, também tivemos outras bibliografias que nos ajudaram a compreender os brasiguaios do BJSF envolvidos nesses processos multidimensionais e em conjunção com os que permaneceram no Paraguai e esses que residem no BJSF. Observamos que a formação das redes sociais é uma das implicações geradas pelo processo emigratório dos brasileiros ao Paraguai e que elas contribuíram

significativamente para redimensionar os elementos simbólico-socioculturais entre ambos os países, seja por motivos econômicos, políticos e sociais. Essas conexões entre diferentes territorialidades, temporalidades e dimensões sociais em conjunção com suas experiências vividas, permitiram que esses sujeitos (brasiguaios) mantenham suas referências identitárias (no BJSF), mostrando-se resistentes ao processo de legitimação do grupo majoritário, já estabelecidos.

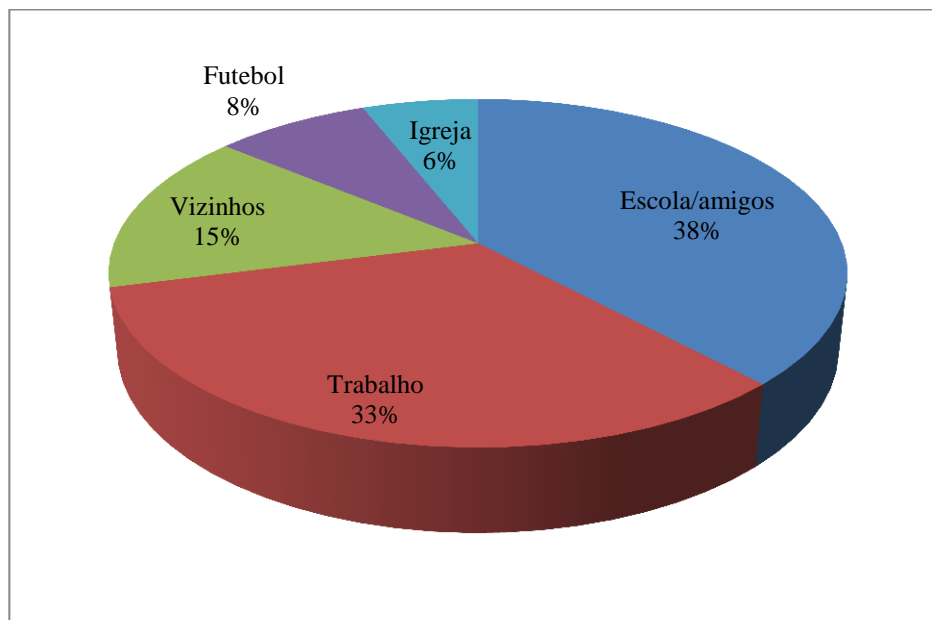
Em relação como esses sujeitos se reconhecem, 11% disseram se identificar como sendo brasileiros, 14% como sendo paraguaios e 75% como brasiguaios.

Para compreendermos essas relações conflitantes entre os dois grupos, organizamos nosso roteiro de entrevista, com questões para que pudéssemos refletir sobre como os brasiguaios têm sido recebidos pelos já estabelecidos e, ao mesmo tempo, no mesmo propósito, aplicamos entrevistas aos brasileiros¹¹⁷ moradores do BJSF e para os profissionais da educação do CJSF, bem como, seus estudantes de ambos os grupos de representações identitárias, isto é: brasileiros e brasiguaios.

Os 66 que responderam o questionamento sobre em que ambiente ou ocasião sentem algum tipo de indiferença, preconceito e *bullying*, percebemos que as manifestações mais cotidianas se estendem das relações de amizade e ambiente de escola, seguido das relações do trabalho, que se configuram como sendo os espaços em que os brasileiros mais manifestam algum tipo de aversão aos brasiguaios, gráfico 17.

GRÁFICO 17 - LUGARES QUE MAIS OCORREM MANIFESTAÇÕES DE AVERSÕES PELOS BRASIGUAIOS NO BJSF

¹¹⁷ Foram 8 entrevistas aplicadas com brasiguaios e o mesmo número com brasileiros residentes no B.J.S.F, sendo quatro para o sexo masculino e quatro femininos. Quanto os brasileiros, muitos se mostraram ríspidos. Uma das entrevistas foi interrompida por ter chegado familiares e a pessoa quis parar. Quando a procurei para continuar, a mesma, disse que estava sem tempo e não consegui mais contatá-la.



Organização: Pinto (2015).

Fonte: Pesquisa direta (2015).

Oferecemos questão aberta para que os 66 membros representativos das famílias de brasiguaios indicassem as formas percebidas por eles de manifestação desse tipo de comportamento. Organizando as respostas, obtivemos tais amostras: xingamentos, insultos, desmoralização, pichações, acusações injustas, violência verbal, violência física, perseguição e isolamento social.

Nessa mesma ordem de informações, temos alguns relatos obtidos nas entrevistas que realizamos aos moradores do bairro e estudantes do colégio que mostram esses incidentes que definimos como práticas de preconceito, *bullying* e estigmas sociais.

No meu trabalho, somos em uns quinze internos. Cada um tem uma função pelo setor. No meu setor somos em três. O que acontece? E não adianta falar para o supervisor, ou gerente, para o dono porque não fazem nada. Lá todos somos colegas. A gente sai para tomar uma cerveja ou refrigerante no fim da tarde. Mas quando tem alguma coisa errada na empresa, a primeira pessoa que é acusada sou eu. E falam coisas do tipo "tinha que ser o brasiguai", "foi o paraguaio", "foi o *chiru*", "foi feito *made in Paraguai*" e essas coisas. Não gosto quando passam e dão "begas" na cabeça e falam estas coisas. Isto não acontece com os outros. Eu não posso falar às vezes uma palavra que já dizem para eu falar em português porque estou no Brasil. Mas eu nem sei se to falando. Acho que misturo as palavras. Quando eu fui explicar para o supervisor o que acontecia ele me disse que eu estava querendo prejudicar os colegas e que eles faziam aquilo na brincadeira. Então nunca mais eu falei. E fico com eles "e tal", mas eu me cuido para não ser xingado, ainda mais quando a gente vai "na" lanchonete lá perto (MORADOR BRASIGUAIO 7)¹¹⁸.

¹¹⁸ Entrevista concedida no dia 15/03/2015, Bairro Jardim Santa Felicidade, Cascavel-PR.

Em outro relato realizado por uma aluna do colégio¹¹⁹ também podemos verificar estas evidências:

Quando eles vão fazer os trabalhos (colegas) eu percebo que eles não me chamam. Eu sempre fico isolada. Eu acabo fazendo sozinha, ou os professores me colocam em algum grupo e eu acho pior, porque dá impressão de que sou uma boba, ou uma coitadinha. Não é orgulho da minha parte. Mas é que eu sei que eles não vão me dar atenção como faz com os outros. E no intervalo acontece isso também. Já me cuspiram quando eu passava e disseram para mim "volta para o mar oferenda, volta para o Paraguai" (ESTUDANTE BRASIGUAIA)¹²⁰.

Em relação aos brasileiros residentes do bairro, das oito entrevistas, notamos que a proximidade desses com os brasiguaios é reduzida, ou seja, não possuem relações de amizade ou de solidariedade entre eles. Além disso, também identificamos elementos que demonstram sentimentos de superioridade e de desconfiança em relação aos mesmos.

Trazemos duas falas significativas desses sujeitos:

Eu não tenho nada contra eles. Só não gosto que meus filhos fiquem junto com os filhos deles. Eu sei que dá muita confusão. Quando a gente vai ao Paraguai, você percebe que não dá para confiar. E eles vêm de lá. O que você vai pensar? Ainda mais no mundo de hoje. É droga, contrabando, pirataria. Tudo o que não presta. Então é por isso que eu não gosto mesmo [...] Não. Eu só fui ali onde faz compra. Mas já dá para saber como é. É como meu pai dizia, eles para lá e a gente para cá e pronto (MORADOR BRASILEIRO 1)¹²¹.

Eu tenho minhas dificuldades com eles, mas procuro não tratar mal. Só que eu acho estranho o jeito deles. Não é igual a gente. Quando teve novena e a gente foi na casa deles, tinha umas coisas diferentes na casa. E a mulher fez aquela "cuca salgada". Estava seca demais. Eu comi um pedaço e pronto. Todo mundo ficou falando. Eu sei que é coisa lá do Paraguai [...] mas se gostam tanto, porque não ficaram lá? Podiam ter ficado lá. Eu acho que eles seriam mais felizes lá (MORADORA BRASILEIRA 2)¹²².

Teve uma vez que eles formaram um grupo e queriam participar do campeonato de futebol pela associação do bairro que a gente faz lá no clube dos tenentes. Todo mundo foi contra. Eu penso assim, se eles querem formar um time de futebol para competir com a gente, já começa por aí. Isso não dá

¹¹⁹ Aplicamos seis entrevistas para educandos de origem brasileira e brasiguaiia, sendo três para estudantes de cada sexo.

¹²⁰ Entrevista concedida em 20/11/2015, Bairro Jardim Santa Felicidade, Cascavel-PR.

¹²¹ Entrevista concedida em 18/09/2015, Bairro Jardim Santa Felicidade, Cascavel-PR. Quando o morador disse ter ido ao Paraguai, o mesmo se referiu a *Ciudad del Est*.

¹²² Entrevista concedida em 18/09/2015, Bairro Jardim Santa Felicidade, Cascavel-PR. Pelo que podemos entender a "cuca salgada", seria a "*sopa paraguaya*".

certo. Porque aqui é Brasil e não Paraguai. Como eles queriam vestir uma camisa dizendo que eram brasiguaios? Eles não participaram do campeonato porque a gente não permitiu. A gente falou para eles se eles quisessem participar do campeonato teriam que formar um time sem isto de ser do Paraguai (MORADOR BRASILEIRO 3)¹²³.

Na reunião do setor do bairro a gente pode votar porque umas pessoas foram atrás do coordenador e do padre e disseram que tinham que votar para fazer esta gruta deles. A nossa capela é de Nossa Senhora de Fátima e a paróquia é Nossa Senhora Rainha dos Apóstolos, então se fosse para construir uma gruta tinha que ser destas santas e não da que eles querem. Faz então de Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil. Não tem por onde fazer isso. O Brasil está vivendo uma anarquia e a gente está deixando isso acontecer. A gente precisa proteger o que é nosso e se você prestar atenção, sempre foi assim. O Paraguai sempre quis tomar o que é nosso, não é? Você que é professor sabe disso. Por que eu falo isso? Olha, eu sou brasileira e você também, então a gente precisa saber disso e proteger nosso país. Eles não são brasileiros. Se fossem não iam pedir para fazer uma gruta da santa do país deles. Eles que rezem para ela em casa. Santo é tudo igual. Mas não é isso. O negócio é de eles quererem mostrar que pegar o que é nosso. E o que vai ser se aqui virar um Paraguai? Não dá para deixar! (MORADORA BRASILEIRA 4)¹²⁴.

Nas nossas entrevistas, outro caso que nos chamou atenção foi o da "Joana", que por não ser aceita pelas demais jovens do bairro, passou por difamações, que a definiam como prostituta. "Joana" nos revelou que, em uma ocasião, duas mulheres a esperavam na rua e a agrediram¹²⁵.

Quanto aos estudantes brasileiros nos seis questionários, as suas falas eram mais concisas, talvez por saberem que se trata de uma pesquisa realizada por um dos professores do colégio. As entrevistas mostram uma aproximação de opiniões entre o que consideram sobre os brasiguaios, como: "eles são mais lentos", "são divagar", "são quietos", "não se misturam", "falam enrolado".

Eu tenho amigo brasiguai. Estuda na mesma sala que eu. Mas eu sei que eles não se misturam, não são de falar muito e às vezes eles misturam as palavras e todo mundo ri. Não entendem direito as matérias. Mas não esse meu amigo ele é muito bom na matemática e joga bola muito bem. As meninas são estranhas. São quietas demais. Quando a molecada "arma" para eles, eu não me envolvo. Mas tem isso sim. O pessoal "arma" para os professores brigar com eles. Sempre acontece. E as meninas já bateram na "MARIA". Disseram que era para por ela no lugar dela, mas eu acho que é ciúmes porque ela é elogiada pela professora (ESTUDANTE BRASILEIRO 1)¹²⁶.

¹²³ Entrevista concedida em 17/09/20015, Bairro Jardim Santa Felicidade, Cascavel-PR.

¹²⁴ Entrevista concedida em 16/09/2015, Bairro Jardim Santa Felicidade, Cascavel-PR.

¹²⁵ As agressoras acreditavam que "Joana" estava tendo um romance com o marido de uma delas, o que, segundo a jovem, era mentira. Entrevista concedida em 15/03/2015.

¹²⁶ Entrevista concedida em 20/11/2015, Bairro Jardim Santa Felicidade, Cascavel-PR. Substituímos o nome da aluna mencionada por "Maria" que, aqui, é um nome fictício.

Com relação aos profissionais da educação¹²⁷ do CJSF os mesmos reconhecem que os brasiguaios são vítimas de violência, de *bullying*, de preconceito e de estigmatização, como nos mostra o "profissional da educação":

Eu já vi muito aluno brasiguaiio sendo humilhado pelos os outros estudantes, mas antes era pior. Acho que agora está mais tranquilo até. Mas já teve aluna que foi apedrejada, que apanharam dentro e fora da escola, de fazerem desenhos e colarem no banheiro, faziam fofocas e difamavam mesmo eles [...] fora as piadas que sempre acontecem. A gente tenta explicar, dizer que é errado e que isso não pode (PROFISSIONAL DA EDUCAÇÃO 1)¹²⁸.

Na seção anterior há menção à trabalhos¹²⁹ semelhantes a esses que mostram como os brasiguaios tem sofrido situações de preconceito, *bullying* e estigmatização social.

Além disso, debatemos a respeito dos elementos que envolvem essas manifestações de repulsa. Entendemos que o *bullying*, a estigmatização, o preconceito e toda forma de violência aos brasiguaios só denotam como os brasileiros se compreendem em relação aos paraguaios e brasiguaios.

Em todas estas falas que aqui trouxemos, seja dos moradores brasileiros do BJSF, como dos estudantes brasileiros do CJSF e do profissional da educação, constatamos: a) opiniões formadas por preconceitos, como o caso de conferir ao Paraguai a imagem da área comercial de *Ciudad del Est*, sem mesmo conhecer outros bairros dessa cidade e o restante do país. Ou do preconceito em atribuir o contrabando de drogas, do comércio ilegal, da pirataria às pessoas; b) preconceitos e *bullying* definidos por sentimentos de superioridade, rejeitando e inferiorizando os elementos simbólicos do Paraguai e, assim, dos brasiguaios, como vimos no caso dos hábitos, da culinária, do jeito de agir e do modo de falar; c) elementos de estigmatização social em afirmações que não poderiam se envolverem com os brasiguaios, ou do caso das fofocas, dos desenhos colados no banheiro da escola; d) violência física e verbal; e) perseguições e isolamento social.

¹²⁷ Foram seis os profissionais da educação, sendo quatro professores e dois pedagogos.

¹²⁸ Entrevista concedida em 20/11/2015, Bairro Jardim Santa Felicidade, Cascavel-PR.

¹²⁹ Entre os trabalhos realizados nesta temática, podemos indicar Albuquerque (2003; 2005; 2009; 2010), Santos (2004), Ferrari (2007; 2009), Ledesma e Grassi (2008), Dalinghaus (2009), Costa (2009), Fiorentin (2009), Pinto e Tristoni (2008; 2010), Priori e Klauk (2010), Gonçalves (2011), Colognese (2012), Mossmann e Tristoni (2011; 2012), Schlosser e Frasson (2012), Riquelme (2013), Tristoni (2013), Zdebski (2014), Baller (2014).

Além disso, constatamos que não se trata apenas da recusa em não querer ver as demonstrações simbólico-socioculturais dos brasiguaios, mas, também, ações organizadas para que esses não consigam materializar suas marcas identitárias, como no caso do impedimento da equipe de participarem do campeonato de futebol, no qual representaria a origem desses sujeitos (brasiguaios), como também, na construção da gruta dedicada à Nossa Senhora de Caacupé. Nas justificativas desses sujeitos é possível verificar a presença de sentimentos de superioridade em relação ao Paraguai e fica evidente que esses sentimentos em relação ao Paraguai estão relacionados às reproduções simbólicas da Guerra do Paraguai, os quais repercutem atitudes de preconceitos ao país vizinho. Percebemos que nessas atitudes há investidas do grupo majoritário em obter o controle socioterritorial, legitimando-se quanto grupo identitário e, ao mesmo tempo, subalternizando os brasiguaios a processos de dominação, de estigmatização social, preconceitos, humilhação e violência.

Através Bourdieu (1989), de Goffman (2004), Elias (2000), Fante (2005) e Hall (2006; 2011), podemos fazer reflexões sobre esse comportamento de dominação provocado pelos brasileiros em relação aos brasiguaios no BJSF. Como vimos, as manifestações simbólico-socioculturais desse grupo (brasiguaios) são inferiorizadas e o mesmo é exposto à sequência de toda ordem de dominação e subalternização. Entendemos, então, que *bullying*, o preconceito e a estigmatização sofrida por esses sujeitos no BJSF, são na verdade formas do grupo de manifestação de dominação simbólica do grupo majoritário, que ali já estavam antes da chegada dos brasiguaios e, por serem "de fora", "estranhos" "diferentes" esses são submetidos a sua legitimação.

Conforme o que já refletimos por meio de Haesbaert (1997a; 1999a; 1999b, 2004a; 2004c; 2014) o imigrante ("de fora") é reconhecido pelo o que ele traz consigo, ou seja, suas representações simbólico-socioculturais. Elias (2000) nos ajuda a perceber que esse reconhecimento de quem pertence aos mesmos elementos simbólico-socioculturais da sua territorialidade e da representação da sua identidade, também lhes faz delimitar e separar aqueles que não lhes pertencem pela semelhança. Nas contribuições de Haesbaert (1997a; 1999a; 1999b, 2004a; 2004c; 2014) e Elias (2000) vemos que o "Outro", "*outsiders*", é o "diferente", "estranho", o qual é percebido porque não possuem os mesmos aspectos socioculturais dos que já estão estabelecidos, "*insiders*".

O que define o conflito identitário é, então, o reconhecimento das diferenças dos elementos simbólico-socioculturais que o "Outro" possui como sendo diferente. Haesbaert (2014) nos mostra que os grupos majoritários, já-estabelecidos realizam

investidas de legitimação ao grupo que lhes é "estranho", subalternizando-os. Essa relação baseada na dominação, na homogeneização e na legitimação do "Outro", traz em si, relações conflituosas, nas quais esse (o "Outro") sofre a violência do seu silenciamento e da sua dominação. No entanto, Haesbaert (2014) nos mostra que o "Outro" pode responder esse processo de legitimação com uma dimensão de resistência, reforçando seus elementos simbólico-socioculturais. E nesse processo conflitante entre dois grupos distintos que constatamos o grupo de brasileiros, com sua "*brasilidade*" (superioridade) percebendo brasiguaios (inferior, "*guarani*") como sendo "*outsider*" e, então, lhes submetem às relações de dominação, que se reflete em atitudes de *bullying*, de violência, de preconceitos e de estigmas sociais.

Desta forma, a sua territorialização é negada pelos grupos dominantes, pois não aceitam as representações simbólico-culturais diferentes das suas e, em resultado, o grupo recém-chegado, os imigrantes, constroem sua territorialidade imaterial utilizando-se dos aspectos de referência e de reconhecimento de grupo.

Haesbaert (2014) ao tratar sobre os brasiguaios, explica que os conflitos sofridos por esses se justificam pela presença da ação de grupos ou classes hegemônicas que disputam e estabelecem o controle social, procurando dominá-los e subalternizá-los. Para Haesbaert (2014) esse processo de dominação e de subordinação realizado pelos brasileiros contra esse grupo, tem como motivação a não aceitação de sua origem sociocultural. Através desse autor e de tudo o que temos mostrado, podemos dizer que as relações conflitantes entre os brasileiros e brasiguaios se estabelecem pela disputa do controle social desse bairro, no qual os grupos de brasileiros buscam legitimarem-se em relação aos brasiguaios, impedindo-os de se fazer representar por meio de seus elementos simbólico-socioculturais.

Estava previsto a construção de uma gruta dedicada a "*Nuestra Señora de Caacupé*", ou "*Madrezita*" no pátio da igreja católica do bairro no dia dedicado a seu culto (08/12), porém não se realizou. Para nós isto seria um indicador da territorialidade material dos mesmos, que externalizariam através de geossímbolos suas representações identitárias, no entanto, o fato de não tê-la construído, também nos reforça a negação da materialização dessa representação identitária e dessa territorialidade. Por cinco tentativas, não conseguimos ser recebidos pelo responsável que estava à frente para a autorização. Por enquanto se percebe que essas manifestações simbólicas identitárias

acontecem apenas nos círculos de amigos e familiares. Outra manifestação sociocultural que foi recebida e que pode ser encontrada em panificadoras, lanchonetes, feiras e supermercados são os produtos da culinária paraguaia, como a "*chipa*". A esse respeito, compreendemos que se trata da hibridação hegemônica ressaltada por Mondardo (2012). Este autor destaca que os grupos já estabelecidos e hegemônicos se apropriam dos elementos simbólico-socioculturais dos imigrantes (grupo recém-chegados, minoritário) seletivamente do que lhes interessa e convém e, de forma legitimadora, realiza a hibridização negativa, negando o modo de viver desses grupos de imigrantes, os quais são considerados inferiores.

Através dessas análises que aqui trazemos podemos sintetizar que os brasiguaios sofrem hostilidades, como forma de serem subalternizados, submetidos àqueles que querem deter o controle simbólico sociocultural no BJSF. Esse grupo (brasileiros) procura legitimar sua posição de dominação, classificando e excluindo aqueles que não se enquadram às suas representações, ou seja, os brasiguaios¹³⁰.

Nesse sentido, como nos evidenciou Alambert (2000), Vas (2011) e Araújo (2012), compreendemos que a identidade nacional, a "brasilidade", em sua composição original, ainda cumpre com seu ideal. Mesmo tendo passado mais de um século da motivação que fez D. Pedro II recomendá-la, ainda fomenta manifestações de superioridade em relação ao Paraguai e, assim, tudo o que de lá provém. Na seção 4.3, página 150 trouxemos uma análise da "*Batalha do Combate Naval de Riachuelo*" de Victor Meirelles, que nos ajuda a entender essas representações de superioridade da "brasilidade" e da inferioridade "*guarani*", ou seja, contra o Paraguai foram utilizadas colocações que, ainda hoje, conduzem sentimentos de superioridade dos brasileiros em relação ao brasiguai, que como consequência, sofrem processos violentos de subalternização e, por isso, não conseguem materializar suas representações simbólico-socioculturais¹³¹.

No entanto, mesmo com esse processo de dominação, homogeneização e de legitimação do grupo já estabelecido, os brasiguaios encontram nas relações sociais estabelecidas entre aqueles que aqui estão e os que permaneceram no Paraguai, a forma de permanecerem com seus elementos identitários. Os brasiguaios ao manterem suas relações com aqueles que ficaram no Paraguai, permitem a sobreposição das dimensões

¹³⁰ É através destas reflexões que compreendemos que a territorialidade dos brasiguaios é imaterial, pois somente podem manifestar suas representações socioculturais no centro das relações familiares e dos amigos da mesma origem. Seus elementos simbólicos identitários são impedidos de se materializar por meio dos processos de legitimação dos grupos majoritários, já estabelecidos e legitimadores.

¹³¹ No Apêndice 1, trazemos outras análises de pinturas romancistas e o fragmento da obra de "*Iaiá Garcia*" de Machado de Assis que nos mostram os aspectos que aqui trazemos.

Paraguai/Brasil, possibilitando fazer do BJSF o recinto para seus elementos socioculturais. A apropriação material dessa territorialidade não é possível porque o grupo majoritário e já estabelecido não os veem como membros dos seus. Por isso, as manifestações desse grupo ocorrem em círculos de amizades e familiar, onde podem falar em guarani, ou espanhol, ouvir "*polka*", fazer "*mbeju*", ou "*chipa*" para os seus e entre formas, dar a essa dimensão à noção de pertencimento, "confortando a alma" (KUPER, 2002) e recolhendo em seu "aconchego" (HAESBAERT, 1997a).

São nestas condições de resistência em manterem suas representações simbólico-socioculturais, em apropriarem-se, mesmo que de forma imaterial, da territorialidade e de se fazerem ser reconhecidos por suas representações que os mesmos se livrarão da expropriação, do silenciamento, da desterritorialização, da dominação, da humilhação, da estigmatização, da subalternização, ou seja, como Haesbaert (2014) ressaltou, através da resistência é possível conseguir livrar-se da "morte matada".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Preferindo iniciar estas ponderações a respeito do processo da produção desse trabalho, podemos dizer que as dificuldades encontradas foram amenizadas pelo estímulo da própria pesquisa.

De início a dificuldade de delinear um melhor processo para conseguir os objetivos, nos leva a percorrer caminhos que nem sempre são coerentes ou mais acessíveis para alcançar o que se espera. As preocupações acompanhadas de frustrações, cansaço e desânimo aparecem como infortúnios em meio ao circuito do trabalho.

A vontade de querer continuar, vem da própria justificativa de realizar o trabalho. Elemento este que impulsiona seguir em frente, a corrigir e mudar as estratégias, a empenhar-se em conhecer melhor a problemática da pesquisa, daí o estímulo em dedicar-me cada vez mais no aprofundamento.

Na medida em que conhecemos os elementos que envolvem a problemática da pesquisa, os objetivos definidos passam ser melhores delimitados, assim como, o amadurecimento teórico-metodológico e, nesse sentido, a fluidez do tempo permite que a prudência acompanhe o trajeto da pesquisa, em contrapartida aos percalços.

Neste aspecto, este trabalho permitiu que compreendêssemos o processo migratório, como um fator determinante em implicações no processo de (re)construção da territorialidade e da identidade dos brasiguaios em seu retorno do Paraguai para o Bairro Jardim Santa Felicidade em Cascavel-PR.

Na verdade, entender os brasiguaios requer compreender se as experiências vividas por eles, reconhecendo o contexto histórico e social que foram expostos e, assim, originados. Então, primeiramente deve-se entender que os brasiguaios eram camponeses brasileiros, que expropriados, emigraram para o Paraguai. Nessa nova realidade histórico-geográfica esses veem assimilar novas experiências vividas e internalizadas. E, entendendo através da perspectiva multiescalar-temporal e dimensional, participam de relações sociais entre ambas as territorialidades, a que vivenciam no Paraguai e aquela onde estão seus familiares e que um dia já foi sua (o Brasil). Redimensionam modos de vidas, assimilam elementos simbólico-socioculturais e apropriam em se âmago tais continuidades de escalas, tempos e relações.

Novamente enfrentam a expropriação da terra, seu elemento simbólico de representação. Esse processo duplo de expropriação (primeiro no Brasil e posteriormente no Paraguai) lhes fazem acumular sentimentos de perdas, de frustrações e de sonhos. É nessa condição que esses realizam o processo imigratório de retorno.

Não poderíamos compreender o retorno sem saber esse contexto que é corolário do brasiguai e, então, podemos verificar que a imigração de retorno desses sujeitos é motivada por fatores políticos, econômicos e sociais que os des-territorializam, forçando-os a retornarem para o Brasil, onde buscam se re-territorializarem. Vemos ainda que esses fatores também são responsáveis pelos conflitos identitários sofridos por esses sujeitos, que ao residirem no Bairro Jardim Santa Felicidade são reconhecidos como sendo diferentes dos que ali já estão estabelecidos. Os brasileiros residentes nesse bairro distinguem seus elementos simbólico-socioculturais da sua representação identitária como sendo diferentes daqueles que os brasiguaios trazem consigo.

Consideramos que esses sujeitos ao emigrarem para o Paraguai, naturalmente estiveram envolvidos em um processo histórico-social imbricados de sequências socioculturais e psicossociais com aquela realidade vivida. Desse modo, a partir da perspectiva culturalista e psico-histórico-social reconhecemos que os aspectos que envolvem a identidade desses sujeitos, possuem em sua gênese os elementos da representação sociocultural do grupo que os acolheu, mesmo que no início tenha sido conflitante devido aos problemas agrários.

A entrada dos brasileiros no Paraguai, principalmente nos anos de 1960 e 1970, foi acompanhada de processos de expropriação de indígenas, camponeses paraguaios e uma minoria de brasileiros que lá já estavam desde a década de 1950. Na verdade, a aproximação do Paraguai com os Estados Unidos durante a "Era Stroessner" (de 1954 a 1989) foi a mesma que o Brasil também teve desde a década de 1950, quando iniciaram as expropriações de camponeses e trabalhadores da terra e que se intensificaram nas décadas de 1960/1970. Se a consolidação da modernização da economia brasileira, sobretudo, na agricultura desterritorializou camponeses, obrigando-os a emigrar para o Paraguai, da mesma forma, o mesmo modelo de produção agrícola realizou expropriações da população camponesa residente no Paraguai.

Neste sentido, a entrada dos camponeses brasileiros foi acompanhada de processos violentos e injustos contra a população camponesa daquele país e, que erroneamente uma parcela da população de ambos os países atribuem aos brasiguaios e, que na verdade, ocorreu pela política do Estado paraguaio, em conjunção ao modelo de produção capitalista norte-americano, através de suas multinacionais que ainda hoje são atores socioterritoriais naquele país. Associado a eles, o Paraguai também atraiu

latifundiários e empresários agrícolas do Brasil, favorecendo lhes na aquisição de terras e na organização de companhias de colonização, as quais atraíam aqueles que eram expropriados pela Itaipu e pela modernização do campo, ou seja, os trabalhadores e camponeses brasileiros.

É nesta contextualização histórico-geográfica que esses sujeitos vão ser expostos a processos violentos enquanto residiam no Paraguai, cujo maior grupo responsável por essas ações, não foi a população camponesa paraguaia, mas sim, os latifundiários e os agroexportadores daquele país, entre eles, os "brasileiros no Paraguai". Esses grupos sociais são antagônicos em suas representações socioculturais, como também, nos seus interesses por aquele país. Enquanto os brasiguaios (população camponesa) vivenciam, experimentam, internalizam e se apropriam dos aspectos simbólico-socioculturais da representação da identidade "*guarani*", os "brasileiros no Paraguai" não se apropriam dos mesmos, apenas utilizam os recursos do país para a produção agrícola.

Mediante tais processos, os brasiguaios têm retornado ao Brasil, onde são reconhecidos como portadores de uma identidade inferior à dos brasileiros. Nesse sentido, o processo migratório (desde o início) já traz implicações na identidade desses sujeitos, com sentimentos de rupturas, perdas e de enfrentamentos, mas nesse caso dos brasiguaios, as implicações do retorno são ainda mais problemáticas, pois não são aceitos por aqueles que já foram um dia "semelhante" a eles, mas que agora, por terem morado no Paraguai, possuem uma identidade inferior ao da "*brasilidade*".

Esses valores foram construídos quando D. Pedro II temia a perda do governo no Brasil, pois a população no final do Império estava descontente com a continuidade do governo imperial e queriam experimentar o que os demais países vizinhos estavam tendo naquele momento, como a Abolição da Escravatura e a Proclamação da República, algo que no Brasil demorou muito para acontecer. Desse modo, a partir das recomendações realizadas a historiadores, escritores, cronistas, pintores e a outros profissionais da época a identidade nacional foi construída representando a sua superioridade e, assim, o orgulho de pertencer a uma Nação superior. Essa investida poderia lhe conceder a permanência do seu governo no país. Como tema da idealização de uma identidade superior foi elegido à Guerra do Paraguai (1864-1870), cujas representações forjaram os fatos reais dessa guerra e promoveram elementos simbólicos da Nação "*guarani*" "bárbara", "incivilizada", "inferior" ao da "*brasilidade*", ou seja, uma identidade "pura", "civilizada" e "superior". Nesse sentido, entre outros atributos negativos historicamente se reproduz imagens distorcidas a respeito do Paraguai que refletem em comportamentos e atitudes de aversão do brasileiro à essa Nação e àqueles que lá vivem.

A problemática aqui elucidada pode colaborar com debates relacionados a temas relacionados a grupos identitários, principalmente aqueles envolvidos em processos migratórios e territoriais. Entendemos que em futuras pesquisas, este trabalho por servir de norteador para maior aprofundamento em conceitos, como fronteira, campesinato e agronegócio e poder envolvidos em outras problemáticas, como análises de livros didáticos sobre os temas aqui tratados; ideologia e discurso presentes nos meios de comunicação; políticas bilaterais entre Brasil e Paraguai; atores territoriais em ambos os países; similaridades e diferenças com outros movimentos migratórios e identitários, como por exemplo, os bolivianos, os haitianos e até mesmo os brasiguaios em outros Estados.

Podemos dizer que essa pesquisa possibilitou compreender que as implicações do movimento imigratório dos brasiguaios ao Brasil, como no caso do que ocorre no Bairro Jardim Santa Felicidade, não se tratam apenas de sentimentos de frustrações, de perdas ou de experiências migratórias malsucedidas. O retorno desses sujeitos é exposto a processos de legitimação e de subalternização por aqueles que os reconhecem como portadores de uma identidade "ilegítima". Soma-se a isto as imagens distorcidas que o brasileiro tem em relação ao Paraguai sobre a área de comércio do Paraguai e tudo o que repercute negativamente dessa área.

Os brasiguaios ao trazerem consigo os elementos simbólicos historicamente produzidos por suas experiências no Paraguai, são inferiorizados pelo grupo majoritário e já estabelecido, ou seja, os brasileiros. Observamos que esses sujeitos (os brasiguaios) possuem em seu âmago as internalizações psico-sócio-culturais de onde viviam e, que enraizadas em sua identidade social, cristalizam seus elementos simbólico-socioculturais em suas afetividades, em seus sentimentos de pertencimentos e nas suas relações sociais desta nova territorialidade.

O processo migratório em si, foi responsável para que esses sujeitos construíssem redes sociais entre diferentes territorialidades, tempos e dimensões. As amizades construídas com paraguaios e seus familiares que lá permaneceram residindo, estruturam conexões entre os que retornaram e que residem no Bairro Jardim Santa Felicidade.

Seja por meio da dimensão política em que esses venham a participar em ambos os países, como nos processos eleitorais e organizações sociais, ou pelos aspectos econômicos adquiridos com trabalho, produção, comércio e transferência de remessas

financeiras, percebemos que a imigração não rompeu seus vínculos com aquela territorialidade antes vivida. Além disso, observamos que a conexão das relações sociais permite que os brasiguaios residentes no BJSF fortaleçam suas representações simbólico-socioculturais entre intercâmbios com aqueles que lá vivem e os que aqui estão.

Mesmo que suas representações não sejam aceitas, sejam silenciadas e hostilizadas por aqueles (brasileiros) que se veem como superiores aos brasiguaios que aqui estão, os mesmos aproximam-se ainda mais dos seus elementos simbólico-socioculturais, utilizando-os como forma de resistência em seus círculos de amizades e no convívio familiar.

Percebendo que a natureza social desses imigrantes com os valores da representação "*guarani*", ou seja, o não se subalternizar em silêncio em meio a processos homogeneizadores e dominadores, os brasiguaios possuem atitudes de resistência. O brasiguaião não se constitui cativo diante dos processos dominadores. Pelo contrário!

Como sujeitos sociais esses enfrentam as implicações dominadoras e excludentes através da sua organização de grupo para serem reconhecidos. Assim, os mesmos fortalecem suas representações e as redimensionam para o convívio familiar e de amizades. Reconstroem-se e resistem à negação que lhes são impostas.

Na busca para ter o que chamar de seu, lhe faz reviver suas representações simbólico-socioculturais identitárias e, desse modo, sua territorialidade é apropriada de forma imaterial pela resistência e pelas suas representações. Então, mesmo que os brasileiros não os reconheçam e ou não os tolerem, os brasiguaios constroem sua territorialidade imaterial na percepção e no sentimento de terem onde "suavizar a dor", "pacificar a alma" e terem o "aconchego" tão desejado.

Enfim, mesmo que essa territorialidade seja apropriada de forma imaterial, esses conseguem ter a característica de manterem seus códigos identitários e terem o "abrigo" para chamar de seu, ou seja, a territorialidade: o meio de "pacificarem" seus sentimentos, de se "confortarem" e de combaterem os processos de subalternização contra a "morte matada".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABUD, Daniel, L.; MORAES, Iranilda, S.; SILVA, Patrícia, O. da; BARBOSA, Rafaela, P.; SANTOS Viviane, C. Migração de retorno: entre significados e materialidades. *In: VI Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP*, Caxambú - MG, de 29 de setembro a 03 de outubro de 2008.
- ALAMBERT, Francisco. **Civilização e barbárie, história e cultura** - Representações culturais e projeções da "Guerra do Paraguai" nas crises do 2º Reinado e da 1ª República. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.
- ALAMBERT, Francisco. O Brasil no espelho do Paraguai. *In: MOTA, Carlos G. (Org.). Viagem incompleta; formação: histórias*. São Paulo: SENAC, 2000.
- ALBUQUERQUE, José L. C. Identidades e fronteiras nacionais: conflitos e representações simbólicas entre brasileiros e população paraguaia na região fronteiriça. *In: XI congresso brasileiro de sociologia*. 1 – 5 de setembro Unicamp – Campinas – SP, 2003.
- ALBUQUERQUE, José L. C. **Fronteiras em movimento e identidades nacionais**. A migração brasileira em Fortaleza. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Federal do Ceará- UFC. Fortaleza - CE, 2005.
- ALBUQUERQUE, José L. C. Identidade e cidadania na fronteira entre o Paraguai e o Brasil. *In: XIII Congresso Brasileiro de Sociologia*. Universidade Federal de Pernambuco-UFPE - Recife - PE. 29 de maio a 1 de junho de 2007.
- ALBUQUERQUE, José. L. C. Imigração em territórios fronteiriços. *In: IV Congresso Português de Sociologia*. Mundos Sociais Saberes e Práticas. Universidade Nova de Lisboa, 25-28 de junho de 2008.
- ALBUQUERQUE, José L. C. A dinâmica das fronteiras: deslocamento e circulação dos “brasiguaios” entre os limites nacionais. *In: Horizontes Antropológicos*. Vol. 15, n. 31. Porto Alegre - jan/jun. 2009.
- ALBUQUERQUE, José L. C. A dinâmica das fronteiras: os **brasiguaios na fronteira entre o Brasil e o Paraguai**. São Paulo: Annablume, 2010.
- ALMEIDA, Maria. Geralda. De. Viver entre- territórios. E entre-culturas? *In: Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos*. (Orgs.) Saquet, Marcos A.; SPOSITO, Eliseu S. 2ª Ed. - Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2015.
- ANDRADE, Carlos Drummond. José. *In: 6 vezes – Poesias completas: conforme as disposições do autor*. 1ª Ed., 3ª Impr. Rio de Janeiro, 2007.
- ARANTES, Cleber de A. Fronteira e guerra nos livros didáticos de história do Brasil e Paraguai: a educação no pós-guerra. *In: Web Revista Diálogos & Confrontos Revista em Humanidades*. v. 2 – 1ª Edição Especial – jan/jul 2013.
- ARAUJO, Frederico. G. B. de; HAESBAERT, Rogério. **Identidades e territórios: questões e olhares contemporâneos**. Rio de Janeiro: Acess, 2007, p. 136.
- ARAÚJO, Tiago G. de. **A identidade nacional brasileira na Guerra do Paraguai (1864-1870)**. Tese (Doutorado em História). Universidade de Brasília-UnB. Brasília, 2012.
- AUGÉ, Marc. **Não-lugares: uma introdução a uma antropologia da supermodernidade**. São Paulo: Papirus, 1994.

- BALLER, Leandro: Cultura fronteiriça: Brasil e Paraguai entre manifestações simbólicas e materiais. *In: HAHN, Fabio André e MEZZOMO, Frank Antonio (Orgs). Nas malhas do poder, cultura e espaço social.* Campo Mourão: Editora Fecilcan, 2011.
- BALLER, Leandro. **Fronteira e fronteiriços:** A construção das relações sociais e culturais entre brasileiros e paraguaios (1954-2014). Tese (Doutorado em História) pela Universidade Federal da Grande Dourados–UFGD. Dourados – MS, 2014.
- BALSAN, Rosane. Impactos decorrentes da modernização da agricultura brasileira. *In: Campo. Território: Revista de geografia*, v. 1, n. 2, p. 123-151, ago. 2006.
- BANDEIRA, Luis A. M. **A expansão do Brasil e a formação dos Estados na bacia do Prata:** Argentina, Uruguai e Paraguai. Da colonização à Guerra da Tríplice Aliança. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- BAPTISTA, Marisa T. D da S. O estudo de identidades individuais e coletivas na constituição da história da psicologia. *In: Memorandum.* Belo Horizonte: UFMG; Ribeirão Preto/SP: USP, n. 2, 2002.
- BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1999.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida.** Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade:** a busca de segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade:** entrevista a Benedetto Vecchi. Trad. de MEDEIROS, Carlos A. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- BAUMAN, Zygmunt, 1925- **A cultura no mundo líquido moderno.** Trad. de MEDEIROS, Carlos A. – 1ª Ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- BERGER, Peter. L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção da realidade.** 22ª ed. Petrópolis: Vozes, 1985.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- BOMTEMPO, Denise. C.; SPOSITO, Eliseu. S. Entre o Japão e o Brasil: a territorialidade dos imigrantes, isseis e decasseguis. *In: Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos.* (Orgs.) Saquet, Marcos A.; SPOSITO, Eliseu S. 2. Ed. - Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2015.
- BONNEMAISON, Jôel. Viagem em torno do território. *In: CORRÊA, Roberto L.; ROSENDHAL, Zeny. (Orgs.). Geografia Cultural: um século.* Rio de Janeiro: EdURJ, 2002.
- BOTEGA Tuíla; CAVALCANTI Leonardo; OLIVEIRA Antônio, T. de. (Orgs). Migrações internacionais de retorno no Brasil. Relatório. Brasília, 2015.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** Memória e sociedade. Trad. de THOMAZ, F. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. S. A., 1989.
- BRISKIEVICZ, Michele. A organização territorial do sudoeste paranaense a partir da inserção dos migrantes. *In: Sociedade e território.* Natal, v. 22, n. 2, p. 19-36, jul/dez. 2010.
- CARDIN, Eric G. A expansão agrícola e a formação das identidades: os “brasiguaios” na fronteira entre o Brasil e o Paraguai. *In: Revista Perspectiva Geográfica*, v. 6, n. 7, 2011.
- CARLOS FLÁVIO, Luiz. Território e memória. *In: SAQUET, Marcos A. (org.). Estudos territoriais na ciência geográfica.* 1ª Ed. São Paulo: Outras Expressões, 2013.
- CARVALHO, Virgínia D. de; BORGES, Livia de O.; RÊGO, Denise P. do. Interacionismo simbólico: Origens, pressupostos e contribuições aos estudos em Psicologia Social. *In: Psicologia ciência e profissão*, 30 (1), 2010.
- CASSARINO Jean-Pierre. Theorising Return Migration: the conceptual approach to return migrants revisited. *In: International Journal on Multicultural Societies (IJMS)* v. 6, n. 2, p. 253-279, Unesco, 2004.

- CASSARINO Jean-Pierre. Teorizando sobre a migração de retorno: uma abordagem conceitual revisitada sobre migrantes de retorno. *In: REMHU - Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*. Brasília, Ano XXI, n. 41, p. 21-54, jul./dez. 2013.
- CASTELLS, Manuel. **Construção de identidade**. São Paulo. Ed. Paz e Terra, 1999.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2002.
- CENNI, Franco. **Italianos no Brasil**. São Paulo, 1975.
- CENTENO, Carla V.; SANTANA, Elaine M. de. Levantamento e descrição da produção artística sobre a Guerra do Paraguai, com enfoque nas obras literárias e plásticas. *In: Encontro de Iniciação Científica - ENIC*. Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, n. 3. Dourados-MS, 2011.
- CHIAVENATO, Júlio J. **Genocídio americano: a Guerra do Paraguai**. 16ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1998.
- CHRISTO, Meraliz de C. V. A pintura de história no Brasil do século XIX: panorama introdutório. *In: ARBOR Ciencia, Pensamiento y Cultura*. CLXXXV, 740 noviembrediciembre, 2009.
- CLAVAL, Paul. Reflexões sobre a Geografia Cultural no Brasil. *In: Espaço e Cultura*, UERJ, n. 8, AGO/DEZ de 1999 (a).
- CLAVAL, Paul. O território na transição da pós-modernidade. *Geografia*, Niterói, v. 1, n. 2, p. 7-26, 1999. (b)
- CLAVAL, Paul C. C. Geografia Cultural: um balanço. *In: Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia*. Universidade Estadual de Londrina-UEL. v. 20, n. 3, p. 005024, set/dez. Londrina, 2011.
- COELHO Douglas, C. **Conflitos agrários na fronteira entre o Brasil e o Paraguai: o caso da colônia Marangatú/PY**. Dissertação de mestrado (em Geografia). Universidade Estadual do Oeste do Paraná- UNIOESTE, Marechal Cândido Rondon, 2015.
- COELHO, Mário. C. **Os panoramas perdidos de Victor Meirelles**. As aventuras de um pintor acadêmico no caminho da modernidade. Tese (Doutorado em História Cultural). Universidade Federal de Santa Catarina- UFSC. Florianópolis-SC, 2007.
- COELHO, Douglas C.; FABRINI, João E. A apropriação da terra e conflitos na fronteira entre o Brasil e o Paraguai. *In: II seminário Internacional de los espacios de frontera (II GEOFRONTERA): Diferencias interconexiones*. Posadas. Argentina 2013.
- COLODEL, José. A. **Obrages & Companhias Colonizadoras, Santa Helena na História do Oeste Paranaense 1960**. Santa Helena, Prefeitura Municipal, 1988.
- COLODEL, José. A. Cinco séculos de histórias. *In: PERIS, Alfredo F. (Org.). Estratégias de desenvolvimento regional: Região Oeste do Paraná*. Cascavel: EDUNIOESTE, 2003.
- COLOGNESE, Silvio A. Brasiguaios: uma identidade na fronteira Brasil/Paraguai. *In: Tempo da Ciência*. v. 19, n. 38, 2º semestre, 2012.
- CORRÊA, Roberto L. Geografia cultural: passado e futuro- uma introdução. *In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto L. Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro, EdUERJ, 1999.
- CORRÊA, Roberto L. Espaço: um conceito-chave da Geografia. *In: Castro, Iná E.; GOMES, Paulo C. da C.; CORRÊA, Roberto L. (Orgs.). Geografia: conceitos e temas*. 7ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005(a).

- CORRÊA, Roberto L. Monumentos, política e espaço. *In: Revista electronica de geografia y cienciassociales. Universidad de Barcelona.* v. 1. IX, n. 183, 15/02 2005 (b)
- CORRÊA, Lobato, Roberto. ROSENDHAL, Zeny. A Geografia Cultural brasileira: uma avaliação preliminar. *In: Revista da ANPEGE.* v. 4, 2008 .
- CORRÊA, R. L. Espaço e simbolismo. *In: (Orgs.) Castro, Iná E.; GOMES, Paulo C. da C.; CORRÊA, Roberto L. Olhares Geográficos: modos de ver e viver o espaço.* Ed. Bertrand Brasil, RJ, 2012.
- CORTEZ, Cácia. **Brasiguaios refugiados desconhecidos.** São Paulo/SP. Brasil Agora, 1992.
- COSTA, Jessica. A. da. Identidade e conflito na fronteira Brasil-Paraguai: o caso dos brasiguaios. *In: Revista Eletrônica Boletim do Tempo.* Rio de Janeiro, ano 2, n. 34, 2008.
- COSTA, Jessica A. da. As relações bilaterais Brasil-Paraguai e a problemática dos "brasiguaios". *In: Revista Habitus: revista eletrônica dos alunos de graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal do Rio de Janeiro- UFRJ, Rio de Janeiro,* v. 7, n. 1, jul. 2009.
- COSTANTINI, A, Bullying: **Como combatê-lo?** Prevenir e enfrentar a violência entre jovens. São Paulo: Itália Nova, 2004.
- CROCHÍCK, José L. Preconceito, indivíduo e sociedade. *In: Temas em psicologia. Periódicos Eletrônicos em Psicologia- PEPSIC. Temas em psicologia.* v. 4, n. 3. Ribeirão Preto-SP, 1996.
- COUCHE, Denys. **A noção de cultura nas Ciências Sociais.** 2ª Ed. Bauru: EDUSC. 1999.
- CUNHA, Maria, J, C. Memórias da Migração: A identidade em pentimento. *In: CUNHA, Maria J.; GURAN, Milton; HASSE, Geraldo; MENEZES, Frederico, L. de; STEVENS, Cristina, M. T. (Orgs.). Migração e Identidade: Olhares sobre o tema.* São Paulo: Centauro, 2007.
- DALINGHAUS, Ivone V. **Alunos brasiguaios em escolas de fronteiras Brasil/Paraguai:** um estudo linguístico sobre aprendizagem do português em Ponta Porá, MS. Dissertação (mestrado em letras). Universidade Estadual do Oeste do Paraná Unioeste, 2009.
- DEZORDI, Maurício. Migração, fronteiras e identidades: a ideologia do progresso, na colonização do Oeste do Paraná. *In: Revista Cantareira.* Ed. 19, jul-dez. 2003.
- DIAS, Caio S.; FEIBER, Fúlvio N.; MUKAI, Hitomi; DIAS, Solange I, S.; **Cascavel:** um espaço no tempo. A história do planejamento urbano. Cascavel: Sintagma Editores, 2005.
- DORATIOTO, Francisco. **Maldita Guerra.** Nova história da Guerra do Paraguai. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- DURAND, Jorge. Los inmigrantes también emigran: la migración de retorno como Corolário del proceso. *In: REMHU – Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana.* Brasília, Ano XIV, n. 26 e 27, p. 167-189; 2006.
- ELIAS, Norbert. **Os estabelecidos e os outsiders:** Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro - RJ, 2000.
- FABRINI João, E. Brasiguaios e conflitos na fronteira. *In: Geografares, Vitória.* N. 8, 2010.
- FABRINI, João E. Campesinato e agronegócio na fronteira entre o Brasil e o Paraguai. *In: Boletim DATALUTA - NERA.* Universidade Estadual Paulista- UNESP- Presidente Prudente, n. 59. Presidente Prudente-SP, 2012 (a).
- FABRINI, João, E. Conflitos de terra na fronteira Brasil-Paraguai e luta dos brasiguaios. *In: XXI Encontro Nacional de Geografia Agrária- ENGA.* Uberlândia: UFU, 2012

(b).

FABRINI, João E. Camponeses e agronegócio brasileiro entre Brasil e Paraguai. *In: VII Congresso brasileiro de geógrafos*. 10 a 16 de agosto – Vitória – ES, 2014.

FANTE, Cleo. **Fenômeno bullying**: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Campinas: Verus, 2005.

FAZITO, Dimitri. Dois aspectos fundamentais do "retorno": símbolos e topologias dos processos de migração e sua circularidade. *In: Encontro Nacional sobre Migrações*, 2005, Rio de Janeiro. **Anais...**Rio de Janeiro: CEDEPLAR, 2005, p. 1-16.

FAZITO, Dimitri. Situação das migrações internacionais do Brasil contemporâneo. *In: Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE), Populações e políticas sociais no Brasil: os desafios da transição demográfica e das migrações internacionais*. Brasília: 2008.

FAZITO Dimitri. Análise de redes sociais e migração. Dois aspectos fundamentais do "retorno". *In: Revista Brasileira de Ciências Sociais* – v. 25. n. 72, fevereiro, 2010.

FERRARI, Carlos A. Brasiguaios na fronteira: luta pela terra, violência e precarização do trabalho no campo e na cidade. *In: Revista Pegada*. Universidade Estadual Paulista UNESP Presidente Prudente, v. 8, n. 1, Jun. Presidente Prudente-SP, 2007.

FERRARI, Carlos A. **Dinâmica territorial na (s) fronteira (s)**: Um estudo sobre a expansão do agronegócio e a exploração dos brasiguaios no norte do Departamento de Alto Paraná – Paraguai. Dissertação (Mestrado em Geografia), Faculdade de Ciências Humanas, da Universidade Federal da Grande Dourados- UFDGD. Dourados-MS, 2009.

FIGUEREDO, OSCAR A. T.; MIGUEL, LOVOIS A.; A modernização da agricultura e os brasiguaios no Paraguai. *In: Sociedade brasileira de economia, administração e sociologia rural - SOBER*. Porto Alegre - RS, 2006.

FIORNTIN, Marta I. **A experiência da imigração de agricultores brasileiros no Paraguai (1970-2010)**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Paraná-UFPR. Curitiba, 2010.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Trad. de NEVES, Luiz F. B. 6ª Ed. Forense Universitária, 2002.

FRAGA, Nilson C. Vale da Morte: **O Contestado visto e sentido**. Entre a cruz de Santa Catarina e a espada do Paraná. Blumenau: Ed. Hemisfério Sul, 2010.

FROTSCHER, Méri; LAVERDI, Robson; VANDERLINDE, Tarcísio. Entrevista com o geógrafo Rogério Haesbaert da Costa. *In: Espaço Plural*. Ano X, n. 20. 1º semestre, 2009.

GERMANI, Guiomar. Os expropriados de Itaipu. O Conflito: Itaipu x Colonos. *In: Cadernos do Propur*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul- UFRGS. Porto Alegre, RS, 1982.

GODOY, Maria P. A. **Migración brasileña en el Paraguay: El caso “brasiguayos”, las dificultades sociales y diplomáticas que acarrea**. Trabalho de conclusão de curso (Bacharel em Relações Internacionais). Universidade Federal da Integração LatinoAmericana. Foz do Iguaçu- PR. 2014.

GOETTERT, Jones D.; MONDADO, Marcos L. O "Brasil migrante": Gentes, lugares e transterritorialidades. *In: Geographia*, v. 11, n. 21, 2009.

GOETTERT, Jones D. **Identidades territoriais e trajetórias individuais**: processos de identificação / diferenciação em experiências migratórias. Relatório de estágio de pós-doutoramento. Niterói: Programa de Pós-graduação em Geografia - UFF, 2011.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**- Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. (1891) Trad. LAMBERT, Mathias. 4ª Ed. Rio de Janeiro, Zahar, 2004.

- GOMES, Paulo C. da C. **Geografia e modernidade**. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- GONÇALVES, Karoline B. A imigração de brasileiros para o Paraguai e seus desdobramentos: o caso da colônia Nueva Esperanza em YBYÝAU/ Concepción. *In: IV congresso Paraguayo de Población de la Asociación Paraguaya de Estudios de Población*, Asunción 16-18 de novembro, p. 1-21, 2011.
- GONÇALVES, Karoline B.; FERNANDES, Roberto M. da S. (Orgs.). **Fronteiras e Fronteiriços**. Ed. Fundación Universitaria Andaluza Inca Garcilaso - Universidade Federal da Grande Dourados- UFGD. Dourados-MS, 2013.
- GRAZIANO da Silva, José. O desenvolvimento do capitalismo no campo brasileiro e a reforma agrária. *In: STÉDILE, João Pedro (coord). A questão agrária hoje*. Porto Alegre: Ed. Universidade, 1994.
- GREGORY, Valdir. **Os eurobrasileiros e o espaço colonial**. Migrações no Oeste do Paraná (1940-1970). Cascavel: Edunioeste, 2008.
- GURAN, Milton. Ser livre na África- A saga dos Agudás, os ‘brasileiros’ do Bernim. *In: CUNHA CAVALCANTI Maria J. et al. (Orgs.). Migração e identidade: Olhares sobre o tema*. São Paulo: Centauro, 2007.
- HABERMAS, Jürgen. **Para a reconstrução do materialismo histórico**. Trad. COUTINHO, Carlos. N. Coutinho. 2ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- HAESBAERT, Rogério. Desterritorialização: entre as redes e os aglomerados de exclusão. *In: CASTRO, GOMES E CORRÊA (Org). Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p. 165-206, 1995.
- HAESBAERT, Rogério. **Des-territorialização e identidade: A rede "gaúcha" no Nordeste**. RJ: EDUFF, 1997(a).
- HAESBAERT, Rogério. Território, poesia e identidade. Apresentado no Seminário Geografia e Arte, de 29 a 30 de novembro, 1995, na Mesa-Redonda “Geografia Ciência ou Arte”. Promovido pela Associação dos Geógrafos Brasileiros. *In: Espaço e Cultura* n. 3. Janeiro de 1997(b).
- HAESBAERT, Rogério. Identidades territoriais. *In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDHAL, Zeni (Orgs.). Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 1999 (a).
- HAESBAERT, Rogério. Identidades territoriais. *In: ROSENDHAL, Zeny e CORREA, Roberto L. (Orgs.). Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999 (b).
- HAESBAERT, Rogério. Redes de diáspora. *In: Cadernos do departamento de geografia*. Nº 2. vol. 2. Niterói. Universidade Federal Fluminense, jan-jun, 1999 (c).
- HAESBAERT, Rogério. Território, cultura e des-territorialização. *In: ROSENDHAL Zeny; CORRÊA, Roberto L. (Orgs.). Religião, identidade e Território*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.
- HAESBAERT, Rogério. Fim dos Territórios ou novas territorialidades? *In: MOITA LOPES, Luis P.; BASTOS, Liliana C. (Orgs.). Identidade: recortes multiterritorialidades e interdisciplinares*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.
- HAESBAERT, Rogério. Da desterritorialização a multiterritorialidade. *In: Boletim Gaúcho de Geografia*. 29, jan., 2003.
- HAESBAERT, Rogério. Des-caminhos e perspectivas do território. *In: RIBAS, Alexandre D; SPOSITO, Eliseu S.; SAQUET, Marcos A. (Orgs.). Território e desenvolvimento: diferentes abordagens*. Universidade Estadual do Oeste do Paraná- UNIOESTE- Francisco Beltrão: Unioeste, 2004 (a).
- HAESBAERT, Rogério. **Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade**. Porto Alegre, 2004 (b).
- HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialidade: do fim do território à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004 (c).

- HAESBAERT, Rogério. Desterritorialização: entre as redes e os aglomerados de exclusão. *In: CASTRO, Iná E.; GOMES, Paulo C. da C.; CORRÊA, Roberto L. (Orgs.) Geografia: conceitos e temas. 7ª Ed.- Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.*
- HAESBAERT, Rogério. Desterritorialização: ordenamento Territorial. *In: Boletim Goiano de Geografia. v. 26, n. 1, jan./jun. Goiânia- GO, 2006.*
- HAESBAERT, Rogério. Território e multiterritorialidade: um debate. *In: GEOgraphia. Revista do programa de pós-graduação em Geografia. Universidade Federal Fluminense-UFF Ano IX- n. 17, 2007 (a).*
- HAESBAERT, Rogério. Hibridismo, mobilidade e multiterritorialidade numa perspectiva Geocultural integradora. *In: Serpa, Angelo. (Org.). Espaços culturais: vivências imaginações e representações. Salvador: EDUFBA, 2008.*
- HASEBAERT, R. Dilema de conceitos: espaço-território e contenção territorial. *In: Saquet, M. e Sposito, E. (Orgs.) Territórios e territorialidade: teorias, processos e conflitos. São Paulo: Expressão Popular. 2009.*
- HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização** - do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- HAESBAERT, Rogério. **Territórios Alternativos**. 3ª Ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- HAESBAERT, Rogério. **Viver no Limite: território e multi/transterritorialidade em tempos de in-segurança e contenção**. 1ª ed – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.
- HAESBAERT, Rogério. Dilema de conceitos: espaço-território e contenção territorial. *In: Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos. (Orgs.) Saquet, Marcos A.; SPOSITO, Eliseu S. 2ª. Ed. - Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2015.*
- HAESBAERT, Rogério, SANTA BARBARA, Marcelo de J. Identidade e migração em áreas transfronteiriças. *In: Geographia, v. 3, n. 5, 2001.*
- HAESBAERT, Rogério; LIMONAD, Ester. O território em tempo de globalização. *In: Etc..., espaço, tempo e crítica. Revista eletrônica de ciências sociais aplicadas e outras coisas. n. 2 (4), v. 1. 15 de agosto, 2007.*
- HAESBAERT, Rogério; MONDARDO, Marcos: Transterritorialidade e antropofagia: territorialidades de trânsito numa perspectiva brasileiro-latino-americana. *In: GEOgraphia. Revista do programa de pós-graduação em Geografia. Universidade Federal Fluminense- UFF. v.. 12, n. 24. Rio de Janeiro, 2010.*
- HAHN, Fábio A. Afirmação da fé cristã: a literatura antijudaica no Portugal Quinhentista. *In: HAHN, Fabio A. e MEZZOMO, Frank A. (Orgs.). Nas malhas do poder: história, cultura e espaço social. Campo Mourão: Editora FECILCAM, 2011.*
- HALL, Michael. Imigrantes. *In: Revista trabalhadores. UNICAMP, 1987.*
- HALL, Stuart. **A identidade na pós-modernidade**. Trad. SILVA, Tomaz da; LOURO, Guaraeira L. Rio de Janeiro, RJ, Editora DP&A, 2006.
- HALL, Stuart. Quem precisa da Identidade? *In: SILVA, Tadeu T. da. (Org.) Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.*
- HASSE, Geraldo. Meus caros pais. Uma trajetória migrante. *In: CUNHA CAVALCANTI, Maria J.; GURAN, Milton; HASSE, Geraldo; MENEZES, Frederico L. de; STEVENS, Cristina M. T. (Orgs.) Migração e Identidade: Olhares sobre o tema. São Paulo: Centauro, 2007.*
- HEIDRICH, Álvaro L. Território, integração socioespacial, região, fragmentação e exclusão social. *In: RIBAS, Alexandre de; SPOSITO, Eliseu S.; SAQUET, Marco A. Território e desenvolvimento: diferentes abordagens. Francisco Beltrão: Unioeste, 2004.*
- HOBBSBAWN, Eric J. **A era dos impérios**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

- IANNI, Constantino. **Homens sem paz: os conflitos e os bastidores da emigração italiana**. Editora civilização Brasileira. Rio de Janeiro- RJ. 1972.
- IGLESIAS, Eduardo. S. Juan Manuel Blanes 1830-1901: "El pintor de la patria". In: **TRPA Información**. Ano 6, n. 46, 2011.
- ITO, Claudemira A. Reflexões sobre as migrações internacionais. In: **V Encontro Nacional Sobre Migrações**. Universidade Estadual de Campinas, 2007.
- JUSTINO, Leandro J. de Avila. **A fronteira Brasil – Paraguai: os movimentos migratórios resultantes da política de aproximação bilateral**. Trabalho de conclusão de curso (licenciatura em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2014.
- KLAUCK, Roberto; PRIORI, Angelo. C. O retorno dos brasiguaios. In: **Revista Espaço Acadêmico**. n. 109, junho de 2010.
- KUPER, Adan. **A cultura e visão dos antropólogos**. Trad. PINHEIRO, Mútes T. de O. Bauru- SP: EDUSC- 2002.
- LAUBSTEIN, Fernanda. C. A ruralidade ontem e hoje: Uma análise do rural na contemporaneidade. In: **Revista Aurora**, n. 8, Ago de 2011.
- LAVARDA, Marcus T. B. **A icnografia da Guerra do Paraguai e o periódico Semana Ilustrada - 1865-1870: um discurso visual**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Grande Dourados- UFGD. Dourados, 2009.
- LAZZAROTTO, Elizabeth M.; SOUZA, Alcy A. L.; MATEUS, Patrícia R.; TURCATEL, Elaine T.; NAZZARI, Rosana K.; *Et al.* Condições de Saúde das Famílias que Vivem no Rio Coati Chico. In: **2º Seminário Nacional Estado e Políticas no Brasil**, 2005, Cascavel. 2º Seminário Nacional Estado e Políticas Sociais no Brasil. Cascavel: UNIOESTE, 2005.
- LAZZAROTTO, Elizabeth M.; SOUZA, Alcy A. L.; MATEUS, Patrícia R.; TURCATEL, Elaine T.; MACHADO, Leila de. F. *Et al.* Diagnóstico dos impactos ambientais vivenciados pelas famílias que residem nas margens do Rio Coati Chico. In: **IX SEU - Seminário de Extensão da UNIOESTE**, 27-29 de maio. Toledo: UNIOESTE, 2009.
- LEDESMA, Joel S.; GRASSI, Maria de F. O. M. Sociologia da linguagem: Fronteiras e Linguísticas ou interlinguagem na fronteira Brasil – Paraguai. In: **VI semana de História – Tendência da história cultural**. Amambai- MS. 2008.
- LOPES, Sergio. **O Território do Iguazu no contexto da “Marcha para Oeste”**. Cascavel: EDUNIOESTE, 2002.
- MACHADO, Vladimir. 1871: A fotografia na pintura da Batalha de Campo Grande de Pedro Américo. In: **Revista eletrônica Dezenove e Vinte, (19 & 20)**. Arte no Brasil do século XIX e início do XX. v. 2, n. 3, jul. Rio de Janeiro, 2007.
- MARANDOLA JUNIOR Eduardo; DAL GALLO Priscila, M. Ser migrante: implicações territoriais e existenciais da migração. In: **Revista Brasileira de Estudos de População-Rebep**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 407-424, jul/dez. 2010
- MARQUES, Denise H. F. **Circularidade na fronteira do Paraguai e Brasil: o estudo de caso dos "brasiguaios"**. Tese (Doutorado em Demografia). Universidade Federal de Minas Gerais- UFMG. Belo Horizonte, 2009.
- MARTINS, José de S. **A Fronterria**. A degradação do outro nos confins do humano. São Paulo: HUCITEC, 1997.
- MEDEIROS, Rosa. M. V. Território, espaço de identidade. In: **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. (Orgs.) Saquet, Marcos A.; SPOSITO, Eliseu S., 2ª Ed. - Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2015.
- MELO Maria, das N. M. de. **Migração de retorno: distribuição espacial e dinâmica econômica no Estado de Pernambuco**. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. Recife, 2014.

- MENDES, Noeli. Ap. S. **As usinas hidrelétricas e seus impactos**: os aspectos sócios ambientais e econômicos do reassentamento Rural de Rosana - Euclides da Cunha Paulista. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Estadual Paulista- UNESP. Presidente Prudente SP, 2005.
- MENDONÇA, Marcelo R.; THOMAZ JÚNIOR, Antonio. A discussão agricultura camponesa x agricultura familiar e as perspectivas políticas para a reforma agrária. *In: Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina* – 20 a 26 de março de 2005 – Universidade de São Paulo.
- MENDRAS, Henri. **Sociedades camponesas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- MENEZES, Frederico L. de. Migração: Uma perspectiva psicológica, uma leitura pós-moderna ou, simplesmente, uma visão preconceituosa. *In: CUNHA, Maria J. C.; GURAN, Milton; HASSE, Geraldo; MENEZES, Frederico L. de; STEVENS, Cristina M. T. (Orgs.). Migração e identidade: olhares sobre o tema*. São Paulo: Centauro, 2007.
- MONDARDO, Marcos L. Estudos migratórios na modalidade e na Pós-modernidade: do econômico ao cultural. *In: Terra Livre: Associação dos geógrafos brasileiros*. ABG, ano 23, v. 2, n. 29, Presidente Prudente-SP, ago/dez. 2007.
- MONDARDO, Marco L. **Os pioneiros das migrações**: territórios e identidades em Francisco Beltrão- PR. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD. Dourados/ MS: 2009.
- MONDARDO, M. **Territórios migrantes**: transterritorialização e identidades em Francisco Beltrão/ PR. Dourados: Editora da UFGD. 2012.
- MORAES, Isaias A. de. VIEIRA, Fernando A. da C. Capitalismo agrário e movimentos camponeses no Paraguai. *In: Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 28, n. 56, p. 363-384- jul/dez. 2015.
- MOSSMANN, Grasiela da S.; TRISTONI, Rejane H. P. Diversidade cultural e linguística nas escolas de fronteira Brasil/Paraguai. *In: Revista Travessias*, Cascavel. 2010.
- MOSSMANN, Grasiela da S.; TRISTONI, Rejane. H. P. Conflitos Identitários. *In: Revista Ícone*. v. 9, janeiro, 2012.
- MOTA, Carlos G. **Viagem incompleta**: a experiência brasileira (1500 - 2000). Formação: histórias. 2ª Ed. São Paulo: SENAC, 2000.
- MYSKIW, Antonio, M. **Colonos, posseiros e grileiros**. Conflitos de terra no oeste Paranaense (1961-1966). Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade Estadual do Oeste- UNIOESTE-Marechal Cândido Rondon. 2002.
- NOGUEIRA, Juliana T. Duplo processo de expropriação camponesa: uma análise a partir da frente pioneira e frente de expansão. *In: Contribuciones a las ciencias sociales*. Febrero. 2012.
- NORONHA, Jovita. M. G.; FIGUEIREDO, Eurídice. Identidade Nacional e Identidade Cultural. *In: Psicanálise & Barroco Revista*. Ano 5, n. 9, 1º semestre de 2007.
- ODDONE, Hugo; ZAVATTIERO, Claudina; RÍOS, Cynthia G.; SOSA, Edith A.; BARRIOS, Elizabeth. Perfil migratório de Paraguay. *In: Asociación Paraguaya de Estudios de Población (ADEPO)*. Organización Internacional para las Migraciones (OIM). Noviembre, 2011.
- OLIVEIRA, Arioaldo Umbelino de. Barbárie e modernidade: As transformações no campo e o Agronegócio no Brasil. *In: Terra Livre*: São Paulo, jul/dez. 2003.
- ORTIZ, Remato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. 4ª Ed. Editora Brasiliense, 1994.

- PIFFER, Moacir. **A dinâmica do Oeste paranaense: sua inserção na economia nacional.** Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Econômico). Universidade Federal do Paraná-UFPR. Curitiba, 1997.
- PINTO, Sergio R. A.; TRISTONI, Rejane H. P. Estigmatização e construção de identidades territorial e cultural – Caso Nancy. *In: II Seminário Nacional em Estudos da Linguagem.* 2010. ERIS, A. F.; EDUNIOESTE, Cascavel, 2008.
- PINTO, Sergio R. A.; TRISTONI, Rejane H. P. Estigmatização e construção de identidades territorial e cultural – Caso Nancy. *In: II Seminário Nacional em Estudos da Linguagem,* 2010.
- PINTO, Sergio R. A. As transformações históricas e a dinâmica atual da bacia do rio Quati da Margem Esquerda do perímetro urbano de Cascavel Paraná. *In: XVIII Encontro Nacional de Estudantes de Geografia.* Que currículo? Que Geografia? Mercado, produtividade do conhecimento, academicismo, instituições... E a autonomia. Universidade Federal de Alagoas- UFAL. Maceió-AL, 18 jan. 2010.
- PRIORI, Angelo; POMARI, Luciana R.; AMÂNCIO, Silva M.; IPÓLITO, Veronica K. A modernização do campo e o êxodo rural. *In: PRIORI, Angelo, et al (Orgs.) História do Paraná: século XIX e XX.* p. 115- 127. Maringá: Eduem 2012 (a).
- PRIORI, Angelo; POMARI Luciana R.; AMÂNCIO Silvia, M.; IPÓLITO, Verônica K. A história do Oeste Paranaense. *In: História do Paraná: séculos XIX e XX.* Eduem-Maringá, 2012 (b).
- RAFFESTIN Claude. **Por uma Geografia do Poder.** São Paulo: Ática, 1993.
- RAMÃO, Fernanda P.; WADI, Yonissa M. Espaço urbano, desigualdade socioespacial e a dinâmica dos homicídios em Cascavel – PR. *In: XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais.* Caxambu– MG, 2008.
- RAMALHO, Elba. De volto pro aconchego. *In: Álbum: O melhor de Elba Ramalho,* 1999.
- RIQUELME, Quintin. Los campesinos sin tierra en Paraguay: conflictos agrários y movimiento campesino. *In: CLACSO- Consejo Latino americano de Ciencias Sociales.* Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina, septiembre de 2003.
- RIPPEL, Ricardo. **Migração e desenvolvimento econômico no oeste do Estado do Paraná: uma análise de 1950 a 2000.** Tese (Doutorado em Demografia). Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP. Campinas - SP, 2005.
- ROLNIK Suely. Toxicômanos de identidade. Subjetividade em tempo de globalização. *In: LINS, Daniel; Bourdieu, Pierre; ROLNICK, Suely; WACQUANT, Loïc.* Cultura e subjetividade, (Orgs). **Saberes nômades.** 4ª Ed. Campinas: Papyrus, 2003.
- ROMERO, Juan. Lo rural y la ruralidad en América Latina: categorías conceptuales en debates. *In: Psicoperspectivas, individuo y sociedad.* v. 11, n. 1, 2012.
- SALLES, Ricardo. Guerra do Paraguai: **Escravidão e cidadania na formação do Exército.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- SANTOS, MARIA E. P. **O cenário multilíngüe/multidialeto/multicultural de fronteira e o processo identitário “brasiguai” na escola e no entorno social.** Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP. Campinas – SP. 2004.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço.** Técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SANTOS, Milton: **O espaço do cidadão.** 7ª Ed. São Paulo: Nobel, 2000.
- SANTOS, Milton; SILVEIRA, María L. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI.** 8ª Ed., Rio de Janeiro: Record, 2001.
- SAQUET, Marcos A. **Os tempos e território da colonização italiana.** Porto Alegre: Est edições, 2002.

- SAQUET, Marcos A. O território: diferentes interpretações na literatura italiana. *In: RIBAS, Alexandre. D.; SPOSITO, Eliseu S.; SAQUET, Marcos A. (orgs.) Território em desenvolvimento: diferentes abordagens.* Francisco Beltrão: UNIOESTE, 2004 (a).
- SAQUET, Marcos. Re-territorialização e identidade. *In: XVII Encontro Nacional de Geografia Agrária.* UFRGS/AGB, Gramado/RS. 2004 (b)
- SAQUET, Marcos. Território e identidade entre italianos e seus descendentes no sul do Brasil. *In: X Encontro de geógrafos da América Latina.* Universidade de São Paulo-USP, 2005.
- SAQUET, Marcos A. **Abordagens e concepções de território.** São Paulo-SP. Editora Expressão Popular, 2007(a).
- SAQUET Marcos A. As diferentes abordagens do território e a apreensão do movimento e da (i) materialidade. *In: Geosul*, v. 22, n. 43, jan/jun. Florianópolis-SC, 2007 (b).
- SAQUET, Marcos A. **O processo de modernização da agricultura no sudeste do Paraná.** Presidente Prudente-SP. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Estadual Paulista. Julio Mesquita, UNESP. Presidente Prudente, 2008.
- SAQUET, Marcos A. Por uma abordagem do território. *In: SAQUET, M. e SPOSITO, E. (orgs.). Território e territorialidade: teorias, processos e conflitos.* São Paulo: Expressão Popular, 2009 (a).
- SAQUET Marcos, A. Dilemas de conceitos: espaço-território e contenção territorial. *In: Saquet Marcos, A.; SPOSITO Eliseu, S. (Orgs.) Território e territorialidades: teorias, processos e conflitos.* São Paulo: Expressão Popular, 2009 (b).
- SAQUET, Marcos A. **Estudos territoriais na ciência geográfica.** São Paulo: Outras Expressões, 2013.
- SAQUET, Marcos A.; BRISKIEVICVZ, Michele. Territorialidade e identidade: um patrimônio no desenvolvimento territorial. *In: Caderno Prudentino de Geografia.* Universidade Estadual Paulista- UNESP - Presidente Prudente, v. 1, n. 31, 2009.
- SAQUET, Marcos. A. Por uma abordagem territorial. *In: Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos.* (Orgs.) Saquet, Marcos A.; SPOSITO, Eliseu S. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2015.
- SAYAD, Abdelmalek. **A imigração: ou os paradoxos da alteridade.** São Paulo. EDUSP, 1998.
- SAYAD, Abdelmalek. O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante. *In: TRAVESSIA - Revista do migrante.* Janeiro - São Paulo, 2000.
- SCHLOSSER, Marli. T. S.; FRASSON, Margarete. Alunos "brasiguaios" em movimento na tríplice fronteira: novas possibilidades e novos limites na integração do aluno "brasiguai". *In: Revista Formação Online*, v. 2, n. 19, p. 3-31, jul/dez. 2012.
- SCHÖRNER, Ancelmo. Território / migração e desterritorialização de faxinalenses em Irati /PR: 1970-1980. *In: XIII encontro da Associação Nacional de pós-graduação e pesquisa em planejamento urbano e regional.* 25 a 29 de maio. Florianópolis – SC. 2009.
- SCHWARCZ, Lilia M. **A Batalha do Avahy: a beleza da barbárie - A Guerra do Paraguai pintada por Pedro Américo.** Editora SEXTANTE ARTES, 2013.
- SERRA, Elpídio. A participação do Estado na formação e desenvolvimento das cooperativas agrícolas no Brasil. *In: Campo-Território: Revista de Geografia Agrária*, v. 8, n. 16, ago, 2013.
- SILVA, Kássia N. da; ALVES, Lidiane Ap.; LOPES, Michelly L de; A importância de se praticar o trabalho de campo na ciência geográfica. *In: Revista Margem.* Estudos Uberlândia – MG, ano 1, n. 1. p. 10-19, jan/jun. 2008.

- SILVA, Luis. C. da. **Representações em tempo de guerra. Marinha, civilização e o quadro Combate Naval do Riachuelo de Victor Meirelles (1868-1872)**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Paraná-UFPR. Curitiba, 2009.
- SILVA, Tomaz T. da. A produção social da igualdade e da diferença. *In: SILVA, Tomaz T. da (Org.)* **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. 10ª Ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2011.
- SILVA, Grasiela M.; Tristoni, Rejane H.P.; Diversidade cultural e linguística nas escolas de fronteira Brasil/Paraguai *In: Revista Travessias*. v. 6, n. 1, 2012.
- SIMÕES, Mário L.; MENDONÇA, Wilma, M. de. Representações do homem do campo em Monteiro Lobato: De Jeca Tatu a Zé Brasil. *In: MISCELÂNEA – Revista de Pós – Graduação em Letras*. UNESP – Assis – SP. v. 6, jul / nov: 2009.
- SIQUEIRA, Sueli. **Sonhos, sucesso e frustrações na emigração de retorno: Brasil-Estados Unidos**. Belo Horizonte: Argumentvm Editora LTDA, 2009.
- SIQUEIRA, Liédje. B. O. de; MAGALHÃES, André M.; SILVEIRA NETO, Raul da M. Perfil do migrante de retorno no Brasil: evidências a partir do censo de 2000. *In: XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais*, de 29 de setembro a 3 de outubro. Caxambu - MG, 2008.
- SIQUEIRA Liédje, B. O. de; MAGALHÃES André, M.; SILVEIRA Raul, da M. Migração de retorno e migração progressiva no Brasil: evidências a partir do critério de data fixa do censo de 2000. *In: Revista Brasileira de Estudos Regionais e Urbanos (RBERU)*. v. 5, n. 1, p. 44-60; 2011.
- SPRANDEL MÁRCIA, A. **“Brasiguaios”**: conflito e identidade em fronteiras internacionais. Rio de Janeiro - RJ. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social- PPGAS. Museu Nacional. Universidade Federal do Rio de Janeiro- UFRJ. Rio de Janeiro, 1992.
- SPRANDEL MÁRCIA, A. Una identidad de frontera y sus transformaciones. *In: Colección Signo*. Trad. ABRAMZÓN, Laura. Buenos Aires, ARG: Ediciones Ciccus, 2000.
- SPRANDEL MÁRCIA, A. Brasiguaios na Fronteira com o Paraguai. *In: Estudos Avançados*. v. 20, n. 27, may/aug. São Paulo, 2006.
- SODRÉ, Nelson. W. **História militar do Brasil**. 2ª Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.
- SOUCHAUD, Sylvain. A visão do Paraguai no Brasil. *In: Contexto internacional*. v. 33, n. 1, jan/jun 2011.
- SOUZA, Marcelo J. L. de. **O território**: sobre o espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. *In: CASTRO, Iná E. de. GOMES, Paulo C. da C.; CORRÊA, Roberto L. (Orgs.)*. Geografia: Conceito e temas. 5ª Ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2003, p. 77-116.
- SOUZA, Eduarda B. C. de. Tríplice Fronteira: fluxos da região Oeste do Paraná como Paraguai e Argentina. *In: Revista Terra Plural*, v. 3, n. 1, 2009.
- SOUZA, Eduarda R. de. **O conflito de terras entre brasileiros e paraguaios**: um estudo de caso sobre a violação de direitos humanos dos brasiguaios na região de fronteira. Monografia (Bacharelado em Relações Internacionais). Universidade Federal de Santa Catarina- UFSC, Florianópolis, 2013.
- SOUZA, Marcelo Lopes de. O território: sobre o espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. *In: Castro, Iná Elias de. et al (Orgs.): Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.
- SOUZA, Macedo L. de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.
- SOUZA, Marcelo L. de. “Território” da divergência (e da confusão): em torno das imprecisas fronteiras de um conceito fundamental. *In: Territórios e territorialidades*:

- teorias, processos e conflitos.** (Orgs.) Saquet, Marcos A.; SPOSITO, Eliseu S. 2. Ed. - Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2015.
- SOUCHAUD, Sylvain. **Geografía de la inmigración brasileña em Paraguay.** 1ª Ed. Asunción: UNFPA-ADE PO. 2007.
- SPERANÇA, Alceu. A. **Cascavel: a história.** Curitiba-PR: Lagarto: 1992.
- SPOSITO, Eliseu. S. Sobre o conceito de território: um exercício metodológico para a leitura da formação territorial do sudoeste do Paraná. *In: Território e desenvolvimento: diferentes abordagens.* RIBAS, Alexandre D.; SPOSITO, Eliseu S.; SAQUET, Marcos A. Francisco Beltrão: Unioeste, 2004.
- STEVENS, Cristina M. T. Literatura e identidade migrantes. *In: CUNHA, Maria J. C.; GURAN, Milton; HASSE, Geraldo; MENEZES, Frederico L. de; STEVENS, Cristina M. T. (Orgs.) Migração e identidade: Olhares sobre o tema.* São Paulo: Centauro, 2007.
- SUETARGARAY, Dirce M. A. O Rio Grande Sul descobre seus “desertos”: *In: Ciências & Ambiente*, v. 1, n. 1, p. 65-70. Santa Maria: 1995.
- THOMAS, JUNIOR, Antonio; MENDONÇA, Marcelo R. A discussão agricultura camponesa x agricultura familiar e as perspectivas políticas para reforma agrária. *In: X encontro de geógrafos da América Latina*, 30 a 26 de março, USP - Universidade Estadual Paulista, São Paulo: 2005.
- TRISTONE Rejane H. P. Uma breve reflexão sobre os brasiguaios na região de fronteira Brasil/Paraguai. *In: XI Seminário Nacional de Literatura História e Memória e II Congresso Internacional de pesquisa em letras no contexto latino-americano.* UNIOESTE. Cascavel-PR, 27 a 29 de novembro, 2013.
- TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução a pesquisa em ciências sociais.** São Paulo: Atlas, 1987.
- TSCHÁ, Olga da C. P., RIPPEL, Ricardo; LIMA, Jandir F. de. Transformação produtiva, industrialização e migração no Oeste do Paraná. *In: XVII Encontro Nacional de Estudos Populacionais - ABEP*, Caxambu - MG, de 2010.
- VALE, Ana L. F.; SAQUET, Marcos A; SANTOS, Roseli A. dos. O território: diferentes abordagens e conceito-chave para a compreensão da migração. *In: Revista Faz Ciência*, v. 7, n. 1, 2005.
- VAS, Braz. B. **O final de uma guerra e suas questões logísticas: Conde D' Eu na Guerra do Paraguai (1869-1970).** São Paulo: Editora Cultura Acadêmica, 2011.
- VAZQUEZ, Fabricio. Ciudades intermedias y sustentabilidad urbana em Paraguay. *In: El desafío del desarrollo sustentable em América Latina- centro de análises y difusión de la economía paraguaya.* p. 223-243, Asunción-PY: 2013.
- VIANNA, Brunno; CAETANO, Charles L.; MARUCCI, Fábila dos S. Guerra do Paraguai: visões literárias, artísticas e históricas. *In: Revista Semioses*, Rio de Janeiro. v. 6, n.2, jul./dez. 2012.
- VIEIRA, Rafaela; FERNANDES, Kalina G.; NETO, Leo M.; LEANDRO, Dêlcio A.; SOUZA, Tatiana das G. Movimentos artísticos no século XIX: Romantismo. *In: Contemporâneos.* Revista de artes e humanidades. Universidade Federal do ABC-UFABC. n. 3, nov-abri. Santo André, 2009.
- VYGOTSKY, Levi S. **A formação social da mente.** 5ª Ed. São Paulo: Martins Fontes. 1994.
- WACHOWICZ, Ruy C. **Obrageiros, Mensus e Colonos.** Curitiba, PR: Ed. Vicentina, 1987.
- WACHOWICZ, Ruy. C. **História do Paraná.** Curitiba: Editora, 1988.

- WACQUANT, Loïc, J. D. Da América como avesso da utopia. *In*: LINS, Daniel; Bourdieu, Pierre; ROLNICK, Suely; WACQUANT, Loïc. Cultura e subjetividade, (Orgs). **Saberes nômades**. 4ª Ed. Papirus: Campinas, 2003.
- WACQUANT, Loïc. Que é gueto? Construindo um Conceito Sociológico. *In*: **Revista de Sociologia e Política**. Curitiba, 23. nov. 2004.
- WAGNER, Carlos. **Brasiguaios**: homens sem pátria. 1ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1990.
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica conceitual. *In*: SILVA, Tomaz T. da. (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.
- ZAAAR, Mirian H. A migração rural no oeste paranaense/Brasil: A trajetória dos “brasiguaios”. Barcelona. *In*: **Revista Eletrônica de Geografia y Ciencias Sociales**. Migración y cambio social. III Coloquio Internacional de Geocrítica. Universidad de Barcelona. Espanha, v. 94, n. 88, 1 de agosto. Barcelona, 2001.
- ZAMBERLAM, Jurandir; CORSO, Giovanni; FILIPPIN, Joaquim; GEREMIA, Eduardo; BRESOLIN, Eduardo. *In*: ZAMBERLAM, Jurandir; CORSO, Giovanni; Presença Scabriniana. (Org.). **Emigrantes brasileiros no Paraguai**. Porto Alegre: Solidus, 2007.
- ZDEBSKI, Rodrigo. **Debate sobre a identidade e estigmas através das obras e pinturas romancistas no período da guerra do Paraguai**. Monografia (Licenciatura Artes Visuais). FACIAP – Anhanguera Educacional de Cascavel PR, 2014.
- ZEN, Érick R. G. **Identidade em conflito**: os imigrantes lituanos na Argentina, no Brasil e no Uruguai (1920-1955) / Erick Reis Godiliauskas Zen. – São Carlos: EDUFSCAR, 2014.

APÊNDICES

APÊNDICE 1

ELEMENTOS DA IDENTIDADE NACIONAL ATRAVÉS DA OBRA DE MACHADO DE ASSIS E DAS AS PINTURAS DE PEDRO AMÉRICO, VICTOR MEIRELLES E JUAN BLANES

Conforme informamos no capítulo 4, o Império recomendou à vários profissionais a construção da identidade nacional, que deveria representar a superioridade do país. Para isso, foi conferido aos artistas, escritores, jornalistas e literários o tema da Guerra do Paraguai, a fim de que através dela reproduzissem os elementos simbólicos de prestígio do Brasil em relação ao Paraguai, o qual deveria ser retratado com inferioridade.

Conforme Alambert (1999), Mota (2000), Sodré (2010), Vianna *et al* (2012), Araújo (2012), Arantes (2013) e Schwarcz (2013), essas representações ideológicas foram e são tão cruéis quanto às batalhas da guerra, pois, elas promovem sentimentos e ações negativos a respeito do Paraguai, o que para Alambert (1999), Vas (2011), Araújo (2012) e Zdebski (2014), é uma continuidade da violência que a guerra gerou ao país, porém, agora, através da reprodução de imagens distorcidas, inundadas de depreciação, desprezo, ódio e inferioridade ao Paraguai.

Nos estudos de Albuquerque (2003; 2005; 2007), Sprandel (1992; 2000), Ferrari (2009), Haesbaert e Santa Bárbara (2001) Baller (2014), estes valores da identidade nacional ainda estão presentes e que promovem valores de dominação dos brasileiros em relação aos brasiguaios.

Neste sentido as representações que aqui trazemos, foram debatidas através de Alambert (1999), Coelho (2007), Machado (2007), Christo (2009), Araújo (2012), Lavarda (2009), Centeno *et al.* (2011), Vianna *et al* (2012), Arantes (2013), Schwarcz (2013) Araújo (2012), Vianna *et al* (2012), Schwarcz (2013), Arantes (2013) e Zdebski (2014), em cujos autores nos fundamentamos para realizar tais análises e considerações das pinturas e das obras de Machado de Assis, já realizadas na seção 4.

A partir de Alambert (1999), Centeno *et al* (2011), Vianna *et al* (2012), Araújo (2012) e Zdebski (2014), podemos trazer algumas análises da obra "Iaiá Garcia", (de Machado de Assis) no fragmento abaixo onde Iaiá conversa com Luís Garcia sobre o

Paraguai, dizendo encorajar o filho Jorge ir a para a guerra e este, se mostra temeroso em deixá-la sozinha. Segundo estes autores: a) a intenção de Machado de Assis é levar ao leitor da época o questionamento do caráter do presidente do Paraguai (Solano López), projetando o valor da desonestidade e da falsidade em relação à proposta da paz (grifo em azul); b) o fim da guerra e a consolidação da paz não dependiam do Brasil (grifo em vermelho), há a ideia de que os horrores do que representa um conflito era de responsabilidade do país vizinho, que, segundo os mesmos autores, não é verdade; c) a projeção de elementos simbólicos de superioridade do Brasil aparece quando o leitor compara os sentimentos nobres da mãe em encorajar o filho a ir para a guerra (grifos em verde). Aqui a mãe representa a própria nação. Outro momento em que se pode verificar a superioridade da índole do brasileiro está quando personalizam o jovem temeroso, preocupado em não ir à guerra não por medo, fraqueza, por falta de patriotismo, mas pelo amor à sua mãe (grifos em laranja); d) a imagem de que ir guerrear com o Paraguai era sinônimo de valentia e, assim, merecer cargo de prestígio no seu retorno vitorioso. Os elementos de sentimentos de superioridade do brasileiro em relação ao paraguaio, presentes nestas obras, consolidaram a identidade nacional do brasileiro, que para eles, tais estereótipos ainda são reproduzidos.

AS REPRESENTAÇÕES DE SUPERIORIDADE DO BRASILEIRO NA OBRA IAIÁ GARCIA DE MACHADO DE ASSIS

— Sr. Luís Garcia, disse a viúva; esta guerra do Paraguai é longa e ninguém sabe quando acabará. Vieram notícias hoje?

— Não me consta.

— As de ontem não me animaram nada, continuou a viúva depois de um instante. Não creio na paz que o López veio propor. Tenho medo que isto acabe mal.

— Pode ser, mas não dependendo de nós...

— Por que não? Eu creio que é chegado o momento de fazerem todas as mãos um grande esforço e darem exemplos de valor, que não serão perdidos. Pela minha parte trabalho com o meu Jorge para que vá alistar-se como voluntário; podemos arranjar-lhe um posto de alferes ou tenente; voltará maior ou coronel. Ele, entretanto, resiste até hoje; não é falta de coragem nem de patriotismo; sei que tem sentimentos generosos. Contudo, resiste...

— Que razão dá ele?

— Diz que não quer separar-se de mim.

— A razão é boa.

Fonte: Assis (1978).

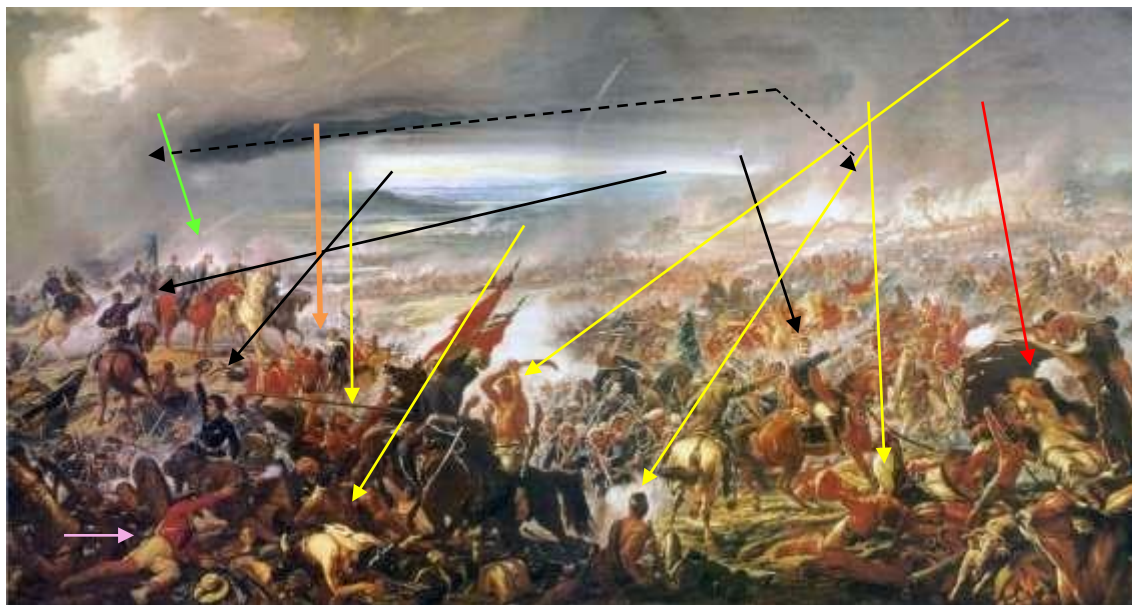
Organização: Pinto (2015).

Nas pesquisas Alambert (1999) e Araújo (2012) pode se verificar que nas obras de Machado de Assis que este, correspondendo ao projeto de idealização da identidade nacional, dedicou-se em projetar uma imagem do Império brasileiro superior ao Paraguai em virtudes, qualidades, em sentimentos de honra, em poder, em nobreza, em civilização, em educação, em dignidade, em polidez e outros atributos positivos. Já o Paraguai, foi retratado com ideias e sentimentos de inferioridade, de desprezo, de um país inferior, tirano, de incivilizado, bárbaro, selvagem, sem moral, vulgar, sem virtudes positivas.

O mesmo pode ser observado nas pinturas de Pedro Américo retratando a "Batalha do Avañy" e a "Batalha de Campo Grande". Nessas obras, Alambert (1999), Vas (2011), Araújo (2012), Arantes (2013), e Vianna *et al.* (2012) e Schwarcz (2013), os elementos que foram criados pelos "heróis" da guerra e do próprio Exército Brasileiro, constituem-se como símbolos nacionalistas, patrióticos, defensores, corajosos, bravos, respeitosos, justos e outros atributos positivos Alambert (1999), Coelho (2007), Machado (2007), Christo (2009), Araújo (2012), Lavarda (2009), Centeno *et al.* (2011), Vianna *et al.* (2012), Arantes (2013), Schwarcz (2013) e Zdebski (2014). Esses autores explicam que na "Batalha do Avañy" os elementos simbólicos que Pedro Américo utiliza, difundem ideias de superioridade do Brasil em relação ao Paraguai. Verificamos estas

representações subjetivas nas diferenças em que o pintor retratou os combatentes de ambos os países. Podemos verificar os soldados brasileiros uniformizados, enquanto os soldados paraguaios são apresentados como sendo descamisados e com os rostos em apresentações grotescas, figura seguinte.

BATALHA DO AVAHY DE PEDRO AMÉRICO



Fonte: Zdebski (2014).

Organização: Pinto (2015).

Na figura pode se verificar vários elementos figurativos de inferioridade do Paraguai em comparação ao Brasil. Sobre isso, temos em Zdebski (2014).

Na imagem: setas tracejadas em preto, a fumaça encobre o fundo está tela, para que a frente seja o foco da cena para o observador. **Setas em preto**, representam soldados brasileiros, brancos, sem indicar miscigenação, todos trajados, com uniformes e bem vestidos, com armas de fogo em punho, montados em cavalos robustos e bem selados. Os cavalos aparecem galopando sobre os paraguaios. **Setas em amarelo**, indicam soldados paraguaios, apresentando-se como miscigenados, com armas inferiores aos brasileiros, descamisados, ou em farrapos, a maioria caídos ao chão, ou abaixo dos cavalos. **Seta em vermelho**, figura uma família, representando toda nação paraguaia e a tela, em si, projeta nessa família o país em ruína. Ela se configura com diferentes faixas etárias e gêneros, contendo crianças, bebê, idoso, jovens e seus bens, animais, alimentos e um baú pintado com as faixas da Bandeira do Paraguai. **Em rosa** a presença de soldado com vestimentas dos grupos aliados do Brasil, armado. **Seta em branco**, esboça as virtudes corrompidas do paraguaio, mesmo envolvido em uma cena de ameaça de vida, o mesmo se aproveita para roubar. **Seta em laranja**, focaliza um grupo de paraguaios descamisados, cabisbaixos, suplicantes aos que estão acima deles (brasileiros). **Em verde** destaca um grupo de brasileiros da alta patente,

montados a cavalos e armados, no plano mais alto da tela, observam a batalha, rodeados de outros soldados também montados a cavalos, com a Bandeira do Brasil Império estendida em cena de avanço ao grupo, Duque de Caxias e seus auxiliares foram apresentados neste grupo (ZDEBSKI, 2014, p. 81, grifos nossos).

Além disso, os soldados brasileiros apresentam maior destaque em suas indumentárias, armamentos e em situações de ataques. Já os paraguaios são apresentados como ameaçadores, com inferioridade em armamentos e até suplicantes.

Há a ideia de que os soldados paraguaios são de caráter e índole negativa, dando a entender, que mesmo diante do conflito, se aproveitam para saquear. A alta patente do exército é apresentada sobre cavalos, todos em destaques e sempre apresentando os símbolos pátrios brasileiros, como escuros, brasões, as cores, a bandeira, etc. A pintura ainda nos revela um grupo de mulheres, idosos e crianças envolvidas no conflito, sugerindo a quem observa a tela que, todos os elementos depreciativos são projetados à população paraguaia.

Essas diferenças do uso de elementos para as representações do Brasil, como um país superior à Nação "guarani", também podem ser constatadas em outras obras deste pintor, figura seguinte.

BATALHA DO CAMPO GRANDE DE PEDRO AMÉRICO



Fonte: Zdebski (2014).

Organização: Pinto (2015).

Observando a tela da "Batalha de Campo Grande" de Pedro Américo, pode-se perceber o destaque central da peça a figura do Conde d'Eu sobre seu cavalo. Cavalo e

cavaleiro são apresentados apessoados, mesmo envolvidos em toda destruição, pavor e morte da guerra:

Na imagem: **setas em branco**, indicam soldados brasileiros, apresentados todos bem vestidos, uniformizados, com armas em mãos, acessórios e indumentárias de guerra. Alguns montados a cavalos selados. No plano central da tela e no ponto mais alto, com uma iluminação em destaque ao Conde d'Eu, montado em um cavalo branco, símbolo de realeza, heroísmo, sucesso, conquista e outros adjetivos similares. Ainda o mesmo é apresentado com a mão direita em movimento de prorrogar o avanço sobre o que parece a frente, ou seja, o Paraguai representado pelos soldados. Seu cavalo ainda aparece com inúmeros detalhes de ornamentação, sua sela possui o Brasão do Império do Brasil, o mesmo está empinando sobre os paraguaios. A Bandeira do Império apresenta-se na tela em avanço cena adentro. Todos os soldados brasileiros são figuras de um povo sem mistura racial, composto apenas por brancos. Conde d'Eu ainda aparece envolto de outros companheiros que configuram sua importância, por protegê-lo. **Setas em preto** sinalizam soldados paraguaios, desnudos, com armas inferiores, sendo pisoteados por cavalos, todos denotam uma miscigenação. **Seta em verde claro**, mostra um soldado brasileiro ferido sendo socorrido por um frei que aparece suplicante a Deus (ZDEBSKI, 2014, p. 82, grifos nossos).

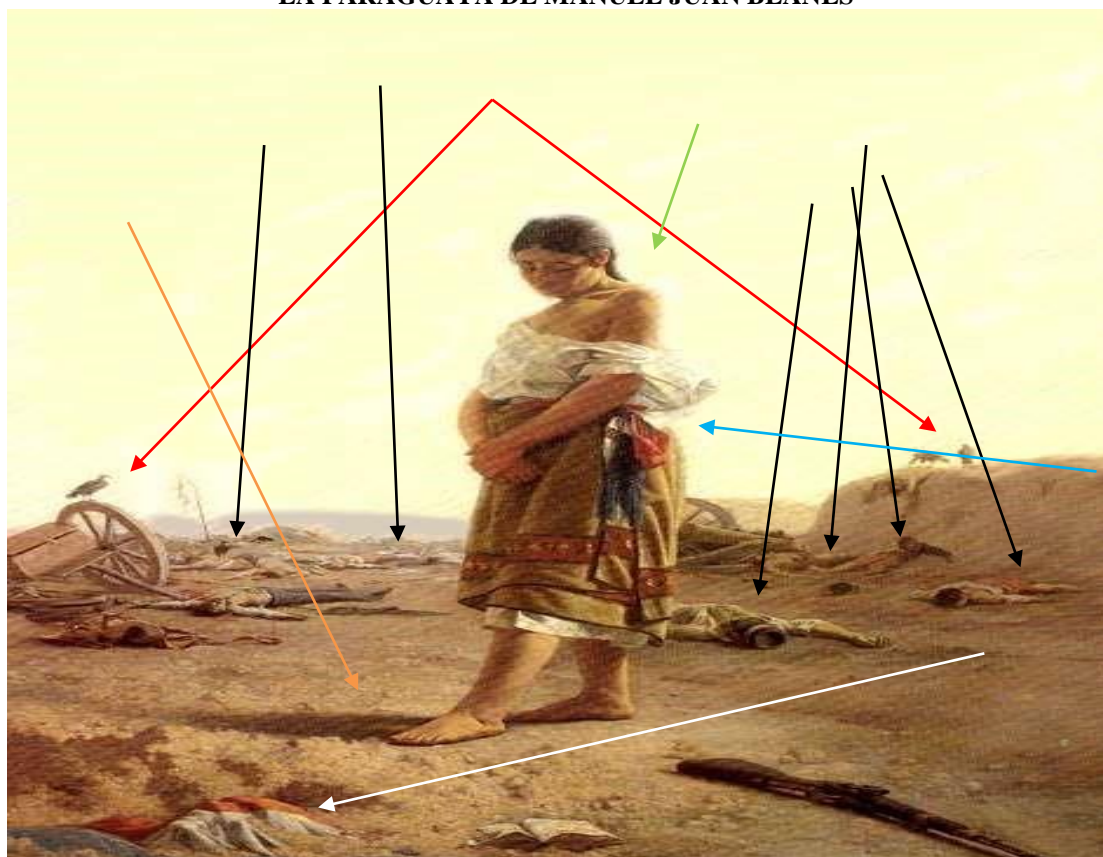
Conde d'Eu aparece com arma em punho e seu braço direito simboliza o controle e o poder de toda situação. Seus auxiliares, o major Benedicto de Almeida Torres, os capitães Almeida Castro e A. E. Taunay, o coronel Enéas Galvão e o tenente Coronel Moraes aparecem dando apoio ao Conde d'Eu. Uns protegendo-o de ataques, outro alertando com a mão sobre o perigo e os demais o cercando em proteção. A posição de Conde d'Eu em sua localização central e protegido, representa a Nação Brasileira em situação de prestígio. Isso fica mais evidenciado ao perceber que seu cavalo indica estar apurmando em um salto, alcançando o esperado: a vitória. O objetivo que se representa com esta cena, pode ser observado ao redor de Conde d'Eu, ou seja, um país destruído. O Paraguai é representado com seus soldados acuados, sendo atacados, mortos, abaixo do cavalo, suplicantes, descamisados e carrancudos.

As feições dos paraguaios apresentam os preconceitos que havia em relação às misturas étnicas na época, dando entender um povo miscigenado, enquanto o Brasil se representa apenas por brancos, o que não é verdade, pois houve a presença de negros brasileiros nas batalhas. O canhão em posse do paraguaio indica sua falta de destreza e sagacidade, pois o tiro é projetado para o lado errado. Abaixo, do lado esquerdo da tela, aparece o frei Fidelis d'Avila acudindo o capitão brasileiro Arauca, sugerindo o

sofrimento do Brasil diante da covardia paraguaia. Tais representações indicam a superioridade do Brasil e os prejuízos lançados nesta iconografia.

Conforme Chiavenato (1939), Alambert (1999; 2000), Doratioto (2002), Machado (2007), Vas (2011) e Bandeira (2012), esta batalha é reconhecida pelos paraguaios como *Acosta Ñu*, ou batalha de *Los Niños*. Em seu calendário civil comemora-se no dia 12 de agosto, data de comemoração ao "dias das crianças" em alusão às decisões tomadas por conde d'Eu em incendiar igrejas, escolas e hospitais com a população paraguaia presa em seus interiores e de assassinar as "crianças soldados", já rendidas. Aqueles soldados brasileiros que se recusaram a realizar os comandos do conde d'Eu foram assassinados por conspiração. Na pintura "A paraguaia" de Juan Manuel Blanes faz um trabalho inverso aos pintores brasileiros, apresentando uma crítica à Guerra do Paraguai, figura abaixo.

LA PARAGUAYA DE MANUEL JUAN BLANES



Fonte: Zdebski (2014).

Organização: Pinto (2015).

O pintor representa a nação paraguaia através de uma mulher em cabisbaixa, centralizada diante das representações da morte e da destruição, indicando o extermínio da população masculina. A jovem foi centralizada em meio a corpos, levando a

compreender as consequências da guerra ao país. Deste modo, a paraguaia é, então, o próprio país. Além dos corpos, a paraguaia foi colocada entre três aves de rapinas, representando e indicando os interesses dos três países, Brasil, Argentina e Uruguai, responsáveis pela dor que envolve a jovem, isto é, da nação paraguaia:

Na imagem: **as setas em preto** designam os soldados mortos, ilustrando o genocídio paraguaio. Todos foram retratados estirados ao chão, em farrapos rodeando o elemento principal da tela: a paraguaia (**seta verde**). **Seta azul** mostra a faixa com as cores da Bandeira do Paraguai, personalizando a jovem como próprio país, ou seja, a jovem representa a nação paraguaia. A mesma indica com sua postura e seu olhar cabisbaixo, o sofrimento e a desolação do país, que se encontra pelo que propõe-se na tela, destruído, com mortos e sendo explorado, ocupado pelos países responsáveis pelo seu flagelo, os quais foram personificados nas três aves de rapina (**setas em vermelho**): Brasil, Uruguai e Argentina. O futuro do país é apresentado pela sombra da jovem, cuja projeção (**seta em laranja**) indica o nascer do sol da direita (Leste) para esquerda (Oeste). A paraguaia se apresenta de costas ao nascer do sol, cujo elemento indica esperança, desenvolvimento, progresso, no entanto, ao estar de costas para o nascente, o pintor configura o destino do país à ruína e incapacidade de se reconstruir. Isso se confirma ao observar outros elementos, com os mesmos significados que o nascer do sol: o livro e a Bandeira do Paraguai (**setas brancas**). O futuro do país simbolizado no livro, está como se propõe seu posicionamento na tela, isto é, ao chão, com terra sobre si e em meio a corpos. A bandeira que orienta o orgulho de uma nação, se apresenta, como o livro, também figurado ao fracasso. De modo geral, a sombra, o livro, a bandeira, os corpos e as aves indicam o futuro do país, representada na jovem que é centralizada em meio a todos estes elementos que simbolizam o insucesso do seu futuro (ZDEBSKI, 2014, p. 83).

A sombra da jovem indica que é o início de um dia. O pintor representou no nascer da manhã, o elemento do futuro, (isto é o futuro do país) é a própria tristeza, melancolia, sofrimento, dor e morte que envolvem a paraguaia. Isto é mais evidenciado quando o pintor inclui na pintura o livro e a bandeira paraguaia no chão, representando que o avanço educacional, técnico e econômico que o país apresentava antes da guerra, agora, está destruído mediante a guerra.

Neste sentido, percebemos que as pinturas brasileiras assumem como já afirmamos, os interesses de quem as encomendou, ou seja, levar ao mundo das representações artísticas, elementos de poder simbólico e subjetivos para criar-se um imaginário, internalizando na identidade nacional os elementos que elas tencionam: a superioridade do Brasil e a inferioridade do Paraguai.

Estas análises que aqui trouxemos apenas nos certificam que estes elementos simbólicos foram recomendados pelo Império para compor a superioridade da

identidade nacional em prejuízo ao Paraguai. No nosso entendimento, mediante ao que identificamos nos questionários e nas entrevistas, ainda hoje estas representações repercutem sentimentos de aversão ao país vizinho e de motivação de subalternização e legitimação dos brasileiros aos brasiguaios no Bairro Jardim Santa Felicidade.

APÊNDICE 2 - ROTEIROS DE TRABALHOS DE CAMPOS

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO- OESTE- UNICENTRO
Discente: Sergio Ricardo Aurélio Pinto Docente orientadora da pesquisa: Karla Rosário Brumes
Pesquisa de mestrado: <i>Um 'aconchego' para chamar de seu: os conflitos e identitários entre brasileiros e brasiguaios no bairro Jardim Santa Felicidade, Cascavel - PR</i>
Roteiro de trabalho de campo 1: Visita a Secretaria de Planejamento (SEPLAN), Museu de Imagem e Som (MIS) e Secretaria da Ação Social (SAS).
Data: 13/04/2015. Esta visita foi realizada por meio de agendamento da data e horário. Objetivo: Obter informações sobre a origem e características socioeconômicas do Bairro Jardim Santa Felicidade, bem como, seus loteamentos; Conseguir materiais cartográficos e icnográficos sobre a área de estudo; Informações a respeito da existência de algum programa de apoio aos brasiguaios.
Devolutiva: Na SEPLAN conseguimos informações da origem, da localização, da área ocupada, dos loteamentos e aspectos estruturais (como vias, serviços públicos, etc.) do BJSF. No MIS conseguimos algumas fotos do início da ocupação do BJSF. No SAS constatamos que não existem programas aos imigrantes, sobretudo, aos brasiguaios.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO- OESTE- UNICENTRO
Discente: Sergio Ricardo Aurélio Pinto Docente orientadora da pesquisa: Karla Rosário Brumes
Pesquisa de mestrado: <i>Um 'aconchego' para chamar de seu: os conflitos e identitários entre brasileiros e brasiguaios no bairro Jardim Santa Felicidade, Cascavel - PR.</i>
Roteiro de trabalho de campo 2: Visita aos moradores do Bairro Jardim Santa Felicidade, brasileiros e brasiguaios, bem como, ao Colégio Jardim Santa Felicidade.

Característica geral: Para a obtenção dos dados neste trabalho de campo, foram realizadas 34 visitas ao BJSF, onde pôde-se aplicar questionários aos moradores brasiguaios e entrevistar moradores brasiguaios, moradores brasileiros, estudantes brasileiros, estudantes brasiguaios e profissionais da educação. As visitas ocorreram nos dias: 13/03/2015, 14/03/2015, 15/03/2015; 22/04/2015; 23/04/2015; 24/04/2015, 25/04/2015, 26/04/2015, 26/04/2015, 15/06/2015, 16/06/2015, 25/06/2015, 26/06/2015, 27/06/2015, 08/07/2015, 09/07/2015, 10/07/2015, 11/07/2015, 01/09/2015, 02/09/2015, 03/09/2015, 04/09/2015, 07/09/2015, 08/09/2015, 15/09/2015, 16/09/2015, 17/09/2015, 18/09/2015, 20/11/2015, 15/12/2015, 16/12/2015, 16/12/2015, 17/12/2015, 22/12/2015.

Objetivo: Aplicar questionários aos moradores (brasiguaios), entrevistas a moradores (brasileiros e brasiguaios), a estudantes (brasileiros e brasiguaios) e aos profissionais da educação, sobre a origem e características socioeconômicas do Bairro Jardim Santa Felicidade, bem como, seus loteamentos.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO- OESTE- UNICENTRO

Discente: Sergio Ricardo Aurélio Pinto

Docente orientadora da pesquisa: Karla Rosário Brumes

Pesquisa de mestrado: *Um 'aconchego' para chamar de seu: os conflitos e identitários entre brasileiros e brasiguaios no bairro Jardim Santa Felicidade, Cascavel - PR*

Roteiro de trabalho de campo 3: Visita aos moradores do Distrito Rural de São João do Oeste e do Pré-assentamento "São João".

Característica geral: Para a obtenção dos dados neste trabalho de campo, foram realizadas 2 visitas, onde pôde-se entrevistar moradores brasiguaios nos dias 14/02/2015 e 15/02/2015.

Objetivo: Entrevistar os moradores (brasiguaios) que retornaram do Paraguai para o BJSF e, deste bairro, resolveram imigrar para aquela área rural; Obter informações a respeito da motivação e em que condições retornaram do Paraguai para o BJSF e após, em que condições se transferiram-se para o pré-assentamento.

APÊNDICE 3 - QUESTIONÁRIOS

QUESTIONÁRIO I- "INDO PARA O PARAGUAI".

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO- OESTE- UNICENTRO
--

Discente: Sergio Ricardo Aurélio Pinto

Docente orientadora da pesquisa: Karla Rosário Brumes
--

Pesquisa de mestrado: <i>Um 'aconchego' para chamar de seu: os conflitos e identitários entre brasileiros e brasiguaios no bairro Jardim Santa Felicidade, Cascavel - PR</i>

Questionário 1 - "Indo para o Paraguai".

Objetivo: Obter informações sobre a origem social (categoria de trabalho - se trabalhador da terra) destes sujeitos, os motivos que os levaram a emigrar para o Paraguai, se houve fragmentação familiar, se houve processo de formação de redes sociais, como esta se caracterizava e o que isso promoveu na construção da identidade social dos brasiguaios.

Total de questionários e área de aplicação dos questionários: 66 aplicados para representantes das famílias dos brasiguaios residentes no Bairro Jardim Santa Felicidade.
--

Dados informativos sobre o imigrante

Nome:

Sexo:

Idade:

Local de Residência:

1) Quando emigraram para o Paraguai?

2) Quando emigraram, tinham a intenção de retornarem para o Brasil? (Caso a resposta for não, pule para a 4ª pergunta.)

3) Quais motivos já pensavam em retornar quando emigraram?

4) Em que cidade moravam no Brasil antes de irem para o Paraguai? Moravam no campo ou na cidade? (Caso morasse na área urbana, responda a pergunta 5 e pule para a pergunta 8. Caso morasse na área rural, pule a pergunta 5 e responda as perguntas 6 e 7)

5) No que trabalhavam na cidade?

6) Assinale em qual categoria de trabalho você pertencia quando morava no Brasil.

() Trabalhadores rurais assalariados

() Boias-frias

() Por parceria - meeiros

() Arrendatários

() Proprietários de terras

7) O que cultivavam ou produziam?

8) Qual foi o motivo de terem emigrado para o Paraguai?

9) Qual era o número de membros da sua família que lhe acompanhou na emigração?

Quem emigrou? (Pai, mãe, irmã(o), filha(o), tios, primos, avós)

10) Alguém da família permaneceu no Brasil? Por que permaneceram? (Caso não tenham deixado nenhum parente, pule para pergunta 14.)

11) Assinale a alternativa mostrando qual membro da sua família permaneceu no Brasil. () Pais

() Esposa

() Marido

() Irmãos

() Filhos

() Sogros

() Tios

12) Vocês tinham algum contato ou se comunicavam com seus familiares que permaneceram residindo no Brasil? (Caso a resposta seja não, pule para a pergunta 14.)

13) Descreve como era (se fácil ou se difícil) e qual recurso utilizavam para se comunicar com seus familiares.

14) Viajavam para o Brasil? () Sim, () Não. (Caso não viajassem para o Brasil, pule para a pergunta 17)

15) Quais eram os motivos de viajarem para o Brasil?

16) Com qual frequência viajavam para o Brasil?

17) No tempo que permaneceram no Paraguai, como faziam para obter informações a respeito do Brasil? O que procuravam saber?

QUESTIONÁRIO 2 - "MORANDO NO PARAGUAI".

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO- OESTE- UNICENTRO

Discente: Sergio Ricardo Aurélio Pinto

Docente orientadora da pesquisa: Karla Rosário Brumes

Pesquisa de mestrado: *Um 'aconchego' para chamar de seu: os conflitos e identitários entre brasileiros e brasiguaios no bairro Jardim Santa Felicidade, Cascavel - PR*

Questionário 2 - "Morando no Paraguai".

Objetivo: Obter informações sobre o processo de inserção no Paraguai, suas dificuldades de adaptação ao mesmo, bem como, o processo de superação destas dificuldades. Também pretendíamos verificar como se inseriram no modo de vida paraguaio, seus enfrentamentos político-sociais no campo, suas relações sociais com os já estabelecidos, outros brasileiros na mesma condição, sua visão sobre os "brasileiros no Paraguai". Tais reflexões nos ajudariam compreender as implicações dos mesmos na construção da identidade dos brasiguaios.

Total de questionários e área de aplicação dos questionários: 66 aplicados para representantes das famílias dos brasiguaios residentes no Bairro Jardim Santa Felicidade.

Dados informativos sobre o imigrante

Nome:

Sexo:

Idade:

Local de Residência:

1) Qual foi o tempo de permanência no Paraguai?

- Mais de 30 anos
 De 20 a 30 anos
 De 10 a 20 anos
 Menos de 5 anos

2) Para onde se destinaram quando emigraram para o Paraguai? Moravam na área rural ou na área urbana? (Caso tenham residido na área urbana, responda a pergunta 3 e pule as perguntas 4 e 5. Caso tenham morado na área rural, direcione-se a pergunta três e responda as perguntas 4 e 5)

3) No que trabalhavam na cidade?

4) Assinale em qual categoria de trabalho você pertencia quando morava no Paraguai. ()

Trabalhadores rurais assalariados

Boias-frias

Por parceria - meeiros () Arrendatários () Proprietários de terras () Outros.

Especifique: _____

5) O que cultivavam ou produziam?

6) Durante este período que permaneceram no Paraguai, tiveram que se mudar do primeiro lugar onde se destinaram? Por quê?

7) Qual era a média da renda familiar? Recebiam ajuda financeira dos familiares que ficaram no Brasil? Qual motivo?

8) Qual foi o grau de dificuldade de adaptação no Paraguai?

- Difícil
- Razoável
- Fácil

OBS:

- a) Caso considerou o processo de adaptação sendo FÁCIL, pule para a pergunta 13.
- b) Caso tenha considerado o processo de adaptação DIFÍCIL, ou RAZOÁVEL, responda as perguntas 9, 11 e 12.

9) Qual foi o fator de maior dificuldade de adaptação no Paraguai?

- Língua
- Culinária
- Religião
- Trabalho
- Relações Sociais
- Outros

OBS: Se você optou por OUTROS, responda a pergunta 10

10) Quais seriam as outras dificuldades?

11) Explique quais foram suas dificuldades em adaptar-se ao Paraguai.

12) Como fizeram para superar as dificuldades de adaptação?

13) Vocês receberam algum apoio/ajuda para emigrarem para o Paraguai? De quem?

14) Que expectativas tinham em alcançar no Paraguai? Conseguiram? Se não, porque não atingiram e como se sentem a respeito?

15) Enquanto moravam no Paraguai, qual era o entendimento pela origem dos problemas no campo?

16) Sofreram algum tipo de problema devido aos problemas no campo quando estavam morando no Paraguai?

17) Como era a relação com os paraguaios com vocês?

- Amizade, confiança, de companheirismo, solidariedade e respeito
- Desconfiança, indiferença, conflitos e hostilidade

18) Com quais grupos sociais existentes no Paraguai as relações eram mais conflitantes?

- () Fazendeiros paraguaios e brasileiros
 () Camponeses, pequenos proprietários, trabalhadores rurais
 () Pessoas da cidade
 () Outro Qual (is)? _____

19) Vocês tinham o desejo de retornar para o Brasil, enquanto moravam no Paraguai? Por qual motivo?

QUESTIONÁRIO 3 "RETORNANDO E MORANDO NO BRASIL"

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO- OESTE- UNICENTRO

Discente: Sergio Ricardo Aurélio Pinto

Docente orientadora da pesquisa: Karla Rosário Brumes

Pesquisa de mestrado: *Um 'aconchego' para chamar de seu: os conflitos e identitários entre brasileiros e brasiguaios no bairro Jardim Santa Felicidade, Cascavel - PR*

Questionário 3 - "Retornando e morando no Brasil".

Objetivo: Obter informações a respeito dos fatores que determinaram o retorno ao Brasil, em que condições e situações se estruturam as redes sociais entre aqueles que permaneceram no Paraguai com os que residem no BJSF, como também, perceber de que modo se mantém relações com o Paraguai e as implicações sobre a identidade e a territorialidade dos brasiguaios no BJSF. Além disso, verificar quais elementos socioculturais do modo de vida assimilado no Paraguai estão presentes na identidade social destes sujeitos, bem como, como estes são percebidos por eles mesmos e pelos já estabelecidos no BJSF e de que forma estes se comportam mediante o processo de homogeneização ou subalternização.

Total de questionários e área de aplicação dos questionários: 66 aplicados para representantes das famílias dos brasiguaios residentes no Bairro Jardim Santa Felicidade.

Dados informativos sobre o imigrante

Nome: _____

Sexo: _____

Idade: _____

Local de Residência: _____

1) Qual foi o ano de retorno do Paraguai?

2) Vocês retornaram diretamente para Cascavel-PR? () Sim, () Não. Se a resposta for não, responda a próxima pergunta.

3) Qual foi o primeiro lugar que se destinaram quando vieram do Paraguai? Por que depois resolveram mudar para o BJSF?

4) O que motivou a retornar para o Brasil? De onde retornaram?

5) Por que escolheram Cascavel - PR?

3) Quando voltaram para o Brasil, pensavam em retornar para o Paraguai? () Sim () Não. Por quê?

4) Vocês tinha propriedade agrícola no Paraguai? () Sim, () Não. O que produziam? (Caso tinham propriedade, responda a pergunta 5)

5) O que fizeram com a propriedade agrícola ao retornarem do Paraguai?

6) Alguém da família ainda permanece no Paraguai? () Sim, Não (). Quem? Por que permaneceram?

7) Vocês possuem contato com seus familiares/amigos que moram no Paraguai? () Sim () Não. Como?

8) O que estes familiares fazem no Paraguai?

9) Qual é o número de familiares que retornaram do Paraguai?

Menos de 2 membros ()

Dois membros ()

Três membros ()

4 membros ()

5 membros ()

6 membros ()

7 membros ()

Acima de 7 ()

10) Alguém da família casou-se com paraguaios? () Sim, () Não. Quem?

11) Tiveram filhos com paraguaios, mesmo que fora do casamento? () Sim () Não

12) Algum filho nasceu no Paraguai? () Sim () Não Quantos?

13) Qual é a renda familiar aqui no Brasil? Você ajuda financeiramente alguém da família que permanece no Paraguai? Por qual motivo?

14) Você recebe ajuda financeira de alguém que permaneceu no Paraguai? Quem ajuda?

Por qual motivo?

15) Com que frequência vocês viajam para o Paraguai?

- Todo mês
- Mais de cinco vezes ao ano
- Uma vez por ano
- As vezes
- Nunca

16) Vocês recebem visitas de seus familiares que moram no Paraguai? () Sim, () Não.

17) Ao virem para o Brasil, vocês mudaram de ocupação? O que faziam e o que agora fazem?

18) Como é a renda familiar?

- Maior
- Menor
- Igual

19) Como são os gastos financeiros aqui no Brasil? Por quê?

- Maior
 - Menor
 - Igual
-

20) Quais foram as dificuldades do processo de adaptação, reinserção no Brasil? Por quê?

21) Quem mais teve problemas de adaptação no Brasil?

- Companheiro (a).
- Pais/ responsáveis.
- Filhos
- Todos
- Ninguém

22) Você já sofreu algum tipo de discriminação por ser brasiguai? Sim (), Não (). (Caso a resposta seja não, pule para a pergunta 25)

23) Em que ambiente já sofreu algum tipo de discriminação ou preconceito? ()

Escola

- Igreja
- Trabalho () Vizinhos
- Amigos
- Outro. Qual? _____

24) Como costuma ser a discriminação? Como você percebe/sofre a discriminação?

25) Quais são os elementos do modo de vida do Paraguai ou das relações sociais que vocês possuíam com os paraguaios, que vocês percebem terem assimilado e que ainda praticam aqui no Brasil? _____

26) Como você se identifica? Por quê?

- () Brasileiro
 () Paraguaio
 () Brasiguai

27) Você tem vontade de voltar a morar no Paraguai? Por quê?

APÊNDICE 4 - ROTEIRO DE ENTREVISTAS

ROTEIRO DE ENTREVISTAS ¹³²
1 - ENTREVISTAS AOS MORADORES BRASIGUAIOS DO BAIRRO JARDIM SANTA FELICIDADE
Datas: 14/03/15, 15/03/2015, 15/09/2015, 16/09/2015, 18/09/2015, 22/12/2015
Características gerais: Preferimos realizar as mesmas perguntas para os entrevistados. Em poucas exceções, mediante ao que os entrevistados narraram foi formulado outra questão para saber do que se tratava, o que o mesmo relatava, como por exemplo, os significados de uso de palavras ou que explicasse sobre os episódios vividos e que foram expostos durante as entrevistas.
Objetivos: Compreender o processo migratório como corolário ao brasiguai, em especial o retorno destes ao BJSF; Entender os aspectos das relações sociais vividas no Paraguai e no BJSF; Identificar a existência de redes sociais e distinguir as dimensões estabelecidas nas redes sociais entre as diferentes territorialidades e sujeitos; Analisar o processo de des-reterritorialização dos mesmos na dupla expropriação (expropriação do campo no Brasil e a expropriação do campo no Paraguai) em conjunção com o processo migratório (emigração/imigração de retorno); Identificar se ocorrem ações de homogeneização, dominação, subalternização por parte dos brasileiros e como os brasiguaios respondem a estes desafios; Averiguar como estes sujeitos têm sido recebidos pelos moradores brasileiros e analisar suas experiências de enfrentamentos de manifestações, de aversão (preconceito, discriminação, estigmatização social, <i>bullying</i> e violência), bem como, se estes percebem a origem destas práticas e que consequências isto promove a eles; Investigar como estes têm se territorializado e negociado as relações identitárias com os já estabelecidos; Verificar os elementos formadores da sua territorialização; Identificar os elementos simbólico-socioculturais destes sujeitos em suas relações sociais, em suas representações identitárias e na sua territorialização;
2 - ENTREVISTAS AOS MORADORES BRASILEIROS DO BAIRRO JARDIM SANTA FELICIDADE
Datas: 16/09/2015, 17/09/2015, 18/09/2015, 19/09/2015

¹³² Inserimos apenas as datas das entrevistas que utilizamos no *corpus* da dissertação. A lista de entrevista de dos entrevistados (brasiguaios/brasileiros/estudantes/ profissionais da educação) está no Apêndice 6, página 271.

Objetivos: Analisar como estes sujeitos reconhecem os brasiguaios; Verificar como estes sujeitos estabelecem as relações sociais com os brasiguaios; Identificar elementos que evidenciem atitudes de legitimação, homogeneização, subalternização, dominação em relação brasiguaios, bem como, quais são as justificativas destas atitudes; Verificar se nestas justificativas existem elementos da "brasilidade", ou seja, se há referências identitárias de superioridade em relação ao Paraguai e como estes as externalizam; Identificar atitudes de aversão que venham a se manifestar em formas de preconceito, bullying, estigmas sociais e violência contra os brasiguaios.

3 - ENTREVISTAS AOS ESTUDANTES BRASIGUAIOS DO COLÉGIO JARDIM SANTA FELICIDADE

Data: 20/11/2015

Objetivo: Obter informações de como são as relações sociais entre os brasiguaios e brasileiros no espaço escolar e fora dele; Verificar como estes se percebem/identificam diante do contexto escolar e do bairro; Identificar elementos que nos faça perceber se estes possuem alguma dificuldade de assimilação sociocultural, bem como, os motivos;

Averiguar se estes sofrem algum tipo de hostilização, ou de *bullying*, estigmas sociais, preconceitos e como verificam se tais situações são tratadas e resolvidas pela unidade escolar.

4 - ENTREVISTAS AOS ESTUDANTES BRASILEIROS DO COLÉGIO JARDIM SANTA FELICIDADE

Data: 20/11/2015

Objetivo: Verificar como estes se reconhecem em relação à presença dos alunos brasiguaios na escola; Identificar se existem atitudes de aversão aos brasiguaios e analisar a origem destas atitudes; Observar se estes sofrem algum tipo de violência praticado pelos brasiguaios; Averiguar como estes reconhecem os brasiguaios.

5 - ENTREVISTAS AOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO DO COLÉGIO JARDIM SANTA FELICIDADE

Data: 20/11/2015

Objetivo: Examinar se existem ações pedagógicas em relação à presença de estrangeiros na escola e, em especial, aos brasiguaios; Observar como estes reconhecem a presença dos brasiguaios, se existem atitudes discriminatórias por parte da comunidade escolar (todos os funcionários da educação, alunos e pais de alunos) contra os brasiguaios e quais são os encaminhamentos e resoluções pedagógicas para estas ações.

6 - ENTREVISTA A OUTROS SUJEITOS ENVOLVIDOS NA PESQUISA¹³³

Data: 15 e 16/02/2015

Objetivo: Obter informações sobre o processo migratório de retorno, verificando por quais motivos resolveram migrar em direção ao pré-assentamento rural.

1 - ROTEIRO DE ENTREVISTA AOS MORADORES BRASIGUAIOS DO BAIRRO JARDIM SANTA FELICIDADE

- 1) Qual é seu nome, sua idade e onde mora atualmente?
- 2) Qual foi o último lugar que residiu no Paraguai? Morou em outro lugar? Porque mudou de lugares no Paraguai?

¹³³ Ex-morador do BJSF, residindo hoje no pré-assentamento "São João".

- 3) Em que ano o senhor (a) emigrou para o Paraguai? Onde moravam aqui no Brasil? Moravam na área urbana ou na área rural? No que trabalhavam? O que produziam?
- 4) O que aconteceu para que vocês emigrassem para o Paraguai? Como foi o este processo de ir morar no Paraguai? Vocês queriam ir para o Paraguai? Deixaram familiares no Brasil? Por que estes ficaram? Foi mais alguém além dos membros da família com vocês ao Paraguai? Em quantos membros da família vocês eram ao emigrar ao Paraguai?
- 5) Vocês moravam na área urbana ou na área rural no Paraguai? No que trabalhavam? O que produziam? Comercializavam? A propriedade era própria? Como era a renda familiar no Paraguai? Como era a questão salarial e os gastos financeiros?
- 6) Como era as relações sociais com os paraguaios? Como vocês mantinham contato com os que permaneceram no Brasil? O que procuravam saber sobre o Brasil? Vocês recebiam ou ajudavam financeiramente alguém do Brasil?
- 7) Quais são as experiências vividas no Paraguai que o senhor(a) viveu e que considera importante serem lembradas? Por quê? Quais eram as maiores dificuldades? Por quê? Como eram as relações com os vizinhos, colegas de trabalho, escola, igreja? Sentiam alguma hostilidade? Como reagem? Como eram os serviços de saúde, educação?
- 8) Como foi o processo de adaptação e assimilação com as diferenças encontradas no Paraguai? Daquilo que vocês aprenderam e assimilaram, quais ainda vocês percebem fazer parte da vida de vocês? Por quê?
- 9) Vocês enfrentaram problemas relacionados a preconceito por serem brasileiros no Paraguai? Tiveram dificuldades de se relacionar com os paraguaios?
- 10) Vocês viveram ou presenciaram fatos de violência pela questão agrária no Paraguai?
Qual é sua opinião sobre os problemas agrários no Paraguai?
- 11) No tempo em que viveram no Paraguai percebiam a diferença entre os brasileiros? Como era a relação com eles?
- 12) Por que resolveram retornar para o Brasil? Quanto tempo viveram no Paraguai? Por que escolheram Cascavel? Em que ano voltaram? Deixaram alguém morando no Paraguai? Quem permaneceu? Por que ficaram? O que fazem no Paraguai? Vocês venderam sua propriedade no Paraguai? Arrependem-se de terem vindo? Por quê?
- 13) Vocês possuem contato com seus familiares que residem no Paraguai? Além dos membros da sua família, você possui mais algum familiar vivendo no Paraguai? Como vocês entram em contato? Vocês viajam para o Paraguai ou eles veem visitá-los? Com que frequência? Além de ir ver seus familiares, existe algum outro motivo para viajarem para ao Paraguai? Vocês ajudam ou recebem ajuda financeira de quem mora no Paraguai?
- 14) Quem lhe acompanhou no retorno para morar em Cascavel? O que eles acham? Alguém destes voltaram ou querem voltar para o Paraguai? Por quê?
- 15) Alguém da família casou-se com alguém do Paraguai? O que você acha disso? Vocês tiveram filhos nascidos no Paraguai, mesmo fora do casamento? Quantos?
- 16) Quais são as maiores dificuldades em viver no BJSF? Como você percebe o modo de agir dos brasileiros com vocês? Existe alguma experiência vivida aqui no BJSF que você considera importante a respeito de algum tipo de preconceito ou violência sofrida por serem brasiguaios? Já sofreram algum tipo de preconceito ou violência por

serem brasiguaios? Como vocês percebem isto? Como os brasileiros agem? O que vocês sentem a respeito?

17) Como tem sido a adaptação e assimilação aqui no Brasil, morando no BJSF? Quais as dificuldades encontradas? Como é viver distante do restante dos familiares? Vocês continuam trabalhando na mesma atividade que exerciam no Paraguai? O que fazem atualmente? Como são os atuais rendimentos financeiros? Como é a renda familiar e os gastos financeiros morando no Brasil?

18) Vocês conseguem demonstrar ou usar aquilo que aprenderam no Paraguai aqui no Brasil? Por quê? Vocês percebem algum tipo de discriminação por terem características do Paraguai? Qual é o aspecto que os brasileiros mais percebem que vocês viveram no Paraguai? O que eles costumam dizer ou falar?

19) Como é a relação com os moradores no bairro, no trabalho, na igreja e na escola? Onde vocês mais percebem algum tipo de preconceito? Como vocês reagem?

20) Vocês possuem algum elemento/objeto/costume que é do Paraguai? Qual? O que? Vocês conseguem usar ou demonstrar esses costumes? Por que? Do que mais sentem falta? Existe algo que vocês aprenderam no Paraguai e que praticam constantemente?

21) Vocês se identificam como sendo brasileiro, paraguaio ou brasiguai? Por quê?

2 - ROTEIRO DE ENTREVISTA AOS MORADORES BRASILEIROS DO BAIRRO JARDIM SANTA FELICIDADE

1) Qual é seu nome, sua idade e onde reside? Quanto tempo mora no Bairro Jardim Santa Felicidade?

2) Como você percebe a presença dos brasiguaios no bairro? A presença deles os incomoda de alguma forma? Se sente prejudicado em relação à presença dos brasiguaios?

3) Você mantém alguma relação social, vínculo de amizade com os brasiguaios residentes no bairro? Por quê?

4) Na sua opinião os brasiguaios pertencem a qual país? Brasil, ou Paraguai? Por quê?

Você acha que eles deveriam estar no Brasil e no bairro? Por quê?

5) Quais são as atitudes dos brasiguaios que mais lhe incomoda ou agrada? Por quê?

6) Qual sua opinião em relação a capacidade de trabalho e conhecimento dos brasiguaios? Por quê? Qual é sua opinião em relação às relações sociais com os brasiguaios? Eles lhes causam algum tipo de insegurança, desconfiança ou outro sentimento parecido? Por quê?

7) Existe alguma experiência ou fato negativo ou positivo que se lembre em relação aos brasiguaios?

8) Como percebe o brasiguai em relação a você e aos demais moradores do bairro? São iguais, melhores, piores, inofensivos, perigosos, amigos, companheiros outra percepção? Por quê?

3 - ENTREVISTAS AOS ESTUDANTES BRASIGUAIOS DO COLÉGIO JARDIM SANTA FELICIDADE

1) Qual é seu nome, sua idade, onde mora e onde estuda? Como você se identifica? Brasileiro, paraguaio ou brasiguai? Por quê?

2) Em que ano você veio do Paraguai? Mora com quem? Possui parentes que moram no Paraguai? Quem? Qual elemento do Paraguai é mais marcante na sua vida que as pessoas reconhecem como sendo daquele país?

- 3) Como é as relações sociais com os colegas na escola? Você percebe algum tipo de discriminação por parte dos alunos?
- 4) Você já presenciou algum colega brasiguaiio, ou também sofreu algum tipo de *bullying*, preconceito ou violência na escola por parte dos colegas brasileiros?
- 5) E por parte dos que trabalham na escola? Já houve algo parecido?
- 6) Você percebe algum tipo de procedimento da escola em relação a estas práticas?
- 7) Quais são suas maiores dificuldades de adaptar-se e de assimilar ao grupo e ao bairro?

4 - ENTREVISTAS AOS ESTUDANTES BRASILEIROS DO COLÉGIO JARDIM SANTA FELICIDADE

- 1) Qual é seu nome, idade, onde mora e onde estuda? Ha quanto tempo mora no Bairro Jardim Santa Felicidade?
- 2) Como você reconhece a presença de alunos brasiguaiios? O que eles possuem em seus comportamentos que os conseguem identificar?
- 3) O que você acha da presença dos brasiguaiios na escola e no bairro? Você percebe que eles são melhores, iguais ou possuem alguma diferença em relação aos brasileiros? No que?
- 4) Você percebe alguma dificuldade de relacionamento por parte deles em relação aos brasileiros? Por quê? Os brasiguaiios agem com violência contra os brasileiros? Quais são as atitudes tomadas pela escola? E os brasileiros agem com algum tipo de violência contra os brasiguaiios? O que a escola faz a respeito?
- 5) Você já presenciou algum tipo de violência contra os brasiguaiios por parte de alunos ou de outra pessoa na escola?
- 6) Como você descreveria os brasiguaiios? Por quê? Você acha que eles deveriam estar no Brasil, ou no Paraguai? Por quê?

5 - ENTREVISTAS AOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO DO COLÉGIO JARDIM SANTA FELICIDADE

- 1) Como é seu nome, idade, onde mora, onde trabalha e qual é sua cargo na escola? Qual é seu tempo de trabalho nesta unidade escolar?
- 2) Como você reconhece a presença dos brasiguaiios no colégio? Em sua opinião, quais são as maiores dificuldades que esses possuem na escola em relação à rotina escolar do aluno?
- 3) Você percebe alguma dificuldade de relacionamento dos brasiguaiios em relação aos brasileiros? A que você acha que isso se deve? Os brasiguaiios sofrem algum tipo de discriminação por parte da comunidade escolar? Algum professor ou funcionário já destratou estes alunos? Qual são os procedimentos da escola em relação aos alunos brasileiros e aos funcionários que agem desta forma?
- 4) Existe algum instrumento pedagógico em relação a presença de alunos estrangeiros no colégio?
- 5) Já presenciou algum tipo de *bullying*, violência, preconceito contra os brasiguaiios?

6 - ENTREVISTA A OUTROS SUJEITOS ENVOLVIDOS NA PESQUISA

- 1) Qual é seu nome, sua idade e onde mora?
- 2) Há quanto tempo morou no Paraguai? Onde morava? O que fazia?
- 3) Por que retornou do Paraguai para o Bairro Jardim Santa Felicidade? No que foi trabalhar?
- 4) Por que resolveu sair do bairro e morar na área rural novamente? O que você faz atualmente?
- 5) Possui algum tipo de relação com os que permaneceram no Paraguai e no Bairro Jardim Santa Felicidade?
- 6) Há quanto tempo esta no MST? O que produz? Como está o processo do assentamento? (Pergunta para o "João", que mora no pré-assentamento "São João").
- 6) Há quanto tempo está nesta propriedade? O que produzem? (Pergunta para o "Jair", morador rural do Distrito Rural de São João do Oeste)

APÊNDICE 5 - OUTROS

Neste apêndice constam figuras de fotos de momentos entre os brasiguaios, enquanto moravam no Paraguai e outras imagens que os mesmos quiseram mostrar para demonstrar o sentimento de pertencimento ao Paraguai, mesmo vivendo no Brasil. Também há imagens de documentos das últimas eleições em que um dos nossos entrevistados nos ofereceu para mostrar que, mesmo morando no Brasil, assim como outros, ainda retorna ao Paraguai ou para visitar familiares, amigos, ou para participar de festividades, ou de compromissos políticos ou econômicos, evidenciando que os mesmos são atores sociais em ambos os países e que há uma continuidade da territorialidade e da identidade através das redes sociais que se formaram entre ambas as territorialidades.

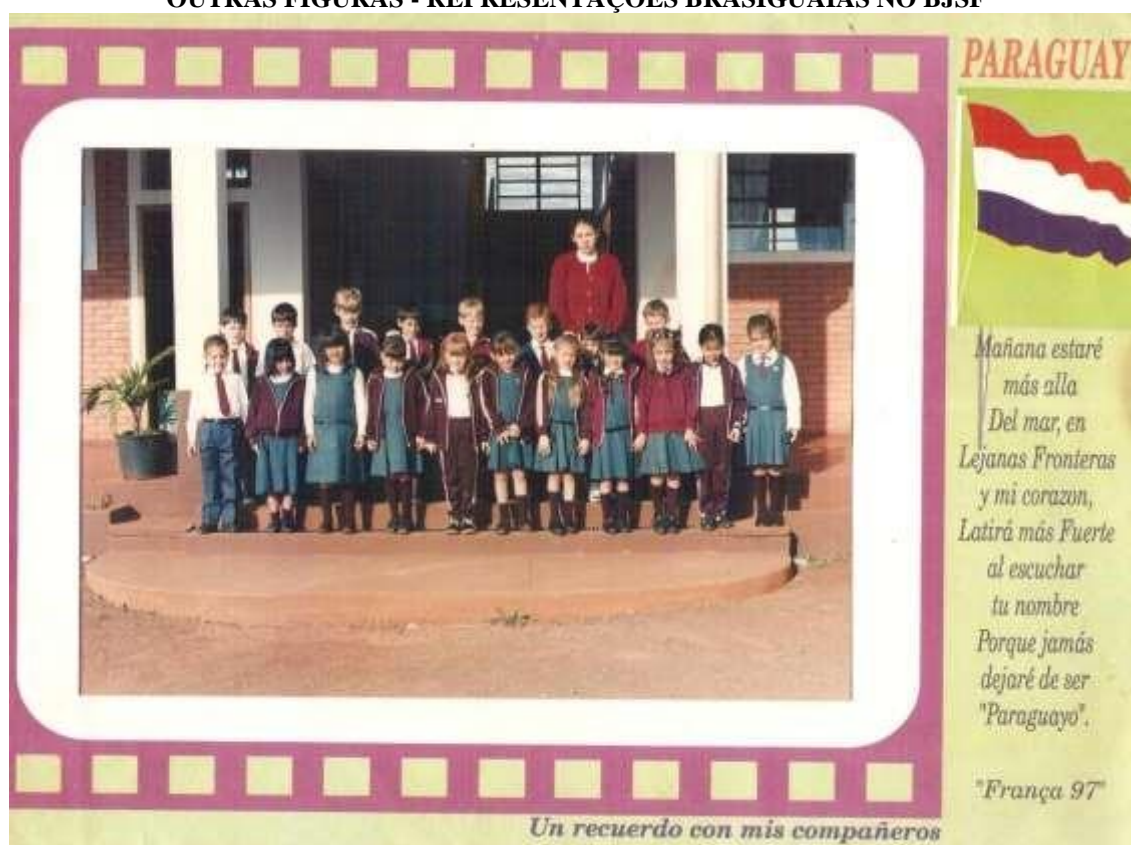
Com exceção dos documentos (Cédula de Identidade e o comprovante do último processo eleitoral), apresentaremos figuras seguintes, preferimos identificar estas figuras com a mesma intitulação, ou seja, "Outras figuras - representações brasiguaias no BJSF", sendo elas: Poesias, fotos escolar, livros, lembranças de primeira comunhão, batizado, objetos de decoração, utensílios domésticos e outras elementos que se constituem como representações socioculturais daquele país e que há neles, significação e uso de referências identitárias dos brasiguaios no BJSF, (Figura 9).

OUTRAS FIGURAS - REPRESENTAÇÕES BRASIGUAIAS NO BJSF



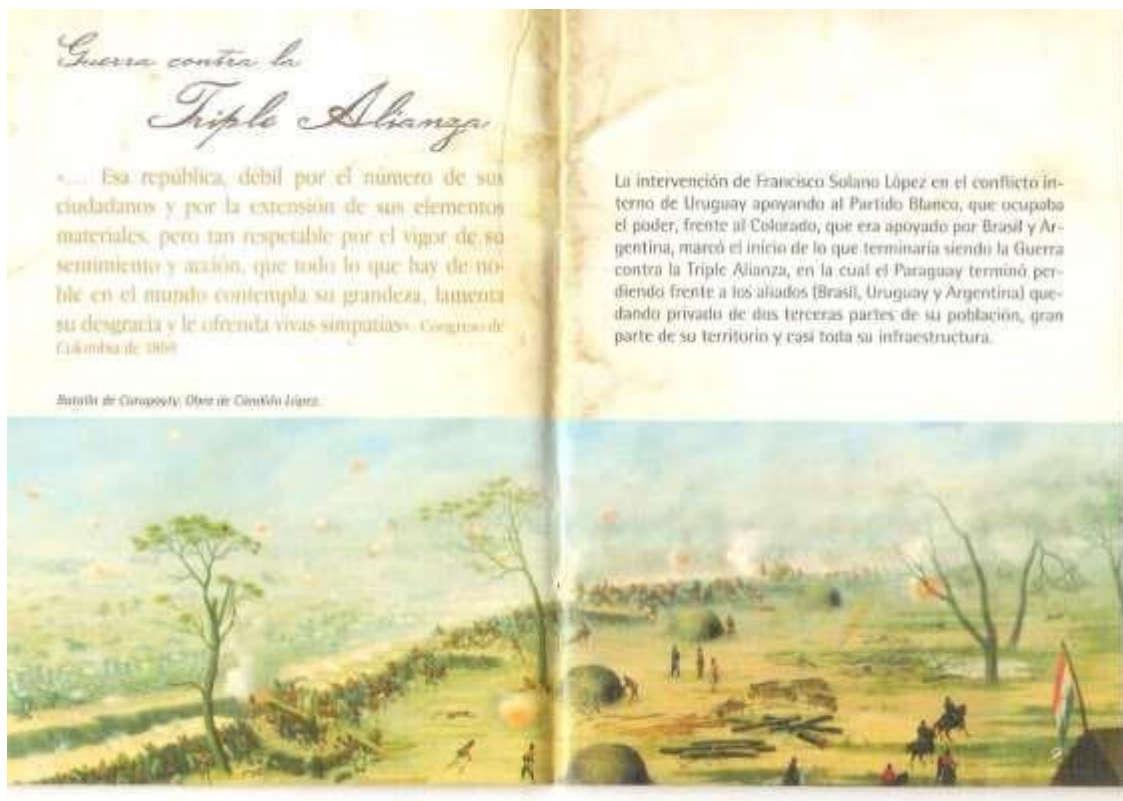
Fonte: Arquivo pessoal de Sheila Gabrielle Pereira, 2015.

OUTRAS FIGURAS - REPRESENTAÇÕES BRASIGUAIAS NO BJSF



Fonte: Arquivo pessoal de Thamiris de Oliveira Silva, 1997.

OUTRAS FIGURAS - REPRESENTAÇÕES BRASIGUAIAS NO BJSF



Fonte: Arquivo pessoal de Sheila Gabrielle Pereira, 2015.

OUTRAS FIGURAS - REPRESENTAÇÕES BRASIGUAIAS NO BJSF



Fonte: Arquivo pessoal: Maria Célia Chastalo, Ana Lucia Anacleto Mendonza, Thamiris de Oliveira Silva, Marcos Anacleto do Nascimento, Sheila Gabriela Pereira, Elaine Borges dos Santos Silveira, 2015. Se tratam de objetos de usos religiosos, como o primeiro da esquerda para direita na parte superior, “Divino

Espírito Santo; seguido de uma cuia de “tereré”. Na parte superior do lado direito temos a Família Sagrada e abaixo toalhas de “ñaduti”. Na parte inferior do lado direito objeto de enfeite, “Cenas do modo de vida camponês paraguaio”. Seguindo para esquerda, temos toalhas em algodão gomado, bordadas. Na parte inferior do lado esquerdo, representa os casarões coloniais das “cenas urbanas” do Paraguai. *Ambos os objetos religiosos de madeira são produzido por uma madeira típica do Chaco, “Palo Santo”, uma árvore com poderes medicinais e aromática.* Todos os objetos apresentam cenas da religiosidade, dos elementos da natureza paraguaia, urbanas do período colonial e do modo de vida camponês. Há uma forte influência do artesanato guarani no uso do couro, fios, madeiras, argila e nos temas da natureza.

OUTRAS FIGURAS - REPRESENTAÇÕES BRASIGUAIAS NO BJSF



Fonte: Arquivo pessoal de Ana Lúcia Anacleto Mendoza, 2015.

OUTRAS FIGURAS - REPRESENTAÇÕES BRASIGUAIAS NO BJSF

Diócesis del Alto Paraná
Departamento de Alto Paraná y Canindeyú
PARAGUAY

Constancia de Bautismo

Parroquia Santa Fe Capilla —
Ciudad Hernandarias
Consta que el día 10 del mes 08 del año 86
Se Bautizó solemnemente en esta Parroquia
a Ana Lucia
nacido el día 11 del mes 08 del año 85 en Hernandarias
hijo de Don Benedito Anacleto do N.
y Doña Benedita Mendonza
Con domicilio —
Padrino Antenor Reichert
Madrina Ivone Reichert
Anotado en Libro Sta Fe I Folio 163
P. Romualdo Jacinto
CURA PARROCO

Artes Gráficas "GRAFISOL" Tel. 518 497

Fonte: Arquivo pessoal de Ana Lucia Anacleto Mendonza, 1986.

DOCUMETOS

 **CERTIFICADO DE VOTACION** | **ELECCIONES MUNICIPALES 2015**
Votar es tu poder

El suscripto Presidente de Mesa certifica la votación de:
ANACLETO MENDOZA, ANA LUCIA
con C.I. N° : 5.106.172
Mesa: 1 ORDEN: 135
Depto. ALTO PARANA Dist.: SANTA FE DEL PARANA
Zona: SANTA FE DEL PARANA
Local de Votación: COL.NAC. PADRE GUIDO CORONEL


Firma del Presidente de Mesa

Fonte: Arquivo pessoal de Ana Lucia Anacleto Mendonza, 1986.

DOCUMENTOS



Fonte: Arquivo pessoal de Ana Lucía Anacleto Mendoza, 1986.

APÊNDICE 6 LISTA DE FONTES ORAIS - SUJEITOS ENTREVISTADOS

1. João Zdebski, (69 anos, camponês). Entrevista concedida a Sergio Ricardo Aurélio Pinto em 15/02/15.
2. André Peres Batista, (34 anos, comerciante). Entrevista concedida a Sergio Ricardo Aurélio Pinto em 15/09/15.
3. Eliane Borges Dos Santos, (34anos, diarista). Entrevista concedida a Sergio Ricardo Aurélio Pinto em 16/09/15.
4. Rosangela do Carmo Santos, (39 anos, telefonista). Entrevista concedida a Sergio Ricardo Aurélio Pinto em 18/09/15.
5. Antônio Camilo Souto, (59 anos, jardineiro). Entrevista concedida a Sergio Ricardo Aurélio Pinto em 17/09/15.
6. Thamyris de Oliveira Silva, (22 anos, enfermeira). Entrevista concedida a Sergio Ricardo Aurélio Pinto em 15/09/15.

7. Sheila Gabrielle Pereira, (21 anos, secretária do lar). Entrevista concedida a Sergio Ricardo Aurélio Pinto em 16/09/15.
8. Maria Celia Chastalo, (64 anos, diarista). Entrevista concedida a Sergio Ricardo Aurélio Pinto em 15/02/15.
9. Ana Lucia Anacleto Mendonza, (30 anos, comércio). Entrevista concedida a Sergio Ricardo Aurélio Pinto em 22/12/15.
10. Thiago de Oliveira Silva, (21 anos, operário de fábrica). Entrevista concedida a Sergio Ricardo Aurélio Pinto em 15/03/15.
11. Marcos Anacleto do Nascimento, (22 anos, operário de construção). Entrevista concedida a Sergio Ricardo Aurélio Pinto em 14/03/15.
12. Daiara Aparecida Mendes, (17 anos, secretária). Entrevista concedida a Sergio Ricardo Aurélio Pinto em 20/11/15.
13. Charles Carvalho Zulian, (25 anos, operário de obra). Entrevista concedida a Sergio Ricardo Aurélio Pinto em 20/11/15.
14. Elaine Aparecida Donatoni, (Profissional da Educação). Entrevista concedida a Sergio Ricardo Aurélio Pinto em 20/11/15.